

Che Guevara

Organizador: Eder Sader

Coordenador: Florestan Fernandes

POLÍTICA

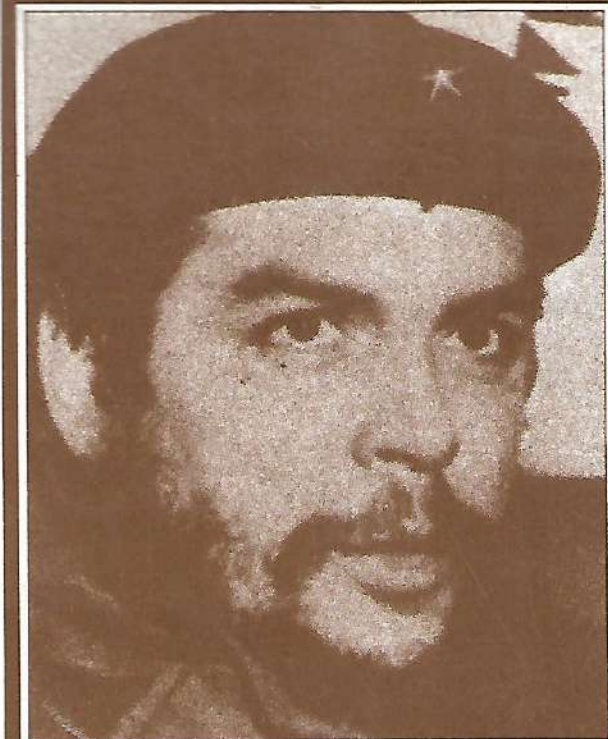
ea
editora ática





GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS

Textos básicos de Ciências Sociais, selecionados com a supervisão geral do Prof. Florestan Fernandes. Abrangendo seis disciplinas fundamentais da ciência social - Sociologia, História, Economia, Psicologia, Política e Antropologia - a coleção apresenta os autores modernos e contemporâneos de maior destaque mundial, focalizados através de introdução crítica e biobibliográfica, assinada por especialistas da universidade brasileira. A essa introdução crítica segue-se uma coletânea dos textos mais representativos de cada autor.



GUEVARA Poucos terão influenciado os acontecimentos e idéias políticas das últimas décadas em nosso continente como Ernesto "Che" Guevara (1928-1967). Mas enquanto sua figura já entrou para a História, sua obra vai rapidamente se perdendo nas brumas desse passado tão recente. É o destino dos mitos e o Che virou um mito. Para recuperá-lo dessa zona de ambigüidades, torna-se necessário afastar as lendas e estudar objetivamente seu pensamento e o significado que teve em seu contexto histórico. O pensamento político de Guevara tem a eficácia específica de uma inteligência que se debruça sobre um problema da realidade, buscando uma via para enfrentá-lo e engajando-se em todas as consequências. Por isso este volume procura situar politicamente suas obras e apresentar um conjunto o mais significativo possível de suas contribuições teóricas.

1. **DURKHEIM**
José Albertino Rodrigues
2. **FEBVRE**
Carlos Guilherme Mota
3. **RADCLIFFE-BROWN**
Julio Cezar Melatti
4. **W. KÖHLER**
Arno Engelmann
5. **LENIN**
Florestan Fernandes
6. **KEYNES**
Tamás Szmrecsányi
7. **COMTE**
Evaristo de Moraes Filho
8. **L. von RANKE**
Sérgio B. de Holanda
9. **VARNHAGEN**
Nilo Odália
10. **MARX**
Octavio Ianni
11. **MAUSS**
Roberto C. de Oliveira
12. **PAVLOV**
Isaías Pessotti
13. **MAX WEBER**
Gabriel Cohn
14. **DELLA VOLPE**
Wilson J. Pereira
15. **HABERMAS**
Barbara Freitag e
Sérgio Paulo Rouanet
16. **KALECKI**
Jorge Miglioli
17. **ENGELS**
José Paulo Netto
18. **OSKAR LANGE**
Lenina Pomeranz
19. **CHE GUEVARA**
Eder Sader
20. **LUKÁCS**
José Paulo Netto
21. **GODELIER**
Edgard de Assis Carvalho
22. **TROTSKI**
Orlando Miranda



E. Che Guevara

Organizador: Eder Sader

POLÍTICA

OSJALDO MARICHAL



G969e Guevara, Ernesto, 1928-1967
E. Che Guevara : política : organizador [da coletânea] Eder Sader ; [tradução Regine Ferrandis].
— São Paulo : Ática, 1981.
(Grandes cientistas sociais ; v.19)

Inclui introdução sobre Che Guevara, por Eder Sader.

Bibliografia.

1. Comunismo — Cuba 2. Cuba — Condições econômicas — 1959- 3. Cuba — Política e governo — 1959- 4. Guerrilhas 5. Guerrilhas — Cuba 6. Guevara, Ernesto, 1928-1967 I. Sader, Eder. II. Título.

CDD—320.97291064
—320.092
—320.532097291
—330.97291064
—355.425
—355.425097291

81-1112

Índices para catálogo sistemático:

1. Cuba : Comunismo : Ciência política
320.532097291
2. Cuba : Condições econômicas, 1959-
330.97291064
3. Cuba : Guerrilhas : Táticas de guerra : Ciência militar 355.425097291
4. Cuba : Política, 1959- 320.97291064
5. Guerrilhas : Táticas de guerra : Ciência militar 355.425
6. Políticos : Biografia e obra 320.092

EDIÇÃO Tradução: Regine Ferrandis
Copidesque: Nelson Nicolai e M. Carolina de A. Boschi
Coordenação editorial: M. Carolina de A. Boschi
Consultoria geral: Prof. Florestan Fernandes

ARTE Capa
Projeto gráfico: Elifas Andreato
Arte-final: René Etienne Ardanuy
Texto
Projeto gráfico: Virgínia Fujiwara
Produção gráfica: Elaine Regina de Oliveira
Supervisão gráfica: Ademir Carlos Schneider

1981

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
R. Barão de Iguape, 110 — Tel.: PBX 278-9322 (50 Ramais)
C. Postal 8656 — End. Telegráfico "Bomlivro" — S. Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

(por Eder Sader),

7

I. AS CONDIÇÕES DA AÇÃO

- | | |
|-----------------------------------|----|
| 1. Cuba, exceção histórica?, | 41 |
| 2. Crítica da via pacífica, | 55 |
| 3. Essência da luta guerrilheira, | 58 |

II. A GUERRILHA, O CAMPESINATO E O POVO

- | | |
|---|----|
| 4. Início, desenvolvimento e fim da guerra de guerrilhas, | 64 |
| 5. Guerra e campesinato, | 67 |
| 6. Projeções sociais do exército rebelde, | 71 |
| 7. Notas para o estudo da ideologia da revolução cubana, | 81 |

III. RELATOS DE CAMPANHA

- | | |
|--------------------------|----|
| 8. Alegria de Pío, | 90 |
| 9. Do Diário da Bolívia, | 94 |

IV. POLÍTICA ECONÔMICA DA TRANSIÇÃO SOCIALISTA	
10. Soberania política e independência econômica,	100
11. A planificação centralizada,	114
12. Cuba: economia e comércio exterior,	141
V. PARTIDO E ESTADO	
13. O sectarismo,	154
14. Contra o burocratismo,	159
15. Sobre a construção do partido,	166
VI. A TRANSFORMAÇÃO IDEOLÓGICA	
16. O socialismo e o homem em Cuba,	175
17. O que deve ser um jovem comunista,	192
18. Reforma universitária e revolução,	200
VII. CARTAS	
A E. Sábató,	205
A M. R. Guevara,	210
A seus pais,	211
A Fidel Castro,	212
ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO,	214

Textos para esta edição extraídos de:

Ernesto Che Guevara — Obras. 1957-1967. Havana, Casa de las Américas, 1970. t. I e II.

© Ernesto Guevara de la Serna, 1970.

INTRODUÇÃO

OSVALDO EDUARDO
MARICHAL

27-10-82

HAY QUE ENDURECERSE PERO SIN
PERDER LA TERNURA JAMÁS.

"CHE"

Eder Sader

Professor de Sociologia da USP



Quando se for escrever a história do pensamento político latino-americano da segunda metade deste século, o nome de Ernesto "Che" Guevara se projetará sem dúvida de forma toda especial. Poucos terão influenciado as idéias e os acontecimentos como esse médico argentino, andarilho e guerrilheiro, que chegou a dirigente do Estado cubano e morreu lutando nas selvas bolivianas.

Mas enquanto sua figura já entrou para a História como um homem político que marcou sua época, sua obra rapidamente vai-se perdendo nas brumas desse tempo passado tão recente. É talvez o destino dos mitos e o Che virou um mito. Para recuperá-lo dessa zona de ambigüidades torna-se necessário afastar as lendas e estudar objetivamente seu pensamento e o significado que teve em seu contexto histórico.

É verdade que toda a sua obra é um reflexo muito imediato de sua vida e deve-se tomar essa afirmação no sentido mais estrito. Poder-se-ia dizer que em todos os pensadores marxistas — do próprio Marx

e de Engels, a Lenin e Rosa, Trotski, Gramsci, Lukács, Mao — a obra teórica aparece indissolavelmente vinculada à prática em que estão engajados.

Mas essas obras contêm sempre sistematizações teóricas que exigiram uma atividade específica de elaboração e alcançaram níveis de generalização que ultrapassaram de muito o momento vivido. No caso do Che, talvez a brevidade de sua vida ou a intensidade de seus engajamentos deram à sua obra um caráter particularmente precário.

Diz L. R. Salinas numa passagem de rara precisão que “o escrever sobre política se situa (...) num espaço intermediário entre um *fazer* e um *calar-se*. (...) Entre o território da ação eficaz e o da impossibilidade da ação, estende-se o domínio da *escrita*”¹. Pois a obra do Che se desenvolveu nos estreitos limites entre uma ação absorvente e uma morte breve. Quando se lançou à luta armada, Guevara não era portador de nenhuma originalidade teórica, nem representante de alguma corrente particular do movimento político. Ele apenas apontava uma alternativa para os impasses de uma situação histórica. É significativo que praticamente todos os seus escritos sejam posteriores à tomada do poder em Cuba. Uma vez provada a viabilidade de uma ação, ele se dispôs a tirar seus ensinamentos e a combater as idéias que considerou caducas. Quando sua ação perdeu eficácia, ele morreu com ela.

A importância de Guevara não vem, portanto, do rigor teórico. Outros mais — ou melhor — que ele terão estudado as sociedades latino-americanas, os mecanismos de poder, as relações entre os sistemas econômicos e as estruturas políticas. Mas a importância dele — como a de Fidel — vem da capacidade de reagir a uma situação de impasse, formulando proposições concretas de ação e enfrentando as exigências decorrentes. Sua teoria não é uma livre construção do espírito: é a teoria de uma prática que alterou as condições sociais no continente.

E até no estilo seus escritos contrastam com a literatura da esquerda dominante em seu tempo, cheia de fórmulas pré-fabricadas, descoladas da realidade, coerentes nelas mesmas mas inúteis e inofensivas. Nos anos 60, quando a América Latina vive uma situação explosiva, ante os discursos plenos de dogmas e de autojustificação, os escritos do Che, carentes dos ritos conceituais vigentes, mal-elaborados, mas que deixavam

¹ SALINAS FORTES, L. R. *Rousseau: da teoria à prática*. São Paulo, Ed. Ática, 1976. p. 72.

transparente a realidade que os suscitava e a disposição de assumir todas as consequências, tiveram um impacto iniludível.

O pensamento político de Guevara, assim, tem a eficácia específica de um pensamento que se debruça sobre um problema da realidade em que se insere, que aponta uma via para enfrentá-lo e ademais que se engaja na resolução prática dos meios para efetivá-la. Ele é também, por isso, a expressão de uma prática que buscou transformar as condições existentes, logrando-o parcialmente (que se pense sobretudo em Cuba). Hoje, passado o furacão, que entre outros mortos deixou o próprio Che, torna-se mais fácil e cômodo fazer-lhe a crítica, ver suas lacunas e limites. Mas não há que se enganar: também em seu tempo havia muitas teorias capazes de explicar todos os erros e problemas *passados* ou presentes. O grande desafio à teoria, porém, é o de poder iluminar os caminhos do futuro. O pensamento de Guevara é a expressão de todo um movimento que aceitou esse desafio e levou-o às últimas consequências. É a esse nível que deve ser estudado.

Uma vida agitada

“Muitos me chamarão de aventureiro e o sou, só que de um tipo diferente: dos que entregam a pele para provar suas verdades” (da última carta aos pais).

Ernesto Guevara de la Serna nasceu antes do tempo. Seus pais, Ernesto Guevara Lynch e Celia de la Serna, deslocavam-se da província de Misiones (no nordeste argentino, encravada entre o Paraguai e o Brasil) para Buenos Aires, em busca de melhores cuidados médicos para o parto, quando ele nasceu, no dia 14 de junho de 1928, na cidade de Rosário, a 250 km da capital. O “Che” mesmo só aparecerá 28 anos depois, quando seu destino se encontrará mesclado ao dos exilados cubanos que fabulavam planos para derrubar a ditadura de Batista. Então Guevara chamará a atenção dos caribenhos pelo uso exaustivo dessa interjeição característica dos argentinos e que lhe valerá o apelido.

Seus pais possuíam uma pequena propriedade agrícola na província de Misiones, onde exploravam a erva-mate. As dificuldades econômicas, agravadas com a crise de 1929, não impedirão a família de viver num ambiente cultural razoavelmente requintado, que marca sua infância, junto aos seus 4 irmãos menores: Roberto, Celia, Ana María e Juan Martín.

Mas certamente o que mais o marcou nesse período para acompanhá-lo toda a vida foi a asma, que se manifestou pela primeira vez quando ainda tinha 2 anos, levando seus pais a mudarem-se, 4 anos depois, para Córdoba, à procura de um clima mais saudável. Ao contrário do que se poderia supor, ele não desenvolverá uma personalidade fraca ou indolente. Ainda que se encontrem nele manifestações de angústia, introspecção e forte emotividade, vínculos estreitos com os incansáveis cuidados maternos, a enfermidade agirá como um desafio que ele aceita sem nenhuma autocomplacência. É assim que, adolescente, não encontrará nada melhor do que ser um intrépido jogador de *rugby*.

Em 1945 ele tinha terminado os estudos secundários, quando seus pais se mudam novamente, agora para Buenos Aires, com os filhos. Declarado inapto para o serviço militar, matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires.

A Argentina vive então momentos decisivos. Dia 17 de outubro desse mesmo ano, mais de 200 mil trabalhadores se põem em greve e marcham em direção ao palácio do governo, desafiando o poder e exigindo a liberdade de um jovem coronel, ministro do trabalho demitido e preso por suas ligações com os sindicatos. Às 11 horas da noite desse mesmo dia, o coronel — Juan Domingo Perón —, liberado, fala às massas aglomeradas e cheias de entusiasmo, na Plaza de Mayo, selando a sorte de seus adversários. Começava uma nova etapa da história argentina.

Os Guevara, como a totalidade dos liberais, dos comunistas, a maioria dos socialistas e de todos aqueles que haviam combatido as ditaduras fascistas dos anos 30, encontravam-se então “do outro lado da barricada” ou simplesmente em suas casas, desgostosos.

Ernesto Guevara tem 18 anos quando Perón chega ao poder. Por que esse jovem inteligente, ativo, formado num ambiente progressista, permanece à margem dos acontecimentos que sacodem seu país? A história desse desencontro tem sua importância porque, de certo modo, ela explica também sua incorporação posterior às lutas revolucionárias do continente.

Em 1943, quando um golpe militar derruba o regime oligárquico que vigorava no país desde outro golpe — de diferente signo — e que, em 1930, inaugurara a “década infame”, acentua-se a divisão entre “nacionalistas” e “liberais”. Os primeiros, partidários de um Estado forte, assumem um projeto de industrialização nacional com expansão

do emprego e dos salários; enquanto os liberais serão partidários do liberalismo econômico e de melhor adequação entre a economia argentina e a metrópole norte-americana. Ao nível social, a polarização logo se dará entre as massas de trabalhadores de um lado, dando um cunho populista ao projeto nacionalista, e as classes médias e altas de outro, expressando o conteúdo social daquele liberalismo. De um lado, junto à oligarquia, estará uma esquerda sem bases, brandindo fórmulas importadas de uniões com a “burguesia democrática antifascista”. De outro, um movimento popular massivo conduzido por um chefe militar demagogo e autoritário. Face a essa polarização difícil, o jovem Guevara, rebelde, individualista e antiautoritário, solidário instintivamente com as massas mais pobres, sente uma certa repugnância pela “política”. Ele se evade, procurará ser um “médico dos pobres”. Ele só reencontrará a política após um longo percurso.

Guevara já era um aficionado pelas viagens. Com 19 anos percorreu 4 700 km do interior do país em bicicleta, durante as férias escolares. No ano seguinte, empregou-se num navio para descarregar petróleo no sul. Aos 23 anos comprou uma motocicleta com o amigo Alberto Granados, médico recém-formado, para percorrer a América do Sul. Pouco antes de chegar a Santiago do Chile a moto enguiçou, e tiveram de prosseguir a pé e trabalhar para continuar a viagem. Pensaram em ir até um leprosário na ilha de Páscoa, mas não foi possível. Foram até o Peru, visitaram Machu Picchu, internaram-se na selva amazônica onde trabalharam num leprosário. Os próprios leprosos, gratificados, ajudaram-nos a construir um barco no qual atravessaram o Amazonas em direção à Colômbia. De Bogotá foram a Caracas, onde afinal Granados obteve um posto num leprosário, enquanto Guevara tomou um avião de volta.

Assim, quando em março de 1953 se formou em Medicina, como especialista em alergia, já estava decidido a partir de novo, para trabalhar com Granados na Venezuela.

Em agosto desse ano, após uma cansativa viagem de 6 000 km de trem, desembarcou em La Paz, encontrando a Bolívia em plena revolução. Aí encontra vários argentinos exilados e passa algum tempo conhecendo o país. No ano anterior uma insurreição popular havia derrubado o regime oligárquico e entregue o poder ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), que iniciara uma reforma agrária e a nacionalização das minas. Havia um novo governo em La Paz, mas nos centros mineiros as milícias operárias permaneciam ativas. Guevara

não tinha ainda nenhuma concepção política definida. Interessava-se por tudo: desde as ruínas indígenas e os monumentos arqueológicos até à reforma agrária e à organização das minas nacionalizadas. Encantou-se pelo espetáculo de um povo secularmente humilhado que se levantava. Mas os métodos do MNR não lhe agradam: ele observa a formação de uma nova burocracia privilegiada, paternalista e arrogante na relação com as massas camponesas.

O propósito inicial de Guevara, no entanto, continuava de pé: exercer a medicina ao lado de Granados na Venezuela. Assim, retoma a viagem, que será das mais atribuladas. Guevara juntamente com dois compatriotas vão até o Peru, onde a polícia da ditadura de Odría apreende-lhes os livros que traziam sobre a revolução boliviana. No Equador, juntam-se a outros três estudantes argentinos, com os quais dividem todo o dinheiro, que se acaba rapidamente. É aí que Ricardo Rojo, que o acompanhava desde La Paz, o convence de abandonar a idéia de ir à Venezuela, para seguir com ele até a Guatemala, onde o governo de Jacobo Arbenz havia expropriado as terras da United Fruit, realizando um vasto programa de reforma agrária. Usando uma carta que Rojo trazia do senador chileno Salvador Allende, conseguem viajar por um navio da própria United Fruit até o Panamá. Em direção à Guatemala, cruzando a Costa Rica, então "ilha de paz democrática" na região, conhecem políticos exilados e discutem com Romulo Bettancourt, Raul Leoni (dirigentes da Ação Democrática da Venezuela, futuros presidentes do país) e Juan Bosch (dirigente da oposição democrática e depois presidente da República Dominicana até ser deposto por golpe militar). Finalmente, na noite de Natal desse 1953 eles chegam à Guatemala.

E é aí que Guevara vai assistir à experiência decisiva na definição de seu pensamento político. Até então sua visão amadurecera no correr das viagens e discussões, no conhecimento das condições de vida do povo nos lugares mais afastados e nas experiências de mobilização política. Tinha lido já vários textos políticos, mas o fundamental vinha-lhe desse conhecimento direto e fugaz. E essa experiência ainda não se transformara num novo conhecimento e nem muito menos numa disposição de engajamento que ele assumiria em seguida.

A Guatemala vivia desde 1944 uma experiência reformista inaugurada por Juan José Arévalo, após a derrubada de uma longa ditadura militar. Arévalo, um professor, suprime o trabalho forçado nas plantações bananeiras, decreta aumentos salariais, liberdade de organização para

os trabalhadores rurais e urbanos e inicia um programa de assistência à população indígena. Em 1950, é sucedido eleitoralmente por seu partidário Jacobo Arbenz, que aprofunda sua política. Em 1952, decreta uma lei de reforma agrária, ameaçando os 2% de proprietários que detinham 70% das terras. Entre estes, contava-se a poderosa companhia americana United Fruit, dona de 225 mil hectares, dos quais 164 mil serão expropriados. O governo americano reage prontamente, "em defesa da democracia". E nos países vizinhos, dominados por ditaduras fiéis aos interesses das grandes companhias exportadoras, começa-se a preparar um "exército libertador". É nesse clima que Guevara chega à Guatemala.

Ele sentia que o destino do país estava em jogo e queria dar sua contribuição, enquanto médico. Sua intenção era trabalhar num programa de assistência médica aos indígenas da região de Petén (onde existem alguns exemplares dos mais impressionantes de arquitetura maia, que o fascinava sempre). Mas finalmente, sem ter seu título validado, ficará trabalhando num posto médico na capital.

Esse sonho de uma medicina popular vai durar pouco. A 18 de junho de 1954 o "exército de libertação", com base em Honduras, formado por 200 mercenários, 6 aviões americanos com pilotos americanos, invade o país. Guevara não sabe manejar um revólver mas pede para ser engajado e enviado ao *front*. Os militares recusam, temendo armar os civis. Ele procura então grupos de esquerda para participar da defesa civil. Enquanto isso, Arbenz procura sua salvação no Conselho de Segurança das Nações Unidas, sem levar em conta que esse organismo era presidido pelo norte-americano Cabot Lodge.

Quando as tropas invasoras penetram na capital e começam as execuções, o nome de Ernesto Guevara figurava na lista dos condenados à morte. É nesse momento que ele sente mais fortemente a barbárie do imperialismo, escondida atrás da "defesa da democracia": fuzilamentos, derrubada de um governo constitucional, devolução das terras à United Fruit e abolição dos direitos dos trabalhadores. E de outro lado comprova a fragilidade dos governos e partidos reformistas, prisioneiros das estruturas do poder burguês. E a atitude das burguesias nacionais e suas forças armadas, que recuam ante a polarização das lutas, precipitando-se sob a proteção da dominação estrangeira.

Asilado na Embaixada da Argentina, toma uma decisão que mudaria definitivamente sua vida. Não volta à Argentina e nem mais irá à Venezuela. Já não é mais o médico, o apaixonado em arqueologia, o

viajante aventureiro. Sabendo que seus amigos, exilados do Caribe, se dirigiam ao México, decide acompanhá-los.

Chegando ao México, concentra-se na análise dos processos políticos e nas leis que presidem as vitórias e as derrotas das revoluções. E para isso muito contribuirá a militante peruana, Hilda Gadea, ligada ao "A.P.R.A. rebelde" — dissidência marxista do partido tradicional de Haya de la Torre, e que mais tarde dará nascimento ao M.I.R. peruano. Guevara e Hilda tinham-se conhecido na Guatemala, onde começaram um romance. Chegando ao México, casam-se em maio de 1955. Hilda possuía então uma formação marxista mais desenvolvida que a do Che.

E aí encontra os cubanos do "26 de Julho", que lhe falavam do assalto ao quartel Moncada, de Fidel, e de um novo plano de desembarque. Conhece Raúl Castro que, como ele, já se considerava marxista. Raúl inspira-lhe confiança: "Ele já tinha combatido e o fato de ter arriscado sua vida provava a profundidade de suas convicções políticas" ². Quando chega a notícia da queda de Perón e seu velho amigo Ricardo Rojo lhe propõe que retorne à pátria, sua resposta revela a evolução de sua concepção política:

"Por que eu partiria? Aqui se desenrola uma atividade da mais alta importância, a empresa dos cubanos, que toma cada dia mais amplas proporções. Lá, o que nos espera? Um governo militar que procura diminuir o papel da classe operária na direção política do país. Admitindo que caia esse governo, como aconteceu com o precedente, admitindo que teu amigo Frondizi tome o poder e que você se torne ministro, o que vocês poderão fazer? Um governo cheio de boas intenções mas sem trazer grandes mudanças de fundo, e o dia em que quiserem fazer essas mudanças... Guevara fez o gesto de se cortar a garganta" ³.

Em junho de 1955 Fidel chega ao México, e o encontro com ele impressiona Guevara profundamente. "Conversei com Fidel uma noite inteira e pela manhã eu já era o médico da futura expedição." ⁴

² Cf. GUTIERREZ, C. M. *Los motivos del Che*. Cuba, Ed. Casa de las Américas, 1969. p. 41.

³ Rojo, R. *Che Guevara, vie et mort d'un ami*. Paris, Ed. Seuil, 1968. p. 65.

⁴ Entrevista com J. Masetti na Sierra Maestra em abril de 1958, reproduzida em *Tiempo de Che* (primer ensayo de cronología). Barcelona, Ed. Anagrama, 1976. p. 26.

É evidente que após a experiência da Guatemala um aspecto quase obsessivo de seu pensamento é a preocupação pela consequência prática de cada proposição política. Quais os meios de cada política? E, entre esses, ele valoriza particularmente a vontade e a disposição dos militantes. E isso o atrai nos combatentes do "26 de Julho".

Depois de um ano de treinamento, 82 homens partem, dia 26 de novembro, a bordo do Granma. A travessia demorou mais que o previsto e o desembarque se efetuou depois dos levantes produzidos em Santiago de Cuba pelos militantes urbanos do "26 de Julho". Além disso, eles são detectados logo ao chegar e quando tentam fugir, embrenham-se num pantanal. Três dias depois a aviação ataca para dizimar o que restava daquela "expedição revolucionária". Sobram apenas cerca de 12 homens que, no entanto, retomam a luta com a mesma incrível convicção com que haviam partido do México.

Aí sobrevêm as primeiras ações vitoriosas contra destacamentos e postos militares. E começam, maravilhados, a tomar contatos com os camponeses. Toda a concepção guevarista da guerrilha se baseia nessa experiência, que se inicia aparentemente com tão poucas forças até derrotar o exército de Batista. O Che conta, em seu *Passagens da guerra revolucionária*, toda essa campanha: os combates de que participou, suas consultas médicas nas choupanas miseráveis da Sierra, o velho camponês que ele alfabetizou, como ele passou de médico a comandante da 2.^a coluna, seus ataques de asma, a organização interna da guerrilha, suas relações com o campesinato e com as demais forças políticas.

Ao final de 1957 a força e o prestígio da guerrilha se multiplicaram, e todas as tendências da oposição buscavam entrar em contato com ela. Mas a guerra ainda duraria um ano.

Os guerrilheiros representam então, por sua ação, a tendência mais comprometida com o campesinato e com o combate radical à ditadura. A comparação entre eles — a "Serra" — e a "cidade", onde estão os políticos que procuram usar a pressão da guerrilha para negociar com os militares e efetuar apenas reformas superficiais no regime, voltará insistentemente — e mesmo de forma bastante simplificada — no pensamento do Che.

No dia 1.^o de janeiro de 1959, após uma violenta batalha de três dias, Guevara entra na cidade de Santa Clara. A guerra estava-se decidindo. Três dias depois ele percorre triunfalmente as ruas de Havana. Tinha então 30 anos e fora nomeado governador militar da província

de Havana, onde punha os pés pela primeira vez. Tinham-se passado apenas cinco anos desde que partira de Buenos Aires para exercer a medicina numa clínica em Caracas.

Guevara e Raúl Castro eram então considerados pelos serviços de informação de Washington como os "agentes do comunismo internacional" no seio do governo, o que era uma grande bobagem. Mas é certo que o Che alertava abertamente contra as ameaças americanas ou as regressões burocráticas. Ele certamente pensava na Guatemala, impotente ante os invasores, no México com sua "revolução fossilizada", na Bolívia em começo de degenerescência. No novo governo havia políticos que se tinham unido contra Batista mas que não pretendiam tocar nas estruturas sociais do país. Para eles, as reformas anunciadas por Fidel eram apenas propaganda para obter apoio popular antes de chegar ao poder. Mesmo o Departamento de Estado norte-americano pensava em repetir o ciclo habitual das "revoluções militares" latino-americanas: face à pressão econômica ou ameaças mais diretas, o caudilho se submeteria. Mas nesse caso a diferença substancial consistia na existência de um exército rebelde, detentor do poder real e forjado numa luta ao lado do campesinato.

E a disposição de expropriar os latifúndios e entregar a terra aos que nela trabalhavam, vai definir os rumos da revolução. A indicação de Guevara para o Instituto Nacional de Reforma Agrária e Banco Nacional era já um sinal dessa disposição.

1960 até 62 serão anos decisivos no conflito com os Estados Unidos, para o qual se preparara o Che. Em julho de 60, ante a resolução cubana de não aceitar as exigências americanas de indenização total das companhias expropriadas pela reforma agrária, o governo cubano suspende a compra de açúcar cubano. O governo cubano se assegura de que os soviéticos o farão. O próprio Che viaja à União Soviética, China, Egito, Índia, Iugoslávia, Indonésia, Coreia do Norte, Hungria, buscando apoio de países socialistas e "não-alinhados". Os americanos se recusam a refinar petróleo soviético comprado pelos cubanos. Os cubanos nacionalizam as refinarias americanas. A cada pressão, uma nova radicalização do processo revolucionário. Em abril de 61 finalmente ocorre a invasão — hoje sabemos os detalhes — organizada pela CIA. Mas então o apoio popular ao novo regime era tal que a operação "libertadora" foi desbaratada em poucas horas. É ainda nesse ano que o Che vai representar Cuba na reunião da OEA, em Punta del Este, convocada para condenar a ilha revolucionária e

distribuir financiamentos americanos aos governos leais. Mas dessa tribuna ele passa de acusado a acusador, denunciando o imperialismo americano e seus súditos. Terminada a reunião, entra clandestino na Argentina para reunir-se secretamente com o presidente Frondizi (que será derrubado por um golpe, 7 meses depois) e, de passagem por Brasília, é condecorado pelo presidente Jânio Quadros, que renunciaria alguns dias após.

Em 1962 tem lugar a "crise dos mísseis", quando Kennedy ameaça novamente invadir Cuba pretextando a instalação de mísseis soviéticos na ilha. Sem consultar os cubanos, os soviéticos terminam por desmantelar os foguetes, que haviam sido oferecidos para a proteção do regime de Fidel. Será o ponto mais baixo das relações soviético-cubanas.

Já na política interna a direção cubana havia enfrentado as tentativas de controle político por parte de antigos dirigentes do PSP (que era o antigo PC cubano) num processo que será conhecido como o da "microfração" sectária. Muitos pensavam numa ruptura com os comunistas e a URSS. Mas Che, como Fidel, não o pretendiam, pois tratavam apenas de retificar erros para somar todas as forças possíveis contra aqueles que apontavam como os verdadeiros inimigos da revolução: o imperialismo americano e a oligarquia local.

Os anos de 1963 a 65, passadas as ameaças mais imediatas de invasão, assistem ao processo de reorganização do país, de transição socialista nas duras condições do bloqueio econômico. Já em 1961 Guevara se havia transferido para a direção do Ministério das Indústrias, onde inicia um sistema centralizado de gestão econômica, pretendendo combater as relações mercantis no interior da economia socialista. Esse esforço ficou registrado numa série de artigos, conferências e cartas onde se ocupa em demonstrar que a construção socialista não se reduz a um simples desenvolvimento das forças produtivas nacionalizadas, mas deve introduzir novos valores e relações sociais.

Ele estuda a fundo as leis econômicas e trava uma polêmica pública com Carlos Rafael Rodrigues — do INRA — que, a partir de uma formação comunista tradicional, defende o modelo soviético e critica o Che por não levar em conta a inevitável sobrevivência de relações capitalistas numa sociedade de transição. Este lhe responde que não ignorava tais sobrevivências mas que se diferenciava precisamente por combatê-las, já que elas não desapareceriam por si mesmas.

Em dezembro de 1964 parte de novo, agora para a África, e participa do Seminário Econômico de Argel, onde expõe, de modo

crítico, sua concepção das relações entre o mundo subdesenvolvido e os países socialistas. E entra em contato com movimentos de libertação africanos.

Seu pensamento se desloca cada vez mais para o cenário mundial. Se bem que ainda não tivesse escrito a famosa proclamação de "criar dois, três, muitos Viet-Nam", é certo que já pensava nesse processo, querendo ser de novo um protagonista direto. No curso de 1965 Ernesto Che Guevara desaparece da vida pública e renuncia a todas as suas responsabilidades no governo e no partido cubano, dizendo em carta a Fidel que "nada de legal me liga a Cuba; somente laços de outra natureza que não podem ser destruídos como papéis oficiais".

Correram rumores de que estava morto ou preso por Fidel. Na realidade, estava nos preparativos para entrar na Bolívia e também em combates na África negra, durante alguns meses.

É preciso lembrar que o projeto boliviano, que não era recente, era concebido numa visão continental, pela localização do país na América do Sul. O "Exército de Libertação Nacional" da Bolívia deveria ser simplesmente o núcleo de colunas que se dirigiriam ou apoiariam as lutas nos países vizinhos. Isso explica a própria composição do grupo que entra na Bolívia no curso de 1966 para juntar-se ao Che e aos militantes bolivianos: 17 cubanos e 4 peruanos.

No *Diário da Bolívia*, ele relata todos os seus passos desde o dia 7 de novembro de 1966, quando chega ao sítio de Nancahuazu, até 7 de outubro do ano seguinte, véspera de sua morte. Assim que chega, o Che se dá conta das diferenças entre a Sierra Maestra e essa selva do altiplano boliviano: a primeira rica em fauna e flora alimentar, habitada por camponeses rebeldes; a segunda hostil e quase deserta. Mas é que a região do Alto Bení, mais favorável e habitada por camponeses dispostos politicamente, havia sido abandonada após o conflito entre a direção do PC boliviano e os membros iniciais da guerrilha. O Che decide então que Nancahuazu seria apenas zona de treinamento.

Mas os acontecimentos se precipitam. Nesse mesmo ano, o PC retira seu apoio e exclui de suas fileiras os militantes que permanecem na guerrilha. Em março de 67 são detectados pelo exército. Ainda que a guerrilha seja vitoriosa nos primeiros confrontos, estes já se dão num quadro geral desfavorável. O governo boliviano de Barrientos com todo apoio americano. A guerrilha, sem incorporar número suficiente de bolivianos e atuando em zona hostil. Os próprios mineiros, em oposição

ao governo, sofrem um verdadeiro massacre em junho de 67 sem qualquer contato com a guerrilha. Esta, completamente isolada, sem apoio do campesinato local, após as primeiras derrotas, procura deslocar-se para regiões mais favoráveis. Nessa tentativa o Che enfrentará, com 16 companheiros que lhe restavam, sua última batalha.

O conjunto de sua obra

Existe uma edição cubana da Casa de las Américas das obras do Che cobrindo o período 1957-1967. Aí está tudo o que ele deixou escrito de mais importante. Sabe-se do artigo "Eu vi cair Jacobo Arbenz" escrito em 1954, e possivelmente seja tudo. Além disso, se nos detivermos nas datas de seus escritos, verificamos que se concentram em sua grande maioria nos anos de 1959 a 1964.

Logo após a tomada do poder, sua produção é dominada pelo empenho em sistematizar a experiência guerrilheira na Sierra Maestra: "O que é um guerrilheiro" (1959), "Guerra e população camponesa" (1959), "Projeção social do exército rebelde" (1959), "Notas para o estudo da ideologia da revolução cubana" (1960) e finalmente o manual *A guerra de guerrilhas* (1960), o mais importante entre seus escritos militares. O que o antecede são artigos em que o Che destaca os fundamentos políticos da guerrilha e particularmente suas relações com o campesinato. São claros e sucintos. Já *A guerra de guerrilhas* surpreende pela sua própria organização interna, diferenciando-se dos esquemas cartesianos das obras de Mao por exemplo, no gênero. Nesse manual Guevara trata dos "princípios gerais" (essência, estratégia, tática, guerra em terrenos favoráveis e desfavoráveis, suburbana), da "guerrilha propriamente dita" (o guerrilheiro como reformador social, como combatente, a organização da guerrilha, o combate, o desenvolvimento até a luta final), da "organização do front guerrilheiro" (abastecimento, organização civil, papel da mulher, saúde, sabotagem, indústria, propaganda, informações, treinamento, doutrinação, organização do exército). No plano mesmo do livro não é muito claro: volta frequentemente a aspectos já tratados, passa de um assunto para outro e mistura níveis diferentes numa só passagem. É como se ele estivesse falando a um grupo de revolucionários dispostos a aplicar as lições da experiência cubana, para transmiti-lhes cuidadosamente em cada detalhe, da importância do calçado para as caminhadas na selva à distribuição igualitária da comida, até as leis gerais da ação militar. Mas se é rigorosa a transmissão do conheci-

mento técnico dos detalhes militares, o próprio descuido acerca das condições de generalização da experiência cubana já trazem raízes de uma fragilidade maior. E a produção que segue essa linha é sempre grandemente devedora da capacidade de generalização das experiências cubanas.

Em 1961 escreve o expressivo artigo "Cuba, exceção histórica ou vanguarda na luta anticolonialista?"; em 1962: "A influência da revolução cubana na América Latina" (conferência a membros do aparelho de Estado) e "Tática e estratégia da revolução latino-americana"; em 1963: "Guerra de guerrilhas: um método" e "Passagens da guerra revolucionária". Afora este último que consiste em relatos vivos da campanha cubana, os outros procuram discutir as condições da estratégia da guerrilha, em sua versão cubana, ser aplicada ao resto do continente.

Uma outra linha na produção escrita de Guevara é constituída pela preocupação com os aspectos ideológicos da transformação socialista. Entre 1959 e 1960 encontramos uma série de conferências e discursos acerca dos novos valores requeridos pela transformação revolucionária. Aí destacam-se três palestras sobre a reforma da universidade, uma sobre "O médico revolucionário" e a "Despedida às brigadas internacionais de trabalho voluntário". Em "O que deve ser um jovem comunista" (1962), ele, iniciando pela necessidade de mudanças profundas no sistema educativo para colocá-lo "a serviço da revolução" ("que a universidade se pinte de negro, de mulato, de operário e camponês"), chega até a problemática do "homem novo", motivado pelos valores da solidariedade e do compromisso com o povo, do combate radical a todas as injustiças. Mas aí o tema se desdobra em duas vertentes: uma discute os aspectos institucionais dessa mudança ideológica através da problemática do partido revolucionário, e outra através das características da organização econômica do país.

Já o artigo "O quadro, coluna vertebral da revolução" (1962) introduz a discussão sobre o partido. Nos anos 1963 e 64 a questão aflora com relevância, e são desse período: "Contra o burocratismo", "Sobre a construção do partido", "O partido marxista-leninista" e "A juventude e a revolução".

Quanto ao aspecto econômico, ele já havia escrito em 1960 "Soberania econômica e independência política", em que trata das condições da batalha econômica que travava o país no cenário mundial. Em "Discussão coletiva; decisão e responsabilidades únicas" (1961), anuncia sua concepção da centralização econômica. Mas é também em 1963 e 64

que a polêmica sobre o modelo da transição socialista ocupa-o centralmente. E os escritos desse período mostram como sua proposição nesse campo se articula com sua temática central da transformação ideológica como fator determinante do curso revolucionário. Mas ele enfrenta a problemática econômica em sua especificidade própria: "Considerações sobre os custos de produção como base para a análise econômica das empresas sujeitas ao sistema orçamentário" (1963), "Sobre a concepção do valor" (1963), "Sobre o sistema orçamentário de financiamento" (1964), "O sistema bancário, o crédito e o socialismo" (1964), "A planificação socialista, seu significado" (1964), "Uma atitude nova ante o trabalho" (1964), "Cuba, sua economia, seu comércio externo, seu significado no mundo atual" (1964).

Essa ousada reflexão sobre os aspectos ideológicos e econômicos da construção da nova sociedade, sobre a luta entre as heranças capitalistas e os projetos socialistas na intrincada fase da transição, culmina com "O socialismo e o homem em Cuba" (1965).

De resto, além de uma abundante obra epistolar, temos principalmente os discursos nas reuniões internacionais: em Punta del Este, na reunião da OEA (1961); em Genebra, na Conferência Mundial sobre o Comércio e o Desenvolvimento (1964); na Assembléia das Nações Unidas (1964); no Seminário Econômico de Solidariedade Afro-asiática (1965). E sua visão sobre o cenário internacional se apresenta em seguida sob forma de proposição política em sua última "Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental" (1967), enviada a Cuba quando já estava embrenhado nas selvas bolivianas.

As condições da luta política

Como experiência negativa: a Guatemala de Arbenz, a Bolívia do MNR e os repetidos casos de movimentos populares derrotados pela intervenção dos militares ou desencaminhados pelas transações entre políticos tradicionais e as classes dominantes. Como experiência positiva: Cuba, onde o movimento popular contou com uma força militar autônoma e pôde levar até o fim sua luta. A preocupação central do Che nas análises da luta política esteve no exame das condições de generalização do modelo guerrilheiro cubano.

A análise das condições gerais — sócio-econômicas — do continente é relativamente simples. Guevara retoma vários estudos contem-

porâneos sobre as heranças coloniais no campo sob a forma do latifúndio, sobre o significado da dominação econômica do imperialismo, sobre os limites da industrialização. A dependência econômica e a miséria das grandes massas são reproduzidas graças a sistemas de poder que reúnem os grandes proprietários rurais e uma burguesia industrial associados ao imperialismo estrangeiro. A partir daí sua preocupação se desloca para a questão do "que fazer".

"...se se admite que o inimigo lutará para permanecer no poder, é preciso preparar-se para destruir o exército de opressão; para fazê-lo é necessário opor-lhe um exército popular. Esse exército popular não nasce espontaneamente, ele deve se armar com o que obtém do inimigo e isso supõe uma luta difícil e prolongada..." ("Tática e estratégia da revolução latino-americana").

Mas afinal como surge esse exército popular ou seu núcleo? Quase toda a experiência dos movimentos guerrilheiros latino-americanos dos anos 60 e 70 se fundou na possibilidade de repetir o "modelo cubano" (ao menos nesse aspecto da ação de um "pequeno motor" constituído por uma vanguarda combatente exemplar, que põe em marcha o "grande motor" das massas populares). As derrotas sofridas colocam hoje aos observadores políticos a questão de saber onde esteve a "excepcionalidade" do caso cubano.

Talvez um primeiro ponto a destacar seja o fato de que Guevara, ao analisar a própria experiência cubana, só transmitisse o que conheceu: a campanha militar na serra. É natural assim que a fusão entre o núcleo guerrilheiro e as massas do país tenha-lhe aparecido desligada de toda história anterior que a preparou.

É que na verdade seu raciocínio surgiu precisamente em reação ao pensamento de esquerda dominante.

Diante de uma esquerda latino-americana que em sua grande maioria escondia atrás das "condições objetivas" seu conformismo, o Che afirma o papel da vontade revolucionária como um dos fatores capazes de transformar essas condições objetivas. Daí as três lições que considerava as mais importantes da tomada do poder em Cuba:

"1.º) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército regular. 2.º) Nem sempre é necessário esperar que sejam reunidas todas as condições para fazer a revolução: o foco insurrecional pode fazê-las surgir. 3.º) Na América subdesenvolvida, o terreno fundamental da luta armada deve estar no campo" (*A guerra de guerrilhas*).

Essa é a semente da famosa "teoria do foco", que depois Régis Debray iria sistematizar em seu *Revolução na revolução?*.

Se ele diz que o foco pode criar algumas condições é porque existem outras que lhe devem anteceder. Ao que parece, o fundamental é o "apoio do povo":

"deve-se recorrer à guerra de guerrilhas quando se tem o apoio da maioria da população e uma quantidade infinitamente menor de armas para defender-se da opressão. A guerrilha conta então com o apoio total da população local; é uma condição *sine qua non*" (Op. cit.).

Mas ainda aqui tudo depende do que se entende por "apoio do povo". E estava implícita em sua concepção uma idéia bastante genérica desse apoio, que se fundaria numa identidade objetiva de interesses. É verdade que numa passagem o Che se referiu à impossibilidade da guerrilha onde exista um governo que se sustente numa aparência de legalidade constitucional. Aí ele toca na noção de legitimidade e, portanto, na necessidade de uma identidade subjetiva. Mas não é um problema desenvolvido.

Para Guevara, a guerrilha não é um complemento mas sim o eixo da estratégia de poder, porque é dela que deve surgir um exército popular. Por isso seu terreno natural é o campo e sua relação com o campesinato, essencial.

A questão do tempo é decisiva. A massa camponesa se integra à guerrilha quando verifica sua eficácia no combate aos inimigos. E ao se integrar, torna a guerrilha uma força indestrutível. Mas ao mesmo tempo a eficácia da guerrilha se funda no apoio social que pode obter para escondê-la, informá-la, alimentá-la, multiplicar seus contingentes. É por isso que o período inicial de implantação é o mais delicado. A guerrilha deve sobreviver mas, ao mesmo tempo, deve tomar a iniciativa e provocar confrontos que a legitimem aos olhos dos camponeses. É combatendo os inimigos dos camponeses que a guerrilha poderá mostrar a justeza de seus objetivos mais além de suas proclamações de princípio.

Finalmente, a concepção de Guevara remete a uma separação um tanto mecânica entre o subjetivo e o objetivo, como entre os "momentos" político e militar. Desde a definição abstrata da necessidade de uma força militar autônoma, ele transfere todo o seu raciocínio para os meios de desenvolvê-la a partir de uma pequena vanguarda combatente. A compreensão da dinâmica dos movimentos sociais se limita quase a

saber se estes apóiam ou não a luta revolucionária, quando nas conjunturas concretas se trata sempre de saber quais as condições que pode assumir uma luta revolucionária. Que não é jamais exterior a tais movimentos.

Humanismo revolucionário

[“Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é movido por grandes sentimentos de amor...” (“O socialismo e o homem em Cuba”).]

Com o mesmo ardor com que combatera o determinismo dos que esperavam a revolução através do simples “desenvolvimento das condições objetivas”, Guevara combaterá, depois da tomada do poder, aqueles que pretendiam chegar ao socialismo somente pelo crescimento das forças produtivas nacionalizadas.

Na polêmica que então se trava sobre os modelos da transição socialista, ele vai procurar apoiar-se num estudo aprofundado dos textos de Marx sobre o comunismo. Retomando os “Manuscritos econômico-filosóficos”, ele se funda na concepção marxista do comunismo como “solução do conflito entre o homem e a natureza e do homem com o homem”, como processo de real apropriação de sua essência e, portanto, como fenômeno consciente. E aí ele insiste sobre esse aspecto consciente: não pode realizar-se aquela apropriação, desalienação, que não seja como um processo consciente. Retornando assim à concepção original de Marx, ele afirma que o comunismo não pode ser o resultado “objetivo” do desenvolvimento econômico sob um Estado “socialista”, mas somente o processo pelo qual a humanidade se apropria de seu ser social.

O que tem em vista são as experiências já conhecidas da “construção socialista”, que ele não queria tomar como modelos. Reconhece as condições objetivas que dificultaram seus caminhos e que ainda hoje dificultariam todos os projetos socialistas. Tendo partido de regiões mais atrasadas, dos “elos fracos da cadeia imperialista” (Lenin), e tendo um longo caminho a percorrer, “é grande a tentação de recorrer aos interesses materiais como alavanca de um desenvolvimento econômico acelerado” (“O socialismo e o homem em Cuba”).

Altos podem ser os índices da produção material e mesmo da melhoria geral das condições de vida, mas ele duvida precisamente do

significado de um “comunismo” que se forjaria à base de interesses individuais herdados do capitalismo. Sem negar a existência deles, com a necessidade de levá-los em conta e, mesmo, de recorrer a eles em alguma medida, o que afirma Guevara é a necessidade maior de sobrepor-lhes novos interesses, que teriam de ser a alavanca da transformação social.

Trata-se para ele de agir sobre uma situação transitória — e portanto essencialmente contraditória — para fazer prevalecer os elementos “novos”, revolucionários, sobre os “conservadores”, do passado.

[“A nova sociedade em formação tem que competir muito duramente com o passado. Isso se faz sentir não somente na consciência individual, sobre a qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo caráter mesmo deste período de transição, com a persistência das relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto exista, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, portanto, na consciência.” (“O socialismo e o homem em Cuba”).]

Assim, junto com o desenvolvimento de uma nova base material, deve-se criar um “homem novo”. E os dois processos são estritamente inseparáveis.

Para isso, “a sociedade inteira deve transformar-se numa gigantesca escola”. Diretamente, através dos sistemas educacionais e pela propaganda; indiretamente, pela incorporação de novos hábitos nos comportamentos cotidianos, os indivíduos sofrerão o impacto da nova sociedade e serão compelidos à autotransformação.

Não se trata portanto de um humanismo abstrato, a-histórico. É verdade que era desse tipo seu ponto de partida, como de resto o de Fidel. A divisa do partido ortodoxo, ao qual pertencia Fidel até a constituição plena do “Movimento 26 de Julho”, era “vergonha contra o dinheiro”, espécie de grito indignado do cidadão honrado contra a corrupção dos milionários, generais e funcionários da tirania. Igual a tantos outros movimentos moralistas e populistas, o partido ortodoxo só foi capaz de utilizar esse lema como propaganda. A guerrilha de 26 de Julho começou querendo levar às últimas consequências essa batalha democrática elementar. Foi aí que, no dizer do próprio Che, “a guerra nos revolucionou”. Ou seja, de um lado a situação de luta pelo poder e, de outro, o fato de fazê-lo assumindo os interesses da massa camponesa, foi dando uma configuração social mais precisa ao humanismo inicial. Quer dizer, a transformação do democrata radical

em revolucionário comunista não provocou a eliminação do aspecto humanista. Valores como honestidade, integridade pessoal, etc. não são percebidos como preconceitos pequeno-burgueses mas, ao contrário, adquirem uma outra dimensão, no contexto de uma concepção marxista.

Os primeiros escritos após a tomada do poder nos quais Guevara trata do problema dos novos valores humanos são na verdade transcrições de seus discursos nas universidades. Quando fala do papel do estudante, da escola, do médico, do arquiteto, manifesta uma preocupação central: sublinhar sua situação privilegiada face à dos trabalhadores, seus deveres em relação a estes, seus deveres em relação a todos os trabalhadores do mundo; sublinhar a superioridade humana daqueles que dedicam suas vidas à revolução, frente àqueles que só cuidam de seus interesses particulares. E o poder de convencimento desse discurso moral elementar repousou sempre na franqueza transparente de suas palavras: tratava-se de alguém que nada possuía e nada pedia a não ser melhores condições para continuar lutando. Ante esse exemplo irrepreensível, era difícil defender interesses privados mesquinhos.

Mas se os primeiros discursos são apenas um combate contra as reações mais primárias do individualismo burguês, em seguida o próprio desenvolvimento do processo revolucionário vai exigir dele que afrente os problemas da criação de novos valores nas condições novas e mais complexas.

O aventureiro aparece portanto, no fundo, como um grande moralista. Sua ênfase toda estará no desenvolvimento de uma nova moral, capaz de remover as montanhas dos antigos valores. Que se entenda bem, no entanto, essa caracterização. Há uma certa pressa em apresentá-lo como um romântico sonhador, sem preocupação pelas condições concretas, e provavelmente a referência a seu moralismo pode conduzir a reforçar essa visão. O problema é mais complexo.

Portador também de um acurado realismo prático que aponta num outro sentido, já, na organização da guerrilha, o vemos combinando proposições morais firmes com observações práticas de detalhe, condicionadas a cada exigência da luta. É significativa uma passagem em que discute as condições da execução de bandoleiros que se haviam mesclado à guerrilha. Visivelmente tocado pela morte de dois camponeses, cujo banditismo não era mais que o resultado das condições em que se haviam formado, o Che só justifica a aplicação da pena máxima pela impossibilidade prática de qualquer punição mais branda naquelas

circunstâncias. E poderíamos citar outros exemplos, em questões mais prosaicas, onde esmiúça os aspectos mais diminutos dos problemas, fugindo de qualquer juízo de princípio abstrato.

Na construção da nova sociedade, ele procura também concretamente as formas de organização material que correspondem — e dão sustentação — às relações socialistas. Veremos isso mais tarde, ao analisarmos os problemas econômicos da transição.

Na própria organização do Estado, ao combater o burocratismo, ele procura também as raízes sociais dessa deformação que sufoca as iniciativas das massas e impõe à sociedade o ritmo lento e impessoal da engrenagem estatal. E não fica na fácil acusação aos burocratas, como se fossem a encarnação do mal ou a origem diabólica desse pecado. Não, nenhum maniqueísmo. Vejam-se as razões que dá para que a herança do burocratismo capitalista seja renovada por novo burocratismo, no artigo "Contra o burocratismo": a falta de interesse do indivíduo para prestar um serviço ao Estado ou superar uma situação dada; a própria ausência de uma organização adequada, que termina por provocar uma complicada e irracional trama de ordens e postos conflitantes que giram no vazio; a ausência de conhecimentos para enfrentar eficazmente uma situação. O estudo, o aprendizado técnico e organizacional, devem aqui acompanhar a educação política e o trabalho ideológico.

De qualquer maneira, o fundamental em sua argumentação é que não há mudança impessoal das estruturas; que uma alteração real das estruturas sócio-econômicas, mesmo sendo determinante, não antecede a alteração cultural e ideológica, mas tem de ser concomitante. Sem homens motivados já por novos valores, a alteração estrutural será apenas formal.

Aí então os revolucionários devem atuar com a força do exemplo. Em suas contínuas alocações aos jovens ele ressalta sempre o sentimento do dever em relação à sociedade e, ao mesmo tempo, a revolta permanente contra toda injustiça, sem nenhum servilismo ante os aparelhos dirigentes.

[“Discutir e pedir explicações sobre tudo que não esteja claro. Declarar guerra a todo tipo de formalismo. Permanecer sempre aberto às novas experiências, para conformar a grande experiência da humanidade...”]
 (“O que deve ser um jovem comunista”.)

Os progressos reais em direção ao comunismo não se medem simplesmente pelo aumento dos bens produzidos e repartidos, mas, fundamentalmente, pela profundidade do controle que os trabalhadores adquirem sobre o conjunto da produção e da vida social (e, consequentemente, pela superação da divisão entre o trabalho manual e o intelectual). Por isso o aspecto determinante será o avanço na participação coletiva, decisória e consciente a partir desses novos valores.

Um dos temas centrais do Che nesse campo consiste nas características do trabalho na nova sociedade, na superação do seu caráter de mercadoria. Uma característica essencial do trabalho liberado é o fato de que ele deixa de ser um meio para assegurar a mera sobrevivência, para tornar-se a própria expressão da vivência, a contribuição pessoal pela qual o indivíduo se exprime e se reconhece enquanto tal. O Che enfatizava esse aspecto e, através das campanhas de trabalho voluntário, procurava dinamizar essa tendência.

É verdade que a promoção do “trabalho liberado” depende da eliminação da força de trabalho enquanto mercadoria, o que por sua vez supõe um longo processo que só se pode realizar em escala mundial. Mas essa constatação não o leva a uma atitude de espera.

Analisando a situação de Cuba, Guevara constata a sobrevivência “de aspectos coercitivos no trabalho, mesmo no voluntário”, através do fenômeno da coerção moral. Ou seja, o “trabalho voluntário” aparecia como um *sacrifício* que os indivíduos se impunham pelo ambiente externo de pressões ideológicas. Como reagir ante esse fato?

Sua resposta é expressivamente insatisfatória. Ele constata a insuficiente consciência dos indivíduos em relação às “novas características do trabalho”, mas não chega a examinar como, naquelas condições, e *em que medida* o trabalho já apresentava realmente essas “novas características”. Em que medida a sobrevivência de aspectos coercitivos se devia à falta de consciência e ao fato de que os trabalhadores não eram ainda senhores de seu trabalho?

É certo que o fato de a produção não se destinar mais ao lucro privado dava já ao trabalho um significado social diferente daquele que tem nas sociedades capitalistas. E os trabalhadores que viam seu trabalho servir para uma distribuição mais igualitária, podiam dar-se conta desse fato. Mas se queremos ir à raiz, aquela transformação de que falava Marx (e que Guevara cita) pela qual o trabalho aparece como verdadeira expressão social humana, só se dá na medida em que os

trabalhadores dirijam efetivamente esse processo. E dessa perspectiva, não deixa de chamar a atenção a ausência, nos textos deixados pelo Che, de referências a toda problemática das instituições da democracia operária.

Essa lacuna pode ser expressão dos seus traços fundamentais de voluntarismo revolucionário e de realismo prático. Expliquemo-nos. Ela não pode ser interpretada por alguma hipotética recusa sua em relação às formas de participação popular, por alguma concepção totalitária e burocrática do socialismo, já que, como vimos, suas preocupações vitais apontam precisamente em sentido oposto. Todo o seu empenho se dirige para a participação consciente de todos numa obra gigantesca de libertação social. Ao que parece, é a particular junção em Guevara do voluntarismo com o realismo que explica o modo pelo qual pretende desenvolver os novos valores comunistas.

Seu realismo: ele constata a fragilidade das organizações populares naquele momento e a grande distância existente entre a consciência da pequena vanguarda e a das grandes massas. E o que mais teme é a institucionalização de organismos burocráticos de mediação que terminem por produzir o efeito contrário ao desejado: romper o vínculo direto e espontâneo entre as massas e seus dirigentes.

Seu voluntarismo: diante do exemplo cotidiano dado por esses dirigentes (que renovam seu idealismo ante cada desafio colocado à revolução), essa massa — que já mostrou sua disposição em várias ocasiões, não só na luta contra Batista, mas também ao combater a invasão de Playa Girón e na edificação do país — poderá elevar rapidamente seu nível de organização e consciência.

Voluntarismo porque não se apóia na dinâmica de comportamentos sociais reproduzidos por uma forma particular de organização. Não é por casualidade que nos processos históricos em que se colocaram formas de intervenção dos trabalhadores nas decisões políticas e econômicas, apareceram organismos do tipo dos conselhos ou comitês, operários e populares. Sem o impulso a essas formas de organização, que permitam a direção coletiva do processo produtivo, as referências a um “trabalho liberado” permanecem ao nível dos exemplos individuais e do chamado moral. Eles têm certamente sua eficácia, mas reduzida como todo moralismo. Seria injusto pensar que o Che permaneceu apenas nesse nível — já vimos que não — mas o fato é que não se assentou firmemente numa outra problemática.

Os problemas econômicos da transição

No processo de transição ao socialismo, o princípio da produção voltada para as necessidades sociais coexiste com o da produção determinada pela concorrência no mercado. Já vimos que o Che fala da mercadoria como célula econômica da sociedade capitalista e, portanto, germe da sobrevivência da ideologia burguesa. A transição é pois marcada pela contradição entre novas relações socialistas (o controle operário e o plano econômico determinado pelas necessidades da coletividade) e velhas relações mercantis da sociedade capitalista (a concorrência, a troca de bens e serviços segundo os preços de mercado, as desigualdades e a exploração) que subsistem mesmo após a tomada do poder que elimina as bases de uma reprodução capitalista em escala ampliada.

As antigas relações tenderiam a desaparecer pela ação dominante das novas, cada vez mais abrangentes. Mas elas podem também voltar a dominar segundo as vicissitudes do processo e particularmente se camadas privilegiadas, ocupando o aparelho de Estado, consolidam a reprodução das relações burguesas. Posto que as revoluções socialistas até então vitoriosas tinham-se produzido nos “elos fracos” da cadeia imperialista — precisamente os menos desenvolvidos — elas foram obrigadas a desenvolver um esforço extraordinário para recuperar o atraso, como pré-condição à construção socialista. E inseridos num mundo capitalista e obrigados a trocar produtos no mercado mundial, os países socialistas são necessariamente afetados pelas relações mercantis.

Por tudo isso Guevara pensa o processo de transição como sendo necessariamente um processo contraditório, de lutas no interior mesmo das sociedades socialistas contra os elementos do passado e no exterior, para romper as cadeias do sistema imperialista.

Na discussão sobre o “modelo econômico” da transição em Cuba, a questão se iniciou pela caracterização da incidência da “lei do valor” — que rege a produção capitalista — na economia cubana.

O valor das mercadorias, segundo a teoria marxista, é medido pelo montante de tempo socialmente necessário à produção da mercadoria (seja diretamente, pelo trabalhador na produção, seja indiretamente, pelas horas de trabalho anteriormente materializadas nas máquinas utilizadas na produção, na extração e transporte das matérias-primas utilizadas, etc.). Os preços de mercado oscilam em torno do valor, subindo ou descendo segundo o volume da oferta e procura e outros fatores. O valor determina assim a distribuição dos capitais na produção.

“Durante o processo de construção da sociedade socialista, as relações de produção começam a mudar na medida em que muda a propriedade dos meios de produção, e o mercado perde suas características de livre concorrência (mesmo considerando a ação dos monopólios) e adquire novas características, porque está limitado pela ação dominante do setor socialista, que age de modo consciente sobre essa base mercantil.”

[Se há diminuição da oferta de uma mercadoria, o governo deve impedir uma elevação correspondente dos preços. O equilíbrio da distribuição não se estabelecerá assim pelas diferenças de renda mas, eventualmente, por algum sistema de racionamento. Assim, os preços numa economia socialista têm características particulares pela intervenção de um plano diretor, estabelecido segundo critérios sociais e políticos.]

E no entanto, é verdade que o Estado não pode desconhecer os mecanismos de mercado que ainda incidem sobre a economia de transição e que terminarão por manifestar-se de um modo ou de outro. Na União Soviética, ao tempo de Stalin, a elaboração de planos centrais sem conhecimento das possibilidades e das necessidades reais do povo acarretou perdas enormes com estoques invendáveis e subemprego de capacidades de produção. Foi para tentar sanar esses males da centralização burocrática que os sucessores de Stalin fizeram aumentar as margens de autonomia financeira das empresas e o peso do mercado para melhor equilibrar a oferta e a procura. O recurso à autonomia de gestão consiste em deixar que o cálculo econômico ao nível da empresa procure sua própria rentabilidade, ao mesmo tempo em que se integra aos objetivos globais do plano, sobretudo através dos controles fiscais e financeiros, o que faz do banco uma instituição decisiva no sistema. Cada empresa deve pagar os juros pelo dinheiro que lhe foi avançado e dispor de um fundo próprio, cujo volume depende em certa medida da sua produtividade e do seu êxito na busca de mercado. Para isso tornam-se necessários os estímulos materiais, de modo a provocar uma tendência à utilização máxima da capacidade produtiva, o que se traduz em rendas mais elevadas para o operário ou para o conjunto da empresa. Mas é natural que a utilização do mercado para racionalizar a produção acarrete um aumento das desigualdades sociais e regionais e favoreça uma ideologia individualista. Afinal de contas, não é neutra a “racionalidade” do mercado e sua ação tenderá a minar as bases mesmas da construção socialista. O Che observa os descaminhos da União Soviética e aponta a necessidade de desenvolver uma outra racionalidade.

É já com essa preocupação que organizou em 1960, a partir do Ministério das Indústrias, um sistema de desenvolvimento centralizado, oposto aos critérios do mercado.

Segundo esse sistema — conhecido como “sistema orçamentário de financiamento” — a própria noção de empresa se transforma. Enquanto num sistema de autonomia financeira, a empresa constitui uma unidade de produção com individualidade jurídica, na concepção aplicada na época pelo Ministério das Indústrias,

“uma empresa é um aglomerado de fábricas ou unidades de produção que possuem uma base tecnológica similar, um destino comum para sua produção e, em certos casos, uma localização geográfica delimitada...” (“Sobre o sistema orçamentário de financiamento”).

Longe de ser uma simples diferença de palavras, esta primeira particularidade do “sistema orçamentário” acarreta toda uma outra concepção econômica, que veremos mais tarde.

Uma segunda particularidade é que o dinheiro

“só opera aí como elemento aritmético (...) que os organismos centrais analisarão para efetuar o controle de seu funcionamento” (Idem).

Contrariamente ao sistema de autonomia financeira, as empresas não possuem aqui fundos próprios: elas apenas retiram do banco central o necessário conforme estabelecido nos planos globais.

Como decorrência, temos então uma diferença notável na determinação dos preços. Os defensores da “autonomia financeira” acusaram o Che de ignorar os efeitos da “lei do valor” na economia cubana, como resultado da sobrevivência de elementos capitalistas no interior da sociedade e como resultado de sua dependência do mercado mundial. Em consequência, eles defendiam uma estrutura de preços correspondente aos custos de produção nos mercados mundial e local. Respondendo a essas críticas, o Che não nega os efeitos da lei do valor mas: a) considera que ela é limitada pela própria ação do Estado socialista; b) considera a ação consciente da planificação socialista como possibilidade (e necessidade, se se quer caminhar para o socialismo) de contrabalançar essa lei. A alternativa colocada pelo Che tenta responder à dupla necessidade de levar em conta o mercado mundial e de edificar uma nova sociedade. Os índices de preços e da produtividade mundiais são considerados critérios de avaliação, para racionalizar a produção local e

tomar decisões que levem a uma diminuição de custos. Mas existem também outros critérios, originados da importância de cada produção para o consumo social e a produção de novas relações sociais.

O tema central dessas preocupações é assim o processo pelo qual a coletividade dirige a economia, ocupando o lugar das cegas leis do mercado. No raciocínio de Guevara, o reforçamento da centralização das decisões aparece como um dos fatores fundamentais para concretizar essa via. Assim, a Junta Central de Planificação (JUCEPLAN) dava as linhas gerais do plano e os índices dos produtos de base que ela controlava. As empresas estabeleciam contratos entre elas para assegurar suas produções, levando em conta seus recursos e os objetivos que lhes eram atribuídos. Os organismos centrais deviam controlar a contabilidade e os inventários para efetuar as transferências de recursos entre as diferentes unidades de produção. Tais transferências não assumem características mercantis, não implicando em juros ou lucros. Nessas condições, o produto só se torna mercadoria em sua forma final, enquanto artigo de consumo individual.

Face à crítica da excessiva burocratização decorrente dessa enorme centralização, a resposta do Che é expressiva:

“é evidente que muito menos burocracia existirá quanto mais centralizadas estejam todas as operações de registro e de controle da empresa ou unidade, de tal maneira que se todas as empresas pudessem ter centralizadas todas as suas facetas administrativas, seu aparato se reduziria ao pequeno núcleo de direção da unidade e ao coletor de informações para transmiti-las à central”.

É significativo — ainda uma vez — que na discussão sobre o controle consciente da economia, o Che seja partidário da mais estrita centralização. Ele se opõe à burocratização, aos privilégios de pequenas castas, às desigualdades, às leis do mercado e à rotina impessoal da máquina estatal. Mas, para combatê-los, ele não chega a referir-se ao desenvolvimento de organismos como conselhos de trabalhadores pela base. Como sempre, baseia-se na transformação das consciências graças ao valor do exemplo, da educação, da prática de uma atitude de entrega à coletividade.

Procurando evitar as deformações do modelo soviético é expressivo que o Che não tenha feito uso das contribuições de toda uma experiência teórica e prática dos conselhos operários como fundamento da transfor-

mação das relações sociais. O novo Estado, baseado na rede desses órgãos de democracia direta, seria a expressão de um processo de reapropriação da vida social pelo conjunto da população trabalhadora. E por isso mesmo tenderia a extinguir-se. Existe aí a convicção de que o exercício mesmo do poder pelas massas age no sentido de acelerar sua tomada de consciência, a criação de novos valores e relações.

Mas o Che vai apostar sobretudo nas decisões centrais dos revolucionários que dão o exemplo, e sobre as mudanças produzidas pela prática dos valores da solidariedade. Ele considera que se a vanguarda, já consciente dos novos valores, impulsiona as relações que os portam, eles transformarão também a consciência dos agentes sociais.

Em sua concepção, a via que conduz ao controle coletivo da economia e da sociedade passa por: a) progressos na produção, que criem uma base material suficiente para a liberação das potencialidades humanas, ultrapassando os estágios de penúria; b) progressos nas técnicas de controle, que permitam a centralização das informações e da gestão; c) progressos na consciência dos indivíduos, que dessa forma são movidos no sentido das relações socialistas, do trabalho para a coletividade. E é por essa última condição que o Che polemiza com os que dão prioridade ao crescimento econômico e, para isso, apelam desmesuradamente para estímulos materiais.

“Não negamos a necessidade objetiva do estímulo material, mas somos contrários a utilizá-lo como alavanca impulsora fundamental. [Porque então] ela termina por impor sua própria força às relações entre os homens.” (“Sobre o sistema orçamentário de financiamento”).

Quando para aumentar a produção, apela-se essencialmente para a concorrência entre trabalhadores e entre empresas, termina-se por estimular um crescimento que se afasta do socialismo.

Para Guevara o mais importante é a nova consciência que vai orientar o crescimento num sentido socialista. Já vimos que para isso, nas condições concretas em que se encontrava, ele apela antes para a centralização estrita das decisões, o exemplo de novas atitudes e as discussões mais amplas. Mas sem apontar para uma organização da produção que configure novas relações de produção, sem apontar para os organismos da democracia socialista, voltamos a observar a mesma marca do voluntarismo revolucionário de seu pensamento.

A guisa de balanço

Ernesto “Che” Guevara marcou profundamente um momento decisivo na história política contemporânea. Na América Latina, a vitória da revolução cubana — que já alterou todo o quadro político do continente — se fez acompanhar de uma crise geral nos diferentes aparelhos ideológicos e políticos (o Estado, a Igreja, a Universidade, os partidos) com mudanças radicais nos sistemas políticos. E mesmo além da América Latina, lembremos que acontecimentos de vulto transformam também o panorama internacional: a revolução cultural chinesa, os confrontos decisivos na guerra do Viet-Nam, a irrupção de maio de 68 na França e os movimentos similares em vários outros países de capitalismo avançado, a experiência de Dubcek na Checoslováquia.

Nesse momento crucial de grandes transformações, o Che apareceu como crítica viva ao objetivismo que dominara o marxismo por várias décadas. Não é assim por acaso que sua imagem estivesse presente nas manifestações de 68 em Paris, Roma, Frankfurt, Tóquio. E que grupos revolucionários tenham-se constituído na América Latina, Alemanha, Cile, tomando-o como referência.

Num período de crise, em que as instituições vigentes — mesmo aquelas que pretendiam canalizar as oposições — mostram-se incapazes de expressar as forças sociais em movimento, o pensamento e a prática de Guevara revalorizam a iniciativa individual, o valor do exemplo, a rebeldia. Vários de seus temas centrais apresentam assim significativas similitudes com temas centrais da revolução cultural chinesa: o questionamento das burocracias estatais e partidárias, o estímulo à conformação de uma nova ideologia, a crítica ao determinismo econômico. No bojo da crise do mundo capitalista manifesta-se também a crise das instituições “socialistas”.

Foi um tempo breve? Em alguma medida sim, mas como todo tempo de crise ele marca rupturas com um período passado. Já se disse que o mundo não seria mais o mesmo após a derrota americana na Indochina, maio de 68, a revolução cultural chinesa e, finalmente, a irrupção de uma crise profunda no movimento comunista internacional.

Na América Latina, o fluxo revolucionário marcado pela referência ao Che já se extinguiu. Suas teses de incidência mais imediata passaram por duras provas e sua morte — quando estava quase isolado na selva boliviana — apressou o fim dos organismos, como a OLAS (Organização Latino-americana de Solidariedade), que pretendiam dar projeção con-

creta geral às suas iniciativas políticas. No correr dos anos 70 processa-se uma reorientação das tendências políticas. Os movimentos populares tomaram outras vias de contestação à ordem vigente. A própria Cuba, frente aos impasses da vaga revolucionária, reacomoda-se no plano internacional e busca uma institucionalização interna em muitos pontos bastante diferente das proposições guevaristas. É significativo que aquele que procurou sistematizar as teses do Che de modo mais polêmico — Régis Debray, em *Revolução na revolução?* — também tenha efetuado uma ampla autocritica num balanço geral através de sua obra *A crítica das armas*.

O voluntarismo revolucionário enfrentou seus limites. Mas mostrou também seu porte. Sustentando esse voluntarismo através de uma disciplina férrea de todas as suas energias para a concretização dos meios necessários à sua política, o Che desafiou todos os cânones e as estruturas vigentes. O rigor no conhecimento e na aplicação das leis que regem a ação do “pequeno motor” da vanguarda política se chocou contra o “grande motor” dos movimentos sociais e instituições políticas mais amplas. Essa lacuna no pensamento de Guevara lhe foi fatal, se pensamos em sua biografia. Mas se pensamos na projeção dos problemas que levantou e para os quais formulou proposições — o conservadorismo dos aparelhos políticos, a fusão das vanguardas militantes com os movimentos de massa, a necessidade da transformação ideológica radical para impulsionar as transformações revolucionárias —, vemos que seus impasses são ainda os que permanecem.

Bibliografia de Guevara

Trata-se de uma seleção. Pode-se encontrar o conjunto dos escritos de Guevara em *Ernesto Che Guevara — Obras. 1957-1967*, editadas pela Casa de las Américas.

- 1959 — “Guerra y población campesina”
“Proyecciones sociales del Ejército Rebelde”
- 1960 — “Notas para el estudio de la ideología de la Revolución cubana”
La guerra de guerrillas
- 1962 — “Cuba: excepción histórica o vanguardia en la lucha anticolonialista?”

“La influencia de la Revolución cubana en América Latina”
“Táctica y estrategia de la Revolución latinoamericana”
“Qué debe ser un joven comunista”
“El cuadro, columna vertebral de la Revolución”

- 1963 — “Guerra de guerrillas, un método”
“Pasajes de la guerra revolucionaria”
“Contra el burocratismo”
“Consideraciones sobre los costos de producción como base para el análisis económico de las empresas sujetas a sistema presupuestario”
- 1964 — “Sobre el sistema presupuestario de financiamiento”
“La banca, el crédito y el socialismo”
“La planificación socialista, su significado”
“Una actitud nueva frente al trabajo”
“Cuba, su economía, su comercio exterior, su significado en el mundo actual”
- 1965 — “El socialismo y el hombre en Cuba”
Discurso no Seminário Econômico de Argel
- 1967 — “Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental”
Diario en Bolivia

Bibliografia sobre Guevara

- BIBLIOTECA NACIONAL JOSÉ MARTÍ. *Tiempo de Che*. Barcelona, Ed. Anagrama, 1976.
- CASTILLO, Carmen e SADER, Eder. Che Guevara. In: *Les jeux de l'Amérique Latine*. Paris, Ed. Martinsard, 1978.
- CASTRO, Fidel. Una introducción necesaria. In: *Guevara — Obras*. Ed. cit.
- DEBRAY, Régis. *La critique des armes*. Paris, Ed. Seuil, 1974.
— . *La guerrilla du Che*. Paris, Ed. Seuil, 1974.
- DIAZ, Vasquez. *La Bolivie à l'heure du Che*. Paris, Maspero, 1968.
- GONZALEZ, J. e SANCHES SALAZAR, A. *Che Guevara*. Paris, Ed. Stock, 1969.

- GUTIERREZ, C. M. Che Guevara. In: *Los hombres de la historia*. Buenos Aires, Ed. A. Latina, 1970.
- . *Los motivos del Che*. Havana, Ed. Casa de las Américas, 1969.
- KAROL, K. S. *Les guerrilleros au pouvoir*. Paris, R. Laffont, 1970.
- LOWI, M. *La pensée du Che*. Paris, Maspero, 1971.
- MATTIEZ, J. J. *Che Guevara*. Paris, Seghers, 1969.
- ROJO, Ricardo. *Che Guevara, vie et mort d'un ami*. Paris, ed. Seuil, 1968.
- SAUVAGE, L. *Le cas Guevara*. Paris, Ed. Table Ronde, 1971.
- SINCLAIR, A. *Guevara*. Paris, Seghers, 1971.
- TUTINO, S. *L'Octobre cubain*. Paris, Maspero, 1969.

TEXTOS DE CHE GUEVARA

Seleção e Revisão técnica de tradução:
Eder Sader

Tradução: Regine Ferrandis

I. AS CONDIÇÕES DA AÇÃO

1. CUBA, EXCEÇÃO HISTÓRICA? *

Nunca na América se havia produzido um fato de tão extraordinárias características, tão profundas raízes e tão transcendentais consequências para o destino dos movimentos progressistas do continente como a nossa guerra revolucionária. A tal ponto que foi por alguns qualificada de acontecimento capital na América e que segue em importância a trilogia constituída pela revolução russa, a vitória contra as armas hitlerianas com as transformações sociais decorrentes e a vitória da revolução chinesa.

Esse movimento, apesar da diversidade de suas formas e manifestações, não fugiu — e não podia ser diferente — às linhas gerais de todos os grandes acontecimentos históricos do século, caracterizados pelas lutas anticoloniais e a transição ao socialismo.

Certos setores, entretanto, seja por interesse ou por boa fé, pretendem ver nesse movimento características excepcionais. Essas características, de relativa importância frente ao profundo fenômeno histórico e social, foram realçadas exageradamente até conferir-lhes importância determinante. Fala-se de excepcionalidade da revolução cubana, se comparada às linhas de outros partidos progressistas da América, e tira-se,

* Reproduzido de GUEVARA, E. Cuba: excepción histórica o vanguardia en la lucha anticolonialista? In: *Obras. 1957-1967*. Havana, Casa de las Américas, 1970. t. 2, p. 403-19.

como consequência, que a forma e os caminhos da revolução cubana são únicos, sendo que nos demais países da América, a libertação dos povos deverá se dar de modo diferente.

Reconhecemos que a peculiaridade da revolução cubana é dada por fatos excepcionais. É um fato claramente estabelecido que cada revolução conta com esse tipo de fatores específicos, mas, do mesmo modo, também está estabelecido que todas elas seguem leis às quais a sociedade não pode escapar. Analisemos então os fatores dessa pretensa excepcionalidade.

O primeiro, talvez o mais importante, o mais original, é esta força da natureza chamada Fidel Castro Ruz, que em poucos anos alcançou projeção histórica. O futuro saberá avaliar exatamente os méritos do nosso primeiro-ministro. Mas, para nós, ele se iguala às mais altas figuras históricas da América Latina. Quais as circunstâncias excepcionais que cercam a personalidade de Fidel Castro? Existem várias características em sua vida e em sua personalidade que o fazem sobressair nitidamente entre todos os seus companheiros e seguidores. Fidel tem uma personalidade tão forte, que o leva a liderar qualquer movimento do qual participe. Foi isso que aconteceu ao longo de toda a sua vida, desde sua época de estudante até o momento em que se tornou o primeiro homem de nossa pátria e o líder dos povos oprimidos da América. Suas características de grande líder, somadas às suas características pessoais de audácia, força e valor, à sua extraordinária ansiedade de estar sempre respondendo aos anseios do povo, levaram-no a este lugar de honra e de sacrifício que está ocupando hoje. Outras qualidades importantes de Fidel são sua capacidade de assimilar os conhecimentos e as experiências, de compreender todo o conjunto de uma situação dada sem perder de vista os detalhes, sua fé enorme no futuro, sua amplitude de visão para prever os acontecimentos e antecipar-se aos fatos, vendo sempre mais longe e melhor que seus companheiros. Graças à sua capacidade de aglutinar, de unir — opondo-se à divisão que enfraquece —, de dirigir a ação do povo; seu amor profundo por ele; graças à sua fé profunda no futuro e à sua capacidade de prevê-lo, Fidel fez por Cuba mais do que ninguém para construir a partir do nada o aparato formidável que é hoje a revolução cubana.

No entanto, ninguém poderia afirmar que em Cuba havia condições políticas e sociais totalmente diferentes das existentes nos outros países da América e que precisamente por causa dessas diferenças se realizou a revolução. Não se pode afirmar também o contrário, ou seja, que

Fidel dirigiu a revolução em Cuba, no momento e na forma em que o fez, interpretando as profundas mudanças políticas que preparavam o povo para o grande salto em direção à revolução. Existiam também certas condições que, sem serem específicas de Cuba, dificilmente seriam aproveitáveis novamente por outros povos, pois, contrariamente ao que creem certos grupos progressistas, o imperialismo aprende com seus erros.

A condição que se poderia qualificar de excepcional é que o imperialismo norte-americano estava desorientado e nunca conseguiu perceber os alcances profundos da revolução cubana. Esse fato pode esclarecer e explicar muitas das aparentes contradições do chamado quarto poder norte-americano. Os monopólios, como ocorre muitas vezes nestes casos, já estavam pensando num possível sucessor para Batista, porque se dava conta de que o povo estava farto daquela situação e também o buscava, só que por caminhos revolucionários. Que golpe mais inteligente do que derrubar o ditador que não prestava mais e substituí-lo por "rapazes" que poderiam mais tarde, com o tempo, colocar-se a serviço dos interesses do imperialismo? Durante algum tempo o imperialismo apostou nisso, mas perdeu dolorosamente. Antes do triunfo, suspeitavam de nós, mas não nos temiam; na verdade jogavam nas duas cartadas com a experiência que têm por esse jogo no qual quase nunca se perde. Muitas vezes, emissários do Departamento de Estado, disfarçados de jornalistas, vieram tomar a temperatura da revolução, mas não conseguiram perceber o sintoma do perigo iminente. Quando quiseram reagir, quando o imperialismo se deu conta de que o grupo de jovens inexperientes que desfilava triunfante pelas ruas de Havana, tinha profunda consciência do dever político e uma decisão férrea de cumprir o dever, era tarde demais. Foi assim que amanheceu, em janeiro de 1959, a primeira revolução social de toda a zona das Caraíbas e a mais profunda das revoluções americanas.

Não podemos considerar como excepcional o fato de a burguesia, ou pelo menos boa parte dela, se mostrar favorável à guerra revolucionária contra a tirania e, paralelamente, apoiar e promover os movimentos favoráveis a soluções negociadas para substituir o governo de Batista por elementos dispostos a frear o movimento revolucionário.

E, se levarmos em consideração as condições em que se deu a guerra revolucionária e a complexidade das tendências políticas opostas à tirania, não podemos tampouco estranhar a atitude neutra ou pelo menos não diretamente ofensiva de certos elementos latifundiários frente às forças insurrecionais.

É compreensível que a burguesia nacional, estrangulada pelo imperialismo e a tirania, cujas tropas caíam de chofre sobre a pequena propriedade e faziam do suborno um meio quotidiano de vida, visse com bons olhos esses jovens rebeldes das montanhas castigando o exército de mercenários, braço armado do imperialismo.

Foi assim que forças não-revolucionárias ajudaram de fato a facilitar o caminho do advento do poder revolucionário.

Se quisermos chegar a extremos, podemos acrescentar, como fator excepcional, o fato de que quase todo o campesinato cubano se havia proletarizado, devido às exigências da grande cultura capitalista semimecanizada, e entrara numa fase organizativa que lhe dava maior consciência de classe. Pode-se admitir esse dado. Mas, a bem da verdade, devemos dizer que no local primitivo do nosso exército rebelde, composto pelos sobreviventes da coluna derrotada que fez a viagem de Granma, as raízes sociais e culturais do campesinato aí implantado são diferentes daquelas que se encontram nas zonas de grande cultura semimecanizada. Na Sierra Maestra, cenário da nossa primeira coluna revolucionária, refugiam-se todos os camponeses em luta contra o latifúndio. Vinham ali tentar criar suas próprias riquezas, ocupando um pedaço de terra pertencente ao Estado ou a algum latifundiário. Isso os obrigava a estar em luta contínua contra a ação dos soldados, eternos aliados do poder latifundiário, e seu horizonte se limitava à posse do título de propriedade. Concretamente, o soldado que integrava o nosso primeiro exército guerrilheiro de tipo camponês, provém desta classe social que mais agressivamente demonstra seu amor pela terra e pela sua posse, ou seja, que mais claramente demonstra o que podemos chamar de espírito pequeno-burguês; o camponês luta porque quer terra para si mesmo e para seus filhos, para administrá-la, vendê-la e enriquecer-se com seu próprio trabalho.

Apesar desse espírito pequeno-burguês, o camponês aprende depressa que não pode satisfazer seu afã de possuir a terra sem quebrar o sistema da propriedade latifundiária. A reforma agrária radical, a única que pode efetivamente dar terra aos camponeses, confronta-se com os interesses dos imperialistas, latifundiários e magnatas do açúcar ou do gado. Se a burguesia tem medo de chocar-se com estes interesses, não é o caso do proletariado. Desse modo, o próprio processo revolucionário une operários e camponeses. Os operários apóiam a luta contra o latifúndio. O camponês pobre beneficiado com a posse da terra apóia

lealmente o poder revolucionário e o defende frente aos inimigos imperialistas e contra-revolucionários.

Pensamos não existir nenhum outro fator excepcional. Após termos ido bastante longe na listagem destes fatores, veremos agora quais são as raízes permanentes de todos os fenômenos sociais na América, as contradições desenvolvidas no interior das sociedades atuais e que provocam mudanças que podem atingir a amplitude de uma revolução como a cubana.

Em primeiro lugar, numa ordem cronológica e não de importância no momento atual, figura o latifúndio. Ele foi a base do poder econômico da classe dominante durante todo o período que sucedeu à grande revolução anticolonialista do século passado. Mas esta classe social latifundiária, que existe em todos os países, está geralmente a reboque de todos os grandes acontecimentos sociais que abalam o mundo. Alguns deles, entretanto, mais vivos e esclarecidos, têm a capacidade de prever o perigo e modificam a forma de investimentos de seus capitais, chegam às vezes a mecanizar a produção agrícola, transferem parte de seus lucros para a indústria e passam a transformar-se em agentes comerciais do monopólio. Mas, de qualquer maneira, a primeira revolução libertadora nunca chegou a destruir as bases do latifúndio, que, agindo sempre de forma reacionária, mantinha o princípio de servidão sobre a terra. Esse é um fenômeno comum a todos os países da América e a base para todas as injustiças cometidas ao longo da história, desde a época em que o rei da Espanha distribuía generosamente enormes extensões de terra aos "nobres" conquistadores, deixando, no caso cubano, para os nativos, crioulos e mestiços apenas "os realengos", ou seja, a superfície de terra compreendida entre três grandes propriedades circulares e limítrofes.

Na maioria dos países, o latifundiário compreendeu logo que não poderia sobreviver isolado e rapidamente se fez aliado dos grandes monopólios, ou seja, do mais forte e duro opressor dos povos americanos. Os capitais norte-americanos investidos nessas terras virgens, fecundando-as, aumentaram rapidamente. E os capitalistas conseguiram fazer sair desses países divisas que rapidamente compensaram o investimento inicial e proporcionaram altos lucros.

Os vários conflitos ocorridos na América, como a "guerra" entre Costa Rica e Nicarágua; a segregação do Panamá; a infâmia cometida contra o Equador em sua luta contra o Peru; a luta entre Paraguai e Bolívia, são apenas reflexos da gigantesca batalha entre os grandes

consórcios monopolistas do mundo. E nessa batalha está claro que quem vence sempre, desde a Segunda Guerra Mundial, eram os monopólios norte-americanos. A partir desse momento a preocupação do império foi expandir-se cada vez mais e de estruturar-se da melhor forma possível a fim de evitar maior penetração de países imperialistas competidores. Como consequência, temos uma economia monstruosamente distorcida, que foi descrita pelos pudorosos economistas imperialistas por uma palavra suave que demonstra perfeitamente a profunda piedade que têm por nós, os seres inferiores da América, os "subdesenvolvidos" (da mesma maneira, chamam de "indiozinho" nossos índios explorados, maltratados e reduzidos à ignorância, ou "de cor" todos os homens de raça negra ou mulatos desprezados e pisoteados; fazem deles, indivíduos ou classes, instrumentos para dividir as massas trabalhadoras em sua luta por melhores destinos econômicos).

O que é o subdesenvolvimento?

Um anão de cabeça enorme e tórax potente é "subdesenvolvido" na medida em que suas pernas fracas e seus braços curtos não combinam com o resto de sua anatomia. Ele é o resultado de uma malformação que impediu seu desenvolvimento. É o que somos nós, na realidade chamados suavemente de "subdesenvolvidos", países coloniais, semi-coloniais ou dependentes. Somos países cujo desenvolvimento foi distorcido pela ação imperialista, que desenvolveu normalmente os setores industriais ou agrícolas em função das necessidades de complementar suas próprias economias complexas. O subdesenvolvimento ou desenvolvimento distorcido provém da excessiva especialização em matérias-primas, que permite manter nossos povos sob a ameaça constante da fome. Nós, os subdesenvolvidos, somos os países da monocultura, do monoproduto e do monomercado. Um produto único cuja venda incerta depende de um único mercado que impõe e decide das condições, eis a grande fórmula de dominação econômica imperialista que se apóia no velho e eternamente jovem lema romano: "dividir para reinar".

O latifúndio e sua relação com o imperialismo determina por completo o chamado "subdesenvolvimento", gerando os baixos salários e o desemprego. O fenômeno dos baixos salários e desemprego é um círculo vicioso que provoca salários cada vez mais baixos e taxas de desemprego cada vez mais altas, na medida em que se agudizam as grandes condições do sistema e, constantemente à mercê das flutuações da economia, criam o grande denominador comum a todos os países da América desde o Rio Bravo até o Pólo Sul. Este denominador comum, que escreveremos

em maiúsculas, ponto de partida para todos os que pensam os problemas sociais, chama-se FOME DO POVO, cansaço de estar sendo oprimido, pisoteado e explorado ao máximo, cansaço por estar vendendo a cada dia e por preço miserável sua força de trabalho (diante da ameaça de vir a engrossar a enorme massa dos desempregados), para que se extraia o máximo proveito de cada corpo humano, logo gasto nas orgias dos donos do capital.

Pudemos, pois, verificar a existência de grandes e iniludíveis denominadores comuns à América Latina, e nós não escapamos a nenhum deles, os quais, interligados, geram o mais terrível dentre eles: a fome do povo. O latifúndio, seja como forma de exploração primitiva, seja como expressão do monopólio capitalista da terra, adapta-se às novas condições aliando-se ao imperialismo — forma de exploração do capital financeiro e monopolista que ultrapassa as fronteiras nacionais — para gerar o colonialismo econômico chamado de "subdesenvolvimento" por eufemismo. As consequências são os baixos salários, o subemprego, o desemprego e a fome dos povos. Tudo isso existe em Cuba. Aqui também havia fome, havia uma das taxas de desemprego mais elevadas de toda a América Latina: aqui o imperialismo era mais feroz do que em muitos países da América Latina e aqui também o latifúndio existia com tanta força como em qualquer outro país irmão.

Que fizemos para nos livrar do potente sistema imperialista e do seu séquito de governos fantoches, com seus exércitos mercenários a serviço do complexo sistema social baseado na exploração do homem pelo homem? Aplicamos algumas fórmulas empíricas que rapidamente se enquadraram nas explicações da verdade científica.

As condições objetivas para a luta eram dadas pela fome do povo e pela sua reação a esta fome, que gerava o terror, e a onda de ódio desencadeada pela reação para silenciar a revolta. Faltavam na América as condições subjetivas e, entre elas, a mais importante, que é a consciência da possibilidade de vitória através da violência contra os poderes imperialistas e seus aliados internos. Estas condições se criam pela luta armada, que torna mais clara a necessidade de mudanças (e permite prevê-las), e pela derrota do exército pelas forças populares e seu futuro aniquilamento (*condição indispensável a toda verdadeira revolução*).

Assinalando que as condições se completam mediante o exercício da luta armada, teremos que explicar de novo que o cenário desta luta deve ser o campo. Partindo do campo, o exército camponês, que luta

pelos grandes objetivos porque deve lutar o campesinato (o primeiro dos quais é a justa repartição das terras), tomará as cidades.

Com a base ideológica da classe operária, cujos grandes pensadores descobriram as leis sociais que nos regem, a classe camponesa da América formará o grande exército libertador do futuro, como o fez em Cuba. Partindo do campo, onde amadurecem as condições subjetivas para a tomada do poder, ele conquista de fora as cidades, une-se à classe operária e, aumentando sua riqueza ideológica com esses novos aportes, pode e deve derrotar o exército opressor. No começo será uma luta de combates relâmpagos, armadilhas, escaramuças, mas quando esse exército tiver passado de sua condição de guerrilha para alcançar a de um grande exército popular de libertação se travarão as grandes batalhas finais. A liquidação do antigo exército representa a consolidação do poder revolucionário, como foi dito anteriormente.

Estas condições poderiam se dar em outros países da América Latina em sua luta pela emancipação? É possível ou não? Se é possível, será mais fácil ou mais difícil que em Cuba?

Vamos explicar quais são as dificuldades que, a nosso ver, tornarão mais difíceis as novas lutas revolucionárias da América. Existem dificuldades de ordem geral comuns a todos os países e outras mais específicas, que refletem o grau de desenvolvimento e as peculiaridades nacionais que diferenciam um país do outro. No início deste trabalho dissemos que se poderia considerar como fator de exceção a atitude do imperialismo desorientado frente à revolução cubana e até mesmo a atitude da burguesia nacional, que chegou até a olhar com certa simpatia a ação dos rebeldes por causa das pressões que sofria de parte do imperialismo (esta última situação é, por sinal, comum a todos os nossos países). A experiência de Cuba dividiu de novo as águas; de um lado os que querem o bem do povo e, do outro, os que o odeiam. Cada uma das forças sociais situadas de cada lado desta linha, a burguesia de um lado e a classe trabalhadora do outro, demarcaram mais nitidamente suas respectivas posições no decorrer do processo revolucionário.

Isso significa que o imperialismo aprendeu com a lição de Cuba e não será mais surpreendido em nenhuma das nossas repúblicas, em nenhuma colônia ainda existente, em nenhuma parte da América. Quer dizer que aqueles que querem perturbar a paz dos cemitérios deverão enfrentar poderosos exércitos de invasão. Esse dado é importante porque, se para Cuba foram necessários dois longos anos de combate

contínuo, de inquietação e instabilidade, para os outros países da América Latina as lutas serão ainda mais duras.

Os Estados Unidos garantem armamento para os governos fantoches na hora em que se vêem ameaçados e, para isso, assinam com eles pactos de dependência que justificam juridicamente o envio de instrumentos de repressão e morte, e incentivam a preparação militar dos quadros dos exércitos repressivos, para que possam cumprir melhor sua tarefa de esmagar o povo.

Dentro desse quadro, como se situará a burguesia? Em muitos países existem contradições objetivas entre as burguesias nacionais e o imperialismo, que inunda os mercados internos com seus produtos mais competitivos, impedindo o desenvolvimento desse setor burguês. Lutas contínuas travam-se entre o imperialismo e as burguesias nacionais na disputa de riquezas e de mais-valia.

Apesar dessas contradições, as burguesias nacionais, de modo geral, são incapazes de travar uma luta conseqüente frente ao imperialismo.

Demonstram temer mais a revolução popular do que os sofrimentos que lhes são causados pela opressão e o domínio despótico do imperialismo, que esmaga as nacionalidades e coloniza a economia.

Quanto à grande burguesia, ela não hesita em enfrentar abertamente a revolução e em aliar-se ao imperialismo e aos latifundiários para combater o povo e impedir seu avanço revolucionário.

Um imperialismo desesperado e histérico, decidido a utilizar todo tipo de manobra, a enviar armas e até mesmo tropas para ajudar seus governantes fantoches a aniquilar qualquer levante popular; um latifúndio feroz, sem escrúpulos e mestre na utilização das formas mais brutais de repressão, e uma grande burguesia disposta a utilizar qualquer meio para impedir o avanço revolucionário; essas são as grandes forças aliadas entre si para opor-se diretamente às novas revoluções populares da América Latina.

Estas são as novas dificuldades objetivas que se somam às citadas anteriormente e que são inerentes a esse tipo de lutas que as revoluções na América Latina terão que enfrentar para conseguir realizar-se.

Existem outras dificuldades mais específicas. Os países nos quais existem altas concentrações populacionais em grandes centros, devido a um processo inicial de industrialização, têm mais dificuldades em preparar

a guerrilha. A influência ideológica dos centros urbanos inibe a luta guerrilheira e incentiva as lutas de massas organizadas pacificamente.

Esta concepção gera uma visão de "institucionalidade" quando, em períodos mais ou menos "normais", as condições são menos duras do que as que se dão habitualmente aos povos. Chega-se inclusive a conceber a idéia de possíveis aumentos quantitativos de representantes revolucionários no parlamento, até o dia em que esse crescimento quantitativo permita uma mudança qualitativa.

Não acreditamos que essa via possa realizar-se em qualquer país da América Latina nas condições atuais. Sem descartar a possibilidade de que em algum país a mudança se inicia pela via eleitoral, as condições objetivas desses países tornam muito remota tal possibilidade.

Os revolucionários não podem prever de antemão todas as variantes táticas a serem utilizadas no processo de sua luta por um programa libertador. A qualidade de um revolucionário se mede por sua capacidade em encontrar táticas adequadas a cada mudança de situação, em ter sempre em mente as diversas táticas possíveis e em explorá-las ao máximo. Seria um erro imperdoável descartar por princípio a participação em algum processo eleitoral. Em determinado momento ele pode significar um avanço do programa revolucionário. Mas seria imperdoável também limitar-se a esta tática sem utilizar outros meios de luta, inclusive a luta armada como instrumento indispensável para aplicar e desenvolver o programa revolucionário. Sem essa condição, todas as conquistas são insuficientes e incapazes de dar as soluções necessárias, por mais avançadas que possam parecer.

Quando se fala em alcançar o poder pela via eleitoral, nossa pergunta é sempre a mesma: se um movimento popular ocupa o governo de um país sustentado por ampla votação popular e resolve em consequência iniciar as grandes transformações sociais que constituem o programa pelo qual se elegeu, não entrará imediatamente em choque com os interesses das classes reacionárias desse país? O exército não tem sido sempre o instrumento de opressão a serviço destas classes? Não será então lógico imaginar que o exército tomará partido por sua classe e entrará em conflito com o governo eleito? Em consequência, o governo pode ser derrubado por meio de um golpe de estado e aí recomeça de novo a velha história; ou, outra solução, é que o exército opressor seja derrubado pela ação popular armada em defesa de seu governo.

O que nos parece difícil é que as forças armadas aceitem de bom grado reformas sociais profundas e se resignem pacificamente a desaparecer enquanto casta.

A nosso ver, tratando-se dos centros urbanos, até mesmo nos casos de atraso econômico, é aconselhável desenvolver a luta fora dos limites da cidade e com características de longo prazo. A presença de um foco guerrilheiro em alguma montanha, num país onde se encontram grandes centros urbanos, permite manter sempre aceso o foco de rebelião, pois é muito difícil para a repressão acabar a curto ou longo prazo com guerrilhas que contam com bases sociais, se situem em terreno favorável para a luta guerrilheira e cujos componentes empreguem conseqüentemente a tática e a estratégia próprias para este tipo de guerra.

Nas cidades seria muito diferente: a luta contra o exército repressivo pode desenvolver-se ao extremo, mas só poderá se dar frontalmente quando existir um poderoso exército capaz de lutar contra o outro. Não se pode iniciar uma luta frontal contra um exército poderoso e muito bem armado quando se conta com pequeno grupo.

O confronto direto só poderá acontecer quando se possuírem muitas armas. Mas como consegui-las? Elas não existem em qualquer canto, têm que ser tomadas dos inimigos e, para isso, tem-se que lutar, mas não frontalmente. Por isso a luta nas grandes cidades deve iniciar-se de modo clandestino, com o objetivo de capturar grupos militares ou de tomar armas, uma após outra, em assaltos sucessivos.

Esse procedimento pode chegar até um ponto muito avançado e não nos ocorreria negar a possibilidade de êxito de uma rebelião popular com base guerrilheira no interior da cidade. Ninguém pode chegar a essa conclusão teoricamente e não é a nossa intenção. Cabe-nos apenas ressaltar como seria fácil, neste terreno, eliminar os chefes da revolução. Eles estariam à mercê de uma delação ou das buscas sucessivas da repressão. Em vez disso, ainda considerando que se efetuem na cidade todas as manobras possíveis, que se recorra à sabotagem organizada, que se desenvolva esta forma particularmente eficaz da guerrilha que é a guerrilha suburbana, mas mantendo o núcleo da guerrilha em terrenos favoráveis à luta guerrilheira. Mesmo que o poder opressor derrote e aniquile todas as forças populares da cidade, o poder político revolucionário permanece intacto, por se encontrar relativamente a salvo das contingências da guerra. Quando dissemos *relativamente a salvo é porque não se trata de ele se situar fora da guerra, nem de dirigi-la a partir*

de outro país ou de lugares distantes; ele deve estar junto com seu povo, lutando. É por isso que, mesmo levando em consideração países em que o predomínio urbano é muito grande, continuamos achando que o foco central político de luta deve desenvolver-se no campo.

No caso de estarmos contando com células militares que nos ajudem a tomar o poder e nos forneçam armas, existem dois problemas a serem analisados: um primeiro caso seria se parte desse exército se une efetivamente às forças revolucionárias considerando-se, enquanto núcleo organizado, com autonomia de decisão; neste caso uma parte do exército daria um golpe dirigido contra a outra parte, mas se manteria intacta a estrutura de casta do exército. O outro caso no qual o exército se uniria de forma espontânea e massiva às forças revolucionárias só pode existir, a meu ver, depois de esse mesmo exército ter sido derrotado violentamente por um inimigo poderoso e persistente, ou seja, no momento de derrubada iminente do poder constituído. Quando o exército está derrotado e desmoralizado, este fenômeno pode ocorrer, mas para isso os combates anteriores são necessários. E voltamos ao ponto inicial, que é de saber como se realizam esses combates. A resposta está no desenvolvimento da luta em terreno favorável, apoiada pela luta nas cidades e contando sempre com a mais ampla participação possível das massas trabalhadoras, guiadas evidentemente pela sua ideologia.

Já analisamos o suficiente as dificuldades que teriam que enfrentar os movimentos revolucionários da América Latina e agora temos que nos perguntar se existem ou não dificuldades na etapa anterior, a de Fidel Castro na Sierra Maestra.

Aqui também pensamos que existem condições gerais que facilitam a deflagração de focos de rebelião e condições específicas de alguns países que os facilitam ainda mais. Devemos destacar dois fatores objetivos, que são duas das consequências mais importantes da revolução cubana: a primeira é a consciência da possibilidade de vitória, como o mostrou aquele grupo ao longo de seus dois anos de luta na Sierra Maestra. Demonstraram que se pode realizar um movimento revolucionário que atue desde o campo, que se ligue às massas camponesas, que se desenvolva, que destrua o exército num enfrentamento direto, que ocupe as cidades a partir do campo e que reforce e amplie, através das lutas, as condições subjetivas necessárias à tomada do poder.

Esse fato é tão importante que fez surgir quantidade incrível de "excepcionalistas" nesses momentos. Eles são esses seres especiais que pensam que a revolução cubana é um acontecimento único e sem possi-

bilidade de acontecer novamente em qualquer outra parte do mundo, dirigida por um homem que cometeu erros ou não, conforme o excepcionalista se situar à direita ou à esquerda, mas que, de qualquer modo, conduziu a revolução por caminhos que se abriram para deixar passar somente e exclusivamente a revolução cubana. Nada mais errado. A possibilidade de triunfo das massas populares da América Latina está ligada à existência de um exército camponês, à aliança dos operários e camponeses, à derrota do exército através do enfrentamento direto, à tomada da cidade a partir do campo e à dissolução do exército como primeira etapa da ruptura total da superestrutura do mundo colonialista anterior.

O segundo fator subjetivo é que as massas, além de saberem das possibilidades de triunfo, conhecem agora seu destino. Têm cada vez maior certeza de que quaisquer que sejam as tribulações da história por momentos curtos, o futuro pertence ao povo, porque o futuro pertence à justiça social. Esta convicção ajudará a levantar, ainda mais do que agora, o fermento revolucionário da América Latina.

Podemos citar ainda alguns fatores menos genéricos e que variam de país para país. Um deles é que há mais exploração camponesa em todos os países da América do que houve em Cuba. Devemos recordar àqueles que querem ver no período insurrecional o papel da proletarização do campo, que, a nosso ver, a proletarianização do campo serviu para acelerar consideravelmente a etapa de cooperativização no momento imediatamente posterior à tomada do poder e à reforma agrária. Mas, no primeiro momento, o campesinato, centro e medula do nosso exército rebelde, é o mesmo que está hoje na Sierra Maestra, orgulhoso dono de sua parcela de terra e individualista intransigente. Claro que existem particularidades: um camponês argentino não tem a mesma mentalidade que um camponês comunal do Peru, Bolívia ou Equador, mas a fome pela terra está sempre presente em todo o campesinato da América Latina. Pelo fato de o camponês ser ainda mais explorado em outros países do que foi em Cuba, as possibilidades de esta classe se levantar em armas são acentuadas.

Existe outro fator que diferencia o exército cubano do dos outros países americanos. É que o exército de Batista, apesar de seus enormes defeitos, era estruturado de tal forma que todos, desde o soldado raso até o general mais graduado, eram cúmplices da exploração do povo. Eram exércitos mercenários completos, o que dava certa coesão ao aparato repressivo. A maioria dos exércitos da América Latina contam

com uma oficialidade profissional e recrutamentos periódicos nos escalões inferiores. Cada ano novos recrutas engrossam as fileiras do exército. São, na maioria dos casos, jovens de famílias pobres em contato direto com a miséria e a injustiça social. Se algum dia são enviados como carne de canhão para lutar contra uma doutrina que sentem instintivamente como justa, sua capacidade agressiva estará profundamente abalada. Com um bom esquema de divulgação, mostrando a justeza e as razões da luta, conseguir-se-ão resultados ainda melhores.

Podemos dizer, após este estudo sumário do acontecimento revolucionário, que a revolução cubana é marcada por fatos excepcionais que lhe dão sua peculiaridade e por outros comuns a todos os povos da América, que expressam a necessidade interior dessa revolução. Vimos também que existem novas condições que tornam mais fácil o despertar dos movimentos revolucionários: a consciência que as massas têm do seu próprio destino; a consciência da necessidade e a certeza da possibilidade. Outras condições dificultam o acesso rápido das massas ao poder: a aliança estreita entre o imperialismo e as burguesias latino-americanas para derrotar as forças populares. Dias sombrios esperam a América Latina, e as últimas declarações dos governantes norte-americanos parecem indicar que dias negros esperam o mundo: Lumumba selvagemmente assassinado aponta na grandeza do seu martírio os trágicos erros que não podem ser cometidos. Uma vez iniciada a luta antiimperialista, é indispensável ser conseqüente, golpear firme e onde dói mais, sem trégua, sem um só passo para trás. Sempre em frente, sempre contragolpeando, sempre respondendo a cada agressão com uma pressão ainda maior das massas populares. Eis o caminho da vitória.

Verificaremos em outra oportunidade se a revolução cubana, depois da tomada do poder, caminhou por estas novas vias revolucionárias com fatores de excepcionalidade ou se, também neste caso, seguiu fundamentalmente um caminho lógico decorrente das leis fundamentais dos processos sociais, apesar de certas características especiais.

2. CRÍTICA DA VIA PACÍFICA *

Pode-se discutir longamente a questão de saber se a tática deve ser a ação guerrilheira ou se é possível realizar outras ações como eixo central da luta. Nossa convicção de que a ação guerrilheira deve ser o eixo central na América se baseia em dois argumentos:

Primeiro: se levarmos em consideração o fato de que o inimigo lutará para manter-se no poder, devemos pensar na destruição do exército opressor, e para isso opor-lhe um exército popular. Esse exército não nasce espontaneamente, deve armar-se com o material pertencente a seu inimigo, o que implica uma luta dura e permanente na qual as forças populares e seus dirigentes ficam expostos ao ataque de forças superiores sem terem condições razoáveis de defesa ou manobra. Em contrapartida, o núcleo guerrilheiro situado em terreno de luta favorável garante a segurança e a permanência do comando revolucionário, e as forças urbanas, dirigidas a partir do estado-maior do Exército do Povo, podem realizar ações de capital importância.

A eventual destruição dos grupos urbanos não implicaria a morte da alma da revolução: sua liderança, que, desde sua fortaleza rural, continuará catalisando o espírito revolucionário das massas e organizando novas forças para outras batalhas.

* Reproduzido de GUEVARA, E. Tática y estrategia de la revolución latinoamericana. In: *Obras*, t. 2, p. 503-5.

Segundo: o caráter continental da luta. Poder-se-ia conceber esta nova etapa da emancipação de América como o confronto de duas forças sociais lutando pelo poder num território dado? Evidentemente não. A luta causaria a morte de todas as forças populares e de todas as forças repressivas. Os ianques intervirão por solidariedade de interesses e porque a luta na América é decisiva. Eles o farão com todas as suas forças, castigarão as forças populares com todas as armas de destruição a seu alcance. Não deixarão que o poder revolucionário se consolide. E, se por acaso isso acontecer, voltarão a atacar, não o reconhecerão, tentarão dividir as forças revolucionárias, introduzindo todo tipo de sabotadores, e tentarão afogar economicamente o novo Estado, aniquilá-lo em outras palavras.

Em função desse panorama, consideramos difícil que se chegue à vitória num só país. À união das forças repressivas, devemos responder com a união das forças populares. Em todos os países em que a situação de opressão chegar a um ponto insustentável, devemos erguer a bandeira da rebelião, e esta bandeira terá, por necessidade histórica, um caráter continental. A Cordilheira dos Andes se tornará a Sierra Maestra da América como disse Fidel, e todos os imensos territórios que compõem este continente serão o cenário da luta mortal contra o poder imperialista.

[Não podemos dizer quando esta luta adquirirá este caráter continental, nem quanto tempo durará, mas podemos prever seu advento, porque ela é filha de circunstâncias históricas, econômicas e políticas e por isso não poderá desviar-se do seu rumo.]

Em vez desta estratégia e desta tática continentais, lançam-se fórmulas limitadas: luta eleitoral sem grande peso, algum avanço eleitoral aqui, acolá, dois deputados, um senador, quatro prefeitos; uma grande manifestação popular dispersada a tiros; uma eleição que se perde com menos votos que a anterior; uma greve que se ganha, dez que se perdem; um passo à frente, dez atrás; uma vitória localizada aqui, dez derrotas lá. E de repente mudam as regras do jogo e tudo recomeça.

Por que tais atitudes? Por que essa dilapidação das energias populares? Por uma única razão. No seio das forças progressistas de alguns países da América, existe uma confusão terrível entre objetivos táticos e estratégicos. Temos que reconhecer a inteligência da reação, que conseguiu fazer destas posições ofensivas mínimas o objetivo fundamental de seu inimigo de classe.

Nos países onde esses erros tão graves são cometidos, o povo mobiliza suas legiões, ano após ano, para conquistas que lhe custam imensos

sacrifícios e que não têm o mínimo valor. São apenas pequenas colinas dominadas pelo fogo cerrado da artilharia inimiga. O nome delas são parlamento, legalidade, greve econômica legal, reivindicações por aumento salarial, constituição burguesa, libertação de algum herói popular. E o pior de tudo é que para ganhar estas posições têm que intervir no jogo político do Estado burguês e, para obter a autorização de entrar neste jogo perigoso, é preciso demonstrar que atuará dentro dos estritos limites da legalidade, que é bonzinho, que não representa perigo, que não passará pela cabeça de ninguém assaltar casernas ou trens, nem destruir pontes, nem punir os carrascos e os torturadores, nem ir até as montanhas e erguer com o punho forte e definitivo a única e violenta afirmação da América: a luta final por sua redenção.

3. ESSÊNCIA DA LUTA GUERRILHEIRA *

A vitória armada do povo cubano sobre a ditadura de Batista, além de representar o triunfo épico noticiado pela imprensa mundial, modificou os velhos dogmas a respeito do comportamento das massas populares da América Latina e demonstrou claramente a capacidade do povo para derrubar um governo opressor por meio da luta guerrilheira.

Consideramos que a revolução cubana ensinou três lições fundamentais para os movimentos revolucionários da América:

- 1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.
- 2) Nem sempre devemos esperar que todas as condições para a revolução estejam dadas: o foco insurrecional pode criá-las.
- 3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve situar-se fundamentalmente no campo.

Destas três lições, as duas primeiras contestam a atitude quietista de revolucionários ou pseudo-revolucionários, que justificam a si próprios e sua inatividade sob o pretexto de que não se pode fazer nada contra o exército profissional; outros ficam esperando sentados que, de forma mecânica, todas as condições objetivas e subjetivas estejam reunidas, sem preocupar-se em acelerá-las. Apesar dessas verdades esta-

rem claras hoje, já foram discutidas em Cuba e provavelmente devem sê-lo ainda na América.

Naturalmente não pensamos que todas as condições para a revolução são criadas somente pelo impulso que lhe é dado pelo foco guerrilheiro. Sempre teremos que verificar se existem condições mínimas para o estabelecimento e a consolidação do primeiro foco. Ou seja, é necessário demonstrar claramente diante do povo a impossibilidade de manter a luta por reivindicações sociais dentro do plano da luta institucional. A paz é rompida porque as forças opressoras se mantêm no poder contra o direito estabelecido.

Nestas condições, o descontentamento popular estrutura-se e desenvolve-se de modo cada vez mais afirmativo. No início, era apenas uma reação de resistência provocada pelas atitudes das autoridades, mas seu desenvolvimento vai gerar, num determinado momento, um núcleo de luta mais conseqüente.

Num país onde exista um governo eleito pelo voto popular — tenha ou não havido fraudes nas eleições — e que mantenha pelo menos a aparência de legalidade, o surgimento do foco guerrilheiro é impossível por não se terem esgotado todas as possibilidades da luta parlamentar.

A terceira lição diz respeito à estratégia e deve ser um alerta para aqueles que pretendem, com critérios dogmáticos, entrar a luta nas cidades, esquecendo totalmente a imensa participação dos moradores do campo na vida de todos os países da América Latina.

Isso não significa que desprezamos as lutas operárias organizadas. Simplesmente analisamos com critérios realistas seus limites em relação à luta armada, na qual as garantias constitucionais são suspensas ou ignoradas. Nestas condições, os movimentos operários devem passar para a clandestinidade, sem armas, na ilegalidade, e isso em condições altamente perigosas; a situação no campo é mais fácil quando se conta com o apoio dos habitantes e se dispõe de esconderijos fora do alcance da repressão.

Entraremos depois numa análise mais detalhada, mas desde já podemos destacar essas três conclusões tiradas da experiência revolucionária cubana, por considerá-las como nossa mais valiosa contribuição. A guerra de guerrilhas, base da luta do povo, possui características e facetas diversas no interior da vontade comum de libertação. É evidente — como o afirmaram os especialistas — que a guerra é regida por uma série de leis científicas e quem não as respeita está fadado ao fracasso.

* Reproduzido de GUEVARA, E. *Esencia de la lucha guerrillera*. In: *La guerra de guerrillas*. Obras. t. 1, p. 31-7.

A guerra de guerrilhas deve reger-se pelas mesmas leis; mas, pelo seu aspecto específico, há mais uma série de leis acessórias que devemos seguir para poder avançar. Claro que as características geográficas e sociais de cada país determinarão as formas particulares da guerrilha, mas suas leis essenciais continuam válidas para qualquer luta deste tipo.

Encontrar as bases em que se apóia este tipo de luta, as normas a serem seguidas pelos povos que buscam sua libertação; teorizar o acontecimento, estruturar e generalizar esta experiência para que outros possam apropriar-se dela, essa é a nossa tarefa atual.

O primeiro ponto é saber quem são os combatentes de uma guerra de guerrilha. Temos, de um lado, o núcleo opressor e seu agente, o exército profissional bem armado e disciplinado, que, em certos casos, pode contar com auxílio externo e com o de pequenos núcleos burocráticos a serviço do opressor. Do outro lado temos a população da nação ou região em questão. É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massa, é uma luta popular: a guerrilha, enquanto núcleo armado, é a vanguarda combatente do povo, sua grande força assentada na massa da população. Não se deve considerar a guerrilha como numericamente inferior ao exército contra o qual combate, mesmo se sua potência de fogo é inferior. Por isso temos que recorrer à guerra de guerrilha quando se tem o apoio majoritário da população e uma quantidade infinitamente menor de armas.

O guerrilheiro tem que contar com o apoio da população do local. É uma condição *sine qua non*. Isso fica claro se tomamos o exemplo de um grupo de bandoleiros que atuam em determinada região. Eles podem ter todas as características do exército guerrilheiro: homogeneidade, respeito ao chefe, coragem, conhecimento do terreno e até mesmo um certo conhecimento da tática a empregar. Mesmo assim são destinados ao fracasso e ao desaparecimento. Serão destruídos pela Força Pública, porque não contam com apoio do povo.

Após ter analisado o modo operacional da guerrilha, sua forma de luta, e compreendido que sua base de sustentação são as massas, resta-nos ainda perguntar — Por que luta o guerrilheiro? Temos que chegar à conclusão inevitável de que o guerrilheiro é um transformador social, que empunha as armas para juntar-se à cólera do povo contra seus opressores e que luta para mudar o regime social que mantém seus irmãos desarmados no opróbrio e na miséria. Ele ataca as instituições particulares de uma época dada para quebrar, com todo o vigor que as circunstâncias permitem, as estruturas destas instituições. Quando

analisarmos mais a fundo a tática da guerra de guerrilhas, veremos que o guerrilheiro deve conhecer perfeitamente o terreno, suas vias de acesso e de recuo, suas possibilidades de manobrar com rapidez; deve contar naturalmente com o apoio popular e com esconderijos seguros. Isso implica que o guerrilheiro desenvolva sua atividade em lugares agrestes e pouco povoados. Nestes lugares, a luta se inscreve dentro da perspectiva de mudança das estruturas sociais que determinam a posse da terra.

Por isso o guerrilheiro é antes de tudo um revolucionário agrário. Ele interpreta as aspirações da grande massa dos camponeses de ser dono da terra, de seus meios de produção, de seus animais, de tudo que desejou durante anos, daquilo que constitui sua vida e constitui também seu túmulo.

Para efeito de análise, temos que precisar que existem dois tipos diferentes de guerrilha. Um deles — que não nos interessa no caso — é a guerrilha enquanto forma complementar dos grandes exércitos regulares, como é o caso das guerrilhas ucranianas na União Soviética.

Consideraremos apenas o caso de um grupo armado que, crescendo na luta contra o poder vigente, seja ele colonial ou não, se estabelece como base única e se expande no meio rural. Em todos estes casos, qualquer que seja a base ideológica da luta, a base econômica está dada pela aspiração à posse da terra.

A China de Mao tem sua origem na luta dos núcleos operários do sul, que são derrotados e quase aniquilados. Eles se estabilizam e se desenvolvem somente quando, após a grande marcha do Yenan, se estabelecem em territórios rurais e escolhem, como base de reivindicações, a reforma agrária. A luta de Ho Chi Minh, na Indochina, é baseada nos camponeses dos arrozais, oprimidos pelo jugo colonial francês, e é com essa força que os colonialistas serão derrotados.

Em ambos os casos existe um parêntese de guerra patriótica contra o invasor japonês, mas, mesmo nesse caso, a base econômica da luta pela terra continua presente. No caso da Argélia, a base econômica do nacionalismo árabe está no fato de que quase a totalidade das terras cultiváveis estava em poder de um milhão de colonos franceses. Em outros países, como Porto Rico, onde as condições particulares da ilha não permitiram o surgimento da guerrilha, o nacionalismo ferido profundamente pela discriminação quotidiana tem como base a aspiração do campesinato (embora muitas vezes proletarizado) à terra que lhe foi arrancada pelo invasor ianque. Foi esta mesma idéia central que animava

— em graus mais ou menos diferentes — os pequenos proprietários, camponeses e escravos das fazendas orientais de Cuba, que se juntaram para defender o direito à posse da terra durante a guerra de libertação dos anos 30.

Apesar das características que fazem dela um tipo específico de guerra, e considerando suas possibilidades de desenvolvimento conforme o aumento da potencialidade do núcleo inicial em uma guerra de posições, pode-se dizer que a guerra de guerrilha é um embrião, um projeto de guerra de posições.

Para que a guerrilha cresça até tomar essa nova característica, transformando-se em guerra convencional, é necessário que não se perca nenhuma batalha, nenhum combate, nenhuma escaramuça, que se lance contra o inimigo. O princípio fundamental é que não se deve travar nenhuma batalha se não for para ganhar. Existe uma definição anti-pática, que afirma: "O guerrilheiro é o jesuíta da guerra", expressando as características essenciais à guerrilha: surpresa, perfídia e ação noturna. Trata-se, é claro, de um jesuitismo particular, forçado pelas circunstâncias a adotar em alguns momentos comportamentos diferentes das concepções românticas e desportivas com as quais querem fazer-nos acreditar que se pratica a guerra.

A guerra é sempre uma luta na qual cada adversário tenta eliminar o outro. Para isso se recorre a todas as artimanhas e truques possíveis além da força. A estratégia e as táticas militares de um determinado grupo são a ilustração dos objetivos e da maneira de concretizá-los, levando em consideração os pontos fracos do adversário. Se detalharmos uma guerra de posição, podemos observar que a ação de cada pelotão de um exército se assemelha, no que diz respeito à luta individual, às características da guerrilha: ação noturna, perfídia, efeito de surpresa.

Quando esses recursos não são utilizados é porque não se conseguiu surpreender a vigilância do inimigo. Mas, como a guerrilha é um grupo armado e como existem grandes zonas de terreno fora do controle do exército, sempre se pode realizar estas tarefas de maneira a surpreender o inimigo e é dever do guerrilheiro fazê-lo.

"Morde e fuge", assim é definida pejorativamente a ação do guerrilheiro, e está certo. Morde e fuge, espera, espreita, volta a morder e fuge novamente, e isso sem trégua, sem deixar o inimigo descansar. Nesse modo de agir, pode parecer que há uma atitude negativa. Mas esta atitude de retirada, de não travar combates frontais, é resultado da

estratégia geral da guerra de guerrilhas, cujo objetivo final é o mesmo que o de qualquer outra guerra: triunfar e aniquilar o inimigo.

É necessário deixar bem claro que a guerra de guerrilha é apenas uma fase da guerra e que ela em si não tem possibilidade de triunfar. É uma das fases primárias da guerra. A guerrilha deve desenvolver-se e crescer até que o exército guerrilheiro tenha as mesmas características de um exército regular. É neste momento que o inimigo será golpeado definitivamente e que a vitória será possível. A vitória será sempre de um exército regular, mesmo que suas origens sejam as de um exército guerrilheiro.

Da mesma maneira que, numa guerra moderna, um general não deve morrer à frente de suas tropas, o guerrilheiro, general de si mesmo, não deve morrer em cada batalha; ele está disposto a dar sua vida mas, justamente, a qualidade positiva desta guerra de guerrilha é que cada um dos guerrilheiros está disposto a morrer não para defender um ideal, mas para transformá-lo em realidade.

Esta é a base, a essência da luta de guerrilhas: o milagre pelo qual um pequeno grupo de homens, vanguarda armada de todo o povo que os apóia, vendo mais longe do que os objetivos táticos imediatos, está decidido a realizar um ideal, a estabelecer uma sociedade nova, a quebrar a estrutura da antiga sociedade, a estabelecer uma nova, a conseguir, enfim, a justiça social pela qual luta.

Deste ponto de vista, as expressões e palavras pejorativas adquirem seu verdadeiro significado e são justificadas em função da grandeza do objetivo a ser atingido, e não se fala de meios tortos para chegar ao fim; a atitude de luta, essa atitude que não pode esmorecer em nenhum momento, esta inflexibilidade face aos grandes problemas do objetivo final, é também a grandeza do guerrilheiro.

II. A GUERRILHA, O CAMPESINATO E O POVO

4. INÍCIO, DESENVOLVIMENTO E FIM DA GUERRA DE GUERRILHAS *

Já definimos suficientemente o que é uma guerra de guerrilhas. Vamos então relatar seu desenvolvimento ideal desde o nascimento de um núcleo único situado em terreno favorável.

Ou seja, vamos novamente teorizar sobre a experiência cubana. No início trata-se de um grupo mais ou menos armado, mais ou menos homogêneo, cuja atividade principal e quase exclusiva é esconder-se em lugares agrestes, de difícil acesso, mantendo contatos escassos com os camponeses da região. Consegue-se uma ação vitoriosa e sua fama cresce, atraindo para suas fileiras camponeses desapropriados ou em luta para conservar suas terras e jovens idealistas de outras classes: vai adquirindo maior audácia para penetrar em lugares povoados, e maior contato com os habitantes da região; trava alguns combates, fugindo sempre depois do ataque; consegue enfrentar colunas inimigas e destruir seu comando; continua incorporando homens, aumenta o número dos combatentes, mas sua organização permanece sempre idêntica, com a diferença que diminuem as precauções e que se avança sempre mais em zonas mais povoadas.

Mais tarde estabelece acampamentos provisórios, durante alguns dias, que são abandonados quando se tem notícia da proximidade do

* Reproduzido de GUEVARA, E. Principio, desarrollo y fin de una guerra de guerrillas. In: *La guerra de guerrillas. Obras*, t. 1, p. 92-4.

exército inimigo ou quando bombardeados ou quando se tem uma simples suspeita de que isso possa ocorrer. O aumento numérico continua juntamente com o trabalho de massas, que transforma o camponês em um adepto entusiasmado da guerra de libertação. Finalmente, escolhe-se um lugar inacessível, inicia-se a vida sedentária com o surgimento das primeiras pequenas manufaturas: sapataria, fábrica de tabacos e cigarros, oficina, fabricação e depósito de armas, padaria, hospitais, rádio quando tem, tipografia, etc.

Nesse momento a guerrilha já tem uma organização e uma estrutura nova. Está na cabeça de um amplo movimento com todas as características de um governo em miniatura. Estabelece-se a auditoria para a administração da justiça, elaboram-se leis, quando é possível, e continua o trabalho de conscientização das massas camponesas e proletárias, quando existirem por perto, para atraí-las à causa. Com o desbaratamento de uma ofensiva inimiga, aumenta-se o número de fuzis e, em consequência, o número de homens para a guerrilha. Num determinado momento, o raio de ação da guerrilha não aumenta proporcionalmente ao número de homens e então se destaca um pelotão ou uma coluna para instalar-se em outro local de combate. A importância numérica dessa força dependerá da necessidade da luta.

Nesse novo local começará um trabalho com características um pouco diferentes, pelas experiências anteriores e pela permeabilização das zonas de guerra pelas tropas de libertação. Enquanto isso, o núcleo central continua aumentando, já recebeu contribuições importantes de vários lugares afastados, em alimentos e algumas vezes em armas. O número de combatentes continua aumentando; prossegue-se com as escolas de doutrinação e treinamento dos recrutas. Os chefes aperfeiçoam seu aprendizado com o desenvolvimento da guerra e sua capacidade de comando cresce com as responsabilidades cada vez maiores, devido ao aumento quantitativo e qualitativo das forças.

O ciclo continua quando se mandam novos grupos para territórios afastados, e a luta que se inicia aí é enriquecida de toda a experiência anterior.

Mas existe também um território inimigo desfavorável à guerrilha. Aí atuam grupos pequenos que assaltam as estradas, destroem pontes, colocam minas e semeiam a inquietação. Com os vaivéns próprios da guerra, o movimento continua aumentando. O grande trabalho de massas já existente permite maior mobilidade das forças em terreno desfavorável

e é nesse ponto que começa a última etapa da guerra, que é a guerrilha suburbana.

A sabotagem aumenta consideravelmente em toda a região, que fica paralisada e é conquistada. Passa-se para outras zonas, enfrenta-se o exército inimigo em frentes definidas; já se conquistaram armamentos pesados (até mesmo tanques) e a luta é de igual para igual. O inimigo cai quando o processo de vitórias parciais se transforma em vitórias finais, ou seja, quando ele é obrigado a aceitar a batalha nas condições impostas pelo bando de guerrilheiros; aí ele é aniquilado e se rende.

Este é um esboço que descreve as diferentes etapas da guerra de libertação cubana, mas que possui um caráter relativamente universal. Mas nem sempre se dão as condições favoráveis, a aproximação com o povo e o surgimento de um líder, como foi o caso na nossa guerra. Não é necessário dizer que Fidel Castro reúne em si as altas qualidades de combatente e estadista e à sua visão devemos nossa viagem, nossa luta e nossa vitória. Não podemos dizer que sem ele não teria havido vitória do povo, mas, sim, estamos certos de que esta vitória teria custado muito mais e teria sido menos completa.

5. GUERRA E CAMPESINATO *

Viver permanentemente em estado de guerra gera na consciência do povo uma atitude mental para adaptar-se a esse fato novo. Para poder resistir à amarga experiência que ameaça sua tranquilidade, o indivíduo passa por um longo e doloroso processo de adaptação. A Sierra Maestra e outras novas zonas liberadas tiveram que passar também por esta amarga experiência.

O colono, vindo de longínquas regiões com ânsia de libertação, havia se curvado sobre as terras novas donde tirava seu sustento. Com mil sacrifícios, conseguiu fazer nascer os cafeeiros nas escarpas áridas, difíceis de serem fecundadas.

Tudo isso com seu próprio suor, respondendo ao desejo secular do homem em ser dono de seu pedaço de terra, trabalhando com amor infinito esse quinhão hostil, que tratava como uma parte de si mesmo. De repente, quando os cafeeiros começavam a florescer, com o grão que era sua esperança, aparecia um novo dono dessas terras. Era uma companhia estrangeira; um geófago local ou algum especulador inventava uma dívida necessária. Os caciques políticos, os funcionários, trabalhavam para a companhia ou os próprios geófagos, prendendo ou assassinando qualquer camponês por demais rebelde à autoridade. É esse

* Reproduzido de GUEVARA, E. Guerra y población campesina. In: *Obras*. t. 1, p. 157-60.

panorama de fracasso e desolação que encontramos em Alegria de Pío e que unimos à nossa derrota, fruto de nossa inexperiência (foi nosso único revés ao longo desta campanha, nossa mais cruel lição de luta guerrilheira). O camponês viu naqueles homens fracos, cuja barba, agora lendária, começava a crescer, um companheiro de infortúnio, um novo perseguido pelas forças repressivas, e ele nos deu sua ajuda espontânea e desinteressada, sem esperar nada dos vencidos. O tempo foi passando e nossa pequena tropa de soldados já experientes triunfou em La Plata e Palma Mocha. O regime reagiu com toda a brutalidade e assassinou em massa os camponeses. O terror desencadeou-se sobre os vales agrestes da Sierra Maestra e os camponeses retiraram sua ajuda; criou-se uma barreira de desconfiança recíproca entre eles e os guerrilheiros. Os primeiros, por medo de represálias, os segundos porque temiam a delação por parte dos temerosos. Nossa política, no entanto, foi justa e compreensiva e pouco a pouco a população iniciou sua reaproximação à nossa causa.

A ditadura, no seu desespero e no seu crime, ordenou a reconcentração de milhares de famílias camponesas da Sierra Maestra na cidade. Os homens mais fortes e decididos, quase todos jovens, escolheram a liberdade e a guerra em vez da escravidão e da cidade. Longas caravanas de mulheres, crianças e velhos peregrinavam pelos caminhos tortuosos onde tinham nascido, desceram ao vale e foram amontoados na periferia da cidade. Pela segunda vez, Cuba vivia a página mais criminosa de sua história: a reconcentração. A primeira vez foi sob a ordem do sanguinário Weyler, braço criminoso da Espanha colonial e agora era a vez de Fulgencio Batista, o pior dos traidores e dos assassinos de toda a América Latina. A fome, a miséria, as doenças, as epidemias e a morte destruíram os camponeses reconcentrados pela tirania; crianças morreram por falta de atendimento médico e de alimentação, quando tinham, ao lado, os recursos que poderiam tê-los salvo. O protesto indignado do povo cubano, o escândalo internacional e a impotência da tirania em derrotar os rebeldes obrigaram o tirano a suspender a reconcentração de famílias camponesas de Sierra Maestra. E, mais uma vez, os camponeses da Sierra voltaram às terras onde nasceram, miseráveis, doentes e aniquilados. Se antes tinham sofrido os bombardeios da ditadura, a destruição pelo fogo de suas choupanas e o assassinato em massa, conheceram então a desumanidade e a barbárie de um regime que os tratou pior do que a Espanha na época da guerra pela independência. Batista tinha ganho de Weyler.

Os camponeses voltaram com uma vontade inquebrantável de lutar até vencer ou morrer; rebeldes até a morte ou a liberdade.

Nossa pequena guerrilha de origem citadina começou a colorir-se com os chapéus de *yarey*; o povo perdia o medo, decidia-se para a luta e tomava decididamente o caminho de sua redenção. Esta mudança coincidia com nossa política para com o campesinato e com nossas vitórias militares, que nos identificavam como uma força invencível na Sierra Maestra.

Frente à encruzilhada, todos os camponeses escolheram o caminho da revolução. A mudança de caráter da qual falamos anteriormente se revelava neste momento em toda a sua amplitude: a guerra era um fato, certamente doloroso porém transitório; a guerra era inevitável e a ela o indivíduo devia adaptar-se para sobreviver. Quando a população camponesa compreendeu isso, iniciou as tarefas para enfrentar as circunstâncias adversas que tinha pela frente.

Os camponeses voltaram às suas terras abandonadas, suspenderam o sacrifício de seus animais, guardando-os para épocas piores; adaptaram-se também aos disparos violentos das metralhadoras e cada família foi criando seus próprios refúgios individuais. Acostumaram-se também às mudanças repentinas para fugir das zonas de guerra com famílias, gado e pertences, deixando apenas suas choupanas para o inimigo saciar seu ódio, transformando-as em cinzas. Acostumaram-se à reconstrução sobre as ruínas fumegantes de sua antiga habitação, sem queixas, mas com um ódio concentrado e uma ferrenha vontade de vencer.

Quando se iniciou a repartição do gado para lutar contra o boicote de alimentos da ditadura, eles cuidaram com uma solicitude amorosa de seus animais e trabalharam em grupos, estabelecendo de fato cooperativas para transferir o gado para lugares seguros, doando também seus cavalos e seus animais de carga.

Num novo milagre da revolução, o individualista acirrado, que cuidava com muito zelo dos limites de sua propriedade e de seu próprio direito, unia-se por imposição da guerra ao grande esforço comum de luta. Mas existe um milagre ainda maior. Foi o reencontro do campesinato cubano com sua alegria habitual, no interior das zonas liberadas. Quem foi testemunho dos murmúrios humilhados com que éramos recebidos nas casas dos camponeses, nota com orgulho o clamor despreocupado, a gargalhada alegre do novo habitante da Sierra. É o reflexo

da confiança em si, que a consciência da própria força proporcionou aos habitantes de nossa zona liberada. Essa é nossa futura tarefa: devolver ao povo cubano a consciência de sua própria força, a segurança absoluta de que seus direitos individuais respaldados pela constituição são seu maior tesouro. E o repicar dos sinos anunciará a libertação e a volta da antiga gargalhada alegre, da tranquilidade e segurança que o povo cubano hoje perdeu.

6. PROJEÇÕES SOCIAIS DO EXÉRCITO REBELDE *

Nesta noite não posso deixar de evocar Martí, como o disse oportunamente quem me apresentou a vocês. Penso que, ao falar da projeção social do exército rebelde, estamos nos referindo concretamente ao sonho que Martí gostaria de ter realizado. E como esta é uma noite de recordações, faremos, antes de entrar no assunto, no seu significado histórico, um breve relato do que foi este movimento.

Não comecei a narrativa pelo ataque ao quartel Moncada a 26 de julho de 1953. Quero tratar apenas da parte que corresponde à minha participação na série de vitórias de que resultou o triunfo da revolução no primeiro de janeiro passado.

Começaremos então a história como eu a iniciei no México.

Para todos nós é muito importante conhecer o pensamento atual dos componentes do nosso exército rebelde: o pensamento daquele grupo que embarcou na aventura do Granma e a evolução deste pensamento nascido nas entranhas do Movimento 26 de Julho, suas mudanças sucessivas ao longo do processo revolucionário para chegar à aprendizagem final deste último capítulo com que terminou a parte insurrecional.

* Reproduzido de GUEVARA, E. *Proyecciones sociales del ejército rebelde*. In: *Obras*. t. 2, p. 11-22.

Estava dizendo que travei conhecimento com os primeiros membros do 26 de Julho no México. A projeção social desses homens antes da etapa do Granma, antes que se produzisse a primeira cisão no 26 de Julho, quando estavam juntos todos os sobreviventes do ataque ao quartel Moncada. Era muito diferente. Lembro-me de uma discussão numa casa no México, onde expunha a necessidade de oferecer ao povo de Cuba um programa revolucionário, quando um dos assaltantes de Moncada, que felizmente se separou do 26 de Julho, contestou minha posição com uma frase que até hoje lembro:

"É muito simples. O que temos que fazer é dar um golpe. Batista deu um golpe e tomou o poder num dia. O mesmo deve dar certo para tirá-lo de lá. Batista fez cem concessões aos americanos. Nós vamos lhes dar cento e uma".

O negócio era tomar o poder. Eu argumentava que tínhamos que dar esse golpe baseados em princípios e que o importante era saber o que iríamos fazer, uma vez no poder. Essa era a idéia de um membro da primeira etapa do 26 de Julho, que, como já disse, felizmente para todos nós, junto com os que tinham os mesmos critérios saíram do nosso movimento revolucionário e tomaram outro caminho.

A partir deste momento, o grupo que viria mais tarde no Granma foi tomando corpo em meio a mil dificuldades, pois sofríamos a perseguição contínua das autoridades mexicanas, que chegaram a pôr em perigo o êxito da expedição. Uma série de fatores internos, como, por exemplo, indivíduos que no começo pareciam querer aventura e depois, por um motivo ou outro, desistiam do projeto, limitou a quantidade de expedicionários. Ao final, ficamos 82 e tomamos o Granma. O resto é bem conhecido do povo cubano. O que me interessa, o que acho importante é o pensamento social que nós, os sobreviventes de Alegria de Pío, tínhamos. Este foi o primeiro e único fracasso que as armas rebeldes sofreram ao longo da insurreição. Nós, uns quinze homens destruídos fisicamente e até moralmente, nos unimos, e se conseguimos seguir em frente foi graças à enorme confiança que Fidel Castro conservou nesses momentos difíceis, graças à sua forte personalidade de caudilho revolucionário e a sua fé inquebrantável no povo.

Éramos um grupo de origem civil implantados na Sierra Maestra, mas não inseridos nela. Andávamos de choupana em choupana; não tocávamos em nada que não nos pertencia, inclusive não comíamos nada que não pudéssemos pagar, e por causa deste princípio chegamos muitas

vezes a passar fome. Éramos vistos com tolerância, mas não éramos integrados. Assim passou muito tempo. Durante vários meses, andamos pelos picos mais altos da Sierra Maestra, dando golpes esporádicos e voltando a subir novamente. Íamos de um pico a outro, onde não havia água e onde viver era extremamente difícil.

Pouco a pouco, a atitude dos camponeses para conosco foi mudando devido às forças repressivas de Batista, que se empenhavam em assassinar, em destruir as casas; eram hostis de todas as formas possíveis a quem tinha tido, mesmo de modo ocasional, o mínimo contato com nosso exército rebelde. Esta mudança se produziu com a incorporação dos *sombreros* camponeses à nossa guerrilha. Assim, o nosso exército civil foi se convertendo em exército camponês. Paralelamente à incorporação dos camponeses à luta armada por suas reivindicações de liberdade e justiça social, surgiu a grande palavra mágica que mobilizou as massas oprimidas de Cuba, na luta pela posse da terra: Reforma Agrária. Assim estava definida a primeira grande reivindicação social, que se tornaria a bandeira e o lema central do nosso movimento, apesar de termos atravessado uma etapa de grande intranquilidade devido a preocupações naturais relacionadas com a conduta e a política do nosso grande vizinho do Norte. Nesses momentos era mais importante para nós a presença de um jornalista estrangeiro, de preferência norte-americano, do que uma vitória militar. O fato de haver combatentes norte-americanos que exportavam nossa propaganda revolucionária era mais importante que a incorporação à luta dos camponeses que vinham trazer à revolução seus ideais e sua fé.

Nessa época, em Santiago de Cuba ocorreu um acontecimento muito trágico: o assassinio do nosso companheiro Frank País, que causou uma reviravolta em toda a estrutura do movimento revolucionário. Respondendo ao impacto emocional causado pela morte de Frank País, o povo de Santiago de Cuba desceu às ruas espontaneamente e realizou a primeira tentativa de greve geral política que, mesmo sem direção, paralisou totalmente o oriente e repercutiu de forma parecida em Camagüey e Las Villas. A ditadura liquidou este movimento, que surgiu sem preparo e sem controle revolucionário. Este fenômeno popular serviu para que nós déssemos conta de que era necessário incorporar à luta pela libertação de Cuba o fator social dos trabalhadores. Em consequência, iniciaram-se imediatamente os trabalhos clandestinos nos centros operários para preparar uma greve geral, que ajudaria o exército rebelde a tomar o poder.

Esse foi o início de uma campanha de organizações clandestinas com finalidades insurrecionais. Mas quem animava esses movimentos não conhecia suficientemente o significado e a tática da luta de massas. Levaram-na por caminhos completamente equivocados, não criando o espírito revolucionário nem a unidade dos combatentes e dirigindo a greve de cima, sem ligação efetiva na base dos grevistas.

As vitórias do exército rebelde e os esforçados trabalhos clandestinos agitaram o país, provocando um estado de efervescência tão grande, que levou à deflagração da greve geral no dia 9 de abril. A greve fracassou justamente por erros de organização, os principais sendo a falta de contato entre as massas operárias e a direção, e as atitudes equivocadas desta última.

Mas a experiência não foi perdida e, no seio do Movimento 26 de Julho, surgiu uma luta ideológica que provocou mudanças radicais no enfoque da realidade do país e em seus setores de ação. O 26 de Julho saiu fortalecido da greve fracassada e a experiência ensinou a seus dirigentes uma verdade preciosa, que era — e é — que a revolução não pertencia a este ou àquele grupo, mas que deveria ser obra do povo cubano inteiro; e para esta finalidade canalizaram-se todas as energias dos militantes do nosso movimento, tanto na planície quanto na Sierra.

É precisamente nesta época que surgiram as primeiras tentativas no sentido de se dar uma teoria e uma doutrina à revolução. O movimento insurrecional dava mostras do seu crescimento e havia chegado, portanto, à sua maturidade política.

Havíamos passado da etapa experimental à construtiva, das tentativas aos fatos definitivos. Imediatamente começaram as obras das "pequenas indústrias" na Sierra Maestra. Ocorreu uma mudança que nossos antepassados viveram muitos anos atrás: passamos da vida nômade à vida sedentária, criamos centros de produção de acordo com nossas necessidades mais vitais. Assim, fundamos nossa fábrica de sapatos, nossa fábrica de armas, nossa oficina mecânica, na qual reconstruíamos as bombas que a tirania nos atirava, para devolvê-las aos próprios soldados de Batista sob a forma de minas terrestres.

Os homens e as mulheres do exército rebelde nunca esqueceram sua função fundamental na Sierra Maestra nem em outros lugares, que era a de ganhar o campesinato para incorporá-lo à luta pela terra e melhorar sua formação através de escolas situadas nos lugares mais inacessíveis dessa região do Oriente. Ali se fez a primeira tentativa de repartição de

terras com um regulamento agrário redigido principalmente pelo doutor Humberto Sorí Marín, por Fidel Castro, e do qual tive a honra de participar. Repartiram-se revolucionariamente as terras entre os camponeses e ocuparam-se grandes propriedades de servidores da ditadura, parcelando-as, e todas as terras pertencentes ao Estado foram transferidas para as mãos dos camponeses da região. Tinha chegado o momento em que nos identificávamos plenamente como um movimento camponês ligado estreitamente à terra e tendo como bandeira a Reforma Agrária. Foi mais tarde que sofremos as consequências da fracassada greve do 9 de abril, pois a repressão bárbara de Batista se fez sentir em fins de maio, provocando em nossos quadros baixas cujas consequências poderiam ter sido catastróficas para nossa causa. A ditadura preparou sua mais ferrenha ofensiva. Por volta de 25 de maio do ano passado, dez mil soldados bem equipados atacaram nossas posições, centralizando ofensiva sobre a Coluna número 1, dirigida pessoalmente por nosso comandante-em-chefe Fidel Castro. O exército rebelde ocupava uma área muito pequena, e é quase inacreditável que a essa força de dez mil soldados se opuseram apenas 300 fuzis da liberdade, que eram os únicos existentes na Sierra Maestra nesse momento. A direção tática adequada desta campanha fez com que, no dia 30 de julho, terminasse a ofensiva de Batista. Os rebeldes passaram da defensiva para a ofensiva e capturamos mais de 600 armas novas, mais do dobro dos fuzis que tínhamos no início desta ação, e provocamos mais de mil baixas nos soldados inimigos, entre mortos, feridos, desertores e prisioneiros.

Ao sair desta campanha, o exército rebelde preparou-se para iniciar uma ofensiva na planície, de caráter tático e psicológico, porque nosso armamento não podia competir em qualidade e muito menos em quantidade com o da ditadura.

Nesta guerra, contamos sempre com esse aliado imponderável de tão extraordinário valor que é o povo. Nossas colunas podiam enganar sempre o inimigo e ocupar sempre as melhores posições, não apenas por vantagem tática ou graças ao moral dos nossos milicianos, mas sobretudo graças à grande ajuda dos camponeses. O camponês era o colaborador invisível, que fazia tudo o que o rebelde não podia fazer: transmitiam-nos informações, vigiavam o inimigo, descobriam seus pontos fracos, traziam rapidamente as mensagens urgentes, espionavam nas próprias filas do exército de Batista. Isso não se devia a nenhum milagre, mas ao fato de termos iniciado energicamente nossa política de reivindicações agropecuárias. Diante da amargura do ataque e do cerco de

fome com que cercaram a Sierra Maestra, dez mil cabeças de gado pertencentes aos criadores das zonas limítrofes subiram a Sierra. Não apenas para abastecer o exército rebelde, mas também para serem distribuídas entre os camponeses. Pela primeira vez os camponeses da Sierra, nesta região paupérrima, tiveram seu bem-estar; pela primeira vez as crianças camponesas tomaram leite e comeram carne de vaca. E pela primeira vez, também, receberam os benefícios da educação, porque a revolução traz em suas mãos a escola. Assim todos os camponeses se beneficiaram do nosso regime.

Por outro lado, a ditadura continuava sistematicamente a incendiar suas casas, a desalojá-los de suas terras e a matá-los; a morte não vinha somente por terra, mas também por via aérea, com as bombas de napalm que os vizinhos democráticos do Norte ofereceram graciosamente a Batista para que ele pudesse aterrorizar as populações civis. Ao caírem, essas bombas que pesam 500 quilos destroem uma área de mais de cem metros. Uma bomba de napalm atirada sobre um cafezal significa a destruição desta riqueza — e dos anos de trabalho acumulados nele — numa área de cem metros, e são necessários cinco a seis anos para reconstruir o que foi destruído em um minuto.

Nessa época se iniciou a marcha sobre Las Villas. É importante destacar este fato, não por eu ter sido ator dele, mas porque ao chegar a Las Villas encontramos um novo panorama político-social da revolução.

Chegamos a Las Villas com a bandeira do 26 de Julho. Já lutavam contra a ditadura o Diretório Revolucionário, os grupos da Segunda Frente do Escambray, os grupos do Partido Socialista Popular e pequenos agrupamentos da Organização Autêntica. Tinha que se realizar uma tarefa política importante e vimos então, mais do que nunca, que a unidade era um fator preponderante da luta revolucionária. O 26 de Julho, com o exército rebelde à frente, teve que conseguir a unidade dos diversos elementos descontentes, que tinham como único ponto de aglutinação a obra da Sierra Maestra. Em primeiro lugar, tivemos que planejar esta unidade que deveria se dar não apenas entre os grupos combatentes, mas também entre as organizações da planície. Fizemos o trabalho importante de levantamento de todas as seções operárias existentes na província. Isso não se conseguiu sem muitos opositores, que, mesmo no seio do nosso próprio movimento sofriam ainda da doença do sectarismo.

Logo que chegamos a Las Villas, nosso primeiro ato enquanto governo — antes de estabelecer a primeira escola — foi editar uma proclamação revolucionária, onde se estabelecia, entre outras coisas, que os donos de pequenas parcelas de terra deixariam de pagar o arrendamento até que a revolução decidisse caso por caso. De fato, avançamos com a Reforma Agrária enquanto ponta de lança do exército rebelde. E não se tratava de uma manobra demagógica, mas simplesmente do fato de que, em um ano e oito meses de revolução, a interligação entre os dirigentes e as massas camponesas havia sido tão grande, que muitas vezes as próprias massas incitavam a Revolução a dar passos que não se imaginavam num determinado momento. Não foi invenção nossa, mas a pressão dos camponeses. Nós ensinamos a eles que, com armas na mão, com uma organização e perdendo o medo do inimigo, a vitória era certa. E o campesinato, que tinha em suas entranhas razões poderosas para fazê-lo, impôs a Reforma Agrária à Revolução, impôs o confisco do gado bovino e todas as medidas de caráter social que se tomaram na Sierra Maestra.

Na Sierra Maestra decretou-se a Lei n.º 3 nos dias da farsa eleitoral do dia 3 de novembro, lei essa que estabelecia uma verdadeira Reforma Agrária e que, mesmo incompleta, tomava medidas muito positivas: repartição das terras do Estado, dos servidores da ditadura e de todos os que possuíam títulos de propriedade adquiridos por manobras ilegais, como os geófagos que engoliram milhares de hectares nas demarcações; concedia a propriedade a todos os pequenos colonos que não tinham mais de dois hectares e que pagavam arrendamento. Tudo gratuitamente. Era um princípio muito revolucionário. A Reforma Agrária beneficiaria mais de 200 mil famílias. Mas apenas com a Lei n.º 3, a revolução agrária não está completa. É necessário ditar leis contra o latifúndio como o estabelece a constituição. Temos que definir exatamente o conceito de latifúndio, que caracteriza nossa estrutura agrária, fonte indiscutível do atraso do nosso país e de todos os males para a maioria dos camponeses e que ainda não foi tocado.

Será a obra das massas camponesas, organizadas, impor a lei que proscree o latifúndio, como foi a do exército rebelde editar o princípio da Reforma Agrária contida na Lei n.º 3. Devemos levar em consideração outro aspecto. A constituição estabelece que toda expropriação de terra deve ser precedida do pagamento em dinheiro. Se a Reforma Agrária age conforme este preceito, provavelmente o processo será lento e oneroso. Aqui também é necessária a ação coletiva dos camponeses, que

ganham o direito à liberdade desde o triunfo da Revolução, exigindo democraticamente a anulação deste princípio para poder ir diretamente a uma verdadeira e ampla Reforma Agrária. Estamos já nas projeções sociais do exército rebelde. Temos já uma democracia armada.

Quando planificamos a Reforma Agrária e atendemos a demanda de novas leis revolucionárias que a complementam, tornando-a viável e imediata, estamos pensando na justiça social que significa a redistribuição da terra e também na criação de um mercado interno extenso e na diversificação dos cultivos, dos objetivos fundamentais inseparáveis do governo revolucionário que não podem ser adiados porque neles está implícito o interesse popular.

Todas as atividades econômicas são conexas. Temos que incentivar a industrialização do país sem ignorar os múltiplos problemas que seu processo pode acarretar. Mas uma política de fomento industrial exige certas medidas para proteger a indústria nascente e um mercado interno capaz de absorver as novas mercadorias. Só podemos aumentar e ter mercado se as grandes massas camponesas e os trabalhadores rurais — que não têm poder aquisitivo, mas sim necessidades a suprir e que não podem comprar hoje — tiverem acesso a ele.

Não nos passa despercebido que estamos empenhados na consecução de objetivos que exigem enorme responsabilidade de nossa parte e que não são os únicos. Devemos esperar, contra esses objetivos, a reação daqueles que detêm mais de 75% do nosso intercâmbio comercial e do nosso mercado. Face a esse perigo, devemos nos preparar com a aplicação de contramedidas, entre as quais se destacam as medidas alfandegárias e a ampliação do mercado externo. Necessitamos criar uma frota mercante cubana para transportar o açúcar, o tabaco e outras mercadorias. Isso influirá favoravelmente no tipo de frete, cuja cooperação depende em grande parte do progresso dos países subdesenvolvidos como Cuba.

Se optamos pelo desenvolvimento de um programa de industrialização, o que é mais importante para consegui-lo? As matérias-primas que a constituição sabiamente defendia estão entregues a consórcios estrangeiros pela ação da ditadura de Batista. Temos que resgatar o nosso subsolo, nossos minerais. Outro elemento de industrialização é a eletricidade. Temos que contar com ela. Vamos assegurar que a energia elétrica esteja nas mãos dos cubanos. Devemos também nacionalizar a Companhia Telefônica porque os serviços são muito ruins e caros.

Com que recursos contamos para que um programa como o exposto possa ser levado a cabo? Temos o exército rebelde e esse deve ser nosso primeiro instrumento de luta, a arma mais positiva e mais vigorosa, e devemos destruir tudo o que sobra do exército de Batista. Deve ficar claro que esta liquidação não se faz por vingança, nem somente por espírito de justiça, mas pela necessidade de assegurar que todas estas conquistas do povo possam concretizar-se num prazo mínimo. Derrotamos um exército numericamente muito superior com a ajuda do povo, com uma tática adequada e com uma moral revolucionária. Mas agora temos que enfrentar a realidade de que nosso exército não está ainda capacitado para as novas responsabilidades adquiridas, como, por exemplo, defender integralmente o território cubano. Temos que reestruturar rapidamente o exército rebelde, porque temos um corpo armado de camponeses e operários, muitos deles analfabetos, incultos e sem preparo técnico. Temos que capacitar este exército para as altas tarefas que seus membros terão que enfrentar e prepará-los técnica e culturalmente.

O exército rebelde é a vanguarda do povo cubano e, ao nos referirmos a seu progresso técnico e cultural, temos que saber o significado disso no sentido moderno. Já começamos simbolicamente este preparo com uma palestra presidida quase exclusivamente pelo espírito e os ensinamentos de José Martí. O processo de recuperação nacional implica destruir muitos privilégios e temos que estar prevenidos para defender a nação dos seus inimigos declarados ou disfarçados. Nesse sentido, o novo exército deve adaptar-se à nova mobilidade surgida desta guerra de libertação, pois sabemos que, se formos ameaçados por uma pequena ilha, o seremos com o apoio de uma potência do tamanho de um continente; teremos que suportar em nosso solo uma agressão de proporção gigantesca. Por esta razão, devemos estar prevenidos e preparar nosso avanço com um espírito e uma estratégia guerrilheira, para que nossas defesas não se desintegram no primeiro combate e mantenham sua unidade central. Todo o povo cubano deverá converter-se em um exército guerrilheiro, pois o exército rebelde é um corpo em crescimento, cuja capacidade está limitada somente pelo número de seis milhões de cubanos da república. Cada cubano deve aprender a manejar as armas e a usá-las para sua defesa no tempo devido.

Expus nas suas grandes linhas a projeção social do exército rebelde depois da vitória e seu papel de impulsor do governo para concretizar as aspirações revolucionárias.

Há algo mais interessante a dizer para terminar esta palestra. O exemplo da nossa revolução, seu significado para a América Latina e seus ensinamentos destruíram todas as teorias de salão: demonstramos que um grupo pequeno de homens decididos, apoiados pelo povo e sem medo de morrer, se for necessário, pode chegar a se impor a um exército regular disciplinado e derrotá-lo definitivamente. Esse é o ensinamento principal. Outro ensinamento devem assimilar nossos irmãos da América que se situam economicamente na mesma categoria agrária que nós: é preciso que façam revoluções agrárias, lutem nos campos, nas montanhas e a partir daí levem a revolução às cidades e que não pretendam fazê-las nas cidades sem conteúdo social integral.

A partir de nossas experiências, coloca-se a questão de saber qual será nosso futuro, intimamente ligado a todos os países subdesenvolvidos da América Latina. A revolução não se limita à nação cubana, ela já alcançou a consciência da América e alertou gravemente os inimigos dos nossos povos. Por isso advertimos claramente que qualquer tentativa de agressão será repelida com as armas na mão. O exemplo de Cuba aumentou mais ainda a efervescência em toda a América Latina e em todos os países oprimidos. A revolução colocou em xeque os tiranos latino-americanos, porque são inimigos dos regimes populares, assim como as empresas monopolistas estrangeiras. Somos um país pequeno e precisamos do apoio de todos os povos democráticos, mais particularmente dos da América Latina.

Devemos divulgar amplamente as nobres finalidades da revolução cubana para o mundo inteiro e conclamar os povos amigos deste continente, os norte-americanos e os latino-americanos, para criar uma união espiritual de todos, uma união que vá mais além que o palavreado ou que a convivência burocrática e que se traduza em ajuda efetiva aos nossos irmãos, oferecendo-lhes nossa experiência.

Finalmente devemos abrir novos caminhos, que convirjam para a identificação dos interesses comuns a nossos países subdesenvolvidos. Devemos estar atentos contra todas as tentativas de nos dividir; devemos lutar contra os que pretendam jogar as sementes da discórdia entre nós, ou os que, motivados por desígnios conhecidos, queiram tirar proveito de nossas discórdias políticas, causar danos a este país.

Hoje, todo o povo de Cuba está de prontidão e deve continuar unido deste modo para que a vitória contra a ditadura não seja transitória, para que seja o primeiro passo para a vitória da América.

7. NOTAS PARA O ESTUDO DA IDEOLOGIA DA REVOLUÇÃO CUBANA *

Esta é uma revolução singular, e alguns pensam que não se ajusta a uma das premissas do mais ortodoxo dos movimentos revolucionários, expressa por Lenin: "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário". Seria conveniente dizer que a teoria revolucionária, enquanto expressão de uma verdade social, está acima de qualquer enunciado; quer dizer que podemos fazer a revolução, se interpretamos corretamente a realidade histórica e se utilizamos corretamente as forças que nela intervêm, mesmo sem conhecer a teoria. É claro que o conhecimento da teoria simplifica a tarefa e impede que se caia em erros perigosos, mas isso só na medida em que essa teoria enunciada corresponda à verdade. Falando concretamente desta revolução, devemos destacar que, se seus atores principais não eram precisamente teóricos, tampouco eram ignorantes dos grandes fenômenos sociais e dos enunciados das leis que os regem. Isso permitiu que, partindo de alguns conhecimentos teóricos e do profundo conhecimento da realidade, foi-se criando uma teoria revolucionária.

O que foi dito anteriormente deve ser considerado como introdução à explicação deste fenômeno curioso que intriga o mundo exterior: a revolução cubana. Como e por que um grupo de homens, derrotados por um exército enormemente superior em técnica e equipamento, conse-

* Reproduzido de GUEVARA, E. Notas para el estudio de la ideología de la revolución cubana. In: *Obras*. t. 2, p. 92-101.

guiu sobreviver num primeiro momento, fortalecer-se em seguida, tornando-se inclusive mais forte que o inimigo nas zonas de batalha mais tarde, emigrando para novas zonas de combate num momento posterior, para, finalmente, derrotá-lo no confronto direto mesmo com tropas muito inferiores numericamente, eis um fato digno de estudo na história do mundo contemporâneo.

Nós, que tantas vezes não demonstramos o devido interesse pela teoria, não vamos hoje expor a verdade da revolução cubana, como se fôssemos donos dela. Queremos apenas fornecer as bases para que se possa interpretar esta verdade. Temos que separar a revolução cubana em duas etapas absolutamente distintas: a etapa da ação armada até o primeiro de janeiro de 1959 e a transformação política, econômica e social que ocorreu a partir desta data.

Essas etapas, por sua vez, devem ser subdivididas; não faremos essas divisões do ponto de vista da exposição histórica, mas do ponto de vista da evolução do pensamento revolucionário, dos seus dirigentes e em contato com o povo. Incidentalmente, temos que introduzir aqui nossa postura geral frente a um dos termos mais controvertidos do mundo atual: o marxismo. Nossa posição, quando nos perguntam se somos marxistas ou não, é a mesma que teria um físico a quem se perguntasse se ele é "newtoniano" ou a um biólogo se é "pasteuriano".

Existem verdades tão evidentes, tão incorporadas ao conhecimento dos povos, que já não é mais necessário discuti-las. Devemos ser "marxistas" com a mesma naturalidade que se é "newtoniano" em física ou "pasteuriano" em biologia, considerando que, se novos dados determinam novos conceitos, não se deve jogar fora a parte de verdade que os conceitos passados possuem.

É o caso por exemplo da relatividade "einsteiniana" ou da teoria dos *quanta* de Planck em relação às descobertas de Newton; essas novas descobertas não diminuem em nada a grandeza do sábio inglês. É graças a Newton que a física pôde avançar até chegar a novos conceitos de espaço. Por isso o sábio inglês foi o degrau necessário.

Podemos relevar algumas incorreções de Marx como pensador, como pesquisador das doutrinas sociais e do sistema capitalista no qual viveu. Nós, latino-americanos, podemos por exemplo discordar de sua interpretação de Bolívar ou da análise que fez com Engels sobre os mexicanos, onde admitia certas teorias sobre raças ou nacionalidades inadmissíveis hoje. Mas os grandes homens, autores de descobertas

luminosas, continuam a viver apesar de suas pequenas falhas. Estas só servem para demonstrar que são humanos, quer dizer, seres que podem cometer erros; mesmo assim continuamos conscientes das alturas alcançadas por estes gigantes do pensamento.

Por isso, reconhecemos as verdades essenciais do marxismo como parte integrante do acervo cultural e científico dos povos e o fazemos com uma naturalidade própria daquilo que não precisa mais ser discutido.

Os avanços das ciências sociais e políticas, como dos outros campos do conhecimento, pertencem a um longo processo histórico cujos elos se encadeiam, se somam, se aglutinam e se aperfeiçoam constantemente. No começo dos povos, existia uma matemática chinesa, árabe e hindu; hoje a matemática não tem fronteiras. Na sua história cabe um Pitágoras grego, um Galileu italiano, um Newton inglês, um Gauss alemão, um Lobatchevski russo, um Einstein, etc. No campo das ciências sociais e políticas, o mesmo acontece desde Demócrito até Marx, uma longa fila de pensadores foram agregando suas investigações originais e acumulando um corpo de experiências e de doutrinas.

[O mérito de Marx é que, de repente, produziu uma mudança qualitativa na história do pensamento social; interpreta a história, compreende sua dinâmica, prevê o futuro e aí acabaria sua obrigação científica, mas vai mais além, expressa um novo conceito revolucionário: não basta interpretar a natureza, é preciso transformá-la. O homem deixa de ser escravo e instrumento do meio para converter-se em arquiteto de seu próprio destino.] Neste momento Marx começa a colocar-se numa tal situação, que se torna o alvo de todos que têm interesse especial em manter o velho, como aconteceu antes com Demócrito, cuja obra foi queimada pelo próprio Platão e seus discípulos, ideólogos da aristocracia escravista ateniense. A partir de Marx revolucionário, constitui-se um grupo político com idéias concretas, que, apoiando-se nos gigantes Marx e Engels e desenvolvendo-se através de etapas sucessivas, com personalidades como Lenin, Mao Tsé-tung e os novos dirigentes soviéticos e chineses, estabelecem um corpo de doutrinas e de exemplos a seguir.

A revolução cubana retoma Marx onde ele deixou a ciência para empunhar seu fuzil revolucionário e o toma aí, não por espírito revisionista de querer lutar contra o que se segue a Marx, de reviver Marx "puro", mas simplesmente porque até ali, Marx, o cientista, de fora da história, estudava e predizia. Depois, Marx revolucionário, dentro da história, lutaria. Nós, revolucionários práticos, ao iniciar nossa luta,

estamos simplesmente cumprindo as leis previstas por Marx, o cientista, e através deste caminho de rebeldia, ao lutar contra a velha estrutura de poder, ao apoiar-nos no povo para destruir esta estrutura, e ao ter como base para nossa luta a felicidade deste povo, estamos simplesmente nos ajustando às previsões de Marx. Quer dizer, e é bom repeti-lo mais uma vez, que as leis do marxismo estão presentes nos acontecimentos da revolução cubana independentemente do que seus líderes preferem ou sabem claramente, de um ponto de vista teórico, a respeito dessas leis.

Para uma melhor compreensão do movimento revolucionário cubano, até o primeiro de janeiro, teríamos que distinguir as seguintes etapas: antes do desembarque do Granma; desde o desembarque até depois das vitórias de La Plata e de Arroyo del Infierno; desde estas datas até o Uvero e a constituição da Segunda Coluna guerrilheira; desse momento até a formação da Terceira e da Quarta, e a invasão e o estabelecimento da segunda frente; a greve de abril e seu fracasso; a resistência à grande ofensiva; o avanço até Las Villas.

A cada um desses pequenos momentos históricos da guerrilha correspondem diversos conceitos sociais e diferentes apreciações da realidade cubana, que conformaram o pensamento dos chefes militares da revolução, que com isso reafirmaram com o tempo sua condição de líderes políticos.

Antes do desembarque do Granma, predominava uma mentalidade que até certo ponto poderia chamar-se de subjetivista; confiança cega em uma rápida explosão popular, entusiasmo e fé na capacidade de liquidar o poder de Batista através de um levante rápido, aliado a uma greve revolucionária espontânea, com a conseqüente queda do ditador. O movimento era o herdeiro direto do Partido Ortodoxo e seu lema central: "Vergonha em lugar de dinheiro". Ou seja, a idéia central do novo governo cubano deveria ser a honestidade administrativa.

Fidel Castro, em *A História me absolverá*, escreveu as bases que foram integralmente cumpridas e inclusive superadas pela revolução através de um maior aprofundamento no terreno econômico e que, por sua vez, acarretou maior aprofundamento no terreno político nacional e internacional.

Depois do desembarque vem a derrota, a destruição quase total das forças, seu reagrupamento e integração como guerrilha. Desde já o pequeno número de sobreviventes, com ânimo de luta, se caracterizava por ter adquirido consciência de que era falsa a concepção anterior de

levantes espontâneos em toda a ilha e pela consciência de que a luta deveria ser longa e contar com grande participação dos camponeses. É nesse momento também que os primeiros camponeses passam a incorporar-se à guerrilha e se travam dois combates, pouco importantes no que diz respeito ao número de combatentes, mas de grande efeito psicológico, já que acabou com a suscetibilidade do grupo central desta guerrilha — que eram todos elementos vindos da cidade — em relação aos camponeses. Estes, por sua vez, desconfiavam do grupo e, acima de tudo, temiam as selvagens represálias do governo. Nesta etapa evidenciaram-se duas coisas de grande importância e interligadas entre si: os camponeses aprenderam que a violência e a barbárie do exército poderia acabar com suas casas, suas colheitas e suas famílias, mas não com a guerrilha, e que, por isso, dentro dela estariam a salvo; os guerrilheiros, por sua vez, aprenderam a necessidade cada vez maior de ganhar as massas camponesas, e para tal era evidente que tinham que oferecer-lhes algo que desejavam com todas as suas forças: e não há nada que um camponês deseja mais do que a terra.

Em seguida o exército rebelde entra numa etapa nômade em que vai conquistando zonas de influência, sem contudo poder permanecer muito tempo nelas; mas o exército tampouco o consegue, mal podendo introduzir-se nelas. Em diversos combates, vai se formando uma espécie de *front*, ainda não claramente delimitado, entre as duas partes.

O dia 28 de maio de 1957 constitui um marco. Foi o ataque a Uvero, uma guarnição bem armada, bem entrincheirada e com possibilidades de receber reforços rapidamente, já que se situava ao lado do mar e dispunha de um aeroporto. Neste combate, um dos mais sangrentos que travamos, onde trinta por cento dos combatentes caíram, mortos, feridos, a vitória das forças rebeldes fez mudar completamente o panorama; agora existia um território ocupado pelo exército rebelde, de onde não se filtravam informações até o inimigo, e a partir do qual se podia, com rápidos ataques, descer à planície e atacar postos do adversário.

Pouco depois, produz-se o primeiro desdobramento e se estabelecem duas colunas combatentes. A segunda, por razões de dissimulação um pouco infantis, é chamada de Quarta Coluna. Imediatamente as duas colunas dão mostras de sua atividade. No dia 26 de julho, a estrada Palma é atacada e cinco dias depois Bueycito, situada a uns vinte quilômetros. Nesses momentos, as demonstrações de força são mais importantes, os repressores são esperados de pé firme, são detidos em várias de suas tentativas para subir a Sierra e frentes de luta são estabelecidas,

separadas por uma zona neutra na qual os dois campos fazem incursões punitivas. Mas as frentes se mantêm aproximadamente iguais.

Entretanto, a guerrilha engrossa suas fileiras com incorporação substancial de camponeses e de alguns membros do Movimento das cidades e se torna mais combativa. O espírito de luta aumenta. Após ter sofrido algumas ofensivas que conseguiu reter, a Coluna de Almeida, a Três, parte em fevereiro de 58 para ocupar seu lugar perto de Santiago junto com a Seis, de Raúl Castro, que recebe o nome de nosso herói Frank País, morto poucos meses antes. Raúl realiza a façanha de cruzar a Estrada Central nos primeiros dias de março, penetra nas alturas de Mayari, e cria a Segunda Frente Oriental Frank País. Os êxitos crescentes de nossas forças rebeldes filtravam através da censura e o povo ia alcançando rapidamente o clímax de sua atividade revolucionária. Foi neste momento que se iniciou a luta em todo o território nacional mediante uma greve geral revolucionária, que devia destruir a força do inimigo, atacado em todos os pontos ao mesmo tempo.

A função do exército rebelde seria, neste caso, a de um catalisador ou talvez de um detonador para desencadear o movimento. Por esses dias nossas guerrilhas aumentaram suas atividades e a lenda heróica de Camilo Cienfuegos começou: ele lutava pela primeira vez nas planícies orientais, de modo organizado e sob direção central.

No entanto, a greve revolucionária não foi colocada adequadamente, pois desconhecíamos a importância da unidade operária e não se procurou que os trabalhadores, no próprio exercício de sua atividade revolucionária, escolhessem o momento preciso. Tivemos a pretensão de dar um golpe clandestino, chamando à greve pelo rádio, sem saber que o segredo do dia e da hora havia filtrado até os esbirros e não até o povo. O movimento grevista fracassou e bom número de valiosos patriotas revolucionários foram assassinados sem misericórdia. Um detalhe curioso que deve ser registrado em algum lugar na história desta revolução: Jules Dubois, o informante dos monopólios americanos, conhecia de antemão o dia do desencadeamento da greve.

Neste momento se produz uma das mudanças qualitativas mais importantes no desenvolvimento da guerra: adquiriu-se a certeza de que só se chegaria à vitória se aumentassem as forças guerrilheiras até que pudessem derrotar o exército inimigo em batalhas campais.

Já se haviam estabelecido relações amplas com os camponeses; o exército rebelde edita seus códigos civis e penais, exerce a justiça, divide

alimentos e cobra impostos nas zonas de sua administração. As regiões vizinhas recebem também a influência do exército rebelde, mas se preparam grandes ofensivas com a finalidade de acabar de vez com o foco. Esta ofensiva se inicia no dia 25 de março e termina, depois de dois meses de luta, com uma baixa de mil homens do exército invasor, totalmente desmoralizado, e nos proporciona um aumento de seiscentas armas.

Fica demonstrado que o exército não pode nos derrotar; definitivamente não existe em Cuba força capaz de subjugar os cimos da Sierra Maestra ou todas as colinas da Segunda Frente Oriental Frank País; em Oriente, os caminhos se tornam impraticáveis para as tropas da tirania. Derrotada a ofensiva, Camilo Cienfuegos — com a Coluna Dois — e o autor destas linhas — com a Coluna Oito Ciro Redondo — são encarregados de atravessar a província de Camagüey, estabelecer-se em Las Villas e cortar as comunicações com o inimigo. Camilo devia em seguida continuar o avanço para repetir a façanha do herói que deu o nome à sua coluna, Antonio Maceo: a invasão total de Oriente a Ocidente.

A guerra adquire, então, uma nova característica: a correlação de forças está a favor da revolução. Duas pequenas colunas de oitenta a cento e quarenta homens atravessarão durante um mês e meio as planícies de Camagüey, constantemente cercadas e perseguidas por um exército que mobiliza milhares de soldados. Chegarão a Las Villas e iniciarão a tarefa de cortar a ilha em dois.

Às vezes parece estranho ou mesmo incompreensível e até inacreditável que duas colunas tão pequenas, sem comunicações, sem mobilidade, sem as mais elementares armas de guerra moderna possam combater um exército bem treinado e superarmado. O fundamental é a característica de cada grupo. O guerrilheiro, quanto menos comodidades tenha, quanto mais penetra nos rigores da natureza, mais se sente em casa, seu moral fica mais alto e seu sentimento de segurança maior. Ao mesmo tempo, está pronto para arriscar sua vida, em qualquer circunstância, jogá-la na sorte e, no final dos combates, pouco importa que o guerrilheiro indivíduo esteja vivo ou morto.

O soldado inimigo, no caso cubano, é o sócio menor do ditador, o homem que recebe a última das migalhas que lhe deixou o penúltimo dos aproveitadores, numa longa corrente que começa em Wall Street e acaba nele. Está disposto a defender seus privilégios, mas sua disposição

é proporcional à importância dos mesmos. Seu salário e seu emprego valem algum sofrimento e algum perigo, mas nunca valem sua vida. Se o preço para mantê-los deve ser a vida, é preferível perdê-los, ou seja, retirar-se frente ao perigo guerrilheiro. Destes dois conceitos e dessas duas morais surge a diferença que desemboca no dia 31 de dezembro de 1958.

A superioridade do exército rebelde se estabelece de modo cada vez mais claro. A chegada de nossas colunas em Las Villas demonstra a superioridade da popularidade do Movimento 26 de Julho sobre os demais, que são o Diretório Revolucionário, a Segunda Frente de Las Villas, o Partido Socialista Popular e algumas pequenas guerrilhas da Organização Autêntica. Isso se devia principalmente à personalidade magnética do seu líder, Fidel Castro, mas a justeza da nossa linha revolucionária era também um fator importante da nossa popularidade.

Aqui termina a insurreição, mas os homens que chegam a Havana, depois de dois anos de luta ardorosa nas montanhas e nas planícies do Oriente, nas montanhas e nas planícies de Camagüey, nas planícies e nas cidades de Las Villas, não são ideologicamente os mesmos que chegaram às praias de Las Coloradas ou que se incorporaram no primeiro momento da luta. A desconfiança para com o campesinato se transformou em afeto e respeito pelas suas virtudes; seu desconhecimento total da vida do campo se converteu em um conhecimento absoluto das necessidades dos nossos camponeses: seus "namoros" com as estatísticas e a teoria foram anulados pelo cimento forte da prática.

Tendo a Reforma Agrária como bandeira, cuja execução se iniciara em Sierra Maestra, esses homens se defrontam com o imperialismo; sabem que a Reforma Agrária é a base sobre a qual vai se edificar a Nova Cuba; sabem também que a Reforma Agrária dará terras a todos os despossuídos, mas desapropriará os injustos possuidores; e sabem que os maiores dos injustos possuidores são também homens influentes no Departamento de Estado ou no governo dos Estados Unidos da América; mas eles aprenderam a vencer as dificuldades com valor, audácia e sobretudo com o apoio do povo; vislumbraram o futuro de libertação que nos aguarda do outro lado do sofrimento.

As etapas que marcam o desenvolvimento desta revolução até o momento atual são aplicações táticas de um objetivo estratégico, efetuadas na medida em que a prática ia nos ensinando nosso caminho justo.

Para chegar a esta idéia final das nossas metas, caminhou-se muito e mudou-se bastante. Paralelamente às sucessivas mudanças qualitativas ocorridas nas frentes de batalhas, houve as mudanças de composição social de nossa guerrilha e também as transformações ideológicas de seus chefes. Porque a cada um destes processos, destas mudanças, corresponde efetivamente uma mudança de qualidade na composição, na força e na maturidade revolucionária de nosso exército.

O campesinato lhe deu o seu vigor, sua capacidade de sofrimento, seu conhecimento do terreno, seu amor à terra e sua fome de Reforma Agrária. O intelectual, qualquer que seja, traz seu grão de areia e começa a esboçar a teoria. O trabalhador dá seu sentido de organização, sua tendência inata à reunião e unificação. Acima de tudo isso está o exemplo das forças rebeldes, que já tinham demonstrado ser muito mais do que um "detonador" e cuja lição foi inflamando e levantando as massas até o ponto de perderem o medo do carrasco. Nunca nos foi tão claro como agora este conceito de interação.

Pudemos sentir como essa interação ia amadurecendo, ensinando-nos a eficácia da insurreição armada, a força que tem um homem quando, para defender-se de outros homens, tem uma arma na mão e uma decisão de triunfo nos olhos; e os camponeses nos mostraram as artimanhas da Sierra, a força necessária para viver e triunfar nela e as doses de firmeza, de capacidade de sacrifício, que são necessárias para poder levar adiante o destino de um povo.

Por isso quando, banhado em suor camponês, num horizonte de montanhas e nuvens, sob o sol ardente da ilha, o chefe rebelde e seu cortejo entraram em Havana, "a história subia com os pés do povo" um novo "degrau do jardim de inverno".

III. RELATOS DE CAMPANHA

8. ALEGRÍA DE PÍO *

Alegría de Pío é um lugar da província de Oriente, município de Niquero, perto de Cabo Cruz, onde fomos surpreendidos no dia 5 de dezembro de 1956, pelas tropas da ditadura.

Estávamos extenuados depois de uma caminhada menos longa do que penosa. Havíamos desembarcado no dia 2 de dezembro no lugar conhecido como Praia de Las Coloradas, perdendo quase todo o nosso equipamento e caminhando durante horas intermináveis no lamaçal de água do mar com nossas botas novas; isso havia provocado feridas nos pés de quase toda a tropa. Mas os sapatos e as infecções de pele não eram nossos únicos inimigos. Havíamos chegado a Cuba depois de sete dias de travessia pelo Golfo do México e mar do Caribe, sem alimentos, com o barco em más condições e todo mundo enjoado por falta de hábito de navegação; isso depois de sair no dia 25 de novembro do porto de Tuxpan, dia de vento norte em que a navegação estava proibida. Tudo isso marcou profundamente a tropa integrada por novatos que nunca haviam combatido.

Dos nossos equipamentos de guerra, sobrava apenas o fuzil, a cartucheira e algumas balas molhadas. Nossa farmácia havia desaparecido, e a grande maioria das nossas mochilas havia ficado nos pântanos.

Na véspera, andamos de noite perto das plantações de cana do Central Niquero, que naquela época pertenciam a Julio Lobo. Por causa da nossa falta de experiência, saciamos nossa fome e nossa sede comendo canas à beira do caminho e deixamos os bagaços no mesmo lugar, mas os guardas realmente não precisaram fazer muitas investigações indiretas, já que nosso guia, como ficamos sabendo anos depois, foi o autor principal da traição, levando-os até nós. A noite anterior tínhamos deixado o guia em liberdade, cometendo um erro que repetiríamos várias vezes durante a luta até aprender que elementos da população civil cujos antecedentes são desconhecidos devem ser sempre vigiados quando se está em zonas de perigo. Nunca deveríamos ter permitido a nosso falso guia ir-se embora.

Na madrugada do dia 5, poucos podiam dar mais um passo; alguns desmaiavam, tínhamos que andar pouco e descansar muito. Por isso resolvemos parar na beira de um canavial, num bosque ralo, perto de uma colina alta. A maioria dormiu naquela manhã.

Ao meio-dia, ruídos inabituais começaram: eram aviões Biber e outros tipos de pequenos aviões do exército, que começaram a rodar por perto. Alguns do nosso grupo continuaram tranqüilamente a cortar cana enquanto os aviões passavam, sem pensar o quanto eram visíveis, pois os aparelhos inimigos voavam a baixa altura e com pouca velocidade. Minha tarefa, naquela época, como médico da tropa, era curar as feridas dos pés. Lembro-me até hoje do último curativo que fiz naquele dia. Esse companheiro chamava-se Humberto Lamotte e era seu último dia de vida. Minha memória guarda aquela silhueta cansada e angustiada, carregando na mão os sapatos que não podia pôr, enquanto se dirigia da farmácia improvisada até seu posto.

O companheiro Montané e eu estávamos encostados num tronco, falando dos nossos respectivos filhos; comíamos a magra ração — meio chouriço e duas bolachas — quando estourou um disparo; depois de apenas alguns segundos um verdadeiro furacão de balas — pelo menos essa é a impressão que marcou nosso cérebro angustiado naquela prova de fogo — se abateu sobre o grupo de 82 homens. Meu fuzil não era dos melhores, mas foi assim que o quis deliberadamente, porque minhas condições físicas eram deploráveis após um longo ataque de asma que se prolongou durante toda a travessia e por isso não queria que se perdesse uma boa arma em minhas mãos. Não sei em que momento nem como aconteceram as coisas; as lembranças agora são nebulosas. Lembro-me de que, no meio do tiroteio, Almeida — que era então

* Reproduzido de GUEVARA, E. Alegría de Pío. In: *Pasajes de la guerra revolucionaria*. Obras. t. 1, p. 197-200.

capitão — veio do meu lado perguntar quais eram as ordens, mas nessa altura já não havia ninguém para dá-las. Conforme fiquei sabendo depois, Fidel tentou em vão agrupar os homens no canavial próximo, para o que bastava atravessar o caminho. A surpresa havia sido grande demais e o tiroteio demasiadamente intenso. Almeida voltou a tomar conta do seu grupo, e nesse momento um companheiro deixou uma caixa de balas quase a meus pés; falei com ele e o homem me respondeu, com um rosto que até hoje lembro por causa da angústia que refletia, algo como “não é hora para se importar com uma caixa de balas”; imediatamente seguiu o caminho do canavial (morreu depois, assassinado por um dos esbirros de Batista). Talvez esta tenha sido a primeira vez que se colocou diante de mim o dilema da minha dedicação à medicina ou ao meu dever de soldado revolucionário. Diante de mim havia a mochila cheia de remédios e uma caixa de balas; as duas juntas eram muito pesadas para carregar juntas; peguei a caixa de balas para atravessar a clareira que me separava das canas. Lembro-me perfeitamente de Faustino Pérez, de joelhos na cerca, disparando sua metralhadora. Perto de mim, um companheiro chamado Arbentosa caminhava até o canavial. Uma rajada que não se diferenciava das demais nos atingiu juntos. Senti um golpe forte no peito e uma ferida no pescoço; eu mesmo me dei por morto. Arbentosa vomitando sangue pelo nariz, boca e pela enorme ferida da bala quarenta e cinco gritou alguma coisa como “me mataram” e começou a disparar loucamente, pois não se via ninguém naquele momento. Do chão, disse a Faustino, “me arre-bentaram” (só que com palavra mais forte). No meio de sua tarefa ele me lançou um olhar e me disse que não era nada, mas em seus olhos se lia a condenação que significava minha ferida.

Continuei deitado; disparei um tiro até a colina seguindo o mesmo impulso do ferido. Imediatamente comecei a pensar na melhor maneira de morrer nesse minuto em que tudo parecia perdido. Lembrei-me de um velho conto de Jack London, onde o protagonista, apoiado numa árvore, se prepara para acabar com dignidade sua vida, ao saber-se condenado à morte por congelação nas zonas geladas do Alasca. É a única imagem que lembro. Alguém, de joelhos, gritava que tinha que render-se e se ouviu outra voz, que depois soube pertencer a Camilo Cienfuegos, gritando: “Aqui ninguém se rende...” e um palavrão depois. Ponce se aproximou agitado, com a respiração ofegante, mostrando uma ferida de bala que aparentemente lhe atravessava o pulmão. Disse que estava ferido e respondi com a maior indiferença que eu também. Ponce continuou se arrastando até o canavial junto com outros

companheiros ilesos. Por um momento fiquei sozinho, deitado, esperando a morte. Almeida chegou perto de mim e me deu ânimo para continuar; apesar dos sofrimentos, o fiz e chegamos até o canavial. Ali vi o grande companheiro Raúl Suárez com seu dedo polegar destruído por uma bala e Faustino Pérez fazendo-lhe um curativo, perto de um tronco; depois, tudo se confundia, com aviões voando baixo e atirando com metralhadoras, semeando cada vez maior confusão, em meio a cenas às vezes dantescas, às vezes grotescas, como a de um corpulento combatente que queria esconder-se atrás de uma cana ou outro que pedia silêncio, no meio desse ruído infernal, sem saber muito bem por quê.

Formou-se um grupo dirigido por Almeida e no qual estava o atual comandante Ramiro Valdés, tenente naquela época, e os companheiros Chao e Benítez; com Almeida na chefia, atravessamos a última fileira de canas para alcançar uma colina salvadora. Nesse momento se ouviram os primeiros gritos de “fogo” no canavial e se levantaram columnas de fogo e fumaça; disso não tenho certeza, porque naquele momento pensava mais na amargura da derrota e na iminência da minha morte do que nos acontecimentos da luta. Caminhamos até que a noite nos impediu de avançar e resolvemos dormir, todos juntos e amontoados, atacados pelos mosquitos, sofrendo de fome e sede. Assim foi nosso batismo de fogo, no dia 5 de dezembro de 1956, perto de Niquero. Desse modo se iniciou a forja que seria o exército rebelde.

9. DO DIÁRIO DA BOLÍVIA *

Dezembro 31

Às 7.30 o Médico chegou trazendo a notícia de que Monje ** estava aí. Eu fui com Inti, Tuma, Urbano e Arturo. A recepção foi cordial, mas tensa; no ar flutuava a pergunta: por que veio? Com ele chegaram "Pan Divino", o novo recruta, Tania, que vinha receber instruções, e Ricardo, para ficar.

A conversa com Monje se iniciou com generalidades, mas chegou logo à sua proposição fundamental, que se resumia em três condições básicas:

1) Ele renunciaria à direção do partido, mas conseguiria dele pelo menos a neutralidade e que se pudesse tirar quadros para a luta.

2) Enquanto a revolução tivesse um âmbito boliviano, caberia a ele a direção político-militar da luta.

3) Ele se responsabilizaria pelas relações com outros partidos sul-americanos, tentando levá-los à posição de apoio aos movimentos de libertação. (Deu como exemplo Douglas Bravo.)

Respondi que o primeiro ponto ficava a seu critério enquanto secretário do partido, ainda que eu considerasse sua posição um tre-

mendo erro. Era vacilante e acomodatória, preservando o nome histórico daqueles que deveriam ser condenados pelas suas posições claudicantes. O tempo me daria razão.

Quanto ao terceiro ponto, eu não via nenhum inconveniente no fato de ele tentar, mas estava fadada ao fracasso. Pedir a Codovilla que apoiasse Douglas Bravo * era o mesmo que lhe pedir que coordenasse um levantamento dentro de seu partido. O tempo também seria o juiz.

Quanto ao segundo ponto, não poderia aceitá-lo de modo algum. Eu seria o chefe militar e não aceitava ambigüidades nesse ponto. A partir daí a discussão não avançou mais e girou em círculo vicioso.

Ficou combinado que ele pensaria no assunto e falaria com os companheiros bolivianos. Voltamos ao acampamento novo e discutii com todos para saber se ficariam ou se apoiariam o partido; todos ficaram e isso parece tê-lo afetado.

Às doze horas fizemos um brinde, em que ele salientou a importância histórica da data. Respondi, aproveitando suas palavras, que esse momento era um marco como o grito de Murillo da revolução continental e que nossas vidas não tinham importância perante a revolução. (...)

Análise do mês

Completo-se a equipe de cubanos com todo o êxito; o moral do pessoal é bom e existem apenas pequenos problemas. Os bolivianos estão bem, apesar de poucos. A atitude de Monje, se por um lado pode retardar o desenvolvimento, por outro contribui, livrando-me de compromissos políticos. Os próximos passos, fora a espera de mais bolivianos, consistem em falar com Guevara ** e com os argentinos Mauricio e Jozami (Massetti e o partido dissidente).

Análise de janeiro

Como esperava, a atitude de Monje foi evasiva num primeiro momento e traidora depois.

* Reproduzido de GUEVARA, E. *Diário en Bolivia* (excertos). In: *Obras*. t. 1, p. 477-8, 491-2, 603-4, 623, 625 e 629-30.

** Mario Monje era o dirigente do Partido Comunista da Bolívia. (N. do Org.)

* Codovilla era dirigente do P. C. argentino e D. Bravo um líder guerrilheiro da Venezuela. (N. do Org.)

** Trata-se de outro Guevara, um militante boliviano. (N. do Org.)

O partido já abriu as baterias contra nós e não sei até onde chegará, mas isso não nos deterá e, quem sabe, com o tempo seja até benéfico (estou quase certo disso).

O pessoal mais honesto e combativo estará conosco, mesmo passando por crises de consciência mais ou menos graves.

Até agora, Guevara respondeu positivamente. Veremos como ele e seu pessoal se comportarão no futuro.

Tania foi embora, mas nem ela nem os argentinos deram sinal de vida. É agora que se inicia a etapa propriamente guerrilheira e provaremos a tropa; só o tempo dirá no que vai dar e quais são as perspectivas da revolução boliviana.

Dentro das previsões, o que andou mais devagar foi a incorporação de combatentes bolivianos.

Resumo do mês de agosto

Foi, sem dúvida alguma, o pior mês que passamos desde que estamos em guerra. A perda de todas as grutas, com os documentos e remédios que continham, foi um golpe duro, sobretudo do ponto de vista psicológico. A perda de dois homens pelo fim do mês e a subsequente marcha à base de carne de cavalo desmoralizou o pessoal e provocou o primeiro caso de abandono, de Camba, que em si não significa grande perda, mas nesta circunstância, sim. A falta de contato com o exterior e com Joaquín e o fato de que prisioneiros do seu grupo tenham falado, também desmoralizou a tropa. Minha doença semeou a dúvida em outros companheiros e tudo isso se refletiu no nosso único combate, onde deveríamos ter causado várias baixas e só ferimos um. Por outro lado, a difícil marcha pelas colinas sem água revelou alguns traços negativos do pessoal.

As características mais importantes:

1) Continuamos sem contato algum e sem perspectivas razoáveis de consegui-lo a curto prazo.

2) Continuamos sem incorporação de camponeses, o que é lógico, se consideramos o pouco contato que tivemos com eles, nesses últimos tempos.

3) Há uma queda, momentânea, espero, do ardor combativo.

4) O exército não aumenta sua efetividade nem sua eficácia.

Estamos num momento de baixa do nosso moral e de nossa mística revolucionária. As tarefas mais urgentes continuam as mesmas que no mês passado, ou seja: restabelecer os contatos, incorporar combatentes, abastecer-nos de remédios e equipamentos. Temos que destacar que Inti e Coco se firmam cada vez mais como quadros revolucionários e militares.

Setembro 28

Dia de angústia que em certo momento pareceu ser nosso último dia. Trouxemos água pela madrugada e pouco depois Inti e Willy saíram para explorar outra baixada possível da garganta, mas voltaram logo, pois toda a colina em frente está marcada por um caminho por onde transitava um camponês a cavalo. Às dez, 46 soldados passaram na nossa frente, levando séculos para se afastar. Às 12 outro grupo apareceu, desta vez com 77 homens, e o cúmulo foi que nesse momento se ouviu um tiro e os soldados tomaram posição; o oficial deu ordens aos soldados para que fossem até a quebrada, que parecia ser a nossa, mas finalmente se comunicaram por rádio e ele pareceu ficar satisfeito, reiniciando a marcha. Nosso refúgio não tem defesa contra um ataque vindo de cima e, se nos descobrirem, nossas possibilidades de escapar são remotas. Mais tarde passou um soldado atrasado com um cão cansado, pois tinha que puxá-lo para que avançasse, e mais tarde, ainda, um camponês guiando outro soldadinho atrasado; o camponês voltou rápido e não aconteceu mais nada, só que a angústia no momento do tiro foi grande. Todos os soldados passaram com mochilas, o que dá a impressão de que estão se retirando e não se viram fogos na habitação durante a noite, além de não se ouvirem os tiros com os quais habitualmente saúdam o anoitecer. Amanhã sairemos o dia inteiro para um reconhecimento no acampamento. Uma chuva leve nos molhou, mas não me parece ter sido suficiente para apagar os rastros.

O rádio deu a identificação de Coco e uma notícia confusa sobre Julio; confundiram Miguel com Antonio e deram os cargos que ocupava em Manila. No começo fizeram correr a notícia da minha morte, mas desmentiram em seguida.

Resumo de setembro

Deveria ter sido um mês de recuperação e quase o foi. Mas a emboscada em que caíram Miguel, Coco e Julio fez cair tudo por terra e logo ficamos numa posição perigosa, perdendo também Leon; a perda de Camba foi até benéfica.

Tivemos pequenos confrontos, nos quais matamos um cavalo e ferimos um soldado; Urbano trocou tiros com uma patrulha e houve a nefasta emboscada de Higuera. Já deixamos as mulas e penso que, por muito tempo, não teremos esse tipo de animais a menos que eu volte a ter uma crise asmática.

Por outro lado parecem corretas as notícias sobre mortos no outro grupo que devemos considerar liquidado, apesar de que um pequeno grupo possa estar em marcha para escapar de um contato com o exército. A notícia da morte conjunta dos sete pode ser falsa ou pelo menos exagerada.

As características são as mesmas que no mês passado, só que agora o exército está demonstrando maior efetividade de ação, e a massa camponesa não nos ajuda em nada e se converte em delatores.

A tarefa mais importante é sair daqui e procurar lugares mais propícios; em seguida, os contatos, apesar de que todo o aparato está desbaratado em La Paz, onde sofremos também golpes duros. O moral do resto do pessoal se mantém bastante bom e só tenho dúvidas a respeito de Willy, que talvez esteja esperando algum combate para tentar fugir, se não se conversar com ele.

Outubro 7

Passaram-se 11 meses desde o início de nossa guerrilha sem complicações, bucolicamente; até as 12.30, hora em que uma velha apascentando suas cabras entrou na garganta onde estávamos acampados e tivemos que prendê-la. A mulher não nos deu nenhuma notícia fidedigna sobre os soldados, a todas as perguntas respondendo que não sabe, que faz tempo que não vai por lá. Deu apenas informações sobre os caminhos; das suas informações calcula-se que estamos aproximadamente a uma légua de Higuera e de Jagüey e a umas duas de Pucará. As 17.30, Inti, Aniceto e Pablito foram à casa da velha, que tem uma filha débil e outra meio anã; deram-lhe 50 pesos, com a condição de

que não fosse falar uma só palavra a ninguém, mas com poucas esperanças de que não o faça apesar das promessas. Saímos os 17 com uma lua muito pequena e a marcha foi muito cansativa, deixando muitos rastros pela garganta por onde passamos, que não tem casas perto, mas plantações de batata regadas por açudes de um mesmo arroio. Às duas paramos para descansar, já que era inútil continuar avançando. Chino se converte numa verdadeira carga quando se trata de andar à noite.

O exército deu uma só notícia sobre a presença de 250 homens em Serrano para impedir a passagem de 37 homens cercados e disseram que nosso refúgio se situa entre o rio Acero e Oro. A notícia parece diversionista. *alt. — 2 000 m.*

IV. POLÍTICA ECONÔMICA DA TRANSIÇÃO SOCIALISTA

10. SOBERANIA POLÍTICA E INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA *

(...) A palavra de ordem neste momento é a da planificação. A reestruturação consciente e inteligente de todos os problemas que o povo de Cuba deverá enfrentar nos anos futuros. Não podemos nos contentar em pensar apenas na resposta, no contragolpe face a alguma agressão mais ou menos imediata, mas sim em fazer um esforço para elaborar todo um plano que nos permita prever o futuro. Os homens da revolução devem caminhar conscientemente para seu destino; mas, para isso, não é suficiente que somente os homens da revolução o façam; é necessário também que todo o povo cubano compreenda exatamente quais são os princípios revolucionários, para que possa saber que por trás desses momentos, em que, para alguns, o futuro se apresenta incerto, nos aguarda um futuro feliz e glorioso; fomos os que colocaram a primeira pedra da liberdade da América. Por isso, um programa deste tipo é muito importante, um programa que permita a todas as pessoas que tenham alguma mensagem poder vir e dizê-la. Isso não é novo, pois cada vez que nosso primeiro ministro aparece frente às câmaras, é para dar uma lição magistral, como somente um pedagogo de sua categoria é capaz de dar. Aqui também planificamos nossa aprendizagem e tentamos dividi-la em termos específicos e não responder apenas às

perguntas formuladas. Entramos então no assunto, que é, como o dissemos anteriormente, soberania política e independência econômica.

Mas antes de referir-nos às tarefas que a revolução está realizando para concretizar estas duas expressões, estes dois conceitos que devem andar sempre juntos, é bom defini-los e torná-los claros. As definições são sempre defeituosas, tendem a imobilizar os termos, a tirar-lhes a vida, mas, mesmo assim, é bom que se dê pelo menos o significado geral dessas duas expressões gêmeas. Acontece que há quem não entende ou não quer entender — o que dá no mesmo — o que vem a ser soberania e se assusta quando nosso país, por exemplo, firma um convênio comercial com a União Soviética — do qual, entre parênteses, tive a honra de participar — e recebe inclusive créditos desta nação. Toda esta luta tem antecedentes na história da América. Sem ir muito longe, nestes dias — faz exatamente dois dias — comemorou-se o aniversário da expropriação das companhias petrolíferas mexicanas, no governo do general Lázaro Cárdenas. Nós, os jovens, éramos muito crianças naquela época (já se passaram mais de vinte anos) e não podemos calcular exatamente a comoção que isso produziu na América, mas, de qualquer maneira, os termos e as acusações foram exatamente iguais aos que Cuba deve suportar hoje, aos que a Guatemala suportou num passado recente e que vivi pessoalmente, e aos que deverão suportar, no futuro, todos os países que enveredam decididamente por este caminho de liberdade. Podemos dizer hoje, sem estar caricaturando nada, que as companhias ou as grandes empresas jornalísticas, junto com os porta-vozes dos Estados Unidos, dão a tônica da importância e da honestidade de um governante, invertendo simplesmente os termos. Quanto mais atacado é um governante, melhor será indiscutivelmente; temos o privilégio de ser hoje o país e o governo mais atacado, não apenas neste momento, mas talvez em todos os momentos da história da América: muito mais que Guatemala e mais ainda talvez que o México, quando no ano 38 ou 36 o general Cárdenas ordenou a expropriação. Naquela época, o petróleo desempenhava papel muito importante na vida mexicana; no nosso caso, hoje, o açúcar desempenha o mesmo papel. O papel de monoproduto que vá para um monomercado, ou seja, para um único mercado.

“Sem açúcar, não há país”, vociferam os representantes da reação, acreditando, ademais, que se esse mercado não compra esse açúcar, a ruína é absoluta. Como se este mercado que compra esse açúcar o fizesse movido apenas pelo desejo de nos ajudar. Durante séculos, o poder político esteve em mãos de escravagistas, depois de senhores

* Reproduzido de GUEVARA, E. Soberanía política e independencia económica. In: Obras. t. 2, p. 50-65.

feudais, e para facilitar a condução das guerras contra seus inimigos e contra as rebeliões dos oprimidos, delegavam suas prerrogativas àquele que unisse a todos, que era o mais decidido e o mais cruel; talvez se tornasse o rei, o soberano e o déspota que, pouco a pouco, impunha sua vontade através de épocas históricas para chegar, num determinado momento, a torná-la absoluta.

Claro que não vamos relatar aqui todo o processo histórico da humanidade, além do que o tempo dos reis já passou. Só restam algumas amostras na Europa. Fulgencio Batista nunca pensou em chamar-se Fulgencio I. Ele se contentou simplesmente em ter certo vizinho poderoso que o reconhecia como presidente, em ser reconhecido pelos oficiais do exército, ou seja, pelos possuidores das forças físicas, das forças materiais, dos instrumentos de morte, que o acatavam e o apoiavam como o mais forte de todos, o mais cruel e aquele que tinha os melhores amigos no exterior. Existem agora os reis sem coroa: são os monopólios, os verdadeiros senhores de países inteiros, e em certos casos de continentes, como é o caso do continente africano, de boa parte do continente asiático e infelizmente do nosso continente americano. Outras vezes tentaram dominar o mundo. Primeiro foi Hitler, representante dos grandes monopólios alemães, que tentou levar adiante a idéia de superioridade de uma raça e impô-la em todos os cantos do mundo numa guerra que custou 40 milhões de vidas.

A importância dos monopólios é imensa, tão grande que faz desaparecer o poder político de muitas das nossas repúblicas. Faz algum tempo, lemos um ensaio de Papini, onde seu personagem Gog comprava uma república e dizia que essa república acreditava ter presidentes, câmaras, exércitos e que era soberana, quando na verdade ele a havia comprado. Essa caricatura é correta: existem repúblicas que têm todas as características formais para sê-lo, e que no entanto dependem da vontade onipotente da Companhia Frutera, por exemplo, cujo diretor muito odiado era um falecido advogado; outros dependem da Standard Oil ou de alguma outra companhia monopolista de petróleo; outros dependem dos reis do estanho ou dos que comercializam o café; estou dando apenas exemplos americanos, sem citar os africanos ou asiáticos; isso significa que a definição do termo soberania política não é uma definição formal, mas temos que aprofundá-la um pouco mais e procurar suas raízes. Todos os tratados, todos os códigos de direitos, todos os políticos do mundo sustentam que a soberania política nacional é uma idéia inseparável da noção de Estado soberano, de Estado moderno e,

se não fosse assim, não se veriam algumas potências obrigadas a chamar suas próprias colônias de Estados livres associados, ou seja, ocultar a colonização atrás de uma frase. O regime interno de cada povo, que lhe permite exercer a soberania num grau maior ou menor, de modo total ou nulo, é uma questão que diz respeito a esse povo; mas a soberania nacional significa, antes de tudo, o direito de cada país a que nenhum outro interfira na sua vida, o direito de cada povo de escolher o governo e o modo de vida que melhor lhe convier; isso depende de sua vontade e somente este povo pode determinar a mudança ou a permanência de seu governo. Mas todos estes conceitos de soberania política, de soberania nacional, são fictícios, se ao lado não existir a independência econômica.

No início tínhamos dito que soberania política e independência econômica andam juntas. Quando não há economia própria, se o país está invadido por capital estrangeiro, não se pode estar livre do país do qual se dependa, nem muito menos se pode afirmar a vontade deste país, quando ela se choca com os interesses daquele que o domina economicamente. Mas esta idéia não está inteiramente clara para o povo de Cuba e é necessário rememorá-la de vez em quando. Fincamos os pilares da soberania política no dia 1 de janeiro de 1959, mas eles só estarão totalmente consolidados no momento em que conseguirmos a independência econômica absoluta. E podemos dizer que estamos indo pelo bom caminho, se cada dia que passa tomamos uma medida que assegure nossa independência econômica. No mesmo momento em que medidas governamentais sejam tomadas para estancar este processo ou voltar atrás, mesmo que seja um passo apenas, se terá perdido tudo e se voltará indefectivelmente aos sistemas de colonização mais ou menos encobertos, de acordo com as características de cada país e de cada momento social.

É muito importante neste momento conhecer estes conceitos. Hoje é muito difícil acabar com a soberania política nacional de um país mediante a violência pura e simples. O último, ou melhor, os dois últimos exemplos disso são o ataque selvagem e astuto dos colonialistas ingleses e franceses em Port Said no Egito e o desembarque de tropas norte-americanas no Líbano. No entanto, não se pode mais hoje enviar os *marines* com a mesma impunidade como antes e é muito mais fácil estabelecer uma cortina de mentiras do que invadir um país, no caso de os interesses econômicos de algum grande monopólio terem sido prejudicados. Com a existência, hoje, das Nações Unidas, onde todos os

povos querem emitir sua voz e seu voto, fica cada vez mais difícil invadir um país que reclama o direito de exercer sua soberania.

Não é fácil tampouco adormecer a opinião pública do próprio país nem a do mundo inteiro. É necessário para isso um grande esforço propagandístico, que prepare as condições para tornar menos odiosa a intervenção.

É isso precisamente o que estão fazendo conosco; não podemos deixar de alertar, sempre que possível, que se preparam as condições para aniquilar Cuba e que depende apenas de nós que esta agressão não se realize. Poderá ser uma agressão econômica partindo de um ponto qualquer, mas se for uma agressão material (diretamente com soldados compatriotas dos monopólios ou com mercenários de outros países), temos que criar no país uma consciência tal, que o preço a pagar a torne inviável. Eles estão preparando as condições necessárias para afogar em sangue, se necessário, nossa revolução, somente porque estamos indo pelo caminho de nossa libertação econômica, porque estamos dando o exemplo com medidas para a libertação total do nosso país, fazendo com que o grau da nossa liberdade econômica alcance o da nossa liberdade e de nossa maturidade política atual.

Apossamo-nos do poder político, iniciamos nossa luta pela libertação com este poder bem firme nas mãos do povo. O povo não pode sequer sonhar com a soberania se não existir um poder que responda a seus interesses e aspirações. Poder popular não significa apenas que o Conselho de Ministros, a polícia, os tribunais e todos os órgãos do governo estejam nas mãos do povo; significa que os órgãos econômicos passem também para as mãos do povo. O poder revolucionário ou a soberania política é o instrumento para a conquista econômica e para concretizar em toda a extensão a soberania nacional. No caso de Cuba, quer dizer que este governo revolucionário é o instrumento para que somente os cubanos mandem em Cuba, e isso no seu sentido mais amplo, desde a parte política até a questão da repartição das riquezas de nossa terra e de nossa indústria. Ainda não podemos proclamar diante dos túmulos de nossos mártires que Cuba é independente economicamente. Não o pode ser enquanto um simples barco detido nos Estados Unidos provoque a paralisação de uma fábrica em Cuba, enquanto uma ordem qualquer de algum monopólio paralise aqui um centro de trabalho. Cuba será independente quando tiver desenvolvido todos os seus meios, todas as suas riquezas naturais e quando tiver, por meio de tratados de comércio com todo o mundo, a certeza de que não

poderá haver ação unilateral de nenhuma potência estrangeira para impedi-la de manter seu ritmo de produção, de manter todas as suas fábricas e todo o campo produzindo o máximo possível dentro da planificação que estamos pondo em prática. Podemos dizer exatamente que a data em que se alcançou a soberania política nacional como primeiro passo, foi o dia em que venceu o poder popular, o dia da vitória da revolução, ou seja, o 1 de janeiro de 1959.

Esse dia se fixa cada vez mais como o começo não apenas de um ano extraordinário na história de Cuba, mas também o começo de uma era. E temos a pretensão de pensar que não é apenas o começo de uma era em Cuba, mas também o começo de uma era na América. Para Cuba, o 1 de janeiro é o resultado do 26 de julho de 1953 e do 12 de agosto de 1933 e também do 24 de fevereiro de 1895 ou do 10 de outubro de 1868. Para a América esta é também uma data gloriosa; talvez seja a continuação daquele 25 de maio de 1809 em que Murillo se levantou no Alto Peru ou do 25 de maio de 1810, data da Assembléia de Buenos Aires ou de qualquer outra data que marque o início da luta do povo americano pela independência política no início do século XIX.

Esta data, primeiro de janeiro, conquistada a preço extremamente elevado para o povo cubano, resume as lutas de gerações e gerações de cubanos, desde a formação da nacionalidade pela soberania, pela pátria, pela liberdade e pela total independência política e econômica de Cuba. Não se trata de reduzir esta data a um episódio sangrento, espetacular ou até decisivo, mas apenas a um momento na história dos cubanos, já que o primeiro de janeiro é a data da morte do regime despótico de Fulgencio Batista, deste pequeno Weyler nativo; mas é também a data do nascimento da verdadeira república politicamente livre e soberana, que se dá, como lei suprema, a dignidade do homem.

Este primeiro de janeiro significa o triunfo de todos os mártires do nosso passado, desde José Martí, Antonio Maceo, Máximo Gómez, Calixto García, Moncada ou Juan Gualberto Gómez, que tem antecedentes em Narciso Lopez, Ignacio Agramonte e Carlos Manuel de Céspedes, eles mesmos antepassados de todos os mártires de nossa história republicana, os Mella, os Guiteras, os Frank País, os José Antonio Echeverría ou Camilo Cienfuegos.

Fidel foi consciente, como sempre, desde que se dedicou inteiramente aos combates pelo seu povo, da grandeza, do valor revolucionário, da importância desta data que tornou possível o heroísmo coletivo de

um povo inteiro: o maravilhoso povo cubano do qual nasceu o glorioso exército rebelde, continuação do exército que tinha se levantado contra a Espanha. Por isso Fidel gosta sempre de comparar a obra a ser realizada com a que tinha pela frente o punhado de sobreviventes no momento do desembarque já lendário do Granma. Neste momento, ao abandonar o Granma, se deixava para trás todas as aspirações individuais, se iniciava a luta em que um povo inteiro tinha que triunfar ou fracassar. Por isso, por esta fé e esta união tão forte entre Fidel e seu povo, nunca fraquejou, nem mesmo nos momentos mais difíceis da campanha, porque sabia que a luta não estava centrada e isolada nas montanhas da Sierra Maestra, mas que ela se dava em qualquer lugar de Cuba, onde havia um homem ou uma mulher levantando a bandeira da dignidade.

Fidel já sabia, como todos nós o soubemos mais tarde, que nessa luta todo o povo cubano triunfava ou era derrotado, como na luta atual. Insiste neste aspecto, dizendo: ou nos salvamos todos, ou afundamos todos. Vocês conhecem esta frase. É que todas as dificuldades a vencer são difíceis como nos dias seguintes ao desembarque do Granma; a diferença é que agora os combatentes não se contam por unidades ou dezenas, mas sim por milhões. Cuba inteira se transformou numa Sierra Maestra para travar, no terreno onde se situar o inimigo, a batalha definitiva pela liberdade, pelo futuro, pela honra de nossa pátria, e por ser infelizmente, neste momento, o único país em pé de guerra.

A batalha de Cuba é a batalha da América, não a definitiva, pelo menos num sentido. Se Cuba perder a batalha, a América não a perdeu; mas se Cuba ganhar esta batalha, é a América inteira que terá ganho. É esta a importância de nossa ilha, e é por isso que querem suprimir o "mau exemplo" que damos. Naquela época, em 1956, o objetivo estratégico, ou seja, o objetivo geral de nossa guerra, era a derrubada da tirania de Batista, quer dizer, a reimplantação de todos os conceitos de democracia e soberania e independência arrancados pelos monopólios estrangeiros. A partir daquela época, do dia 10 de março, Cuba havia se transformado em um quartel com as mesmas características dos que estamos entregando hoje. Cuba inteira era um quartel. O dia 10 de março não foi obra de um só homem, mas de toda uma casta, um grupo de homens unidos por uma série de privilégios; entre eles, o mais ambicioso, o mais audaz, o Fulgencio I de nosso conto, era o capitão. Esta casta atendia a classe reacionária de nosso país, os latifundiários, os capitais parasitas e estava unida ao colonialismo estran-

geiro. Havia muitos, vários exemplares desaparecidos como por encanto: desde os politiquinhos até os jornalistas de salão presidencial, os fura-greves e os príncipes do jogo e da prostituição. O primeiro de janeiro alcança então o objetivo estratégico fundamental da revolução nesse momento, que é a destruição da tirania que durante quase sete anos ensanguentava o povo cubano. Mas, nossa revolução, que é uma revolução consciente, sabe que a soberania política está intimamente ligada à soberania econômica.

Esta revolução não quer repetir os erros da década de 1930, liquidando simplesmente um homem, sem se dar conta de que este homem é o representante de uma classe, de um estado de coisas, e que se não se destrói todo este estado de coisas, os inimigos do povo inventam outro homem. Por isso a revolução deve destruir na sua base o mal que assolava Cuba. Seria preciso imitar Martí e repetir de vez em quando que ser radical é nada mais nada menos que ir às raízes; não se chama de radical quem não vê o fundo das coisas nem se chama de homem quem não colabora para a segurança e a felicidade dos homens. Fidel, utilizando palavras diferentes, mas de mesma orientação que Martí, redefiniu que esta revolução se propõe arrancar as raízes das injustiças. Uma vez atingido o grande objetivo estratégico da queda da ditadura e do estabelecimento do poder revolucionário surgido do povo, responsável perante ele e cujo braço armado é hoje um exército sinônimo de povo, o novo objetivo estratégico é a conquista da independência econômica, ou seja, mais uma vez, da soberania nacional total. Ontem os objetivos táticos da luta eram a Sierra Maestra, as planícies, Santa Clara, o Palácio, Columbia, os centros de produção que deviam ser conquistados por ataques frontais, cerco ou por uma ação clandestina.

Nossos objetivos táticos hoje são o triunfo da Reforma Agrária, que é a base da industrialização do país, a diversificação do comércio externo, a elevação do nível de vida do povo, para alcançar este grande objetivo estratégico que é a libertação da economia nacional. Hoje é a economia a principal frente de luta, mesmo que consideremos outros muito importantes, como a educação, por exemplo; há pouco tempo nos referíamos à importância que tinha a educação para fornecer os técnicos necessários para esta batalha. Isso indica que a batalha na frente econômica é a mais importante, e a educação está destinada a dar os oficiais para esta batalha, nas melhores condições possíveis. Eu posso chamar-me de militar, militar surgido do povo, que tomou as armas como tantos outros, obedecendo simplesmente a uma chamada, que

cumpriu seu dever no momento em que foi preciso e que ocupa hoje a função que vocês conhecem. Não pretendo ser um economista; simplesmente, como todos os combatentes revolucionários, estou nesta nova trincheira onde me colocaram e devo estar preocupado mais do que outros com o rumo da economia nacional, da qual depende o destino da revolução. Mas esta batalha da frente econômica é diferente daquelas que travamos na Sierra; estas são batalhas de posições, batalhas em que quase nunca acontecem surpresas, em que as tropas se concentram e preparam cuidadosamente os ataques. As vitórias são produto do trabalho, da firmeza, da planificação. É uma guerra que exige o heroísmo coletivo, o sacrifício de todos, não por um dia, uma semana ou um mês, é uma batalha muito longa, tanto mais longa quanto mais isolados estamos, tanto mais longa quanto menos tenhamos estudado todas as características do terreno da luta e analisado o inimigo a fundo.

Esta batalha se trava com muitas armas também: desde a contribuição de 4% dos salários dos trabalhadores para a industrialização do país até o trabalho em cada cooperativa, até o estabelecimento de ramos até agora desconhecidos na indústria nacional como a citroquímica, a própria química pesada ou a siderurgia; tudo isso tem como objetivo estratégico principal, é bom lembrá-lo sempre, a conquista da soberania nacional.

Para conquistar algo, temos que tirá-lo de alguém, é bom deixar isso claro e não esconder-se atrás de conceitos que podem ser mal-interpretados. Esse algo que temos de conquistar, a soberania do país, temos de tirá-lo deste alguém que se chama monopólio; mesmo que os monopólios em geral não tenham pátria, têm pelo menos uma definição em comum: todos os monopólios que usufruíram da terra cubana têm laços muito estreitos com os Estados Unidos. Isso significa que nossa guerra econômica se dará com a grande potência do Norte e que nossa guerra não é uma guerra simples; isso significa que nosso caminho até a libertação passa pela vitória sobre os monopólios e, mais concretamente, sobre os monopólios norte-americanos. O controle da economia de um país por outro mina indiscutivelmente a economia do país controlado.

Fidel disse no dia 24 de fevereiro na CTC: como conceber uma revolução que ficaria na espera de investimentos do capital privado estrangeiro para a solução de seus problemas? Como conceber uma revolução que surja reivindicando os direitos dos trabalhadores pisoteados durante vários anos, espere a solução de seu problema a partir

de investimentos do capital privado estrangeiro que vai onde mais lhe interessa, que investe em produtos que lhe darão maior lucro e não naqueles que o país mais necessita? Logo, a revolução não podia escolher este caminho, este era o caminho da exploração, ela tinha que procurar outro caminho. Tinha que golpear o mais irritante de todos os monopólios, o monopólio da propriedade da terra, destruí-lo, fazer passar as terras às mãos do povo e iniciar então a verdadeira luta, já que esta era apenas a primeira investida contra os inimigos. A batalha não se travou a nível da Reforma Agrária, a batalha se travará agora, se travará no futuro, porque mesmo que os monopólios possuam aqui grandes extensões de terras, não é aqui que se encontram os mais importantes; os mais importantes estão na indústria química, na engenharia, no petróleo. É aí que incomoda o exemplo de Cuba, o "mau exemplo" como eles dizem.

Entretanto, era necessário começar pela Reforma Agrária: 1,5% dos proprietários de terra, cubanos ou não cubanos, mas proprietários de terras cubanas, possuíam 46% da área nacional, e 70% possuíam apenas 12% da área nacional; havia 62 000 parcelas com menos de 3/4 de *caballerías* [*caballería* corresponde a 13,4 ha], sendo que nossa Reforma Agrária considera como o mínimo vital 2 *caballerías*, ou seja, o mínimo necessário para que uma família de cinco pessoas, em terreno não irrigado, possa viver, satisfazendo suas necessidades primárias. Em Camagüey, cinco companhias, de cinco a seis companhias açucareiras, controlavam 56 mil *caballerías*. Isso significa 20% da área total de Camagüey.

Além disso, os monopólios têm o níquel, o cobalto, o ferro, o cromo, o manganês e todas as concessões petrolíferas. No caso do petróleo, por exemplo, havia concessões, entre as outorgadas e as solicitadas, que ultrapassavam três vezes a área nacional. Ou seja, estava dada toda a área nacional, além de estar dada toda a *cayería* e toda a zona da plataforma continental cubana; além disso, existiam zonas solicitadas por duas ou três companhias em litígio. Tivemos também que liquidar esta relação de propriedade das companhias norte-americanas. A especulação imobiliária também foi golpeada mediante a diminuição dos aluguéis e agora com os planos do INAV para proporcionar habitação barata. Aqui havia muitos monopólios imobiliários e, embora não sendo norte-americanos, eram capitais parasitas unidos aos norte-americanos, mesmo que fosse apenas pela concepção ideológica da propriedade privada a serviço de uma pessoa para a exploração de um povo. Com a intervenção nos grandes mercados e a criação dos armazéns

populares, dos quais 1 400 se localizam no campo, freou-se ou pelo menos se deram os primeiros passos para frear a especulação e o monopólio do comércio interno.

Vocês sabem como os produtos encarecem, e, se há camponeses escutando-nos, saberão da grande diferença existente entre os preços atuais e os preços cobrados pelos bandidos naquela época nefasta em todo o campo cubano. A ação desenfreada dos monopólios nos serviços públicos foi pelo menos diminuída. Dois exemplos disso são o telefone e a eletricidade. O monopólio estava presente em todas as manifestações da vida do povo cubano. Não apenas nas manifestações econômicas, que nos interessam neste momento, mas também na política e na área cultural.

Agora tínhamos que dar outro passo importante em nossa luta de libertação: o golpe aos monopólios do comércio externo. Já fizemos vários tratados comerciais com diversos países e constantemente novos países estão procurando o mercado cubano em pé de absoluta igualdade. De todos os convênios firmados, não há dúvida de que o mais importante foi o firmado com a União Soviética. É bom destacá-lo porque já vendemos a esta altura algo insólito: toda a nossa quota de açúcar, e temos ainda encomendas que podem ser estimadas entre oitocentos mil a um milhão de toneladas, sem levar em conta a possibilidade de novos convênios com outros países. Ademais, asseguramos durante cinco anos uma venda de um milhão de toneladas por ano. Está certo que só recebemos dólares sobre 20% deste açúcar, mas o dólar não é nada mais do que um instrumento de compra; ao recebermos produtos manufaturados ou matérias-primas, estamos simplesmente utilizando o açúcar como dólares. Diziam-me que um contrato com essas características era ruinoso, já que a distância que separa a União Soviética de Cuba encarecia notavelmente todos os produtos importados. Essas predições caíram por terra com o contrato firmado para o petróleo. A União Soviética se compromete a fornecer a Cuba petróleo de várias especificações a um preço mais barato em 33% que o das companhias monopolistas norte-americanas, que são nossas vizinhas. Isso se chama libertação econômica.

Naturalmente há os que pretendem que todas estas vendas da União Soviética são vendas políticas. Dizem que a União Soviética faz isso apenas para incomodar os Estados Unidos. Podemos admitir que isso seja certo. A União Soviética, em sua soberania, tem o direito, se quiser, de incomodar os Estados Unidos; ela nos vende petróleo, compra

nosso açúcar, e as intenções que eles tenham ou deixem de ter não nos interessa; nós, ao comerciar com eles, estamos simplesmente vendendo mercadoria e não soberania nacional, como o fazíamos antes. Vamos falar simplesmente uma linguagem de igualdade. Cada vez que um representante de uma nova nação do mundo vem aqui, neste momento ele fala uma linguagem de igualdade. Não importa o tamanho do país de onde vem, nem a potência dos seus canhões. Enquanto nação independente, Cuba tem um voto nas Nações Unidas do mesmo modo que os Estados Unidos ou a União Soviética. Com esse espírito se fizeram todos os tratados e é com o mesmo espírito que se farão todos os novos tratados comerciais, porque temos que insistir no que Martí já havia visto e precisado claramente muitos anos atrás, quando insistia em dizer que a nação que compra é a nação que manda, e a nação que vende é a que obedece. Quando Fidel Castro explicou que o convênio comercial com a União Soviética era muito benéfico para Cuba, estava simplesmente explicando que... mais do que explicando, poderíamos dizer, sintetizando os sentimentos do povo cubano. Realmente, todo mundo se sentiu um pouco mais livre quando soube que podia firmar convênios comerciais com quem quer que seja e todo mundo deve sentir-se hoje mais livre ainda ao saber perfeitamente que não somente se firmou um convênio comercial em nome da soberania do país, como também se firmou um dos convênios comerciais mais favoráveis a Cuba. E quem analisar os empréstimos onerosos das companhias norte-americanas e compará-los com o empréstimo ou o crédito concedido pela União Soviética por doze anos a 2,5% de juros, os mais baixos registrados na história das relações comerciais internacionais, poderá ver a importância de tal convênio. Está certo que este crédito deverá servir para comprar mercadorias soviéticas, mas está certo também que os empréstimos concedidos pelo Export Bank, por exemplo, que é supostamente um organismo internacional, servem para comprar determinados produtos dos Estados Unidos ou dos monopólios estrangeiros. O Export Bank, por exemplo, empresta oito, dez ou quinze milhões de pesos à Cia. Birmana de Eletricidade — suponhamos que a Cia. Birmana de Eletricidade corresponda à Cia. Cubana de Eletricidade. Esta companhia instala então seus aparelhos, começa a fornecer energia elétrica caríssima e muito mal, cobra tarifas enormes, e é a nação que depois deve pagar. Esses são os sistemas de crédito internacionais. É completamente diferente de um crédito concedido a uma nação para que o aproveite e para que todos seus filhos se beneficiem. Seria completamente diferente se a União Soviética tivesse emprestado 100 milhões de pesos a uma sua

companhia subsidiária para estabelecer um negócio e exportar seus dividendos para a União Soviética. Na realidade este empréstimo está previsto para a instalação de uma grande empresa siderúrgica e uma refinaria de petróleo, totalmente nacionais e a serviço do povo.

Ou seja, tudo o que pagamos significa apenas a retribuição do que recebemos, uma retribuição correta e honesta como vimos no caso do petróleo. Não digo com isso que, na medida em que assinarmos outros contratos, do mesmo modo aberto com que o governo de Cuba explica todos os seus negócios, poderemos dar informes de preços tão extraordinariamente baixos para todas as mercadorias que comprarmos e para todos os produtos manufaturados. O *Diario de la Marina*, devemos citá-lo mais uma vez, se opõe a isso. Infelizmente não trouxe comigo o artigo muito interessante, que dá cinco, seis ou sete razões pelas quais o convênio lhes parece ruim. Todas são falsas, naturalmente. Mas não são apenas falsas na interpretação, o que já é ruim, são falsas inclusive nas informações. São falsas, por exemplo, quando diz que isso significa um compromisso de Cuba de apoiar as manobras soviéticas nas Nações Unidas. Na realidade, numa declaração completamente independente deste tratado, e que foi redigida de comum acordo, Cuba se compromete a lutar pela paz no interior das Nações Unidas. Quer dizer que acusam Cuba, como Fidel já o explicou, de fazer exatamente aquilo pelo qual se formaram as Nações Unidas conforme suas atas de constituição; todas as outras questões econômicas, que foram muito bem refutadas pelo nosso ministro do Comércio, apresentam lacunas muito graves e mentiras grosseiras. O mais grave é quanto à questão dos preços. Vocês sabem que o preço do açúcar se estabelece no mercado mundial pela oferta e a demanda. O *Diario de la Marina* diz que se esse milhão de toneladas que Cuba vende for colocado novamente no mercado pela União Soviética, Cuba acaba não ganhando nada. Isso é mentira pelo simples fato de que fica claramente estabelecido no convênio que a União Soviética pode exportar o açúcar somente para os países que habitualmente dela compravam. A União Soviética importa açúcar, mas exporta também açúcar refinado para alguns países limítrofes que não têm refinaria, como o Irã, o Iraque, o Afeganistão; a União Soviética continuará naturalmente a servir esses países para os quais exporta habitualmente, mas nosso açúcar será integralmente consumido no quadro dos planos de aumento do consumo popular desse país.

Se os norte-americanos estão muito preocupados, já que dizem no próprio Congresso que a União Soviética os alcança, se eles crêem na

União Soviética, por que nós não haveríamos de acreditar nela? Sobre tudo quando dizem, e não apenas com palavras, que esse açúcar serve para seu consumo interno; e por que um jornal semeia a dúvida aqui, dúvida que pode espalhar-se internacionalmente e ter influência negativa sobre os preços do açúcar? É nada mais do que a tarefa da contra-revolução. A tarefa dos que não se conformam em perder seus privilégios. Por outro lado, a respeito do preço do açúcar cubano, que até obteve uma imerecida menção por parte de Lincoln Price a respeito de uma afirmação que fizemos, alguns dias atrás, eles insistem em que esses cem ou cento e cinquenta milhões de pesos que pagam a mais pelo açúcar é um presente a Cuba. Não é assim, já que Cuba firma para isso compromissos alfandegários, pelos quais está estabelecido que, por peso que os norte-americanos gastam em Cuba, Cuba gasta mais ou menos um peso e quinze centavos. Isso significa que, em dez anos, mil milhões de dólares passaram das mãos do povo cubano para os monopólios norte-americanos; nós não temos por que presentear alguém, mas se esta soma tivesse passado das mãos do povo cubano para as do povo norte-americano, poderíamos estar mais contentes, mas passou para os cofres dos monopólios, que são nada mais do que instrumentos de opressão para evitar que povos subjugados do mundo iniciem seu caminho de libertação. Os empréstimos que os Estados Unidos fizeram a Cuba nos custaram 61 centavos de juros por peso, e isso a curto prazo; que seria então de um empréstimo a longo prazo, como o que obtivemos da União Soviética? Por isso temos seguido à risca a orientação de Martí e insistimos em diversificar ao máximo o comércio externo, e não nos limitarmos a um só comprador; não somente diversificar nosso comércio externo, mas também nossa produção interna, para poder servir mais mercados. (...)

11. A PLANIFICAÇÃO CENTRALIZADA

a) Os pressupostos da transição socialista *

(...) Primeiro: o comunismo é uma meta da humanidade que se alcança conscientemente; logo, a educação, a liquidação das taras da sociedade antiga na consciência das pessoas é um fator de suma importância, sem esquecer, evidentemente, que sem avanços paralelos na produção não se pode chegar nunca a tal sociedade.

Segundo: as formas de condução da economia, como aspecto tecnológico da questão, devem ser tomadas onde elas estão mais desenvolvidas e possam ser adaptadas à nova sociedade. A tecnologia da petroquímica do campo imperialista pode muito bem ser utilizada pelo campo socialista sem temor de "contágio" da ideologia burguesa. Acontece o mesmo no ramo da economia (no que diz respeito às normas técnicas de direção e controle da produção).

Poderíamos, sem querer ser pretensiosos, parafrasear Marx quando se refere à utilização da dialética de Hegel e dizer destas técnicas que foram postas de pé.

Uma análise das técnicas contábeis utilizadas hoje de modo habitual nos países socialistas nos mostra que, entre elas e as nossas, existe um

* Reproduzido de GUEVARA, E. Sobre el sistema presupuestario de financiamiento. In: *Obras*. t. 2, p. 259-60.

conceito diferencial que poderia ser comparado com o existente no campo capitalista entre capitalismo de concorrência e monopólio. Afinal, as técnicas anteriores serviram de base para o desenvolvimento dos dois sistemas *postos sobre os próprios pés* e daí para a frente os caminhos se separaram, já que o socialismo tem suas próprias relações de produção e, em consequência, suas próprias exigências. (...)

b) Custos de produção e preços de mercado *

Entre os múltiplos problemas que enfrenta a economia socialista na sua prática de planificação, está a análise da gestão das empresas, levando em consideração as novas situações criadas pelo desenvolvimento da revolução socialista.

A base que rege o mercado capitalista é a lei do valor que se expressa diretamente no mercado. Não se pode pensar na análise da lei do valor fora de seu meio natural, que é o mercado; pode-se dizer, de outra forma, que a expressão própria da lei do valor é o mercado capitalista. Durante o processo de construção da sociedade socialista, muitas das relações de produção mudam na medida em que muda o dono dos meios de produção e o mercado deixa de ter as características de livre concorrência (considerando ainda a ação dos monopólios) e adquire outras novas, já limitado pela inclemência do setor socialista, que atua de forma consciente sobre o fundo mercantil.

No nosso caso, frente à carência de mercadorias, ter-se-ia produzido imediatamente um processo de aumento dos preços no mercado e se teriam nivelado novamente as relações de oferta-procura. Mas estabelecemos rígidos congelamentos de preços, mantendo um sistema de racionamento no qual o valor real das mercadorias não pode expressar-se através do mercado, que tem agora características diferentes. Até mesmo o racionamento sendo uma situação transitória, com o decorrer dos anos a economia planificada dentro dos limites de um país vai separando suas próprias realidades das realidades do mundo exterior. No complexo processo de produção e distribuição dos produtos, intervêm matérias-primas e gastos de todo tipo, que vão determinando um preço. Quando todos os produtos atuam de acordo com preços que têm certa relação entre si, distinta da relação desses produtos no mercado capitalista,

* Reproduzido de: Consideraciones sobre los costos de producción como base del análisis económico de las empresas sujetas a sistema presupuestario. In: *Obras*. t. 2, p. 209-18.

cria-se uma nova relação de preços que não tem comparação com a mundial. Como fazer para que os preços coincidam com o valor? Como manipular conscientemente o conhecimento da lei do valor para conseguir, de um lado, o equilíbrio do fundo mercantil e, de outro, o reflexo fiel dos preços? Este é um dos problemas mais sérios colocados para a economia socialista.

O primeiro país que construiu o socialismo, a União Soviética, assim como os países que o seguiram, tomaram a decisão de uma planificação que pudesse ser avaliada pelos grandes resultados econômicos e pelo seu reflexo financeiro, deixando mais ou menos livre o jogo entre empresas. Dessa maneira se desenvolveu o que se chamou de cálculo econômico, que é uma péssima tradução dos termos russos e que poderia ser expresso por autofinanciamento das empresas, ou melhor, autogestão financeira.

Em grandes linhas, a autogestão financeira trata de estabelecer controles globais por meio das finanças, de transformar os bancos em órgãos de controle primário das empresas e de desenvolver adequadamente o estímulo material de tal modo que, submetido a regras necessárias, sirva para provocar a tendência independente do aproveitamento máximo das capacidades produtivas, o que se traduz em benefícios maiores para o trabalhador individual ou para o coletivo da fábrica. Neste sistema, os créditos concedidos às empresas socialistas são cobrados com juros, a fim de acelerar a rotação dos produtos.

Na nossa prática econômica, iniciamos num primeiro momento um processo de centralização de todas as atividades financeiras das empresas, que nos permitia resolver problemas substanciais do momento.

Com o decorrer do tempo, pensamos que existia a possibilidade do desenvolvimento de novas técnicas de controle mais centralizadas, não mais burocráticas que as usuais, mas, em determinadas condições, mais eficientes para as empresas industriais. Este sistema se baseia fundamentalmente na idéia de aproveitar os avanços existentes na contabilidade geral das empresas capitalistas, num país pequeno, com boas comunicações, não apenas terrestres ou aéreas, mas também telefônicas e telegráficas, base para um controle contínuo e em dia.

[No nosso sistema, o banco deverá entregar às empresas as quantidades de dinheiro determinadas pelo orçamento; não há juros, porque não existem relações de crédito nessas operações. Nossa concepção, concretizada em apenas alguns ramos da economia, considera o produto

como um longo processo de fluxo interno durante todos os passos que deve dar no setor socialista, até sua transformação em mercadoria, o que ocorre somente quando há transferência de propriedade. Essa transferência ocorre quando sai do setor estatal para a propriedade de algum usuário.]

A passagem de um produto de uma empresa para outra, de um ministério a outro, deve ser considerada apenas como parte do processo de produção que agrega valores ao produto, e o banco é uma simples caixa contábil que registra os movimentos. A empresa não tem fundos próprios, portanto, todas as suas rendas são revertidas ao orçamento nacional.

O sistema demonstrou que pode funcionar, apesar das debilidades observadas, que o fazem alvo de sérias objeções.

Estas críticas se referem fundamentalmente à falta de estímulo material direto e à tendência para a burocratização nela contida.

De qualquer modo, não é hora para discutir isso. Queríamos agora tratar fundamentalmente da importância da análise econômica na gestão da empresa financiada. Como se deve realizar e a partir de quais premissas? Consideramos que o custo de produção é o elemento fundamental que permitirá ao administrador da unidade, da empresa ou do ministério, conforme o caso, observar imediatamente, e nas suas linhas gerais, o funcionamento da unidade produtiva.

Insistimos na análise de custo, porque consideramos não necessária a coincidência ou a relação íntima entre o custo de produção e o preço do setor socialista. (Para Cuba, país pouco desenvolvido, com grandes intercâmbios comerciais externos, as relações com o resto do mundo são fundamentais.)

Por isso consideramos que não se deve separar, de nenhum modo, a estrutura geral dos preços internos e a dos preços do mercado externo; é claro que esses preços só dizem respeito à esfera socialista, onde o dinheiro cumpre a função de medida de valor e, portanto, onde os preços se expressam apenas de forma ideal, em dinheiro aritmético, ou seja, como forma de medição.

Frente a isso, levantam-se as objeções ligadas às inumeráveis dificuldades provocadas pela distorção já existente com relação aos preços externos e aos avanços tecnológicos, que são distorções temporárias, ou à ação dos monopólios sobre os mercados, que fazem variar diariamente

os preços do mercado internacional. Mesmo que não tenhamos chegado ainda a uma análise completa destes problemas, consideramos que se poderia evitá-los, estabelecendo um sistema geral que deverá tomar em consideração uma certa medida histórica dos preços do mercado mundial capitalista, com as correções que possam ser introduzidas pela ação dos preços do mercado socialista (muito próximos na atualidade no mercado externo capitalista) e um fator de aumento pelos fretes a pagar desde a origem até nosso país. Os preços assim fixados funcionariam durante certos períodos sem alterações.

Se se tomassem os preços dos artigos fundamentais da economia, e, baseados neles, por cálculos aproximativos, fossem estabelecidos os demais, chegar-se-ia a um nível histórico dos preços do mercado mundial, que permitiria medir automaticamente a eficiência relativa de todos os ramos da economia no mercado mundial.

Observa-se também que a estrutura dos preços dos produtos dará uma imagem distorcida da produção nacional, já que só medem a eficiência média mundial, com isso provocando-se tendências perigosas de consumo, baseadas nos preços tentadores de produtos cujo trabalho investido é muito superior ao que deixa aparentar a comparação mundial.

Esta objeção é válida e seria preciso procurar alguns números-índices para designar os produtos de acordo com sua rentabilidade, para a planificação correta. Como esse sistema se baseia num controle central da economia e numa maior centralização de decisões, a rentabilidade relativa seria apenas um índice, pois o que realmente interessa é a rentabilidade geral do aparato produtivo. Este se mediria, se fosse possível — e como aspiração permanente — em termos de valor mundial, pelo menos no nível dos preços a serem pagos pela população.

Isso não quer dizer, nem de longe, que já asseguramos um critério para as novas inversões e que, de acordo com os custos de nossas indústrias e os possíveis custos das novas inversões, serão decididas as linhas a estabelecer de acordo com nossas possibilidades de acumulação. Não seria precisamente assim porque a lei do valor se expressa relativamente pura no mercado mundial e no nosso meio interno ela será muito influenciada pela incidência do setor socialista e o trabalho socialmente necessário, a nível local, para produzir determinados artigos. Devemos considerar também que pode nos interessar desenvolver mais determinado tipo de produto que não seja o mais rentável, mas que seja mais interessante estrategicamente ou simplesmente seja mais benéfico para a população.

Não devemos esquecer, é importante destacá-lo outra vez, que existirá um preço para a população que pode ser relativamente distinto do preço interno de contabilidade das empresas que se regem por este sistema. Com este esquema, teremos imediatamente o espelho onde se refletirá toda a marcha da economia num momento dado. Neste tipo de organização, que não é necessariamente a de todo o país, mas de alguns ramos da indústria, poderíamos aplicar um sistema cada vez mais aperfeiçoado de análise econômica.

O custo daria realmente o índice da gestão da empresa; não importa que seja maior ou menor que o nível de preços do setor socialista ou, inclusive, em determinados casos isolados, que os preços de venda ao povo, na medida em que o que interessa é a análise constante da gestão da empresa, durante um certo tempo determinado, avaliada por sua capacidade de baratear os custos. No preço se refletiria, neste caso, a análise automática da rentabilidade em relação aos preços mundiais. Para isso, temos que trabalhar mais seriamente sobre esses problemas, que ainda são tratados de modo esquemático e sem análise mais profunda.

É necessário elaborar todo um sistema de análise de custos que premie sistematicamente e penalize com igual perseverança os triunfos e derrotas na luta por rebaixá-los. É preciso também elaborar normas de consumo de matérias-primas, de gastos indiretos, de produtos em processo, de inventários de matérias-primas e de produtos acabados.

Temos que sistematizar o controle de inventários e fazer um trabalho econômico preciso sobre todos estes índices, num constante processo de renovação.

No nosso sistema de contabilidade, dividimos os custos em custos de matérias-primas e materiais diretos, de materiais indiretos, o custo da força de trabalho, o da depreciação e da previdência social, que é a contribuição das empresas estatais, medida em função do fundo de salário.

Deve-se atuar sobre todos e cada um dos componentes assinalados, menos o imposto de previdência social, que na realidade deve conservar-se fora desta análise. Quando, no futuro, se aperfeiçoem os métodos, não será mais necessário tomá-lo em consideração e, simplesmente o Estado atribuirá cada ano, no orçamento, um capítulo de gastos que permita atender os problemas de previdência social, independentemente do salário individual recebido pelos trabalhadores.

Sobre as matérias-primas e materiais diretos consumidos pode-se atuar realizando poupança direta, mudanças tecnológicas e evitando os desperdícios.

Sobre os materiais indiretos, pode-se fazer economia baixando o consumo de eletricidade, combustível, etc., através de uma simples gestão organizativa ou, em outros casos, por mudanças tecnológicas; e, na força de trabalho, pode-se baixar seus custos relativos, aumentando a produtividade geral. Com respeito à depreciação, temos que desenvolver métodos mais científicos, que permitam estabelecê-la claramente e, ao mesmo tempo, prolongar a vida útil dos fundos básicos mediante manutenção adequada, o que permitirá fazer da depreciação um verdadeiro fundo de acumulação.

De qualquer modo que se analise, tudo se reduz a um denominador comum: *o aumento da produtividade no trabalho*, base fundamental da construção do socialismo e premissa indispensável para o comunismo.

Existem vários aspectos sobre os quais se pode estabelecer o controle dos custos: o primeiro é o cuidado administrativo dos mesmos, por meio de uma organização de controle e de capacitação adequada do nosso pessoal dirigente, que acostume todo o pessoal a atuar na análise imediata do custo e na manipulação destas cifras como uma tarefa habitual do trabalho.

É natural que no momento atual tenhamos inumeráveis dificuldades para consegui-lo, devido à pouca tradição de análise econômica nos nossos administradores, junto com baixo nível cultural. Existe também o fato de que a economia em seu conjunto não está bem organizada. Mas um trabalho conseqüente nesta direção poderá render frutos a curto prazo; estamos agora empenhados nesta tarefa.

Deve ficar claro que a análise dos custos não implica imediatamente a adoção de medidas necessárias para conseguir corrigir as deficiências observadas. Existem fatos objetivos e muito importantes que impedem estas medidas durante certo tempo; a má organização dos abastecimentos, muito dependentes do mercado estrangeiro; a tarefa de manutenção muito precária que realizamos até agora e que nos obriga a paralisações inesperadas; a falta de normas para as relações jurídicas entre as empresas, que provoca distorções sérias nos planos quando uma não retira os produtos solicitados e muda bruscamente de pedidos. Ou seja, os defeitos gerais de planificação e os defeitos do abastecimento externo fazem com que as unidades de produção e as empresas continuem sujeitas a mudanças

bruscas nos níveis de custo; devemos ficar mais preocupados com o fato de não saber interpretar o fenômeno imediatamente após ter acontecido do que com o fato em si mesmo.

Mas pode-se trabalhar também com o controle individual dos custos: o próprio controle que o trabalhador exerce no seu trabalho, uma vez estabelecidas normas de trabalho adequadas que considerem a qualidade e a quantidade de trabalho. Na consideração desta qualidade, a economia de matérias-primas pode ser usada como arma, que levará a resultados substanciais em curto espaço de tempo. Nesta tarefa, estamos avançando com firmeza, apesar de não ser com a velocidade necessária.

Deve-se insistir também no cuidado coletivo dos custos; a coletividade da unidade de produção o efetuará quando a análise de sua gestão econômica — análise feita através dos custos — produza estímulos, principalmente de caráter social, que despertem o interesse das massas em rebaixá-los para obter benefícios. Para isso, é preciso um aprofundamento da consciência junto com um grande salto de qualidade na organização. A ação do Partido, tomando esta tarefa em suas mãos e levando-a conseqüentemente à massa, pode provocar em pouco tempo a mudança de atitude dos trabalhadores frente à administração estatal, que hoje é bem diferente; mas não podemos sonhar que os avanços organizativos possam ir à mesma velocidade, devendo nos conformar com um período durante o qual teremos que fazer muitos reajustes. Temos algumas fábricas-piloto nas quais se estão estudando sistemas de estímulo coletivo de caráter social, que permitam atuar sobre os custos. Deve ficar bem estabelecido que esta análise deve ser realizada na base de uma produção programada e drasticamente aplicada e que o cumprimento do plano de produção, salvo causas muito bem justificadas, seria o marco que tornaria possível analisar a gestão coletiva para estabelecer os estímulos.

Toda esta tarefa geral está embasada na idéia da possibilidade de direção centralizada da economia, mas devemos deixar claro também que esta direção centralizada não deve significar que todas as decisões se tomem no mais alto nível, mas estabelecendo-se graduações onde a organização impeça que se violentem os princípios e obrigando, dentro de cada nível de decisão, a que se tomem as medidas necessárias sem ter de recorrer a outras instâncias. A tarefa preparatória de deixar claramente assentadas as relações entre cada nível, o que cada um deve fazer ou não, é uma imposição para o correto funcionamento do sistema.

Todo o nosso trabalho deve estar orientado para que a tarefa administrativa, de controle e de direção, se converta cada vez mais em algo simples e que os esforços dos organismos se concentrem na planificação e no desenvolvimento tecnológico. Uma vez estabelecidos todos os índices e os métodos, uma vez instaurados hábitos de controle com o avanço da planificação em todos os setores da economia, este trabalho se tornará mecânico e não deverá apresentar problemas sérios. É nesse momento que os métodos modernos de planificação adquirirão sua importância e que será possível aproximar-se do ideal de uma economia regida por análises matemáticas com que se possa escolher as proporções mais adequadas entre acumulação e consumo e entre os diferentes ramos produtivos. [Isso sem esquecer, é claro, que o ser humano, razão de ser de nossa revolução e de nossos desejos, não pode reduzir-se a uma mera fórmula e que suas necessidades serão cada vez mais complexas, ultrapassando a simples satisfação de suas necessidades materiais. Os diferentes ramos da produção se automatizarão cada vez mais, aumentando imensamente a produtividade do trabalhador e o tempo livre será dedicado a tarefas culturais, desportivas e científicas no seu mais alto grau e o trabalho será uma necessidade social]

A possibilidade deste futuro longínquo se aproximar de nós será dada pela capacidade técnica de trabalhadores e especialistas em manter as melhores condições de serviço em cada uma das indústrias, na capacidade de planificar de tal modo que as demandas mais imperiosas da população se conjuguem com as necessidades mais vitais da economia e que se possa proporcionar a maior quantidade de bens, junto com taxas de crescimento adequadas. Concebido desta forma o desenvolvimento da economia, a função de controle será simples e estará a cargo de organismos especializados, que disporão de equipamentos mecânicos para sua tarefa.

Se, no nosso Ministério, grande parte dos técnicos que hoje trabalham pressionados pela solução das tarefas mais banais e ao mesmo tempo imprescindíveis da produção, pudessem libertar-se deste tipo de atividade e dedicar-se a funções de pesquisa e criação, os saltos de qualidade se verificariam imediatamente.

Temos então que trabalhar para fazer com que a gestão administrativa seja um perfeito mecanismo de relojoaria e que o impulso mais formidável da produção se dê pela via do desenvolvimento tecnológico. (...)

c) Sobre a concepção do valor econômico *

(...) Nas suas conclusões, o companheiro Mora afirma categoricamente:

"No socialismo a lei do valor continua operando, ainda que não seja o único critério regulador da produção. No socialismo a lei do valor opera através do plano".

Nós não estamos tão seguros disso.

Supondo que se faça um plano totalmente harmônico em todas as suas categorias, temos que supor que deve haver, fora dele, algum instrumento de análise que permita sua avaliação, e esse instrumento para mim só podem ser os resultados do mesmo. Mas os resultados são a comprovação *a posteriori* de que tudo anda bem ou algo anda mal (no que diz respeito à lei do valor, é claro, porque pode haver defeitos de outra origem). Teríamos que começar a estudar minuciosamente os pontos fracos para tratar de tomar medidas práticas, *a posteriori* novamente, e corrigir a situação através de tateamentos sucessivos. Em todo o caso, o equilíbrio entre o fundo mercantil e a demanda solvente seria o padrão de controle, já que a análise das necessidades não satisfeitas não acrescentaria nenhuma luz, pois por definição não existem condições para dar ao homem o que ele demanda neste período.

Supondo algo mais real; que se devam tomar medidas frente a uma situação dada, gastar dinheiro na defesa ou na correção de grandes desproporções da produção interna, em inversões que consomem parte de nossa capacidade de produzir para o consumo, necessárias pela sua importância estratégica (não me refiro apenas ao aspecto militar, mas também ao econômico). Serão criadas, então, tensões que deverão ser corrigidas com medidas administrativas para impedir uma alta dos preços, criando-se, pois, novas relações que tornariam cada vez mais apagada a ação da lei do valor.

Os efeitos sempre podem ser calculados; os capitalistas também fazem isso nos seus estudos de conjuntura. Mas no plano haverá um reflexo cada vez mais pálido da lei do valor. Essa é a nossa opinião sobre o tema.

Queríamos também fazer referência a outra parte do artigo citado, no qual se diz:

* Reproduzido de: Sobre la concepción del valor. In: *Obras*. t. 2, p. 234-7.

"Quando alguns companheiros negam que a lei do valor opera nas relações entre as empresas do setor estatal, argumentam que todo o setor estatal é uma só propriedade; que as empresas são propriedade da sociedade. Este último ponto é naturalmente certo. Mas, economicamente, é um critério incorreto. A propriedade estatal não é ainda a propriedade social plenamente desenvolvida que só poderá ser alcançada no comunismo".

E logo depois...

"basta simplesmente observar as relações entre as empresas estatais, ver como surgem contradições entre elas e como umas reclamam das outras, para se dar conta de que atualmente, em Cuba, todo o setor estatal não constitui, de maneira alguma, uma só grande empresa".

Alberto Mora se refere a algumas conversações que tivemos, numa intervenção pessoal no encerramento do curso da Escola de Administradores ou ao documento inédito do companheiro Alvarez Rom, no qual se refere ao tema como uma aspiração de Lenin. Neste último, se considera o tratamento das fábricas como oficinas da empresa consolidada e a aspiração, conseqüente com o desenvolvimento da economia, é de fazer com que todas as relações entre elas sejam as mesmas que existirão numa única grande fábrica.

Queríamos destacar que mesmo sendo verdade que existem contradições entre diversas empresas — e aqui não estamos citando empresas da economia em geral, mas as que estão ligadas ao Ministério da Indústria — é certo também que existem contradições entre fábricas de uma mesma empresa, entre oficinas de uma mesma fábrica e, às vezes, como no caso dos trabalhadores de uma mesma brigada cujo trabalho premiado pela produção, que se expressam, por exemplo, quando uma brigada se nega a que um dos seus trabalhadores deixe a produção durante uma hora para ensinar a outros companheiros, porque nesse caso baixaria a produtividade do grupo e, conseqüentemente, seus salários. No entanto, estamos construindo o socialismo, liquidando a exploração do homem pelo homem.

No capitalismo, nas oficinas de uma mesma fábrica, não acontece o mesmo? Será por acaso que os dois sistemas têm contradições do mesmo tipo?

As contradições entre os homens se refletem constantemente no setor socialista, mas quando estas não são acrescidas de incompreensões extremas ou modos de atuação muito diferentes dos revolucionários, são contradições não antagônicas que se resolvem dentro dos limites que a

sociedade se fixou para suas ações. Estamos de acordo que o setor estatal não constitui ainda, de modo algum, uma só grande empresa; isso por defeitos de organização, por falta de desenvolvimento da nossa sociedade e porque existem dois sistemas de financiamento. Para expressar nosso conceito de uma única empresa, nos baseamos, fundamentalmente, na definição de Marx de mercadoria: "Para ser mercadoria, o produto deve passar às mãos de outro, daquele que consome, por meio de um ato de troca"; e na observação de Engels, quando explica que introduz o conceito de mercadoria para evitar o erro dos que consideram mercadoria como sendo todo produto consumido por outro que não o produtor, e explica que os impostos não são mercadorias porque não existe troca.

Engels dá um exemplo tirado da sociedade feudal; este conceito de mercadoria, como exemplos correspondentes, não pode ter validade no nosso presente de construção do socialismo?

Consideramos que a passagem de uma oficina a outra ou de uma empresa a outra, no sistema orçamentário desenvolvido, não pode ser considerada como uma troca; é simplesmente um ato de formação ou agregados de novos valores mediante o trabalho. Quer dizer que, se uma mercadoria é aquele produto que muda de proprietário por meio de um ato de troca, no sistema orçamentário, em que todas as fábricas estão dentro da propriedade estatal e onde não se produz este fenômeno, o produto adquirirá características de mercadoria somente quando, chegando ao mercado, passa às mãos do povo consumidor.

Nossa opinião sobre os custos está expressa no artigo já mencionado, que apareceu nesta revista com minha assinatura; remetemos o leitor interessado a ele. Quanto ao tamanho de Cuba, aplicando o critério de Mora, poderíamos propor-lhe que divida seu ministério em nove ministérios autônomos, um por andar, devido ao seu tamanho exagerado. Quem não acredita nisso, que tente subir até seu gabinete e se convencerá da verdade desta afirmação. Se usamos o telefone, o elevador e o interfone, é porque existem para isso; as distâncias de Cuba se medem pelos meios técnicos de comunicação moderna e não pelo tempo que nossos antepassados levavam para se deslocar de um lugar para outro. As discrepâncias chegam até aqui.

Queremos dizer que esta polêmica que se inicia com nossa resposta, pode ter um alto valor para nossa formação, na medida em que sejamos capazes de levá-la com o maior rigor científico e a maior isenção. Não fugimos de confrontações, mas, na medida em que estamos no centro

de uma discussão que alcança os níveis superiores do governo e do partido, onde se mantêm duas linhas de pensamento sobre o sistema de financiamento, acreditamos que é importante ter cuidado com a forma e o método de discussão.

Saudamos a iniciativa do companheiro Mora de levar sua contestação a público, porque é sempre melhor dar o nome aos bois, e o felicitamos também pela qualidade da revista do Ministério do Comércio Exterior, qualidade esta que tentaremos alcançar em nossa modesta publicação.

d) Sobre a formação dos preços *

(...) Na teoria da formação dos preços, temos também divergências profundas. Na autogestão os preços se formam "atendendo à lei do valor", mas não se explica (até onde chegam nossos conhecimentos) qual expressão da lei do valor se toma. Parte-se do trabalho socialmente necessário para produzir determinado artigo, mas descuidou-se do fato de que o trabalho necessário é um conceito econômico-histórico e, por isso, um conceito que muda, não apenas a nível local (ou nacional), mas também mundial; os avanços contínuos na tecnologia, que é consequência, no mundo capitalista, da concorrência, diminuem o gasto do trabalho necessário e, portanto, do valor do produto; uma sociedade fechada pode ignorar as mudanças durante certo tempo, mas sempre terá que voltar a essas relações internacionais para confrontar seu valor. Se uma dada sociedade os ignora durante longo tempo, sem desenvolver fórmulas novas e exatas em substituição, criará interconexões internas que configurem seu próprio esquema de valor, congruente em si mesmo, mas contraditório com as tendências da técnica mais desenvolvida (o exemplo do aço e do plástico). Isto pode provocar atrasos relativos de alguma importância e, em todo caso, distorções da lei do valor em escala internacional que tornam as economias incomparáveis.

O imposto de circulação é uma ficção contábil, mediante a qual se mantêm determinados níveis de rentabilidade das empresas, encarecendo o produto para o consumidor de tal modo que se nivela a oferta de artigos com o fundo da demanda solvente; acreditamos que seja uma imposição do sistema e não uma necessidade absoluta, e trabalhamos com fórmulas que levam em conta todos esses aspectos.

* Reproduzido de: Sobre el sistema presupuestario de financiamiento. In: *Obras*. t. 2, p. 273-6.

Consideramos que há necessidade de uma estabilização global do fundo mercantil e da demanda solvente: o Ministério do Comércio Interno se encarregaria de nivelar o poder de compra da população com os preços das mercadorias oferecidas, considerando sempre que toda uma série de artigos de caráter fundamental para a vida do homem devem ter preços baixos, mesmo que para isso se deva aumentar os preços de outros menos importantes, desobedecendo manifestamente à lei do valor em cada caso concreto.

Aqui surge um grande problema: Qual será a base da formação de preços reais adotados pela economia para a análise das relações de produção? Poderia ser a análise do trabalho necessário em termos cubanos. Isso traria de imediato distorções e perda da visão dos problemas mundiais, por causa das inter-relações necessárias que se criariam automaticamente. Poderia tomar-se, pelo contrário, os preços mundiais; isto acarretaria a perda da visão dos problemas nacionais, já que nosso trabalho não tem produtividade aceitável em termos mundiais em quase nenhum ramo.

Propomos, como primeira aproximação do problema, que se considere a criação de índices de preços baseados no seguinte:

Todas as matérias-primas de importação terão um preço fixo, estável, baseado numa média do mercado internacional, mais uns pontos para o custo do transporte e do aparato do comércio exterior. Todas as matérias-primas cubanas teriam o preço de seu custo de produção real em termos monetários. Acrescentar-se-ia, a ambos, os gastos de trabalho planificado e também o desgaste dos meios básicos para sua elaboração, e este seria o preço dos produtos entregues entre empresas e ao comércio interior, mas estariam constantemente afetados por índices que refletirão o preço desta mercadoria no mercado mundial mais os custos de transporte e de comércio exterior. As empresas que operam pelo regime de financiamento orçamentário trabalhariam na base de seus custos planificados e não teriam lucros; o MINCIN beneficiaria a todos (naturalmente isso diz respeito àquela parte do produto social que se realiza como mercadoria, é o fundamental enquanto fundo de consumo); os índices indicariam constantemente (ao aparato central e à empresa) qual a nossa real efetividade e evitaria tomar decisões equivocadas. A população não sofrerá em nada com todas essas mudanças, já que os preços das mercadorias que compra são fixados independentemente, atendendo à demanda e à necessidade vital de cada produto.

Para calcular, por exemplo, o montante de uma inversão, faríamos o cálculo de matérias-primas e equipamentos diretamente importados, o gasto dos equipamentos de construção e montagem, o custo dos salários planejados atendendo a possibilidades reais e uma certa margem para o custo do aparato construtor. Isso nos daria, uma vez terminada a inversão, três cifras: uma seria o custo real da obra em dinheiro; outra, o que deveria custar a obra conforme nossa planificação; a terceira, o que deveria custar em termos da produtividade mundial. A diferença entre a primeira e a segunda seria causada pela ineficiência do aparato construtor; a diferença entre a segunda e a terceira seria o índice, no setor em questão, do nosso atraso.

Isso nos permite tomar decisões fundamentais sobre o emprego alternativo de materiais como o cimento, o ferro, os plásticos; os tetos de fibrocimento, alumínio ou zinco; os tubos de ferro, chumbo ou cobre; o uso de janelas de madeira, ferro ou alumínio, etc.

Todas as decisões podem afastar-se do *ótimo* matemático atendendo a razões políticas, de comércio exterior, etc., mas sempre teremos o espelho dos sucessos reais no mundo frente a nosso trabalho. Os preços nunca estarão separados de sua imagem mundial, que mudará em certos anos conforme os avanços da tecnologia; o mercado socialista terá cada vez maior preeminência, assim como a divisão internacional do trabalho, quando se logre um sistema socialista mundial de preços mais lógico do que o utilizado atualmente. (...)

e) Dois modelos de transição *

Entre o cálculo econômico e o sistema orçamentário de financiamento existem diferenças de vários níveis; tentaremos dividi-las em dois grandes grupos e explicá-las sumariamente: existem diferenças de tipo metodológico — de tipo prático, poderíamos dizer — e diferenças de caráter mais profundo, mas cuja natureza pode fazer com que a análise pareça bizantina se não operamos com grande cuidado.

Precisamos esclarecer agora que o que buscamos é uma forma mais eficiente de chegar ao comunismo; não existem discrepâncias de princípio. O cálculo econômico demonstrou sua eficácia prática e, partindo das mesmas bases, colocam-se os mesmos objetivos; pensamos que o

* Reproduzido de: Sobre el sistema presupuestario de financiamiento. In: *Obras*. t. 2, p. 260-5, 267-70, 272-3.

esquema de ação de nosso sistema, convenientemente desenvolvido, pode levar a eficácia da gestão econômica do estado socialista, aprofundar a consciência das massas e tornar mais coeso ainda o sistema socialista mundial, na base de uma ação integral.

A diferença mais imediata surge quando falamos da empresa. Para nós, uma empresa é um conglomerado de fábricas ou unidades que têm uma base tecnológica parecida, um destino comum para sua produção ou, em alguns casos, uma localização geográfica limitada; para o sistema de cálculo econômico, uma empresa é uma unidade de produção com personalidade jurídica própria. Para aquele método, uma central açucareira constitui uma empresa, mas para nós todas as centrais açucareiras e outras unidades relacionadas com o açúcar constituem a Empresa Consolidada do Açúcar. Recentemente, ensaios deste tipo foram feitos na União Soviética, adaptados às condições próprias deste país irmão (ver I. Ivonin. "Os combinados de empresas soviéticas. A nova forma de administração das indústrias." *Nossa Indústria, Revista Econômica*, n. 4).

Outra diferença é a forma de utilização do dinheiro; em nosso sistema se opera somente com dinheiro aritmético, reflexo nos preços da gestão da empresa que os organismos centrais analisarão para efetuar o controle de seu funcionamento; no cálculo econômico, não se trata apenas disso mas também como meio de pagamento que atua como instrumento indireto de controle, já que são estes fundos que permitem à unidade operar, e suas relações com o banco são similares às de um produtor privado em contato com bancos capitalistas, aos quais devem explicar exhaustivamente seus planos e demonstrar sua solvência. É claro que, nesse caso, o que vale não é a decisão arbitrária, mas a obediência a um plano, e as relações se efetuam entre organizações estatais.

Conseqüentemente com a forma de utilização do dinheiro, nossas empresas não têm fundos próprios; no banco existem contas separadas para sacá-los e depositá-los; a empresa pode sacar fundos conforme o plano da conta geral de despesas e da conta própria para pagar salários, mas quando efetua um depósito este passa automaticamente ao poder do Estado.

As empresas da maior parte dos países irmãos têm nos bancos fundos próprios, que são reforçados por créditos pelos quais pagam juros, sem esquecer nunca que estes fundos *próprios*, do mesmo modo que os créditos, pertencem à sociedade e seu movimento expressa o estado financeiro da empresa.

No que diz respeito às normas de trabalho, as empresas do cálculo econômico utilizam o trabalho por tempo e o trabalho por peça ou por hora; estamos tentando introduzir em todas as fábricas o trabalho por tempo, com prêmios de sobreprodução limitados pela tarifa da escala superior. Mais tarde, trataremos deste caso.

No sistema de cálculo econômico plenamente desenvolvido, existe um método rigoroso de contratação, com penas monetárias por não cumprimento e baseado numa estrutura jurídica estabelecida após anos de experiência. Em nosso país não existe ainda tal estrutura, nem mesmo para organismos de autogestão como o INRA, e sua implantação se torna particularmente difícil pelo fato de coexistirem dois sistemas tão diferentes. Por enquanto existe a Comissão de Arbitragem, à qual faltam faculdades executivas, mas cuja importância está crescendo paulatinamente e pode ser a base da nossa futura estrutura jurídica. Internamente, entre os organismos sujeitos ao regime de financiamento orçamentário, a decisão é fácil porque, na medida em que as contas de controle estão bem feitas e em dia, pode-se tomar as medidas administrativas necessárias (isso já acontece na maioria das empresas deste ministério).

Partindo de que, em ambos os sistemas, o plano geral do Estado é a autoridade máxima obrigatoriamente acatada, podemos sintetizar analogias e diferenças operacionais, dizendo que a autogestão se baseia num controle centralizado global e numa descentralização mais acentuada; exerce-se controle indireto do banco através do rublo, e o resultado monetário da gestão serve como medida para os prêmios; o interesse material é a grande alavanca que move individual e coletivamente os trabalhadores.

O sistema orçamentário de financiamento se baseia num controle centralizado da atividade da empresa; seu plano e sua gestão econômica são controlados por organismos centrais de forma direta; não possui fundos próprios nem recebe créditos bancários; usa de forma individual o estímulo material, ou seja, os prêmios e multas em dinheiro aplicados a cada indivíduo; num determinado momento poderá utilizá-los coletivamente, mas o estímulo material direto está limitado pela forma de pagamento da tarifa salarial.

Aqui entramos em cheio no campo das contradições mais sutis e que precisam ser melhor explicadas. O tema do estímulo material *versus* estímulo moral deu origem a muitas discussões entre os interessados neste assunto. Precisamos deixar bem claro uma coisa: *não negamos*

a necessidade objetiva do estímulo material, mas estamos relutantes em utilizá-lo como alavanca impulsora fundamental. Consideramos que, em economia, este tipo de alavanca se torna rapidamente uma categoria autônoma e chega a impor rapidamente sua própria força nas relações entre os homens. Não devemos esquecer que provém do capitalismo e está destinado a morrer no socialismo.

Como o faremos morrer?

Respondem-nos: pouco a pouco, na medida em que se aumentam gradualmente os bens de consumo para o povo, que torna desnecessário este estímulo. Nesta concepção, vemos uma mecânica por demais rígida. Bens de consumo é o lema e, em última instância, o grande formador de consciência dos defensores do outro sistema. Estímulo material direto e consciência são, no nosso conceito, termos contraditórios.

Este é um dos pontos em que nossas divergências alcançam dimensões concretas. Já não se trata de nuances; para os partidários da autogestão financeira, o estímulo material direto, projetado no futuro e acompanhando a sociedade nas diversas etapas da construção do comunismo, não se contrapõe ao "desenvolvimento" da consciência, enquanto para nós, sim; é por isso que lutamos contra seu predomínio: porque significa o atraso do desenvolvimento da moral socialista.

Sim, o estímulo material se opõe ao desenvolvimento da consciência, mas é uma grande alavanca para obter êxitos na produção; deve-se entender que a atenção predileta ao desenvolvimento da consciência retarda a produção? Em termos comparativos, numa determinada época, é possível, mesmo que até agora ninguém tenha feito os cálculos pertinentes. Afirmamos que, num espaço de tempo relativamente curto, o desenvolvimento da consciência faz mais para o desenvolvimento da produção que o estímulo material; fazemos esta afirmação baseados na projeção geral do desenvolvimento da sociedade até chegar ao comunismo, o que pressupõe que o trabalho deve deixar de ser uma penosa necessidade para se converter num agradável imperativo. Carregada de subjetivismo, esta afirmação deve ser confrontada com a experiência, e estamos empenhados nisso; se, no decurso desta experiência, ela se revelar um freio perigoso para o desenvolvimento das forças produtivas, teremos que tomar a decisão de cortar pela raiz esta experiência e voltar aos caminhos já percorridos: até agora, nada confirma esta tendência, e o método, com os aperfeiçoamentos dados pela prática, adquire cada vez maior consistência e está demonstrando sua coerência interna.

Qual é então o tratamento correto a ser dado para o interesse material? Pensamos que não se deve nunca esquecer de sua existência, seja como expressão coletiva dos anseios das massas, seja como presença individual, reflexo na consciência dos trabalhadores, dos hábitos da velha sociedade. Para o tratamento do interesse material de forma coletiva, não temos até agora uma idéia bem definida por causa de insuficiências no aparato de planificação, que impede que tenhamos fé absoluta nele, e também por não termos conseguido estruturar até agora um método para superar as dificuldades; o perigo maior está, para nós, no antagonismo criado entre a administração estatal e os organismos de produção; este antagonismo foi analisado pelo soviético Liberman, que chega à conclusão de que é necessário mudar os métodos de estímulo coletivo, abandonando a antiga fórmula de prêmios, baseada no cumprimento dos planos, para passar a outras mais avançadas.

Embora não estejamos de acordo com ele na ênfase dada ao interesse material (como alavanca), sua preocupação com as aberrações a que chegou o conceito de *cumprimento do plano*, com o decorrer dos anos, nos parece correta. As relações entre as empresas e os organismos centrais adquirem formas bem contraditórias e os métodos usados pelas empresas para obter lucros adquirem às vezes características que muito se afastam da imagem da moral socialista.

Acreditamos que se está desperdiçando, de certa maneira, as possibilidades de desenvolvimento oferecidas pelas novas relações de produção, para acentuar a evolução do homem até o reino da liberdade. Consideramos precisamente na nossa definição os argumentos fundamentais dos sistemas de inter-relação existentes entre educação e desenvolvimento da produção. Podemos abordar a tarefa da construção da nova consciência porque estamos diante de novas formas de relações de produção; ainda que, no sentido histórico geral, a consciência seja produto das relações de produção, devemos considerar as características da época atual, em que a contradição fundamental (em níveis mundiais) é a existente entre o imperialismo e o socialismo. As idéias socialistas alcançam a consciência das pessoas do mundo inteiro, por isso se pode adiantar um desenvolvimento ao estado particular das forças produtivas num país dado.

Nos primeiros anos da União Soviética, o estado socialista caracterizava o regime, apesar da existência de relações de tipo muito mais atrasado em seu seio. Se no capitalismo existem resquícios da etapa feudal, é o sistema capitalista que caracteriza o país que conseguiu triunfar

nos aspectos fundamentais de sua economia. Em Cuba, o desenvolvimento das contradições entre os dois sistemas mundiais permitiu a definição do caráter socialista da Revolução, caráter que lhe foi dado num ato consciente graças aos conhecimentos adquiridos pelos seus dirigentes, ao aprofundamento da consciência das massas e à correlação de forças a nível mundial. (...)

Reconhecemos a presença, de forma individualizada, do interesse material (embora lutando contra e tratando de acelerar sua liquidação por meio da educação) e o aplicamos nas normas de trabalho por tempo com prêmios e castigo salarial pelo seu não cumprimento.

A sutil diferença entre os partidários da autogestão e nós, sobre o tema, está nos argumentos para se pagar um salário, para o prêmio e o castigo. A norma de produção é a quantidade média de trabalho necessária para a criação de um produto num determinado tempo, com qualificação média e em condições específicas de utilização do equipamento; a entrega de uma quota de trabalho à sociedade por parte de um dos seus membros, é cumprimento do dever social. Se as normas são ultrapassadas, há maior benefício para a sociedade, e pode-se supor que o trabalhador cumpre melhor seu dever, devendo ser portanto recompensado materialmente. Aceitamos esta concepção como o mal necessário de um período de transição, mas não aceitamos que a interpretação cabal da fórmula: *a cada um conforme sua capacidade, a cada um conforme seu trabalho*, deva acarretar o pagamento completo, além do salário, da percentagem sobre a parte que ultrapassou a norma dada (existem casos em que o pagamento supera a percentagem do cumprimento da norma, como estímulo extraordinário à produtividade individual); Marx explica bem claramente, na *Crítica ao programa de Gotha*, que uma parte considerável do salário do trabalhador tem um destino muito afastado de sua relação imediata:

"Tomemos, em primeiro lugar, as palavras 'o fruto do trabalho' no sentido do produto do trabalho: logo, o fruto do trabalho coletivo seria a totalidade do produto social.

Mas daí temos que deduzir:

Primeiro: uma parte para renovar os meios de produção consumidos.

Segundo: uma parte suplementar para ampliar a produção.

Terceiro: o fundo de reserva e de seguro contra acidentes, transtornos causados por fenômenos naturais, etc. Estas deduções do 'fruto íntegro' do trabalho constituem uma necessidade econômica e sua importância será determinada pelos meios e forças existentes e, em parte, por meio

do cálculo de probabilidades; o que não se pode, de maneira alguma, é fazer esse cálculo a partir de critérios de equidade.

Resta a parte do produto total destinada a servir de meios de consumo. Mas, antes que esta parte chegue a ser repartida individualmente, deve-se deduzir ainda:

Primeiro: os gastos gerais de administração, não referentes à produção. Nesta parte se conseguiu, desde o primeiro momento, uma redução considerável, em comparação com a sociedade atual, redução que aumentará na medida em que a nova sociedade se desenvolva.

Segundo: a parte destinada à satisfação das necessidades coletivas, como escolas, instituições sanitárias, etc.

Esta parte aumentará consideravelmente desde o primeiro momento, em comparação com a sociedade atual, e continuará aumentando na medida em que a sociedade se desenvolve.

Terceiro: os fundos necessários para o sustento das pessoas não capacitadas para o trabalho, etc.; em outras palavras, o que se chama hoje de assistência pública.

Somente depois disto poderemos proceder à 'repartição', ou seja, à única coisa que, sob a influência de Lasalle e com uma concepção estreita, está presente no programa; quer dizer, a parte dos meios de consumo que se dividem entre os produtores individuais da coletividade.

O 'fruto integral do trabalho' já se transformou imperceptivelmente no 'fruto parcial', mesmo se aquilo que é tirado do produtor enquanto indivíduo volte para ele, direta ou indiretamente, na sua qualidade de membro da sociedade.

Desse modo, assim como se evaporou a expressão 'o fruto integral do trabalho', também se evapora agora a expressão 'o fruto do trabalho' em geral".

Tudo isso nos mostra que a importância dos fundos de reserva depende de uma série de decisões político-econômicas ou político-administrativas. Como todos os bens existentes na reserva saem sempre do trabalho não retribuído, devemos inferir que decisões sobre o volume dos fundos analisados por Marx levam a mudanças nos pagamentos, quer dizer, a variações do volume de trabalho não retribuído diretamente. A tudo o que foi exposto, temos que acrescentar que não existe, ou não se conhece, uma norma matemática que determine a *justeza* do prêmio de sobreprodução (nem tampouco do salário-base) e, portanto, a estrutura jurídica que determina a forma de distribuição para a coletividade de uma parte do trabalho do operário individual deve basear-se fundamentalmente nas novas relações sociais.

Nosso sistema de normas tem o mérito de estabelecer a obrigatoriedade da capacitação profissional para haver promoção de uma cate-

goria para outra, o que permitirá, com o tempo, um crescimento considerável do nível técnico.

O não cumprimento da norma significa o não cumprimento do dever social; a sociedade castiga seus infratores com a retirada de uma parte de seus haveres. A norma não é um simples marco para determinar uma medida possível ou uma convenção sobre uma medida de trabalho; é a expressão de uma obrigação moral do trabalhador, é *seu dever social*. É neste ponto que devem juntar-se a ação do controle administrativo com a do controle ideológico. O grande papel do Partido na unidade de produção é ser seu motor interno e utilizar todas as formas de exemplo de seus militantes para que o trabalho produtivo, a capacitação, a participação nos assuntos econômicos da unidade sejam parte integrante da vida dos operários e se transformem num hábito insubstituível. (...)

Para resumir nossas divergências: consideramos a lei do valor como parcialmente existente, devido aos resquícios da sociedade mercantil subsistente, que se reflete também no tipo de mudança que se realiza entre o Estado fornecedor e o consumidor; acreditamos que, particularmente numa sociedade cujo comércio exterior é muito desenvolvido, como é a nossa, a lei do valor, em escala internacional, deve ser reconhecida como um dado que rege as transações comerciais, mesmo dentro do campo socialista; reconhecemos a necessidade de que este comércio passe imediatamente a ter formas mais elevadas nos países da nova sociedade, impedindo assim que se aprofundem as diferenças entre países desenvolvidos e países mais atrasados, pela ação do intercâmbio. Ou seja, é necessário que se encontrem fórmulas comerciais para o financiamento das inversões industriais em países em via de desenvolvimento, mesmo que isso venha mudar os sistemas de preço existentes no mercado mundial capitalista; isso permitirá um avanço mais unificado de todo o campo socialista, com as conseqüências naturais de limar asperezas e dar coesão ao espírito do internacionalismo proletário (o recente acordo entre Cuba e a União Soviética é um exemplo dos passos que podem ser dados neste sentido). Negamos a possibilidade do uso consciente da lei do valor, baseado na não existência de um mercado livre que expresse automaticamente a contradição entre produtores e consumidores; negamos a existência da categoria *mercadoria* na relação entre empresas estatais e consideramos todos os estabelecimentos como parte da única grande empresa que é o Estado (mesmo que na prática isso ainda não aconteça no nosso país). A lei do valor e o plano são dois termos ligados entre si por uma contradição e por sua solução; podemos então dizer que a

planificação centralizada é o modo de ser da sociedade socialista, sua categoria definidora e o ponto alcançado pela consciência do homem para, finalmente, sintetizar e dirigir a economia até sua meta: a plena libertação do ser humano no marco da sociedade comunista.

f) Salários e consciência socialista *

(...) Estamos então empenhados na tarefa de corrigir erros. Será que estes erros se refletem somente, companheiros, no fato de um partido em formação possuir núcleos burocráticos, nos quais há certa separação formal entre a massa e seus dirigentes? Não, o dano foi muito além, porque o subjetivismo, aplicado de forma conseqüente a todos os atos da vida econômica, fez que se confundissem as forças reais do nosso povo, que se confundisse sua capacidade para cada momento, que não se tomassem as providências necessárias a cada momento e que caíssemos neste pequeno "buraco" em que estamos hoje, onde boa parte dos alimentos principais devem ser racionados para a população.

É evidente que os alimentos são racionados. Só que aqui não funciona plenamente — longe disso — a grande defesa dos regimes capitalistas que é o preço, porque aqui defendemos o preço da mercadoria contra todas as pressões, para que a distribuição seja a mais justa possível.

Esta tarefa de distribuição dos bens do país é a mais difícil e a mais penosa; estamos empenhados nela agora para repartir de modo eqüitativo nossa pobreza, para que não haja ninguém que deixe de comer, de se vestir, de receber educação, atendimento médico e também para que não haja ninguém que receba demais. É uma tarefa do povo inteiro, de caráter nacional, que se reflete em todos os cantos do país. Nesta tarefa, às vezes temos êxitos e às vezes tropeçamos momentaneamente. Existem produtos que não pudemos oferecer totalmente, outros que asseguramos melhor, mas de qualquer modo o alarma está dado, e o caminho errado pelo qual caminhávamos já foi deixado de lado. O verdadeiro caminho, o do contato com as massas — que significa o contato com a realidade —, foi tomado.

Agora, temos que repartir a pobreza e corrigir os erros. Acima de tudo, companheiros — vocês, companheiros trabalhadores das indústrias e sobretudo os trabalhadores agrícolas —, a palavra de ordem do mo-

* Reproduzido de: En homenaje a los premiados en la Emulación. In: *Obras*, t. 2, p. 141-7.

mento deve ser produzir e produzir e produzir, cada dia mais e com maior entusiasmo! Cortar cana como vocês, companheiros, semear como semeiam outros trabalhadores destacados, trabalhar na produção como os companheiros mais destacados de cada empresa: esse deve ser o nosso lema hoje.

Nós, entretanto, o que oferecemos? Esta revolução foi muito generosa nos primeiros anos, mas agora não pode dar com a mesma generosidade. Talvez foi até dispendiosa com seus bens, mas disso não nos arrependemos. Não podemos nos arrepender de nossos hospitais e de nossas escolas, não podemos nos arrepender de nossos bolsistas e da quantidade de camponeses que hoje recebem remédios e atendimento médico em todos os cantos do país. Podemos talvez nos arrepender da construção de algum centro turístico um pouco elegante demais, embora, na realidade, seja dos trabalhadores. Podemos talvez lamentar algum dinheiro investido numa construção, que não era das mais necessárias. No entanto, no fundamental todo o dinheiro do povo foi utilizado para a construção de bens sociais para o povo, bens materiais que não se contam em pesos ou centavos, todos os dias, mas que aliviaram bastante o orçamento familiar em todos os cantos do país.

Agora, neste momento, temos que enfrentar um dos pontos mais difíceis, mais conflitivos para todos nós, um ponto onde os capitalistas trabalham sempre para dividir a classe operária: o salário. Agora temos que regulá-lo de novo e fazer com que os menos — os menos beneficiados, digamos —, os que têm os menores salários e as condições de vida mais difíceis, possam beneficiar-se das condições mínimas de vida. E para o futuro, para os novos trabalhadores — não para os atuais — apresentamos, apresentamos aqui e agora, como o fizemos alguns dias atrás também diante de todo o povo cubano, diante de todos os sindicatos nacionais e diante de todos os comitês sindicais, em cada lugar onde haja operários trabalhando, apresentamos nosso pedido de uma regulamentação total dos salários em Cuba, pelo menos nos setores do Ministério de Indústrias agora, e, em pouco tempo, em todos os outros setores da produção.

Em que consiste esta escala de salários? Hoje, isso significa que alguns ganharão um pouco mais e que ninguém ganhará menos. Esta é a linha fundamental neste momento. Já classificaremos, companheiros, os trabalhadores por fábricas mais ou menos rentáveis. Não será por ramos de produção mais ou menos rentáveis. Os trabalhadores devem agrupar-se em categorias iguais, de tal maneira que o mecânico seja

mecânico, trabalhe ele na Empresa Consolidada da Mecânica ou na de Cigarros ou na de Madeira ou em qualquer outra fábrica.

No futuro, não haverá diferenças para quem trabalha num ramo ou num outro, porque partimos de que todo o conjunto da produção industrial é um bem social, é um fundo básico dos trabalhadores, e que não deve recair sobre os trabalhadores a desgraça de pertencer a uma indústria de pouca rentabilidade ou a sorte excessiva de estar numa indústria das mais rentáveis.

Simplesmente, agora todas as indústrias pertencem ao povo e a rentabilidade média que se conseguir, deve refletir o grau do nosso desenvolvimento e medir o grau do nosso avanço para o futuro.

De tal forma que, em linhas gerais, toda a escala dos salários de Cuba se agrupará em doze diferentes setores e em três diferentes seções, de acordo com o sacrifício necessário para realizar o trabalho.

Estabeleceremos a escala por hora de trabalho, e devemos estabelecer, companheiros, através de discussões francas a serem realizadas o mais rápido possível, normas de qualidade e quantidade que classifiquem cada um dos milhares e milhares de trabalhos diferentes que se realizam em Cuba.

Onde pode estar a linha de atrito, o ponto de conflito? Já o dissemos uma vez: os trabalhadores que hoje têm salários acima da norma terão seus salários congelados e o trabalhador que ingresse na produção passará a um trabalho similar, não com o salário daquele companheiro que tinha adquirido seu direito anteriormente, mas com o novo salário.

Queria dar a notícia hoje, companheiros, porque temos um compromisso com toda a classe operária, que é o de estabelecer para o Primeiro de Maio as bases gerais dos salários.

Trabalhamos intensamente, buscando e rebuscando, até chegar a uma solução que nos parece boa para o problema salarial de Cuba.

Por isso queríamos apresentá-la hoje, para dizer-lhes que, se não cumprimos inteiramente nossa promessa, é porque também pecamos por subjetivismo: pensávamos que o trabalho era mais fácil — trabalhamos dias e dias ultimamente e os companheiros encarregados diretamente desta tarefa, encabeçados pelo companheiro Ministro do Trabalho, trabalharam ou, melhor dizendo, empenharam-se dias e noites, sábados e domingos — enfim, como quase sempre o fazemos — para tratar de resolver o problema. Parece simples, mas é sumamente complicado. Tudo o que conseguimos fazer até agora é colocar as coisas

possíveis em Cuba num esquema. Depois, têm que vir as discussões, primeiro com os sindicatos nacionais e em seguida em cada centro de trabalho.

Nos primeiros dias do mês de maio, junto com o Ministro do Trabalho e todos os chefes dos sindicatos nacionais, nos reuniremos para discutir o problema nas suas linhas gerais. Depois, provavelmente, haverá uma intervenção em mesa redonda para explicar estes princípios ao povo e, então, já poderemos ir discuti-lo em cada lugar.

Temos que preparar as condições, ramo por ramo. Até agora, para cumprir uma velha promessa, para cumprir uma promessa com um setor da produção que figura entre os mais sacrificados de Cuba, preparamos em primeiro lugar e estamos dispostos a discutir já com as seções sindicais nos primeiros dias do mês de maio tudo o que diz respeito às condições de trabalho para o ramo das minas.

Nos dias posteriores poderá ir a mecânica, e assim por diante. Não me decido a precisar uma data, companheiros, para não voltar a pecar por subjetivismo, mas será o mais rápido possível, e, dependendo da nossa capacidade e das conversações recíprocas, poderemos chegar a acordos gerais em todo o país.

Devo dizer, companheiros, que, se pudermos nos pôr de acordo em tudo isto que nos propomos, o que depois se verá com mais detalhes, teremos dado um passo à frente que nos colocará entre os primeiros países do mundo capaz de enfrentar o problema dos salários. Porque o salário é um velho mal, um mal que nasce com o estabelecimento do capitalismo quando este destrói o feudalismo e não morre sequer na etapa do socialismo. Acabará como último resíduo, ou melhor, se desgastará quando o dinheiro cessar de existir, quando se chegar à etapa ideal, ao comunismo.

Em salário — quer dizer em dinheiro — se mede a diferente qualificação de todos os que recebem algo por trabalhar. Em dinheiro também é que se mede o espírito de trabalho de cada um em suas diferentes qualificações. O dinheiro é a única medida que pode abarcá-lo todo e na época da construção do socialismo, em que ainda existem relações mercantis, temos que trabalhar com o dinheiro.

Temos, sim, que dar aos salários a linguagem mais racional possível. Seria vão da minha parte tentar explicar para vocês o irracional dos salários em Cuba, porque vocês o conhecem melhor do que eu, muito melhor do que eu, porque viveram a injustiça dos salários, porque

sabem, com a injustiça imanente à classe operária, que, embora haja às vezes companheiros que recebem salários muito bons para algumas tarefas, há outros grandes setores da população que recebiam salários de miséria durante vários anos.

Quando, hoje, nos queixamos da falta de cortadores de cana, não podemos esquecer quão duro foi este trabalho, quanto ódio gerou no trabalhador cubano por esta forma de exploração terrível, não podemos esquecer a fome que surgia na entressafra e das esperanças cada ano frustradas que renasciam na época da safra. Não esqueçamos de que hoje os trabalhadores querem fazer qualquer coisa: trabalhar nas cooperativas ou nas granjas ou em qualquer outro lugar onde às vezes o salário é mais alto e onde as condições de trabalho são diferentes e onde se esquecem, pelo menos, as fomes passadas.

E devemos recordar também o trabalho dos mineiros nas regiões afastadas do país, regiões isoladas, onde se trabalha embaixo da terra em condições de insalubridade; no momento atual, a todos os inconvenientes próprios deste trabalho foi acrescentado o problema do abastecimento.

E, se citarmos assim cada um dos distintos sindicatos nacionais, veremos que a maioria dos trabalhadores de Cuba não tem motivo nenhum de agradecer ao capitalismo, não tem nenhum motivo para recordar com nostalgia tempos passados. Este presente cheio de sacrifícios, mas também cheio de esperanças, é uma nova etapa da história de Cuba e é uma nova etapa na história da América, na qual temos a enorme honra de ser a vanguarda da libertação.

E pensemos, companheiros, não apenas na nossa situação anterior, não na situação da maioria dos trabalhadores durante anos, vítimas da exploração, vítimas da flutuação dos mercados, limitados a serem felizes quando um conflito internacional aumentava o preço do açúcar, mesmo que tristes e abatidos quando a paz era ameaçada pelo mundo capitalista.

Mas recordemos também que coube a nós esta honra enorme de sermos a vanguarda da América, e pensemos por um momento na realidade trágica da América de hoje que, sem exceção nenhuma, vive num estado de comoção; as massas populares estão esperando o momento para lançar-se à luta e tomar o poder por qualquer meio que seja, enquanto a classe exploradora está esperando ajuda do imperialismo para sufocar a ferro e fogo qualquer movimento popular. (...)

12. CUBA: ECONOMIA E COMÉRCIO EXTERIOR *

É muito difícil, para um político revolucionário, escrever numa revista deste tipo, defendendo os pontos de vista que nortearam sua conduta e analisando friamente as causas da situação atual do mundo que influem sobre a nossa, sem cair em afirmações chocantes devido às diferenças radicais de opinião que nos separam. Tentarei fazê-lo. Em todo caso, peço perdão antecipado por não saber dizer o que digo, e jamais por pensá-lo.

A paz de Paris de 1898 e a Emenda Platt de 1901 são os marcos do nascimento da nova república. Na primeira, duas potências saldaram suas contas de guerra, Espanha se retira de Cuba, dando lugar à intervenção norte-americana; os cubanos observam sua ilha assolada por anos de lutas cruéis, sem participar das negociações. A segunda data estabelece o direito dos Estados Unidos de intervir em Cuba cada vez que os seus interesses assim o ditem.

Em maio de 1902, a opressão político-militar se retira formalmente, mas o poder do monopólio fica. Cuba é colônia econômica dos norte-americanos e esta será sua principal característica durante meio século.

Num país arrasado, os imperialistas encontram um fenômeno interessante: a indústria açucareira em plena expansão capitalista.

* Reproduzido de GUEVARA, E. Cuba, su economía, su comercio exterior, su significado en el mundo actual. In: *Obras*. t. 2, p. 351-66. (Escrito para a revista inglesa *International Affairs*, publicado em outubro de 1964.)

Apesar de a cana ser conhecida em Cuba desde o século XVI, tendo sido introduzida pouco depois do descobrimento da América, o sistema escravista de exploração manteve seu cultivo a níveis pouco maiores que os de subsistência. É a partir das inovações tecnológicas que o engenho se transforma em fábrica; é a partir da estrada de ferro e da abolição da escravatura que a produção açucareira cresce a ritmos acelerados, que se tornam vertiginosos sob os auspícios ianques.

As vantagens naturais para este cultivo são evidentes para todos; mas, somado a estas vantagens e como característica dominante, está o fato de que Cuba se desenvolveu como feitoria açucareira dos Estados Unidos.

Os bancos e capitalistas norte-americanos bem cedo controlaram a comercialização do produto e também boa parte da produção industrial e agrícola. Desta maneira, o domínio monopólico se estabelecia sobre todos os aspectos da produção açucareira, que, por sua vez, pela característica de monocultura que Cuba alcançou rapidamente, se convertia num fator predominante de seu comércio exterior.

Este é um segundo caráter definidor da época: Cuba é o país produtor e exportador de açúcar por excelência e, se não se desenvolveu ainda mais neste sentido, foi por causa das contradições capitalistas, que colocavam limites à expansão contínua da produção açucareira cubana, embora esta dependesse, no fundamental, de capitais norte-americanos.

O governo norte-americano utilizou o regime de quotas não apenas como proteção à indústria açucareira imposta pelos próprios produtores internos, mas também como um sistema que permitia a introdução irrestrita das manufaturas norte-americanas no nosso país. Os tratados preferenciais do começo do século deram aos produtos norte-americanos uma vantagem alfandegária de 20% sobre a nação mais favorecida com a qual Cuba mantinha convênios. Dadas as condições de competição descritas e considerando a proximidade geográfica, que representava vantagens no transporte, tornava-se quase impossível a qualquer outro estrangeiro competir com produtos norte-americanos manufaturados.

O sistema de quotas significou um estancamento da produção açucareira; nos últimos anos, em poucas ocasiões era utilizada a total capacidade produtiva de Cuba. Esse sistema se baseava no tratamento preferencial do açúcar cubano, que fez com que não houvesse produção que pudesse competir com a cana, do ponto de vista de sua efetividade

econômica. Por isso as duas ocupações fundamentais da nossa agricultura foram, essa que acabamos de descrever, e a criação extensiva de gado de baixa qualidade, em pastagens naturais que serviam também de área de reserva para os canaviais.

O desemprego se instala como um mal endêmico da ilha; em consequência, os campos são abandonados, muda a composição demográfica e os camponeses procuram amparo nas cidades. Mas a indústria tampouco se desenvolve. Apenas algumas empresas de serviços e somente sob o patrocínio ianque (transportes, comunicações e energia elétrica).

A falta de indústria e a grande viabilidade econômica do açúcar condicionaram o desenvolvimento de um comércio exterior muito grande, com todas as características coloniais; matérias-primas para metrópoles, produtos manufaturados para a colônia. O império espanhol havia feito o mesmo, só que com menos habilidade.

Os outros produtos exportáveis tinham as mesmas características que o açúcar, embora atingissem apenas 20% do total: tabaco em rama; café, só ocasionalmente, devido à pequena produção; cobre e manganês, brutos; e, mais tarde, níquel semi-elaborado.

Esse era o quadro da economia cubana. País monoprodutor (de açúcar), com um mercado de exportação e importação determinante (Estados Unidos) e grande dependência do comércio exterior, que influía em toda a vida econômica.

A burguesia importadora se desenvolvia em função desse estado de coisas e constituía uma das maiores barreiras à industrialização do país. Somente em anos posteriores esta mesma burguesia se aliava aos interesses manufatureiros norte-americanos, criando indústrias que utilizavam, por um lado, equipamento, matérias-primas e tecnologia norte-americanos, e, por outro lado, força de trabalho autóctone, barata. Os lucros revertiam à pátria dos monopólios: ora às companhias matrizes, ora aos bancos norte-americanos, onde os capitalistas *crioulos* tinham assegurados seus lucros.

Este desenvolvimento deturpado mantinha, paralelamente a uma grande taxa de desemprego e, portanto, grande pobreza, grandes camadas parasitárias; provocava a divisão da classe proletária pela criação de uma aristocracia operária, formada pelos trabalhadores das empresas imperialistas, cujos salários eram muito superiores aos do operário que vendia sua força de trabalho aos pequenos capitalistas nacionais e infinitamente superiores às rendas dos subempregados ou desocupados.

"O modo de vida americano" se introduzia na nossa sociedade, sem defesa frente à penetração dos monopólios; as importações luxuosas ocupavam grande percentagem do nosso comércio, enquanto o mercado açucareiro estancava, e com ele a possibilidade de se adquirirem as preciosas divisas. Nosso balanço de pagamentos se tornava cada ano mais deficitário, consumindo as reservas acumuladas durante a Segunda Guerra Mundial.

Com exceção dos anos 50 e 57 em que os preços açucareiros sofreram altas conjunturais, devido a situações bélicas que se criavam na Coreia e no Oriente Médio, a relação de intercâmbio mostrou uma queda constante na década posterior a 1948. (Triste destino o nosso: somente a guerra dava um bem-estar relativo ao povo cubano.)

O total das exportações estancava e a tendência na relação de intercâmbio era a pauperização; o nível de vida cubano, necessariamente, devia reduzir-se em termos reais, se não se tomassem medidas internas compensatórias. E estas "foram tomadas". Consistiram principalmente na elevação dos orçamentos das obras públicas e na criação de organismos de crédito estatais fomentadores da inversão industrial privada.

Nunca foram utilizadas tão abertamente as ferramentas estabilizadoras recomendadas pelos economistas keynesianos, para encobrir o desfalque dos fundos públicos e o enriquecimento ilícito de políticos e capitalistas. A dívida nacional cresceu consideravelmente. Construíram-se estradas e auto-estradas luxuosas, túneis, hotéis enormes ao redor de Havana e das grandes cidades, sem que todas estas obras tivessem uma real utilidade econômica ou representassem o destino mais adequado para um país subdesenvolvido.

Montou-se um grupo de indústrias que, por suas características, podiam ser divididas em dois setores: um, de fábricas de relativa alta tecnologia, propriedades de empresas norte-americanas que utilizavam os poucos recursos em crédito do país, pobre e de desenvolvimento econômico muito inferior, para incrementar seus ativos exteriores; e outro, de fábricas de equipamentos obsoletos com tecnologia antieconômica, que desde o início de sua viabilização precisavam do subsídio e da proteção estatal. Foi esse grupo que serviu de meio de enriquecimento para os beneficiários do poder, através de enormes comissões adquiridas na compra de equipamentos.

Em 1958 a população cubana chegava a seis milhões e meio de pessoas e a renda *per capita* era de 350 dólares (a renda nacional é

calculada segundo a metodologia capitalista); a força de trabalho chegava a ser uma terça parte do total dos habitantes e a quarta parte se encontrava praticamente desempregada.

Simultaneamente a um grande esbanjamento de terras férteis e à subutilização da força de trabalho rural, as importações de alimentos e fibras têxteis de origem agrícola atingiam 28% do total das importações. Cuba possuía um coeficiente de 0,75 cabeças de gado bovino por habitante, índice que a situava imediatamente abaixo dos grandes países de criação de gado. O tipo de exploração extensiva permitia obter apenas rendimentos pouco eficientes desta enorme riqueza pecuária e obrigava, inclusive, a importações de certos produtos derivados do gado.

O coeficiente importado da renda nacional chegou a 32% em 1948 e a 35% dez anos depois. As exportações representavam 90% do total de entrada de divisas no país. Por sua vez, a repatriação de utilidades declaradas do capital estrangeiro absorvia 9% das entradas de divisas na balança comercial.

Devido à depauperização constante da relação de intercâmbio e à saída de utilidades do país, a economia cubana teve um déficit total em seu balanço de pagamentos de 600 milhões de pesos no período que vai de 1950 a 1958; isso reduziu sua reserva de divisas disponíveis a apenas 70 milhões de pesos. Esta reserva representava 10% das importações anuais desses últimos três anos.

E a revolução chegou ao poder. Os dois problemas econômicos principais que a revolução cubana teve que enfrentar em seus primeiros meses foram o desemprego e a escassez de divisas. O primeiro possuía um aspecto político mais agudo, mas o segundo era muito perigoso, devido à enorme dependência de Cuba com relação ao comércio exterior.

Pode-se dizer que estes são os dois primeiros pontos que marcaram a política econômica do governo revolucionário. É conveniente fazer uma análise sumária desses dois pontos, para encontrar os acertos e os erros das atividades empreendidas naqueles meses.

A Reforma Agrária implicava uma mudança institucional de tal profundidade que, no mesmo momento em que entrasse em vigor, se estaria em condição de eliminar os freios que até esse momento haviam impedido de utilizar os recursos humanos e naturais ociosos durante longos anos.

Em função do predomínio do latifúndio e das enormes plantações de cana, exploradas de forma capitalista, na organização da produção

agrícola, foi relativamente fácil converter esse tipo de unidade em granjas estatais e cooperativas que abrangiam enormes extensões de terra. Assim, Cuba evitava o lento processo pelo qual tinham passado outras revoluções agrárias: repartir as terras em um número fantástico de minifúndios e depois começar a agrupá-los com o objetivo de aplicar técnicas mais modernas, somente viáveis em determinadas escalas de produção.

Em que consistiu a orientação econômica no setor agrícola depois da mudança de propriedade das grandes unidades de produção?

Como parte natural deste processo, o desemprego rural desapareceu e os esforços principais se encaminharam para o auto-abastecimento na maior parte dos produtos alimentícios e nas matérias-primas de origem vegetal e pecuária. Com uma só palavra podíamos definir para onde ia o desenvolvimento agropecuário: diversificação. Ou seja, a revolução em sua política agrícola representava a antítese do que havia existido durante os anos de dependência ao imperialismo e de exploração das terras pela classe proprietária. Diversificação *versus* monocultura; pleno emprego *versus* braços ociosos; estas são as transformações que melhor podem representar as mudanças produzidas naqueles anos na zona rural.

É fato conhecido que imediatamente depois dessas transformações surgiram certos problemas na agricultura cubana, que começaram a ser resolvidos somente nos últimos meses. Como explicar a escassez relativa de alguns produtos agropecuários e principalmente a queda na produção de cana, se a revolução começou precisamente a incorporar ao processo agrícola todos os recursos ociosos que nele se encontravam e que significavam grande potencialidade de desenvolvimento? Cremos que dois erros principais foram cometidos.

O primeiro deles consistiu na interpretação que demos ao termo *diversificação*. Em vez de o processo ser conduzido em termos relativos, o foi em grau absoluto. As áreas reservadas à cana foram reduzidas para dar lugar a novas culturas, o que gerou uma queda geral da produção agrícola. Durante toda a história econômica de Cuba, a cana se havia encarregado de demonstrar que em nenhuma outra colheita os recursos rendiam níveis de eficiência tão altos do que quando nela se aplicavam. Que isso acontecesse sem que muitos de nós percebêssemos suas implicações econômicas, se explica pela idéia fetichista que ligava a cana à nossa dependência com o imperialismo e pelo nível de miséria alcançado em nossos campos, sem analisar os verdadeiros culpados: as relações de produção e o intercâmbio desigual.

Infelizmente as medidas de qualquer sentido que se tomam na agricultura demoram vários meses, às vezes até anos, para mostrar plenamente seus efeitos. E no caso da cana essa característica tem plena vigência. Isso se passou com a redução das áreas de cultivo de cana desde meados de 1960 até o final de 1961, que iria se refletir nas diminuições sentidas nas safras de 1962 e 1963 (é bom, no entanto, recordar que os dois anos que seguiram essa medida foram anos de forte estiagem).

O caminho no sentido contrário tem características idênticas em função do tempo. A diversificação, se fosse iniciada em grau inferior, teria podido concretizar-se através da utilização das reservas de produtividade existentes nos recursos investidos nas diferentes culturas tradicionais. Isso teria permitido utilizar parcialmente os recursos ociosos em pequeno número de novas linhas. Simultaneamente, poderíamos ter tomado medidas para introduzir técnicas mais modernas e complexas, que requerem maior período de assimilação. No momento em que essas novas técnicas rendessem frutos nas culturas tradicionais, principalmente nas de exportação, teria sido viável deslocar recursos para as áreas de diversificação, sem que aquelas produções fossem afetadas. O segundo grande erro que a nosso ver cometemos foi dispersar nossos recursos em um grande número de linhas agrícolas e pecuárias, que também justificamos com o termo diversificação. Esta dispersão não se deu apenas em termos nacionais, mas também no interior de cada uma das unidades agropecuárias produtivas.

Já dissemos que se passou da monocultura para um grande número de linhas de desenvolvimento agrícola, o que implicava uma transformação brutal em um número de meses relativamente pequeno. Somente uma organização produtiva muito sólida poderia resistir a esse nível de mudanças. Na agricultura, mais ainda na agricultura de um país sub-desenvolvido, a estrutura mantém uma inflexibilidade muito elevada e a organização repousa sobre bases extremamente frágeis e subjetivas. Em consequência, a mudança institucional e a diversificação simultânea provocavam maior debilidade na organização produtiva agrícola.

Depois de transcorridos vários anos, as condições mudaram e as pressões da luta de classes se atenuaram; por isso é relativamente fácil chegar a essas conclusões críticas referentes à análise que se fez naqueles meses e anos. Até que ponto a culpa foi nossa e não uma imposição natural das circunstâncias, só a história saberá dizê-lo. De qualquer maneira, a realidade se encarregou de mostrar os erros e apontar o

caminho mais acertado. É por ele que no momento atual caminha a revolução cubana no setor agrícola. A cana tem prioridade quanto à utilização de recursos e aos fatores que ajudam a utilização mais eficiente desses mesmos recursos. Quanto ao restante da produção agrícola e ao seu desenvolvimento, que implicam a diversificação, não foram abandonados, mas procuraram-se proporções adequadas, para impedir uma dispersão de recursos que dificulte sua otimização e seu rendimento.

No setor industrial a política utilizada perseguia também os dois objetivos assinalados: resolver os problemas do desemprego e da escassez de divisas. A própria Reforma Agrária, as medidas revolucionárias de redistribuição da renda e o aumento do emprego observado em outros setores e na própria indústria incrementaram consideravelmente o mercado nacional, que se fortaleceu quando o governo monopolizou o comércio exterior e inaugurou uma política protecionista contra as importações de bens que, sem desvantagens para o consumidor nacional, pudessem ser elaborados em Cuba. A indústria cubana estava utilizando sua capacidade numa percentagem bastante baixa devido à concorrência que sofria das mercadorias provenientes dos Estados Unidos, muitas das quais entravam praticamente sem pagar direitos alfandegários; e sofria também com a limitação da demanda nacional, causada pela polarização de boa parte das rendas nas classes parasitárias.

O incremento explosivo da demanda permitiu elevar este nível de utilização da capacidade imediatamente depois do triunfo da revolução. E dentro do consumo total os artigos nacionais ocupavam maior espaço. Esse desenvolvimento da indústria, no entanto, agravou os problemas do balanço de pagamentos, já que ela, devido à sua pouca integração nacional, possuía um componente importado extraordinariamente alto, o combustível, as matérias-primas, peças e equipamentos para reposição.

Os problemas no balanço de pagamentos e o desemprego urbano nos fizeram seguir uma política onde o desenvolvimento industrial só se realizaria em função da eliminação dessas taras. Também aqui houve acertos e erros. Desde os primeiros anos da revolução assegurou-se a base de energia elétrica do país, adquirindo capacidade nos países socialistas capazes de cobrir as necessidades até 1970. Criaram-se novas capacidades, reequiparam-se muitas das pequenas e médias oficinas existentes no ramo da mecânica, que foi um dos fatores que permitiu manter nossas fábricas funcionando quando o bloqueio norte-americano sobre as peças de reposição surtiu os seus mais cruéis efeitos. Algumas fábricas

têxteis, de extração e químicas e a ampliação da procura de novos recursos minerais significaram êxitos na utilização eficiente dos recursos naturais e nas matérias-primas de origem nacional.

No parágrafo anterior assinalamos certos êxitos nos primeiros anos do desenvolvimento industrial; é justo reconhecer também os erros cometidos. Fundamentalmente, provêm de uma concepção pouco precisa nas características tecnológicas e econômicas que deveriam possuir muitas das novas capacidades existentes e nas que se vêm instalando nos últimos anos. Influenciados pelo desemprego existente e pela pressão exercida pelos problemas no comércio exterior, adquiriu-se grande número de fábricas, para substituir importações, cuja tecnologia permitisse dar emprego a uma quantidade aceitável de trabalhadores urbanos. Em muitas destas fábricas se detectou posteriormente que a eficiência técnica em termos internacionais era insuficiente e que seu efeito de substituição de importações era bastante limitado, já que as matérias-primas para viabilizá-las não se produziam nacionalmente.

No setor industrial também corrigimos esse tipo de erro. As novas capacidades em estudo para o desenvolvimento progressivo da nação se avaliam em função das máximas vantagens que o comércio exterior permite e se baseiam na tecnologia mais moderna que se possa obter no momento atual no mercado devido às nossas condições peculiares.

Até agora o desenvolvimento industrial alcançado pode ser qualificado de satisfatório, se levarmos em conta os problemas causados pelo bloqueio norte-americano e pela mudança radical em nossas fontes de abastecimento externo, que ocorreram em apenas três anos. O ano passado a produção açucareira se reduziu de 4,8 a 3,8 milhões de toneladas métricas, mas esta queda foi compensada em termos gerais para o setor por um crescimento de 6% na indústria não-açucareira. Para este ano de 1964, devido à maior solidez na nossa organização produtiva interna e à nossa maior experiência nas relações comerciais com os novos mercados abastecedores, o crescimento industrial deverá ser mais elevado do que o mencionado.

As transformações até agora ocorridas na economia cubana provocaram grandes mudanças na estrutura do nosso comércio exterior. No que diz respeito às exportações, estas mudanças se limitam principalmente ao seu destino, já que o peso do açúcar continua sendo tão determinante quanto o era anteriormente. Em contrapartida, a estrutura por grupos econômicos de produtos foi totalmente alterada nas importações ao longo destes cinco anos. Os bens de consumo, principalmente

os duráveis, decresceram substancialmente em benefício dos bens de inversão, enquanto se nota pequeno decréscimo nos bens intermediários. A política de substituição de importações está dando, ainda que lentamente, resultados palpáveis.

É indiscutível que a partir de agora, no momento em que a revolução obteve uma solidez integral em sua política econômica, os bens de consumo duráveis deverão aumentar para satisfazer de forma crescente às necessidades da vida moderna. Os planos que se elaboram para o futuro prevêm a elevação, em termos absolutos e relativos, desses artigos, mesmo que se considerem as mudanças sociais ocorridas. São desnecessárias, por exemplo, futuras importações de Cadillacs e outros carros luxuosos, pelos quais em anos retrasados se entregou boa parte do trabalho dos operários cubanos que se materializava no açúcar.

Esse é apenas um aspecto dos problemas que atualmente se estudam para o futuro desenvolvimento de Cuba. As linhas a seguir nos próximos anos dependerão em boa parte da flexibilidade que o comércio exterior tenha para Cuba, permitindo-lhe otimizar as vantagens comparativas que ela oferece. Por enquanto, podemos assinalar as três vias principais escolhidas para o desenvolvimento econômico cubano até 1970 pelo menos. O açúcar continuará sendo nossa divisa principal e seu desenvolvimento futuro implicará aumentar a capacidade de produção atual em 50%. Paralelamente a isto se realizará um desenvolvimento qualitativo do setor açucareiro, representado por uma elevação substancial dos rendimentos agrícolas por unidade de superfície e uma elevação do nível técnico e do nível de instrumentação deste setor industrial; esta ação tende a recuperar um terreno perdido nos últimos dez ou quinze anos, quando a ausência de estímulos devido à paralisação do crescimento do nosso mercado levou a um estancamento tecnológico. Com as novas possibilidades abertas nos países do campo socialista, o panorama muda radicalmente.

Um dos eixos principais do desenvolvimento açucareiro, como também do desenvolvimento de todo o país, é o convênio recentemente assinado entre a União Soviética e Cuba, com o qual se garantem vendas de enormes quantidades de açúcar no futuro, a preços que superam em muito as médias existentes nos mercados norte-americano e mundial nos últimos 20 anos. Afora todas as simplificações econômicas favoráveis, o convênio firmado com a União Soviética possui importante relevância política, já que mostra os tipos de relações que se produzem entre um país subdesenvolvido e outro desenvolvido quando ambos pertencem ao

campo socialista, em contraposição à tendência permanente a reduzir a relação de intercâmbio em prejuízo das nações pobres, que ocorre no comércio entre os chamados países exportadores de produtos primários e os países capitalistas industrializados.

A segunda opção de desenvolvimento industrial de Cuba é o níquel. As riquezas naturais representadas pelas lateritas da zona nordeste de Cuba têm grande potencialidade para que se desenvolva aí o coração da futura indústria metalúrgica. Para isso se começará ampliando a atual capacidade de elaboração de níquel, o que situará Cuba como o segundo ou terceiro produtor mundial deste metal estratégico.

Como terceiro e último eixo de desenvolvimento que podemos por enquanto assinalar está a criação de gado. A massa pecuária com que Cuba conta em relação à sua população, e as enormes potencialidades que ainda hoje se encontram ocultas, permitem dizer que ao longo de pouco mais de uma década a produção de gado cubana terá uma importância só igualada pela indústria açucareira. Depois de satisfazer suas necessidades a níveis muito elevados, Cuba poderá contar com excedentes de carnes e derivados lácteos para exportação.

Como se vê, o papel do comércio exterior na economia cubana continuará sendo estratégico, mas seu desenvolvimento futuro sofrerá uma mudança qualitativa na sua concepção. Nenhum dos três eixos principais de desenvolvimento significa esforço em substituir importações, com exceção da função do gado nos primeiros anos. Passados estes anos, os eixos de desenvolvimento deverão se refletir totalmente nas exportações e, mesmo que não se abandone a política de substituição de importações, será contrabalançada com a anterior. Fica para a década que se inicia em 1970 um processo mais acelerado de substituição de importações, que só pode ser conseguido na base de uma industrialização de grande vulto. Para isto se criarão as condições nos próximos anos utilizando o mais possível as vantagens oferecidas pelo comércio exterior numa economia infradesenvolvida.

Cabe perguntar se a indiscutível importância política que Cuba alcançou no mundo, no momento atual, tem alguma contrapartida econômica. Mais concretamente, se esta importância deve levar a pensar em relações econômicas mais sérias, que se materializem no comércio com outros países do mundo, e neste caso, quais seriam as vias para viabilizar este intercâmbio, bastante reduzido em consequência do bloqueio norte-americano.

Deixando de lado as razões de tipo utilitário que poderiam levar nossa análise até a apologia do comércio internacional, já que é evidente que interessa a Cuba o intercâmbio ativo, regular e constante com todos os países do mundo, tentaremos colocar-nos no nosso exato significado. Cuba não representa uma obsessão para os governos norte-americanos apenas por causa de suas aberrantes mentalidades coloniais. Existe mais do que isso: nosso país representa em primeiro lugar a imagem clara do fracasso da política norte-americana de agressão nas próprias portas do continente e constitui também a imagem dos futuros países socialistas da América Latina; além disso, é o sintoma inequívoco da redução irreversível do campo de ação do seu capital financeiro.

O imperialismo norte-americano é mais frágil do que se pensa: é um gigante com pés de barro. Mesmo que sua grande potencialidade atual não se veja seriamente afetada pelas formas mais violentas de lutas de classes internas que levem à ruptura prevista por Marx no sistema capitalista, esta potencialidade se baseia fundamentalmente no poder monopolítico extraterritorial, que exerce através do intercâmbio desigual e da sujeição política de enormes territórios, sobre os quais descarrega o peso fundamental das contradições.

Na medida em que os países dependentes da América e de outras regiões do mundo se libertem dos entraves das cadeias monopolíticas e estabeleçam novos sistemas mais justos, em relações mais justas com todos os países do mundo, as contribuições importantes que nossos territórios levem ao modo de vida das potências imperialistas recairão sobre as mesmas e, de todos os países, os Estados Unidos será o que sofrerá com maior gravidade esse fenômeno no momento em que ele se produzir. Mas esta não será a única consequência do processo histórico que afrontaremos em breve. O capital financeiro deslocado deverá buscar novos horizontes para substituir os perdidos e, neste processo, o mais ferido, o mais poderoso e o mais agressivo, que é o dos Estados Unidos, deverá descarregar o peso de sua força sobre os demais, numa concorrência desapiadada que deve adotar formas inesperadas e mais concretas de violência sobre os seus aliados de hoje.

A existência de Cuba representa esperanças de um futuro melhor para os pobres da América e a imagem de um futuro perigoso para a aparentemente perene estrutura monopolista dos Estados Unidos. Tentar afogar Cuba é a aspiração de congelar o presente, mas se, apesar de todos os tipos de agressões existentes, o Estado cubano se mantém firme, sua economia se assenta e seu comércio exterior se desenvolve,

o fracasso dessa política será total e a procura de formas de coexistência será mais acelerada.

Das novas relações de interesses mútuos que se estabelecerão, o bloco dos países socialistas será o natural beneficiário (e ao mesmo tempo apoiará cada país que se liberte). Mas os grandes países capitalistas, como a Inglaterra, que enfrenta sérios problemas econômicos e fortes restrições em seus mercados, têm a oportunidade de encabeçar este intercâmbio, como já o tentou de certa maneira a França.

Cuba, sem ser mercado desprezível, talvez não tenha a importância que merece ao aventurar-se a rupturas abruptas com os Estados Unidos, mas a América Latina é um gigantesco mercado potencial de 200 milhões de homens, e, por mais que se queira fechar os olhos à realidade, este continente convulsionado seguirá em frente na sua luta de libertação e estabelecerá um por um ou em grupos, ou todos juntos, um bloco de países independentes dos sistemas imperialistas e próximo ao socialismo.

Valerá a pena usar Cuba como projeto-piloto para experimentar relações que deverão trazer grandes benefícios para um futuro imediato e que representa perigos palpáveis para o futuro do sistema capitalista?

A alternativa está claramente expressa e, a nosso ver, implica resoluções sérias: ou se é aliado dos Estados Unidos até o final numa política de opressão e agressão dos povos, para tornar-se vítima dos mesmos problemas internos e externos, chegado o momento, ou se rompe essa aliança, que começa a fechar-se em relação a Cuba, para ajudar através do comércio internacional o rápido desenvolvimento dos países que se libertam e dar maiores esperanças aos povos que lutam por essa libertação, criando ao mesmo tempo as condições para que se acelere o desaparecimento do capitalismo.

Consideramos que este é o grande dilema de certos países, como a Inglaterra, no momento atual. Cuba faz parte deste dilema pelo seu significado, enquanto catalisador das idéias revolucionárias de um continente e enquanto pioneiro das mesmas.

V. PARTIDO E ESTADO

13. O SECTARISMO *

(...) Na Bolívia havia um governo burguês, antinorte-americano pelo menos, encabeçado pelo major Villarroel, que pregava a nacionalização das minas e uma série de medidas e de aspirações do povo boliviano. Este governo acabou da forma mais terrível, o major Villarroel sendo enforcado em um poste de uma praça pelo próprio povo. E tratava-se de um governo popular. Por quê? Porque os especialistas norte-americanos sabem manejar certas debilidades que ocorrem no seio dos governos, por mais progressistas que sejam; nós temos andado um bocado pelos caminhos das debilidades e todos vocês têm uma parte de culpa neste caminho; parte mínima claro, nós somos muito mais culpados, nós os dirigentes do governo que temos obrigação de ser perspicazes, mas andamos por esse caminho chamado sectário, que muito mais do que sectário é estúpido. O caminho da separação das massas, o caminho da ligação rígida às vezes, de medidas corretas até medidas absurdas, o caminho da supressão da crítica, não somente por quem tem o legítimo direito de fazê-la, que é o povo, mas também a supressão da vigilância política por parte do aparato do partido que se transformou em executor, e ao transformar-se em executor perdeu suas características de vigilância e de inspeção. Isso nos levou a sérios erros econômicos; lembrem-se de que na base de todos os movimentos políticos está a economia e nós

* Reproduzido de GUEVARA, E. La influencia de la revolución cubana en la América Latina. In: *Obras*. t. 2, p. 486-91.

cometemos erros econômicos, quer dizer, andamos pelo caminho que interessava ao imperialismo. Agora eles querem destruir nossa base econômica através do bloqueio; em tudo isso nós os temos ajudado.

Por que digo que vocês têm sua parte de responsabilidade? Por exemplo, os comitês de defesa, uma instituição que surgiu durante o calor da vigilância popular, que representava o anseio do povo em defender sua revolução, se transformou num "quebra-galho", autoritário e antro de oportunismo. Transformou-se numa organização antipática ao povo. Hoje penso poder dizer com muita razão que os CDR são antipáticos ao povo. Aqui tomaram uma série de medidas arbitrárias, mas não foi muito sentido nem é tão importante para nós; o campo, base de onde saiu o nosso exército e do qual se alimentou durante dois anos, foi totalmente descuidado e abandonado nas mãos do CDR.

Comitês de Defesa da Revolução cheios de garruchas, cheios de gente desse tipo, oportunistas de toda laia que não pararam em nenhum momento para pensar no dano que estavam causando à revolução. E como tudo é parte de uma luta, o imperialismo começou a trabalhar sobre isso, a trabalhar cada vez mais e trabalhou bastante bem; criou em algumas zonas verdadeiro antagonismo entre a revolução e alguns setores da pequena burguesia que foram excessivamente perturbados pela ação revolucionária.

Tudo isso nos dá uma lição que temos que aprender e estabelece também uma grande verdade: as unidades de segurança de qualquer tipo que sejam devem estar sob controle do povo, sendo que às vezes podem opinar, mas outras vezes é imprescindível tomar medidas expeditivas até correndo o perigo de ser arbitrário. É lógico que em momentos de excessiva tensão não se podem usar panos quentes. Aqui se prendeu muita gente sem saber realmente se eram culpados. Na Sierra nós fuzilamos pessoas sem saber se eram totalmente culpadas, mas há momentos em que a revolução não podia parar para averiguar demais: tinha a obrigação sagrada de triunfar. Nos momentos em que as relações normais entre as pessoas voltam a ter importância, temos que dar um pequeno passo atrás e estabelecer estas relações, não continuar com as relações do forte e do fraco do "eu disse e acabou". Em primeiro lugar porque não é justo e em segundo lugar, e muito importante, porque não é político. Assim como os CDR se transformaram em organismos antipáticos, ou pelo menos perderam grande parte do prestígio e do carinho que tinham, as Unidades de Segurança podem também se transformar do mesmo modo, pelo fato de haverem cometido erros desse

tipo. Nós temos a grande virtude de termos escapado de cair na tortura e em todas estas coisas terríveis que aconteceram em muitos países que defendiam princípios justos. Estabelecemos um princípio que Fidel sempre defendeu muito, que é o de nunca tocar nas pessoas, mesmo quando eram fuziladas na hora; pode ser que tenha havido exceções. Eu conheço alguma exceção, mas o fundamental é que esta unidade manteve esta atitude e isso é muito importante porque aqui tudo se sabe, tudo o que nós às vezes não dissemos através do jornal, tudo o que não queremos que sequer nos informem e fatalmente depois somos informados. Eu chego a casa e minha mulher me diz: olha, aquele fulano se refugiou na embaixada, ou então, olha uma criança que um soldado fuzilou; tudo se sabe e, desse modo, também ficamos sabendo dos acontecimentos e das más ações cometidas por uma unidade, por mais clandestina que seja, por mais que trabalhe subterraneamente; o povo tem muitos conhecimentos e sabe avaliar todas estas coisas. Vocês têm um papel importantíssimo na defesa do país, menos importante que o desenvolvimento da economia, menos importante lembrem-se disso, menos importante. Para nós é muito mais importante ter inhamo do que ter vocês, mas de todas as maneiras vocês têm um papel importante e têm que saber desempenhá-lo, porque ainda temos batalhas muito duras, não se sabe durante quanto tempo mais, porque todos nós temos que colocar nossas vidas à disposição da revolução, num campo ou noutro, com maior ou menor urgência, no futuro mais ou menos remoto. Mas as batalhas ocorrerão. Até que grau de tensão, até que ponto de batalha aberta, até que grau de profundidade, isso não posso dizer, não sou profeta; mas todos os meus desejos, toda a minha ambição é que não seja até o grau extremo. Se chegar até o grau extremo, realmente nem a atuação de vocês nem a minha terá muita importância no desfecho final; mas se não for o caso, e estamos todos não apenas desejando isso mas também lutando para que não o seja, se o imperialismo pode ser subjugado onde estiver, se se pode reduzir sua agressividade como dizia Nikita, porque o elefante é forte, ainda que o tigre continue sendo tigre, então a tarefa de vocês há de ter a devida importância, que é a de descobrir o que se passa, o que o inimigo está preparando e também de saber informar o que o povo está sentindo. Vocês poderão ser muito bem aqueles que informam o governo sobre o que está sentindo o povo; mas em Matanzas, por exemplo, os chefes da revolução saíam às ruas dizendo que INRA dava a corda e que o povo escolhesse o enforcado; disso não houve nenhum informe, pelo menos não li em nenhum lugar que isso tivesse acontecido; aqui o dever não foi cumprido, e a Unidade

de Segurança nem sequer soube informar-se de que ocorriam coisas desse tipo. Isto é o exemplo do chamado terror vermelho que quiseram aplicar em Matanzas contra o terror branco, sem se dar conta de que o terror branco só existia na mente de alguns alucinados; o terror branco foi desencadeado por nós, com nossas medidas absurdas, e depois provocamos o terror vermelho. Em Matanzas o que ocorreu foi um exemplo curioso e triste das medidas absurdas que um grupo revolucionário pode tomar quando não tem controle; agora isso não pode se repetir e todos temos que estar vigilantes para que não se repita. Contra-revolucionário é todo aquele que contraria a moral revolucionária, não se esqueçam disso. Contra-revolucionário é aquele que luta contra a revolução, mas também é aquele senhor que, valendo-se de sua influência, consegue uma casa, consegue depois dois carros, viola o racionamento e obtém depois tudo o que o povo não tem; pode ostentar seu bem ou não, mas de qualquer maneira ele o possui. Este é um contra-revolucionário, esse sim tem que ser denunciado imediatamente; aquele que utiliza suas influências boas ou ruins em proveito pessoal ou no de seus amigos, este é contra-revolucionário e tem que ser perseguido com raiva, perseguido e aniquilado. O oportunismo é um inimigo da revolução e floresce em todos os lugares onde não há apoio popular, por isso é tão importante o controle das Unidades de Segurança. Nas unidades onde o controle se exerce desde cima, onde não se pode controlar cada um dos passos do trabalho da unidade nem cada um dos membros, aí sim temos que ser inflexíveis pelas mesmas duas razões: porque é justo e porque nós fizemos uma revolução contra a injustiça e também porque é político fazê-lo. Todos aqueles que falando de revolução violam a moral revolucionária, não são apenas traidores potenciais da revolução mas também seus piores detratores, porque as pessoas os vêem e sabem o que eles fazem, mesmo quando nós não sabemos ou não queremos saber das coisas, as pessoas sabem o que aconteceu. Desse modo nossa revolução, caminhando neste sentido errado por vários meses, foi aos poucos dilapidando a coisa mais sagrada que possui, que é a fé que se tem nela. Agora teremos que voltar a trabalhar todos juntos com mais entusiasmo do que nunca, com mais austeridade do que nunca para poder recuperar o que dilapidamos. É uma tarefa dura, qualquer um percebe que neste ano o entusiasmo não é o mesmo que o do ano passado; perdeu-se uma coisa pequena que pode ser recuperada e que é difícil recuperar. Era fácil, nos momentos que Cuba vivia, criar a fé nos homens e na revolução. Agora, depois que essa fé foi traída em algum momento ou então se debilitou, não é tão fácil fazer com que

se recupere; agora vocês têm que trabalhar para isso e, ao mesmo tempo, ser inflexíveis com a contra-revolução; ao mesmo tempo vocês devem ser sigilosos no que diz respeito a qualquer assunto de Estado, vigiar sempre, e para qualquer análise que vocês tenham que fazer, considerar Cuba como uma parte da América. Em qualquer momento para vocês Cuba deve ser uma parte da América, uma parte diretamente ligada à América. Aqui foi feita uma experiência que tem uma transcendência histórica e que mesmo contra a nossa vontade atravessará o continente. Para alguns povos já se fez carne mas para todos se fará carne. A Segunda Declaração de La Habana terá grande importância para o desenvolvimento dos movimentos revolucionários na América. É um documento que chamará as massas à luta. É, guardando-se o respeito que se deve aos grandes documentos, como um Manifesto Comunista deste continente e desta época. Está embasado na nossa realidade e na análise marxista de toda a realidade da América. (...)

14. CONTRA O BUROCRATISMO *

Nossa revolução foi na essência o produto de um movimento guerrilheiro que iniciou a luta armada contra a tirania e se cristalizou na tomada do poder. Os primeiros passos como Estado revolucionário, assim como toda a época primitiva da nossa gestão no governo, estavam fortemente marcados pelos elementos fundamentais da tática guerrilheira como forma de administração estatal. O "guerrilheirismo" repetia a experiência da luta armada das serras e dos campos de Cuba nas diferentes organizações administrativas e de massas e fazia com que apenas as grandes orientações revolucionárias fossem seguidas (e muitas vezes interpretadas de distintas maneiras) pelos organismos da administração e da sociedade em geral. A forma de resolver os problemas concretos estava sujeita ao livre arbítrio de cada um dos dirigentes.

Pelo fato de ocupar todo o complexo aparato da sociedade, os campos de ação das "guerrilhas administrativas" chocavam-se entre si, produzindo atritos contínuos, ordens e contra-ordens, diferentes interpretações das leis que chegavam em alguns casos à réplica contra as mesmas por parte de organismos que estabeleciam seus próprios critérios em forma de decretos, esquecendo-se da existência do aparato central de direção. Depois de um ano de dolorosas experiências, chegamos à conclusão de que era imprescindível modificar totalmente nosso estilo

* Reproduzido de GUEVARA, E. Contra el burocratismo. In: *Obras*. t. 2, p. 176-83.

de trabalho e voltar a organizar o aparato estatal de modo racional, utilizando as técnicas de planificação conhecidas nos países socialistas irmãos.

Como contramedida começaram-se a organizar fortes aparatos burocráticos, que caracterizam esta primeira época de nosso Estado socialista, mas o abalo foi grande demais e toda uma série de organismos, entre os quais se inclui o Ministério de Indústrias, iniciaram uma política de centralização operativa, freando exageradamente a iniciativa dos administradores. Este conceito centralizador se explica pela escassez de quadros médios e pelo espírito anárquico anterior, que levava a um zelo enorme nas exigências de cumprimento das orientações. Paralelamente, a falta de aparatos de controles adequados tornava difícil a correta localização em tempo das falhas administrativas, o que exagerava o uso do livro de controle. Desta maneira os quadros mais conscientes e os mais tímidos freavam seus impulsos para alinhá-los à marcha da lenta engrenagem da administração, enquanto outros campeavam livremente, sem sentir-se obrigados a acatar nenhuma autoridade, obrigando a tomada de novas medidas de controle, que paralisavam suas atividades. Assim nossa revolução começa a sofrer do mal chamado burocratismo.

O burocratismo evidentemente não nasce com a sociedade socialista nem é componente obrigatório dela. A burocracia estatal existia na época dos regimes burgueses com seu cortejo de mordomias e de lacaios, já que à sombra do orçamento prosperava grande número de aproveitadores, que constituíam a "corte" do político em função. Numa sociedade capitalista, onde todo o aparato do Estado está colocado a serviço da burguesia, sua importância como órgão dirigente é muito pequena. E o fundamental está em torná-lo suficientemente permeável para permitir o trânsito dos aproveitadores e suficientemente hermético para prender o povo na sua rede.

Devido ao peso dos "pecados originais" existentes nos antigos aparatos administrativos e a situações criadas depois do triunfo da revolução, o mal do burocratismo começou a desenvolver-se com força. Se fôssemos buscar suas raízes no momento atual, acrescentaríamos às causas velhas novas motivações, encontrando três razões fundamentais.

Uma delas é a falta de motor interno. Com isso queremos dizer a falta de interesse do indivíduo em prestar um serviço ao Estado e em superar uma situação dada. Baseia-se numa falta de consciência revolucionária ou pelo menos em um conformismo frente ao que anda mal.

Pode-se estabelecer uma relação direta e óbvia entre a falta de motor interno e a falta de interesse em resolver os problemas. Neste caso, esta falha do motor ideológico se produz por uma carência absoluta de convicção ou por certa dose de desespero frente a problemas repetidos que não se podem resolver; o indivíduo, ou grupo de indivíduos, se refugiam num burocratismo, preenchem papéis, salvam sua responsabilidade e estabelecem a defesa escrita para continuar vegetando ou para defender-se da irresponsabilidade de outros.

Outra causa é a falta de organização. Ao se pretender destruir o "guerrilheirismo", sem experiência administrativa suficiente, produzem-se deslocamentos, impasses que freiam sem necessidade o fluxo das informações das bases e das instruções ou ordens emanadas dos aparatos centrais. Às vezes estas ou aquelas tomam rumos errados e outras se traduzem em indicações mal-aplicadas, em disparates que contribuem ainda mais para a distorção.

A falta de organização tem como característica fundamental a falha nos métodos para encarar uma situação dada. Podemos ver exemplos disso nos ministérios quando se quer resolver problemas a outros níveis que o adequado ou quando são tratados por vias falsas e se perdem no labirinto dos papéis. O burocratismo é a cadeia do tipo de funcionário que quer resolver de qualquer maneira seus problemas, chocando-se contra a ordem estabelecida sem encontrar uma solução. É freqüente observar que a única saída encontrada por bom número de funcionários é a de solicitar mais pessoal para realizar uma tarefa cuja solução exige apenas um pouco de lógica, criando assim novos pretextos para uma papelada desnecessária.

Nunca devemos esquecer, para fazer uma autocrítica sadia, que a direção econômica da revolução é a responsável pela maior parte dos males burocráticos: os aparatos estatais não se desenvolvem mediante um plano único e com suas relações bem estudadas, deixando ampla margem para a especulação sobre os métodos administrativos. O aparato central da economia, a Junta Central de Planificação, não cumpriu sua tarefa de condução e não podia tê-la cumprido, pois não tinha autoridade suficiente sobre os organismos, não tinha capacidade para dar ordens precisas com base num sistema único e com o adequado controle; e faltava também o auxílio imprescindível de um plano perspectivo. A centralização excessiva sem uma organização perfeita freou a ação espontânea sem ter um substituto de ação correta no momento adequado. Um acúmulo de decisões menores limitou a visão dos grandes problemas

e a solução de todos eles estancou sem ordem nem conserto. As decisões de última hora, tomadas às pressas e sem análise, foram as características do nosso trabalho.

A terceira causa muito importante é a falta de conhecimentos técnicos suficientemente desenvolvidos para que se possa tomar decisões justas e em pouco tempo. O fato de não poder fazê-lo fez com que tivéssemos que reunir muitas experiências de pequeno valor e tentar extrair delas uma conclusão. As discussões costumam tornar-se intermináveis, sem que nenhum dos explanadores tenha autoridade suficiente para impor seu critério. Depois de uma, duas e mais reuniões, o problema continua até que se resolva por si mesmo ou que se tenha que tomar uma resolução qualquer, por pior que ela seja.

A falta quase total de conhecimentos, suprida, como dissemos antes, por uma longa série de reuniões, configura o "reunionismo", que se traduz fundamentalmente na falta de perspectivas para resolver os problemas. Nestes casos o burocratismo, quer dizer, o freio dos papéis e das indecisões para o desenvolvimento da sociedade, é o destino dos organismos afetados.

Estas três causas fundamentais influem uma a uma, ou combinadas entre si, em menor ou maior proporção, em toda a vida institucional do país. Chegou a hora de romper com suas malignas influências. Temos que tomar medidas concretas para agilizar os aparatos estatais de tal maneira que se estabeleça um rígido controle central, para permitir que a direção tenha em suas mãos as chaves da economia e libere ao máximo a iniciativa, desenvolvendo as relações das forças produtivas sobre bases lógicas.

Se conhecermos as causas e os efeitos do burocratismo, poderemos analisar exatamente as possibilidades de corrigir o mal. De todas as causas fundamentais, podemos considerar a organização como nosso problema central e encará-la com todo o rigor necessário. Para isso devemos modificar nosso estilo de trabalho; hierarquizar os problemas, dando a cada organismo e a cada nível de decisão sua própria tarefa; estabelecer as relações concretas entre cada uma delas e as demais, a partir do centro de decisão econômica até a última unidade administrativa; estabelecer também as relações entre seus diferentes componentes de modo horizontal, até formar o conjunto das relações da economia. Esta é a tarefa mais acessível para as nossas forças atuais e nos permitirá, ademais, encaminhar até outras frentes grande quantidade de empre-

gados desnecessários, que não trabalham, realizando funções mínimas ou duplicando as dos outros sem nenhum resultado.

Simultaneamente devemos desenvolver com empenho um trabalho político para liquidar as faltas de motivações internas, ou seja, a falta de popularidade política e que se traduz numa falta de executividade. Os caminhos são: a educação permanente através da explicação concreta das tarefas, desenvolvendo o interesse dos empregados administrativos pelo seu trabalho concreto, através do exemplo dos trabalhadores de vanguarda de um lado e, por outro lado, através de medidas drásticas para eliminar o parasita, aquele que esconde nas suas atitudes uma inimizade profunda para com a sociedade socialista ou aquele que está irremediavelmente aborrecido com o trabalho.

Devemos finalmente corrigir a inferioridade dada pela falta de conhecimento. Iniciamos a gigantesca tarefa de transformar a sociedade de cabo a rabo num momento de agressão imperialista, de bloqueio cada vez mais forte, de uma mudança completa em nossa tecnologia, de aguda escassez de matérias-primas e artigos alimentícios e de uma fuga em massa dos poucos técnicos qualificados que temos. Nessas condições devemos implantar um trabalho muito sério e muito perseverante com as massas para suprir os vazios deixados pelos traidores e as necessidades de força de trabalho qualificada que se produzem pelo ritmo elevado imposto ao nosso desenvolvimento. É por isso que a capacitação ocupa um lugar preferencial em todos os planos de governo.

A capacitação dos trabalhadores ativos se inicia nos centros de trabalho do primeiro nível educacional: a eliminação de alguns restos de analfabetismo que permanecem nos lugares mais afastados, os cursos de "complementação", depois os de "superação operária", para aqueles que tenham alcançado o terceiro grau, os cursos do mínimo técnico para os operários de nível mais elevado, os de extensão para tornar subengenhheiros os operários qualificados, os cursos universitários para todo tipo de profissional e também os administrativos. A intenção do governo revolucionário é converter nosso país numa grande escola, onde o estudo e o êxito nos estudos sejam um dos fatores fundamentais para a melhoria da condição do indivíduo, tanto economicamente como na sua localização moral dentro da sociedade de acordo com suas qualidades. Se nós conseguirmos extrair, de sob o emaranhado de papéis, as relações intrincadas entre os organismos e entre seções de organismos, a duplicação de função e as freqüentes paralisias em que caem nossas instituições, encontraremos as raízes dos problemas e elaboraremos normas

de organização, elementares num primeiro momento mas completas depois, travando a batalha frontal com os displicentes, os confusos e os vagabundos; reeducando e educando esta massa, nós a incorporaremos à revolução e eliminamos o inútil e ao mesmo tempo continuamos, sem fraquejar, quaisquer que sejam os inconvenientes encontrados, uma grande tarefa de educação em todos os níveis. Deste modo estaremos em condições de liquidar em pouco tempo com o burocratismo.

A experiência da última mobilização nos motivou a manter discussões no Ministério de Indústrias para analisar o fenômeno seguinte: no meio da última mobilização, quando todo o país reunia suas forças para resistir ao ataque inimigo, a produção industrial não caía, o ausentismo desaparecia e os problemas se resolviam com uma velocidade inesperada. Analisando isto chegamos à conclusão de que vários fatores convergiram para destruir as causas fundamentais do burocratismo; havia um grande impulso patriótico nacional para resistir ao imperialismo e isso na imensa maioria do povo de Cuba. Cada trabalhador no seu nível se converteu em um soldado da economia, disposto a resolver qualquer problema.

O motor ideológico foi conseguido desta maneira pelo estímulo da agressão estrangeira. As normas organizativas se reduziam a assinalar estritamente o que não se podia fazer e o problema fundamental que deveria ser resolvido: manter a produção acima de todas as coisas, manter determinadas produções com maior ênfase ainda e desligar as empresas, fábricas e organismos de todas as outras funções aleatórias porém necessárias num processo social normal.

A responsabilidade especial que possuía cada indivíduo obrigava a tomar decisões rápidas; estávamos frente a uma situação de emergência nacional, e havia que tomá-las, fossem elas acertadas ou erradas; havia que tomá-las rapidamente; assim se fez em muitos casos.

Não fizemos ainda o balanço da mobilização e evidentemente este balanço em termos financeiros não pode ser positivo, mas ele o foi no que diz respeito à mobilização ideológica e ao aprofundamento da consciência das massas. Qual é o ensinamento? Que devemos conscientizar nossos trabalhadores, operários, camponeses ou empregados, que o perigo da agressão imperialista continua pairando sobre nossas cabeças, que não há uma situação de paz e que nosso dever é continuar fortalecendo a revolução dia a dia, porque também é nossa garantia máxima de que não haja invasão. Quanto mais custar ao imperialismo tomar esta ilha, quanto mais fortes sejam suas defesas e quanto mais elevada seja a

consciência de seus filhos, mais o pensarão. Mas, ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico do país nos leva a situações de mais desafogo e bem-estar. Que o grande exemplo mobilizador da agressão imperialista se converta em permanente, esta é a tarefa ideológica.

Devemos analisar as responsabilidades de cada funcionário, estabelecer-las o mais rigidamente possível dentro de normas das quais não devemos nos afastar sob pena de sofrermos sanções severíssimas, e a partir desta base dar as mais largas faculdades possíveis. Ao mesmo tempo, estudar tudo que é fundamental e que é acessório no trabalho das diferentes unidades dos organismos estatais e limitar o acessório para dar ênfase ao fundamental, permitindo assim uma ação mais rápida. Temos que exigir ação dos nossos funcionários, estabelecer limites de tempo para o cumprimento das instruções emanadas dos organismos centrais, controlar corretamente e obrigar a tomar decisões em tempo hábil.

Se conseguirmos fazer todo esse trabalho, o burocratismo desaparecerá. De fato, não é tarefa de um organismo nem de todos os organismos econômicos do país; é tarefa da nação inteira, quer dizer, dos organismos dirigentes, fundamentalmente do Partido Unido da Revolução e dos agrupamentos de massa. Todos devemos trabalhar para cumprir esta orientação do momento: *Guerra ao burocratismo. Agilização do aparato estatal. Produção sem entraves e responsabilidade pela produção.*

15. SOBRE A CONSTRUÇÃO DO PARTIDO *

Companheiros:

Havíamos decidido com os companheiros organizadores desta Província e de todo o nosso Partido participar desta assembléia devido à importância que tem na produção do país a indústria têxtil de Ariguanabo, atualmente a unidade que tem mais trabalhadores em todo o país. Ou seja, é o maior centro industrial do nosso país.

Além disso, é uma das indústrias mais importantes, já que contribui ao bem-estar do nosso povo, assegurando a produção de roupa, uma das coisas fundamentais que nossa Revolução deve dar ao povo em quaisquer que sejam as condições e quaisquer que sejam as dificuldades a que estejamos submetidos.

Vimos também para analisar este novo processo pelo qual foram mudados vários conceitos na organização do Partido, o que diz diretamente respeito às massas.

Como vocês puderam apreciar, ou melhor, como vocês decidiram, os membros do Partido Unido da Revolução Socialista ** que saem deste centro de trabalho são homens que contam com o apoio unânime dos companheiros de trabalho. Os núcleos que se formam neste momento,

* Reproduzido de GUEVARA, E. Sobre la construcción del Partido. In: *Obras*, t. 2, p. 184-93.

** O P.U.R.S. antecede a criação do atual P.C. cubano. (N. do Org.)

as organizações do Partido, contam desde já com todo o respaldo necessário e abandonam o trabalho quase subterrâneo, quase conspirativo, que durante bom tempo deu a tônica ao trabalho de nosso Partido dirigente.

Esta penumbra toda em que se vivia, esses núcleos clandestinos eleitos de forma mecânica, sem uma análise suficiente das qualidades dos companheiros, se transformam numa nova forma estrutural, na qual são as massas que decidem em primeira instância quais devem ser os trabalhadores exemplares propostos como membros do Partido.

Aí reside a enorme diferença. Aí também a enorme força que deve existir no Partido dirigente, consequência de toda uma linha de mudanças na estrutura, na organização, e no esquema geral de concepção do Partido. Este Partido se coloca firmemente na cabeça do Estado proletário e guia com suas ações, com seu exemplo, com seu sacrifício, com a profundidade do seu pensamento e a audácia dos seus atos, cada um dos momentos de nossa revolução. No entanto, ainda nem tudo está perfeito, longe disso. Muitas coisas têm que ser consertadas.

Não precisamos ir muito longe: fazíamos agora uma pequena estatística: em 197 companheiros foram reconhecidas todas as qualidades necessárias para integrar o Partido Unido da Revolução Socialista, neste centro de trabalho onde existem mais de três mil operários. Qual é o número exato? Bom, se for quatro mil, dá no mesmo para efeitos estatísticos. Deste número foram escolhidos 197 companheiros, mas entre esses 197 existem apenas cinco mulheres. E no entanto a proporção de mulheres que trabalham aqui em Ariguanabo é muito maior do que esses 2,5% levantados por nossa estatística. Isto indica que existe uma falha na incorporação da mulher na igualdade de direitos, na igualdade de condições, ao trabalho ativo de construção do socialismo. E seria bom que todos nós começássemos a analisar em cada lugar o porquê disso.

Existem duas causas que aparentemente aparecem mais claras e determinantes. Uma delas é que efetivamente a mulher ainda não se desprende de uma série de laços que a prendem a uma tradição do passado que está morta. E por esta causa ela não se incorpora à vida ativa de um trabalhador revolucionário. Outra causa pode ser que a massa dos trabalhadores, chamado sexo forte, considera que as mulheres ainda não têm o desenvolvimento suficiente, e fazem valer a maioria que possuem; em lugares como estes os homens são mais notados, seu

trabalho está mais claro, e a partir daí o papel da mulher é um pouco esquecido ou tratado subjetivamente.

Faz alguns meses, poucos meses, tivemos que mudar uma funcionária do Ministério de Indústrias, uma funcionária capaz. Por quê? Porque tinha um trabalho que a obrigava a sair, viajar pelas províncias, e muitas vezes com inspetores ou com o chefe, com o diretor-geral. E esta companheira, que era casada — acho que com um membro do exército rebelde — não podia sair sozinha por vontade de seu marido e tinha que suspender todas as viagens em que o marido não podia acompanhá-la.

Isto é uma manifestação clara de discriminação da mulher. Será que por acaso a mulher tem que acompanhar o marido cada vez que ele viaja para o interior das províncias ou para qualquer outro lugar, para vigiá-lo, para que ele não caia em tentações ou algo do estilo?

O que isso indica? Que simplesmente o passado continua pesando dentro de nós; que a libertação da mulher não está completa, e uma das tarefas do nosso Partido deve ser conseguir sua liberdade total, sua liberdade interna, porque não se trata de uma obrigação física que se impunha às mulheres para que elas não assumam determinadas ações; é o peso de uma tradição anterior.

Nesta nova época que estamos vivendo, na etapa da construção do socialismo, onde se acabam com todas as discriminações e somente resta como única e determinante ditadura a ditadura da classe operária, enquanto classe organizada, sobre as demais classes que foram derrotadas; e a preparação de um longo caminho que estará cheio de muitas lutas, de muitos desgostos ainda, até a sociedade perfeita que será a sociedade sem classes, a sociedade onde desapareçam todas as diferenças, neste momento não se pode admitir outro tipo de ditadura que não seja a ditadura do proletariado como classe.

O proletariado não tem sexo; é o conjunto de todos os homens e mulheres que em todos os lugares de trabalho do país lutam consequentemente para obter um mesmo fim.

Isto é um exemplo de tudo o que está para ser feito. Mas naturalmente esse é apenas um exemplo e as tarefas não se esgotam com esse. Muitas coisas ficam para serem feitas; mais ainda, sem chegar às tradições do passado anterior ao triunfo da revolução, resta uma série de tradições do passado posterior, ou seja, do passado que pertence à nossa história pré-revolucionária.

Tradições como o fato de que membros do Partido, dos sindicatos, de diversas organizações de massa, dirijam, orientem, determinem mas muitas vezes não trabalhem. Isso é algo totalmente negativo.

Quem aspira a ser dirigente tem que poder enfrentar, ou melhor, expor-se ao veredito das massas e ter confiança de que foi eleito dirigente ou se propõe a ser dirigente porque é o melhor entre os bons, por seu trabalho, seu espírito de sacrifício, sua constante atitude de vanguarda em todas as lutas que o proletariado deve realizar diariamente para a construção do socialismo.

Isso ainda pesa para nós. Nossas organizações ainda não estão totalmente isentas deste pecado que se incorporou às nossas tradições tão novas dentro da revolução, e que começou a causar danos. E também tirar do pensamento que o fato de ser eleito membro de alguma organização de massas ou do partido dirigente da revolução — dirigente em algumas das diversas facetas que assume — permite a esses companheiros eleitos ter a mínima oportunidade de beneficiar-se mais do que o resto do povo.

Ou seja, esta política de recompensar o bom com bens materiais, de recompensar quem demonstrou ter maior consciência e maior espírito de sacrifício através de bens materiais.

Estas são duas coisas que se chocam constantemente e se integram dialeticamente no processo de construção do socialismo: por um lado, os estímulos materiais necessários, porque estamos saindo de uma sociedade que pensava unicamente em estímulos materiais e construindo uma sociedade nova baseada naquela velha sociedade, com uma série de transformações na consciência das pessoas pertencentes àquela velha sociedade, e também porque ainda não há hoje o suficiente para dar a cada um conforme sua necessidade.

Por isso o interesse material estará presente durante um certo tempo no processo de construção do socialismo.

Justamente por isso a ação do Partido de Vanguarda consiste em levantar ao máximo a bandeira oposta, a do interesse moral, do estímulo moral, a bandeira dos homens que lutam, se sacrificam e não esperam nada mais do que o reconhecimento por parte dos seus companheiros, não esperam nada mais do que aquilo que vocês deram hoje aos companheiros, elegendo-os para tomar parte do Partido Unido da Revolução.

O estímulo moral, a criação de uma nova consciência socialista é o ponto em que devemos nos apoiar, onde devemos chegar e ao qual devemos dar ênfase.

O estímulo material é o resquício do passado com o qual se deve contar mas cuja importância deve diminuir na consciência das pessoas na medida em que o processo avança. Um deve estar em nítido processo de ascensão, enquanto o outro deve estar em nítido processo de extinção. O estímulo material não fará parte da nova sociedade que está se criando, deverá se extinguir pelo caminho, e deve-se preparar as condições para que este tipo de mobilização efetiva hoje perca cada vez mais sua importância em favor do estímulo moral, do sentido do dever e da nova consciência revolucionária.

Companheiros, agora já se deram os primeiros passos, já existe, digamos, oficialmente, o Partido Unido da Revolução neste centro de trabalho; neste primeiro momento está composto pelo menos por 197 companheiros. Quais as qualidades que se procuraram neles? Vocês as conhecem porque vocês mesmos os elegeram. Vocês conhecem o espírito de sacrifício, de camaradagem, de amor pela pátria, o espírito de ser vanguarda em cada momento de luta, o espírito de condutor através do exemplo, de condutor modesto, de condutor sem alaridos que deve ter um membro do Partido. Mas, além disso, o membro do Partido Novo deve ser um homem que sinta intimamente em todo o seu ser as novas verdades, que a sinta com naturalidade, que aquilo que seja sacrifício para o comum das pessoas seja para ele simplesmente a ação quotidiana, o que ele deve fazer e o que é natural fazer.

Ou seja, muda-se totalmente a atitude frente a determinadas obrigações do homem na sua vida quotidiana e frente a determinadas obrigações de um revolucionário num processo de desenvolvimento como o nosso, face a um cerco imperialista.

Há alguns dias, em uma das numerosas reuniões que infelizmente temos e que ainda não podemos reduzir, um dos companheiros contou a última piada — a última pelo menos que chegou aos meus ouvidos — referente à constituição do Partido.

Tratava-se de um homem que ia entrar no Partido; os membros da Seccional, os organizadores, explicavam-lhe os deveres de um comunista. Explicavam-lhe a necessidade de estar sempre à frente no trabalho de horas extras, de dirigir com o seu exemplo, de utilizar todas as horas do dia para melhorar seu preparo cultural, de ir aos domingos para o

trabalho voluntário, de trabalhar voluntariamente todos os dias, esquecer toda a vaidade que ele já teve e dedicar todo o seu tempo ao trabalho, à participação em todos os organismos de massas que existem neste momento; por último, lhe diziam, “e além disso você, como membro do Partido, deve estar disposto a todo momento a dar sua vida pela Revolução. Estará disposto a isso?” Então o homem respondeu: “Bem, se eu for levar esta vida como você falou, para que eu a quereria? Eu a dou com todo o prazer”.

Por quê? É o velho conceito o que está expresso nesta piada, não sei se contra-revolucionário ou revolucionário, mas sei que tem um profundo conteúdo contra-revolucionário. Por quê? Porque precisamente um trabalhador de vanguarda, um membro do Partido dirigente da Revolução, sente todos esses trabalhos chamados de sacrifícios com um interesse novo, como uma parte do seu dever, que não é um dever imposto mas sim um dever interno, e ele o faz com interesse.

As coisas mais banais e mais enfadonhas se transformam por causa do interesse, do esforço interior do indivíduo, do aprofundamento da sua consciência, em coisas importantes e substanciais, em algo que ele não pode deixar de fazer sem sentir-se mal: aquilo que é chamado de sacrifício. E então para um revolucionário o fato de não estar fazendo sacrifício é o verdadeiro sacrifício. Quer dizer que as categorias e os conceitos mudam.

O revolucionário cabal, o membro do partido dirigente da Revolução, deverá trabalhar todas as horas, todos os minutos da sua vida, nestes anos de luta tão dura que nos aguardam; e isso com um interesse sempre renovado, sempre crescente e sempre presente. Essa é uma qualidade fundamental.

Isso significa sentir a revolução. Isso significa que o homem é um revolucionário por dentro, que sente como revolucionário. Então o conceito de sacrifício adquire novas modalidades.

O militante do Partido Unido da Revolução é um marxista; deve conhecer o marxismo e deve aplicar conseqüentemente na sua análise o materialismo dialético para poder interpretar globalmente o mundo.

Mas o mundo é grande, é amplo, tem muitas estruturas diferentes, passou por muitas civilizações diferentes e neste momento, inclusive, existem ainda em alguns lugares deste mundo extratos da sociedade ou povos que vivem na mais primitiva das sociedades conhecidas: na sociedade do comunismo primitivo. Infelizmente existe também o esca-

vagismo e na América existe, por exemplo, o feudalismo e o capitalismo na sua última etapa: o imperialismo. Além disso, existem povos que estão construindo o socialismo e aqueles que, como na União Soviética, começaram a construir o comunismo. Mas mesmo que os povos estejam na mesma definição social, sejam eles capitalistas ou estejam eles em processo de construção do socialismo ou em qualquer outra, eles chegaram a essa etapa histórica por caminhos diversos, cada povo com suas condições peculiares.

Por isso o marxismo é somente um guia para a ação. Foram descobertas as grandes verdades fundamentais e, a partir delas, utilizando o materialismo dialético como arma, interpreta-se a realidade em cada lugar do mundo. Por isso nenhuma construção será igual; todas terão características peculiares, próprias à sua formação.

As características da nossa revolução também são peculiares. Não podem desligar-se das grandes verdades, não podem ignorar as verdades absolutas descobertas pelo marxismo, que não foram inventadas, que não são dogmas, mas foram descobertas na análise do desenvolvimento da sociedade. No entanto, existem condições peculiares, e os membros do Partido Unido da Revolução deverão ser criadores, deverão manipular a teoria e criar a prática de acordo com a teoria e com as condições próprias deste país em que vivemos e lutamos.

Ou seja, a tarefa da construção do socialismo em Cuba deve realizar-se fugindo do mecanicismo como se foge da peste. O mecanicismo conduz apenas a formas estereotipadas, a núcleos clandestinos, ao favoritismo e a toda uma série de males dentro da organização revolucionária. Deve-se trabalhar dialeticamente, apoiar-se nas massas, estar sempre em contato com elas, dirigi-las através do exemplo, utilizar a ideologia marxista, utilizar o materialismo dialético e ser criadores a cada momento.

A partir disso, como poderíamos definir as tarefas mais importantes de um membro do Partido Unido da Revolução? Existem duas tarefas fundamentais que se repetem constantemente e estão na base de todo o desenvolvimento da sociedade: a produção, o desenvolvimento dos bens para o povo; e o aprofundamento da consciência.

Não é preciso explicar-lhes por que a produção é tão importante. Por que deve ser algo sempre presente nas grandes preocupações de um membro do Partido.

O socialismo não é uma sociedade de beneficência, não é um regime utópico baseado na bondade do homem enquanto homem. O socialismo

é um regime a que se chega historicamente e que tem por base a socialização dos bens fundamentais de produção e a distribuição equitativa de todas as riquezas da sociedade no interior de um marco onde existe produção do tipo social. Quer dizer, a produção que gerou o capitalismo; as grandes fábricas, as grandes fazendas capitalistas, as grandes extensões de terras capitalistas, os lugares onde o trabalho do homem se fazia em comunidade, em sociedade; mas naquela época o aproveitamento do fruto do trabalho era feito de modo individual pelos capitalistas, pela classe exploradora, por aquela que possuía juridicamente os bens de produção.

Agora as coisas mudaram. Mas o fundamental continua sendo o mesmo: uma classe social, uma estrutura social que chega e se apóia obrigatoriamente na anterior. E o processo de construção do socialismo é o processo de desenvolvimento de toda a nossa produção.

E por que a consciência? Bem, a consciência é ainda mais importante, se isso é possível. Ela é tão importante por causa das características novas que surgem dos processos de desenvolvimento das sociedades neste século.

Quando Marx fez a análise das sociedades, conhecia-se que existia uma sociedade primitiva, uma sociedade feudal e anteriormente uma sociedade escravagista, e também se conhecia a sociedade capitalista. O que Marx fez foi analisar o porquê de cada uma; demonstrar que tudo estava relacionado com a produção, que a consciência do homem era determinada pelo meio em que vivia e que este meio existia em função das relações de produção. Mas ao aprofundar a análise, Marx fez ainda algo mais importante: demonstrou que historicamente o capitalismo devia desaparecer e ceder o lugar a uma nova sociedade: a sociedade socialista.

Depois de um certo tempo, Lenin aprofundou mais a análise e chegou à conclusão de que a passagem de uma sociedade para a outra não se dava de forma mecânica e que as condições para isso podiam acelerar-se ao máximo por meio de alguns catalisadores, poderíamos dizer (não é uma frase de Lenin, é minha, mas é sua idéia, a idéia central). Quer dizer que, se houvesse uma vanguarda do proletariado capaz de tomar as reivindicações fundamentais do proletariado, tendo também uma idéia clara sobre onde se devia chegar, e tentasse tomar o poder para estabelecer a nova sociedade poderíamos avançar e queimar etapas; além disso, a sociedade socialista podia desenvolver-se num único país, isolado, mesmo nas mais terríveis condições de um cerco

imperialista como teve que enfrentar a União Soviética durante os primeiros anos da criação do Estado soviético; aí então começa a explicação de por que a consciência é tão importante.

Porque nós chegamos à conclusão de que o processo de desenvolvimento histórico das sociedades pode em determinadas condições ser abreviado e que o Partido de Vanguarda é uma das armas fundamentais para abreviá-lo. Em consequência da lição dada pela União Soviética há já 45 anos fizemos o mesmo em Cuba. Através do movimento de vanguarda pudemos abreviar, queimar etapas e estabelecer o caráter socialista de nossa revolução dois anos depois da vitória; pudemos também sancionar o caráter socialista da revolução quando de fato, na prática, já possuía esse caráter socialista, porque já havíamos encampado os meios de produção e estávamos no processo de encampação total desses meios; estávamos no processo de eliminação da exploração do homem pelo homem e estávamos também planejando todos os processos produtivos para poder fazer uma distribuição correta e eqüitativa entre todos. Mas esses processos de aceleração vão deixando muita gente pelo caminho. A velha sociedade pesa e seus conceitos pesam constantemente na consciência dos homens. É ali que o fator de aprofundamento da consciência socialista adquire tanta importância. (...)

VI. A TRANSFORMAÇÃO IDEOLÓGICA

16. O SOCIALISMO E O HOMEM EM CUBA *

Estimado Companheiro:¹

Estou terminando estas notas durante minha viagem pela África, animado pelo desejo de cumprir, ainda que tardiamente, minha promessa. Gostaria de fazê-lo desenvolvendo o tema do título. Penso que pode ser interessante para os leitores do Uruguai.

É comum ouvir da boca dos porta-vozes do capitalismo, como um argumento na luta ideológica contra o socialismo, a afirmação de que este sistema social, ou o período de construção do socialismo que estamos atualmente vivendo, se caracteriza pela abolição do indivíduo no altar do Estado. Não tentarei refutar esta afirmação a partir de uma base meramente teórica, mas sim estabelecer os fatos tal como acontecem em Cuba e acrescentar comentários de caráter geral. Primeiro esboçarei em pinceladas a história de nossa luta revolucionária antes e depois da tomada do poder.

Como se sabe, a data exata em que se iniciaram as ações revolucionárias que culminaram com o 1.º de janeiro de 1959, foi 26 de julho de 1953. Um grupo de homens dirigidos por Fidel Castro atacou na madrugada desse dia o quartel Moncada na Província de Oriente. O

* Reproduzido de GUEVARA, E. El socialismo y el hombre en Cuba. In: *Obras*. t. 2, p. 367-84.

¹ Dirigido a Carlos Quijano, do semanário *Marcha*, de Montevideu.

ataque foi um fracasso, o fracasso se transformou em desastre e os sobreviventes foram parar na prisão, para reiniciar, logo depois de terem sido anistiados, a luta revolucionária.

Durante este processo existiam apenas germes de socialismo e o homem era um fator fundamental. Nele se confiava, era individualizado, específico, com nome e sobrenome, e o triunfo ou o fracasso da ação compreendida dependia da sua própria capacidade.

Chegou a etapa da luta guerrilheira. Esta se desenvolveu em dois ambientes diferentes: o povo, massa ainda adormecida que precisava ser mobilizada, e sua vanguarda, a guerrilha, motor impulsor do movimento, gerador de consciência revolucionária e de entusiasmo combativo. Esta vanguarda foi o agente catalisador, aquele que criou as condições subjetivas necessárias à vitória. Na vanguarda também, no interior do processo de proletarianização do nosso pensamento, da revolução que se processava em nossos hábitos e nossas mentes, o indivíduo foi o fator fundamental. Cada um dos combatentes da Sierra Maestra que alcançou algum grau superior nas forças revolucionárias tem em seu haver uma história de fatos notáveis. Era em função destes fatos que ele conseguia seus galões.

Esta foi a primeira época heróica, na qual se disputava para conseguir um cargo de maior responsabilidade, onde o perigo era maior sem outra satisfação que a do dever cumprido. No nosso trabalho de educação revolucionária voltamos bastante sobre este tema educativo. Na atitude dos nossos combatentes visualizava-se o homem do futuro.

Este fato da entrega total à causa revolucionária se repetiu em outras oportunidades na nossa história. Durante a crise de Outubro ou durante os dias do furacão Flora, pudemos constatar atos de valor e de sacrifícios extraordinários realizados por um povo inteiro. Uma das nossas tarefas fundamentais do ponto de vista ideológico é a de encontrar a fórmula para perpetuar esta atitude heróica na vida quotidiana.

Em janeiro de 1959, o governo revolucionário se estabeleceu com a participação de vários membros da burguesia entreguista. A presença do exército rebelde constituía a garantia do poder, um fator fundamental de força.

Em seguida ocorreram contradições sérias, resolvidas em primeira instância em fevereiro de 1959, quando Fidel Castro assumiu a chefia do governo no cargo de Primeiro Ministro. O processo culminava com

a renúncia do presidente Urrutia diante da pressão das massas em julho do mesmo ano.

Neste momento aparecia na história da revolução cubana, com características bem nítidas, um personagem que de agora em diante estará sistematicamente presente: a massa.

Este ente de múltiplas facetas não é, como se pretende, a soma de elementos de uma mesma categoria (reduzidos, aliás, a uma mesma categoria por imposição do sistema), que atua como um manso rebanho. É verdade que segue sem vacilar seus dirigentes, principalmente Fidel Castro; mas o grau desta confiança que ele conquistou está em função precisamente da interpretação cabal dos desejos do povo, de suas aspirações e da luta sincera que ele travou para o cumprimento das promessas feitas.

A massa participou na Reforma Agrária e no difícil empenho de administrar as empresas estatais; passou pela experiência heróica de Playa Girón; forjou-se nas lutas contra as várias hordas de bandidos armados pela CIA; viveu uma das definições mais importantes dos tempos modernos na crise de Outubro e está hoje trabalhando para a construção do socialismo.

Se olhamos as coisas de um ponto de vista superficial, pode parecer que aqueles que falam da subordinação do indivíduo ao Estado têm razão; a massa realiza com um entusiasmo e uma disciplina sem par as tarefas determinadas pelo governo, sejam elas de caráter econômico, cultural, de defesa, esportivo, etc. A iniciativa parte geralmente de Fidel ou do alto comando da revolução, é explicada ao povo, que a acata como sendo sua. Outras vezes o Partido e o governo escolhem experiências localizadas e generalizam-nas seguindo o mesmo procedimento.

No entanto, às vezes o Estado está errado. Quando um desses erros se produz, nota-se uma diminuição do entusiasmo coletivo através de uma diminuição quantitativa de cada um dos elementos que formam este coletivo, e o trabalho diminui até ficar reduzido a proporções insignificantes: esse é o momento de corrigir. Isso aconteceu em março de 1962, diante da política sectária imposta ao Partido por Aníbal Escalante.

É evidente que o mecanismo não é suficiente para assegurar uma série de medidas sensatas e que falta uma conexão mais estruturada com a massa. Devemos melhorar isso no decorrer dos próximos anos, mas para o caso das iniciativas providas das instâncias superiores do

governo, utilizamos por enquanto o método quase intuitivo de auscultar as reações gerais face aos problemas colocados.

Fidel é mestre nisso e seu modo particular de integração com o povo só pode ser apreciado vendo-o atuar. Nas grandes concentrações públicas observa-se algo como o diálogo de dois diapasões, cujas vibrações provocam outras no interlocutor. Fidel e a massa começam a vibrar num diálogo de intensidade crescente até alcançar o clímax num final abrupto coroado por nosso grito de luta de vitória.

O que fica difícil entender para quem não vive a experiência da revolução é esta estreita unidade dialética existente entre o indivíduo e a massa, onde ambos se inter-relacionam, e a massa por sua vez, enquanto conjunto de indivíduos, se inter-relaciona com os dirigentes.

No capitalismo pode-se verificar alguns fenômenos desse tipo quando aparecem políticos capazes de conseguir a mobilização popular, mas se não se tratar de um autêntico movimento social, e nesse caso não é totalmente lícito falar de capitalismo, o movimento durará enquanto durar a vida de quem o impulsiona ou até o fim das ilusões populares, imposto pelo rigor da sociedade capitalista. Nesta sociedade o homem é dirigido por uma ordem fria que habitualmente escapa ao domínio de sua compreensão. O indivíduo alienado tem um cordão umbilical invisível que o liga à sociedade no seu conjunto; a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, modela seu caminho e seu destino.

As leis do capitalismo, invisíveis para o homem comum e cegas, atuam sobre o indivíduo sem que este o perceba. Ele vê apenas a amplitude de um horizonte que parece infinito. É apresentado desse modo pela propaganda capitalista, que pretende tirar do caso Rockefeller — verídico ou não — uma lição sobre as possibilidades de êxito. A miséria que é necessário acumular para que surja um exemplo como esse e a quantidade de desgraças que uma fortuna dessa magnitude ocasionou para poder existir não aparecem no quadro, e nem sempre as forças populares têm a possibilidade de aclarar estes conceitos. (Caberia aqui uma indagação sobre como, nos países imperialistas, os trabalhadores perdem seu espírito de classe internacional por causa de uma certa cumplicidade na exploração dos países dependentes e como este fato ao mesmo tempo diminui o espírito de luta das massas no próprio país; mas este é um tema que foge ao propósito destas notas.)

De qualquer maneira, mostra-se o caminho com obstáculos que, aparentemente, o indivíduo com as qualidades necessárias pode superar

para chegar até a meta final. O prêmio é visualizado a distância; o caminho é solitário. Além de tudo é preciso transformar-se em lobo: pode-se chegar apenas à custa do fracasso de outros.

Tentarei agora definir o indivíduo, ator desse estranho e apaixonante drama que é a construção do socialismo, em sua dupla existência de ser único e membro da comunidade.

Penso que o mais simples é reconhecer sua qualidade de não feito, de produto não acabado. As taras do passado se transmitem até o presente na consciência individual e há necessidade de se fazer um trabalho contínuo para erradicá-las.

O processo é duplo: por um lado a sociedade atua com sua educação direta e indireta, por outro lado o indivíduo se submete a um processo consciente de auto-educação.

A nova sociedade em formação deve competir muito duramente com o passado. Isto se faz sentir não apenas na consciência individual, na qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter desse período de transição, onde permanecem as relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto existir, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, em consequência, na consciência.

No esquema de Marx se concebia o período de transição como resultado da transformação explosiva do sistema capitalista destruído por suas contradições; na realidade posterior viu-se como caem da árvore imperialista alguns países que constituem os ramos mais débeis, fenômeno previsto por Lenin. Nesses países o capitalismo se desenvolveu suficientemente para fazer sentir seus efeitos de um ou outro modo sobre o povo, mas não são suas próprias contradições que, esgotadas todas as possibilidades, fazem explodir o sistema. A luta de libertação contra um opressor externo, a miséria provocada por acidentes estranhos como a guerra, cujas consequências fazem recair as classes privilegiadas sobre os explorados, os movimentos de libertação destinados a derrotar regimes neocolonialistas, são os fatores habituais do desencadeamento. A ação consciente faz o resto.

Nestes países não se produziu ainda uma educação completa para o trabalho social, a riqueza está longe de poder chegar às massas através do simples processo de apropriação. O subdesenvolvimento por um lado e a habitual fuga de capitais até países "civilizados" por outro

tornam impossível uma mudança rápida e sem sacrifícios. Resta um grande caminho a percorrer na construção da base econômica, e a tentação de seguir pelos caminhos do interesse material como alavanca impulsora de um desenvolvimento acelerado é muito grande.

Corre-se o perigo de que as árvores impeçam de ver o bosque. Perseguindo a quimera de realizar o socialismo graças às armas que nos legou o capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca, etc.), pode-se chegar a um beco sem saída. Pode-se percorrer uma longa distância na qual os caminhos se cruzam muitas vezes e onde é difícil perceber o momento em que se errou de caminho. Entretanto, a base econômica adaptada fez seu trabalho de corrosão sobre o desenvolvimento da consciência. Para construir o comunismo, paralelamente à base material tem que se fazer o homem novo.

Dá a importância de escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve ser de índole moral fundamentalmente, sem esquecer uma correta utilização do estímulo material, sobretudo de natureza social.

Como já disse, num momento de perigo extremo é fácil potencializar os estímulos morais; para manter sua vigência, é necessário que se desenvolva uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas. A sociedade em seu conjunto deve transformar-se em uma gigantesca escola.

As grandes linhas do fenômeno são semelhantes ao processo de formação da consciência capitalista em sua primeira fase. O capitalismo recorre à força, mas também educa as pessoas dentro do sistema. A propaganda direta é realizada pelos encarregados de explicar a perenidade de um regime de classe, seja de origem divina ou por imposição da natureza como ente mecânico. Isso aplaca as massas, que se vêem oprimidas por um mal contra o qual não é possível lutar.

Em seguida vem a esperança, e é neste ponto que se diferencia dos regimes anteriores de casta, que não apontavam saídas possíveis.

Para alguns continuará vigente ainda a forma de castas: o prêmio para os obedientes consiste no acesso, depois da morte, a outros mundos maravilhosos onde os bons são premiados, como acontece na velha tradição. Para outros há inovação: a separação em classes é fatal, mas os indivíduos podem sair da classe a que pertencem através do trabalho,

da iniciativa, etc. Este processo e o da auto-educação para o triunfo devem ser profundamente hipócritas: é a demonstração interessada de que uma mentira é verdade.

No nosso caso, a educação direta adquire uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira: não precisa de subterfúgios. Ela se exerce através do aparato educativo do Estado em função da cultura geral, técnica e ideológica, por meio de organismos como o Ministério da Educação e o aparelho de divulgação do partido. A educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a converter-se em hábito; a massa vai incorporando-a e pressiona quem ainda não se educou. Essa é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto a outra.

Mas o processo é consciente: o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de acomodar-se a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se auto-educa.

Neste período de construção do socialismo podemos ver o homem novo que está nascendo. Sua imagem ainda não está acabada, nem poderia, já que o processo anda paralelo ao desenvolvimento de formas econômicas novas. Tirando aqueles cuja falta de educação os faz tender para o caminho solitário, para a auto-satisfação de suas ambições, aqueles que mesmo dentro desse novo panorama de marcha conjunta têm a tendência de caminhar isolados da massa que acompanham, o importante é que os homens adquirem cada dia maior consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma.

Eles já não andam sozinhos por caminhos perdidos em direção a longínquas aspirações. Eles seguem a vanguarda constituída pelo Partido, pelos operários mais avançados e pelos homens da vanguarda que caminham ligados às massas e em estreita comunicação com elas. As vanguardas têm os olhos voltados para o futuro e sua recompensa, mas esta não é vista como algo individual; o prêmio é a nova sociedade, na qual os homens terão características diferentes: a sociedade do homem comunista.

O caminho é longo e cheio de dificuldades. As vezes, por ter-se enganado de caminho, tem que retroceder; outras vezes, por caminhar

depressa demais, nos separamos das massas; em certas ocasiões, por fazê-lo lentamente, sentimos a presença próxima dos que pisam nos nossos calcanhares. Em nossa ambição de revolucionários tentamos caminhar tão depressa quanto possível, abrindo caminhos; mas sabemos que temos que nutrir-nos da massa e essa somente poderá avançar mais rápido se a animamos com nosso exemplo.

Apesar da importância dada aos estímulos morais, o fato de existir a divisão em dois grupos principais (excluindo, claro, a facção minoritária dos que não participam por uma razão ou outra da construção do socialismo) aponta a relativa falta de desenvolvimento da consciência social. O grupo de vanguarda é ideologicamente mais avançado que a massa; esta conhece os novos valores mas insuficientemente. Enquanto nos primeiros se dá uma mudança qualitativa que lhes permite se sacrificar na sua função de vanguarda, os segundos apenas seguem e devem ser submetidos a estímulos e pressões de certa intensidade; é a ditadura do proletariado que se exerce não somente sobre a classe derrotada, mas também individualmente sobre a classe vencedora.

Tudo isto implica, para seu êxito total, a necessidade da existência de uma série de mecanismos que são as instituições revolucionárias. Na imagem das multidões marchando para o futuro se encaixa o conceito de institucionalização como o de um conjunto harmônico de canais, escalões, comportas, aparatos bem azeitados que permitam essa marcha, que permitam a seleção natural daqueles destinados a caminhar na vanguarda e que concedam o prêmio aos que cumprem e o castigo aos que atentem contra a sociedade em construção.

Esta institucionalidade da revolução ainda não foi alcançada. Buscamos algo novo que permita a perfeita identificação entre o governo e a comunidade em seu conjunto, ajustada às condições peculiares à construção do socialismo e fugindo ao máximo dos lugares comuns da democracia burguesa, transplantados para a sociedade em formação (como as câmaras legislativas, por exemplo). Foram feitas algumas experiências no sentido de se criar progressivamente a institucionalização da revolução, mas sem maior pressa. O freio maior que encontramos foi o medo de que qualquer aspecto formal nos separe das massas e do indivíduo, nos faça perder de vista a última e mais importante ambição revolucionária, que é a de ver o homem libertado de sua alienação.

Apesar da carência das instituições, o que deve ser superado gradualmente, as massas agora fazem a história como um conjunto cons-

ciente de indivíduos que lutam por uma mesma causa. O homem, no socialismo, apesar de sua aparente padronização, é mais completo; apesar da falta do mecanismo perfeito para isso, sua possibilidade de expressar-se e de influir no aparato social é infinitamente maior.

Mas é preciso ainda acentuar sua participação consciente, individual e coletiva em todos os mecanismos de direção e produção, e ligá-la à idéia da necessidade da educação técnica e ideológica, de maneira que sinta como estes processos são estreitamente interligados e seus avanços paralelos. Deste modo alcançará a total consciência de seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebradas as correntes da alienação.

Isto se traduzirá concretamente pela reapropriação de sua natureza através do trabalho liberado e a expressão de sua própria condição humana através da cultura e da arte.

Para que se desenvolva na primeira, o trabalho deve adquirir uma nova condição. A mercadoria homem cessa de existir e se instala um sistema que outorga uma quota pelo cumprimento do dever social. Os meios de produção pertencem à sociedade e a máquina é apenas a trincheira onde o dever é cumprido. O homem começa a libertar seu pensamento da obrigação penosa que tinha de satisfazer suas necessidades animais através do trabalho. Ele começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana através do objeto criado, do trabalho realizado. Isto já não significa deixar uma parte de seu ser em forma de força de trabalho vendida, que não lhe pertence mais, mas significa uma emanção de si mesmo, uma contribuição à vida comum, em que se reflete; o cumprimento do seu dever social.

Fazemos todos o possível para dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo, por um lado, ao desenvolvimento da técnica que dará condições para uma maior liberdade e, por outro lado, ao trabalho voluntário, embasado na concepção marxista de que o homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de se vender como mercadoria.

Claro que existem ainda aspectos coercitivos no trabalho, mesmo quando é voluntário; o homem não transformou toda a coerção que o rodeia num reflexo condicionado de natureza social, e produz ainda, em muitos casos, sob a pressão do meio (compulsão moral, como a chama Fidel). Ainda lhe falta conseguir a plena recriação espiritual diante de

sua obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele pelos novos hábitos. Isto será o comunismo.

A mudança não se produz automaticamente na consciência como também não se produz na economia. As variações são lentas e não são rítmicas; há períodos de aceleração, outros de estagnação e inclusive de retrocesso.

Devemos considerar também, como já dissemos antes, que não estamos diante do período de transição pura, como o descreveu Marx na *Crítica do programa de Gotha*, mas numa nova fase não prevista por ele; o primeiro período de transição do comunismo ou da construção do socialismo. Isto se dá em meio de lutas de classe violentas e com elementos de capitalismo em seu seio, que obscurecem a compreensão cabal de sua essência.

Se a isto acrescentamos o escolasticismo que freou o desenvolvimento da filosofia marxista e impediu o tratamento sistemático do período, cuja economia política não se desenvolveu, devemos convir que ainda estamos no berço e que é preciso dedicar-se a investigar todas as características primordiais deste período antes de elaborar uma teoria econômica e política de maior alcance.

A teoria resultante dará maior importância aos dois pilares da construção: a formação do homem novo e o desenvolvimento da técnica. Em ambos os aspectos ainda resta muito por fazer, mas é menos perdoável o atraso no que diz respeito à concepção da técnica como base fundamental, já que neste terreno não se trata de avançar às cegas, mas de seguir durante bom tempo o caminho aberto pelos países mais adiantados do mundo. Por isso Fidel insiste tanto sobre a necessidade da formação tecnológica e científica de todo o nosso povo e mais ainda de sua vanguarda.

No campo das idéias que conduzem a atividades não produtivas, é mais fácil ver a divisão entre necessidade material e espiritual. Faz muito tempo que o homem tenta libertar-se da alienação mediante a cultura e a arte. Ele morre diariamente oito ou mais horas enquanto atua como mercadoria, para ressuscitar depois através de sua criação espiritual. Mas este remédio traz os germes da mesma doença: é um ser solitário que busca comunhão com a natureza. Ele defende sua individualidade oprimida pelo meio e reage diante das idéias estéticas como um ser único cuja aspiração é permanecer imaculado.

Trata-se apenas de uma tentativa de fuga. A lei do valor já não é um mero reflexo das relações de produção; os capitalistas monopolistas rodeiam-na de um complicado sistema que a converte numa serva dócil, mesmo que os métodos empregados sejam puramente empíricos. A superestrutura impõe um tipo de arte no qual os artistas têm que ser educados. Os rebeldes são dominados pela maquinaria e somente os talentos excepcionais poderão criar sua obra própria. Os restantes se tornam assalariados envergonhados ou são triturados.

Inventa-se a investigação artística que se dá como definição da liberdade, mas esta "pesquisa" tem seus limites, imperceptíveis até o momento de se chocar com eles, ou seja, de se colocar os problemas reais do homem em sua alienação. A angústia sem sentido ou o passatempo vulgar constituem válvulas cômodas para a preocupação humana; combate-se a idéia de fazer da arte uma arma de denúncia.

Se as regras do jogo são respeitadas, pode-se obter todas as honras: as que ganharia um macaco ao inventar piruetas. A condição é não tentar escapar da jaula invisível.

Quando a revolução tomou o poder, produziu-se o êxodo dos domesticados; os demais, revolucionários ou não, viram um novo caminho. A pesquisa artística ganhou novo impulso. No entanto, os caminhos estavam mais ou menos traçados e o sentido do conceito fuga se escondeu por trás da palavra liberdade. Os próprios revolucionários mantiveram muitas vezes esta atitude, reflexo do idealismo burguês na consciência.

Em países que passaram por um processo similar, tentou-se combater estas tendências com um dogmatismo exagerado. A cultura geral se converteu em tabu e a representação formalmente exata da natureza foi proclamada o ápice da aspiração cultural, e esta se converteu logo numa representação mecânica da realidade social que se queria fazer ver; a sociedade ideal, quase sem conflitos e contradições, que se tentava criar.

O socialismo é jovem e comete erros. Nós, os revolucionários, carecemos dos conhecimentos e da audácia intelectual necessários para encarar a tarefa do desenvolvimento de um novo homem por métodos diferentes dos convencionais, e os métodos convencionais sofrem a influência da sociedade que os criou (mais uma vez se coloca o tema da relação entre forma e conteúdo). A desorientação é grande e os

problemas da construção material nos absorvem. Não existem artistas reconhecidos, que por sua vez tenham autoridade revolucionária. Os homens do Partido devem assumir esta tarefa e tentar conseguir o objetivo principal: educar o povo.

Procura-se então a simplificação, que é o que todo mundo entende e que é também o que os funcionários entendem. A pesquisa artística autêntica é anulada e o problema da cultura geral é reduzido a uma apropriação do presente socialista e do passado morto (portanto, não perigoso). Assim nasce o realismo socialista sobre as bases da arte do século passado.

Mas a arte realista do século XIX também é de classe, talvez mais puramente capitalista do que esta arte decadente do século XX, onde transparece a angústia do homem alienado. O capitalismo em termos de cultura já deu tudo de si e dele não resta nada senão o anúncio de um cadáver fedorento; em arte, sua decadência de hoje. Mas por que pretender buscar nas formas congeladas do realismo socialista a única receita válida? Não se pode opor ao realismo socialista a "liberdade", porque esta não existe ainda e não existirá até o desenvolvimento completo da sociedade nova, mas não se deve pretender condenar todas as formas de arte posteriores à primeira metade do século XIX, desde o trono pontifício do realismo, pois se cairia num erro proudhoniano de retorno ao passado, colocando camisa de força na expressão artística do homem que nasce, e se constrói hoje.

Falta o desenvolvimento de um mecanismo ideológico e cultural que permita a pesquisa e destrua a erva daninha tão facilmente multiplicável no terreno beneficiado pela subvenção estatal.

No nosso país o erro do mecanicismo realista não ocorreu; mas sim um outro de signo contrário. Deu-se por não se ter compreendido a necessidade da criação do homem novo que não seja o representado pelas idéias do século XIX nem tampouco pelas do nosso século decadente mórbido. O homem do século XXI é aquele que devemos criar, mesmo que ainda seja uma aspiração subjetiva e não sistematizada. Este é precisamente um dos pontos fundamentais do nosso estudo e do nosso trabalho e, na medida em que consigamos êxitos concretos sobre uma base teórica ou, vice-versa, se extraíam conclusões teóricas de caráter amplo sobre a base de nossa pesquisa concreta, teremos dado uma contribuição valiosa ao marxismo-leninismo, à causa da humanidade.

A reação contra o homem do século XIX nos fez cair na reincidência do decadentismo do século XX. Não é um erro demasiadamente grave mas devemos superá-lo sob pena de abrir um largo espaço ao revisionismo.

As grandes multidões estão se desenvolvendo, as novas idéias vão alcançando ímpeto adequado no seio da sociedade, e as possibilidades materiais de desenvolvimento integral de absolutamente todos os seus membros tornam o labor muito mais frutífero. O presente é de luta; o futuro é nosso.

Resumindo, a culpa de muitos dos nossos intelectuais e artistas reside em seu pecado original; não são autenticamente revolucionários. Podemos tentar enxertar o olmo para que dê peras, mas simultaneamente temos que plantar a pereira. As novas gerações estarão livres do pecado original. As probabilidades de que surjam artistas excepcionais serão tanto maiores quanto mais se tenha ampliado o campo da cultura e a possibilidade de expressão. Nossa tarefa consiste em impedir que a geração atual, desarticulada por seus conflitos, se perverta e perverta as novas. Não devemos criar assalariados dóceis ao pensamento oficial nem "bolsistas" que vivam do amparo governamental, exercendo uma liberdade entre aspas. Logo virão os revolucionários que entoam o canto do homem novo com a voz autêntica do povo. É um processo que exige tempo.

Na nossa sociedade a juventude e o Partido Comunista desempenham um grande papel.

A primeira é particularmente importante por ser a matéria maleável com a qual se pode construir o homem novo sem nenhuma das taras anteriores.

Ela recebe um tratamento de acordo com nossas ambições. Sua educação é cada vez mais completa e não esquecemos sua integração com o trabalho desde os primeiros momentos. Nossos bolsistas fazem trabalho físico durante suas férias ou simultaneamente com o estudo. O trabalho em certos casos é um prêmio, em outros um instrumento de educação, mas nunca um castigo. Uma nova geração nasce.

O Partido é uma organização de vanguarda. Os melhores trabalhadores são propostos por seus companheiros para integrá-lo. Ele é minoritário, mas de grande importância pela qualidade de seus quadros.

Nossa aspiração é que o Partido seja de massas, mas somente quando as massas tenham alcançado o nível de desenvolvimento da vanguarda, quer dizer, quando estejam educadas para o comunismo. O trabalho é dirigido para esta educação. O Partido é o exemplo vivo: seus quadros devem dar aulas de labor e sacrifício, devem levar, com sua ação, as massas até o fim da tarefa revolucionária, o que implica anos de dura luta contra as dificuldades da construção, dos inimigos de classe, as marcas do passado, o imperialismo...

Eu queria agora explicar o papel desempenhado pela personalidade, pelo homem como indivíduo dirigente das massas que fazem a história. É nossa experiência e não uma receita.

Nos primeiros anos Fidel deu à revolução o impulso, a direção, a tônica sempre, mas existe um bom grupo de revolucionários que se desenvolveram no mesmo sentido que o dirigente máximo, e uma grande massa que segue seus dirigentes porque tem fé neles; tem fé neles porque souberam interpretar seus anseios.

Não se trata de quantos quilos de carne se come ou de quantas vezes por ano alguém pode ir passear na praia, nem de quantas belezas que vêm do exterior podem ser compradas com os salários atuais. Trata-se precisamente do indivíduo se sentir mais pleno, com muito mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade. O indivíduo do nosso país sabe que a época gloriosa em que lhe é dado viver é de sacrifício; conhece o sacrifício. Os primeiros o conheceram na Sierra Maestra e onde quer que se tenha lutado; depois o conhecemos em toda Cuba. Cuba é a vanguarda da América e deve fazer sacrifícios por ocupar justamente este lugar e porque indica às massas da América Latina o caminho da liberdade total.

No interior do país os dirigentes devem cumprir seu papel de vanguarda; e temos que dizê-lo com toda a sinceridade, em uma revolução verdadeira, na qual se dá tudo, da qual não se espera nenhuma retribuição material: a tarefa do revolucionário de vanguarda é ao mesmo tempo magnífica e angustiante.

Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade. Talvez este seja um dos grandes dramas do dirigente; ele deve unir a um espírito apaixonado uma mente fria, e tomar decisões dolorosas sem contrair um

só músculo. Nossos revolucionários de vanguarda devem idealizar este amor aos povos, às causas mais sagradas, e torná-lo único e indivisível. Não podem baixar com sua pequena dose de carinho cotidiano até os lugares onde o homem comum o pratica.

Os dirigentes da revolução têm filhos que em seus primeiros balbucios não aprendem a chamar o pai; mulheres que devem ser parte do sacrifício geral de sua vida para levar a revolução ao seu destino; o marco dos amigos corresponde estritamente ao marco dos companheiros de revolução. Não há vida fora dela.

Nestas condições deve-se ter grande dose de humanidade, grande dose de sentimento de justiça e de verdade para não cair em extremos dogmáticos, em escolasticismos frios, em isolamento das massas. Todos os dias deve-se lutar para que este amor à humanidade viva se transforme em fatos concretos, em atos que sirvam de exemplos, de mobilização.

O revolucionário, motor ideológico da revolução dentro do seu Partido, se consome nessa atividade ininterrupta, cujo único fim é a morte, a não ser que a construção se realize em escala mundial. Se sua vontade de revolucionário diminui quando as tarefas mais prementes estão realizadas em escala local, e se esquece o internacionalismo proletário, a revolução que dirige deixa de ser uma força impulsionadora e acaba numa modorra cômoda da qual se aproveitam nossos inimigos irreconciliáveis, o imperialismo, que ganha terreno. O internacionalismo proletário é um dever mas também uma necessidade revolucionária. Deste modo educamos nosso povo.

Claro que existem perigos presentes nas circunstâncias atuais. Não apenas do dogmatismo, não apenas de congelar as relações com as massas durante a grande tarefa, mas existe também o perigo das debilidades nas quais se pode cair. Se o homem pensa que para dedicar sua vida inteira à revolução ele não pode distrair sua mente com a preocupação da falta de um determinado produto para o filho, com o fato de os sapatos das crianças estarem acabando, com o fato de sua família carecer de determinado bem necessário, ele, com este raciocínio, deixa infiltrar-se o germe da futura corrupção.

No nosso caso, estabelecemos que nossos filhos devem ter e carecer daquilo que têm e daquilo que carecem os filhos do homem comum; nossa família deve compreendê-lo e lutar por isso. A revolução se faz

através do homem, mas o homem deve forjar dia a dia seu espírito revolucionário.

Assim vamos andando. À cabeça da imensa coluna — não temos vergonha nem estamos intimidados em dizê-lo — está Fidel, depois estão os melhores quadros do Partido e imediatamente depois, tão perto que sua enorme força pode ser sentida, está o povo em seu conjunto; sólida armação de individualidades que caminham até um fim comum; indivíduos que chegaram à consciência do que é necessário fazer; homens que lutam para sair do reino da necessidade e entrar no da liberdade.

Esta imensa multidão se ordena; sua ordem corresponde à consciência da necessidade dela; já não é mais uma força dispersa, divisível em mil frações projetadas no espaço como fragmentos de granadas, procurando apenas alcançar, utilizando-se de qualquer meio, numa luta travada contra seus semelhantes, uma posição ou algo que dê uma segurança diante de um futuro incerto.

Sabemos que existem sacrifícios à nossa frente e que devemos pagar um preço pelo fato heróico de constituir uma vanguarda como nação. Nós, dirigentes, sabemos que temos um preço a pagar por ter o direito de dizer que estamos à cabeça de um povo que está à cabeça da América. Todos e cada um de nós paga pontualmente sua quota de sacrifício, conscientes de receber o prêmio na satisfação do dever cumprido, conscientes de avançar com todos até o homem novo que se vislumbra no horizonte.

Permita-me tentar avançar algumas conclusões:

Nós, socialistas, somos mais livres porque somos mais plenos; somos mais plenos por sermos mais livres.

O esqueleto da nossa liberdade completa está formado; falta-lhe apenas a substância protéica e a roupagem; nós as criaremos.

Nossa liberdade e sua sustentação quotidiana têm cor de sangue e estão repletas de sacrifícios.

Nosso sacrifício é consciente; quota para pagar a liberdade que construímos.

O caminho é longo e em parte desconhecido; conhecemos nossas limitações. Faremos o homem do século XXI; nós mesmos.

Nós nos forjaremos na ação quotidiana, criando um homem novo com uma nova técnica.

A personalidade desempenha o papel de mobilização e de direção enquanto encarna as mais altas virtudes e aspirações do povo e enquanto não se afasta do caminho.

Quem abre o caminho é o grupo de vanguarda, os melhores dentre os bons, o Partido.

O alicerce fundamental da nossa obra é a juventude: depositamos nossa esperança nela e preparamo-la para tomar a bandeira das nossas mãos.

Se esta carta balbuciante esclarece alguma coisa, está cumprindo o objetivo a que me propus.

Receba nossa saudação ritual, com um aperto de mãos ou um "Ave-maria puríssima". Pátria ou Morte.

17. O QUE DEVE SER UM JOVEM COMUNISTA *

(...) Mas a juventude tem que criar. Uma juventude que não cria é uma anomalia, realmente. E para a União de Jovens Comunistas faltou um pouco de espírito criativo. Tem sido, através de sua direção, demasiadamente dócil, demasiadamente respeitosa e pouco decidida a colocar-se problemas próprios.

Hoje isto está sendo rompido. O companheiro Joel nos falava das iniciativas dos trabalhos nas granjas. São exemplos de como se começa a romper a dependência total — que se converte em absurdo — de um organismo maior, e de como se começa a pensar com a própria cabeça.

Mas acontece que nós e nossa juventude com todos nós estamos convalescendo de uma doença que felizmente não foi muito longa mas que influiu muito para o atraso do desenvolvimento do aprofundamento ideológico de nossa revolução. Estamos todos convalescentes deste mal chamado sectarismo.

A que conduziu o sectarismo? Conduziu à cópia mecânica, a análises formais, à separação entre os dirigentes e as massas. Isso aconteceu inclusive na nossa direção nacional e o reflexo direto se produziu aqui na União de Jovens Comunistas.

* Reproduzido de GUEVARA, E. Qué debe ser un joven comunista. In: *Obras*, t. 2, p. 166-74.

Se nós — também desorientados pelo fenômeno do sectarismo — não conseguimos captar a voz do povo, que é a voz mais sábia e mais orientadora; se não conseguimos receber as palpitações do povo para poder transformá-las em idéias concretas, em diretrizes precisas, mal poderíamos dar essas diretrizes à União de Jovens Comunistas. Como a dependência era absoluta, como a docilidade era muito grande, a União de Jovens Comunistas navegava como um pequeno barco atrelado dependendo do grande barco: nossas organizações revolucionárias, que também marchavam atreladas.

Aqui se produziam pequenas iniciativas que era a única coisa que a União de Jovens Comunistas era capaz de produzir e que muitas vezes se transformavam em *slogans* grosseiros, em evidentes manifestações de falta de profundidade ideológica.

O companheiro Fidel fez sérias críticas de extremismos e de expressões, algumas muito conhecidas por todos vocês como: “La ORI es la candela...”, “somos socialistas, p’alante y p’alante...”. Todas aquelas coisas que Fidel criticava e que vocês conhecem bem eram o reflexo do mal que assolava nossa revolução.

Sáímos desta etapa. Nós a liquidamos totalmente, mas os organismos avançavam sempre um pouco mais lentamente. É como uma doença que tivesse deixado uma pessoa inconsciente. Quando a doença acaba, o cérebro recupera a lucidez mental mas ainda os membros não coordenam bem seus movimentos. Nos primeiros dias depois de levantar-se da cama, o andar é inseguro e pouco a pouco vai-se adquirindo uma nova segurança. É neste caminho que estamos agora.

É assim que devemos definir e analisar objetivamente todos os nossos organismos para continuar a limpeza. É preciso saber para não cair, não tropeçar e não ir ao chão; é preciso conhecer nossas debilidades para aprender a resolvê-las, conhecer nossas fraquezas para liquidá-las e adquirir mais forças.

Esta falta de iniciativa própria se deve ao desconhecimento, durante um bom tempo, da dialética que move os organismos de massas, e ao esquecimento de que os organismos como a União de Jovens Comunistas não podem ser simplesmente organismos de direção, que não podem

* A canção dizia: “Somos socialistas, p’alante y p’alante. Y al que no le guste, que tome purgante”. (N. do Org.)

constantemente mandar diretrizes até as bases, sem nunca receber nada delas.

Pensava-se que a União de Jovens Comunistas e todas as organizações de Cuba eram organizações com linha única. Uma linha única que ia da cabeça até as bases, mas que não tinha um canal de retorno para trazer a comunicação das bases. É necessário um duplo e constante intercâmbio de experiências, de idéias, de diretrizes, que passem a ser as mais importantes, que centralizem o trabalho da nossa juventude.

Ao mesmo tempo poderiam ser levantados pontos nos quais o trabalho foi mais frouxo, os pontos onde se fraquejou mais.

Nós vemos ainda como os jovens, quase heróis de novelas, que podem entregar sua vida cem vezes para a revolução, que são chamados para qualquer tarefa concreta e esporádica e que marcham em massa até elas. No entanto, às vezes faltam ao trabalho, porque tinham uma reunião da União de Jovens Comunistas ou porque se deitaram tarde na noite anterior, discutindo alguma iniciativa dos Jovens Comunistas; ou simplesmente não vão ao trabalho, sem causa justificável.

Quando se observa uma brigada de trabalho voluntário, onde se supõe que estejam os Jovens Comunistas, em muitos casos não estão. Não há nenhum. O dirigente tinha que ir a uma reunião, o outro estava doente, e um terceiro não tinha sido informado. O resultado é que a atitude fundamental, a atitude de vanguarda do povo, a atitude de exemplo vivo que comove e impulsiona todo mundo — como o fizeram os Jovens da Playa Girón — esta atitude não se repete no trabalho. A seriedade que deve ter a juventude de hoje para enfrentar os grandes compromissos — e o compromisso maior é a construção da sociedade socialista — não se reflete no trabalho concreto.

Existem grandes debilidades e tem-se que trabalhar sobre elas. Trabalhar organizando, trabalhar detalhadamente no lugar ferido, no lugar onde existem debilidades para corrigir, e trabalhar sobre cada um de vocês para deixar bem claro em suas consciências que aquele que pensa apenas na revolução quando chega o momento do sacrifício, do combate, da aventura heróica, daquilo que foge ao vulgar e ao cotidiano e que no entanto é medíocre no trabalho ou menos que medíocre no trabalho, não pode ser um bom comunista.

Como isso pode existir se vocês já receberam o nome de Jovens Comunistas, nome que nós, enquanto organização dirigente, partido diri-

gente, ainda não temos? Vocês têm que construir um futuro no qual o trabalho será a dignidade máxima do homem, onde o trabalho será um dever social, um prazer dado ao homem, onde o trabalho será o máximo da criação; todo mundo deverá estar interessado no seu trabalho e no dos demais, no avanço da sociedade dia após dia.

Como pode ser que vocês que já possuem esse nome desdenhem o trabalho? Aqui existe uma falha. Uma falha de organização, de esclarecimento, de trabalho. Uma falha. Uma falha, aliás, humana. Todos nós — penso que todos — gostamos muito mais daquilo que quebra a monotonia da vida, aquilo que de repente, de vez em quando, nos faz pensar em nosso próprio valor, no valor que temos dentro da sociedade.

Imagino o orgulho daqueles companheiros que estavam numa *cuatro bocas*, por exemplo, defendendo sua pátria contra os aviões ianques, quando de repente tinham a sorte de ver uma das suas balas alcançando um avião inimigo. Evidente que este é o momento mais feliz da vida de um homem. Isso nunca se esquece. Quem pôde viver essa experiência não a esquecerá.

Mas nós temos que defender nossa revolução, aquela que estamos fazendo todos os dias. E para poder defendê-la temos que construí-la, fortificá-la com esse trabalho que hoje não agrada à juventude ou que, pelo menos, considera como o último dos seus deveres, porque ainda conserva a mentalidade antiga, a mentalidade que vem do mundo capitalista, ou seja, que o trabalho é um dever, é uma necessidade, mas um dever e uma necessidade tristes.

Por que isto acontece? É porque ainda não demos ao trabalho seu verdadeiro sentido. Não fomos capazes de unir o trabalhador com o objeto do seu trabalho. E ao mesmo tempo não fomos capazes de conscientizar o trabalhador da importância do ato criativo que ele realiza no dia-a-dia.

O trabalhador e a máquina, o trabalhador e o objeto sobre o qual se exerce o trabalho são duas coisas diferentes e antagônicas. É aí que temos que trabalhar, para formar novas gerações que tenham o máximo interesse em trabalhar e saibam encontrar no trabalho uma fonte permanente e constantemente geradora de novas emoções. Fazer do trabalho algo criador, algo novo.

Esse talvez seja o ponto mais fraco da nossa União de Jovens Comunistas. É por isso que realço hoje este ponto e em meio à alegria

de festejar esta data comemorativa, volto a jogar a pequena gota de amargura, para que toque no ponto sensível, para provocar reação na juventude.

Hoje estávamos numa assembléia que discutia a emulação no Ministério, provavelmente muitos de vocês já discutiram a emulação em seus centros de trabalho e leram o enorme documento que está circulando, mas qual é o problema da emulação, companheiros? O problema é que a emulação não pode ser regida por papéis que a regulamentam, ordenam e moldam. O regulamento e o molde são necessários para poder comparar, depois, o trabalho das pessoas entusiastas que estão competindo.

Quando dois companheiros começam a competir, cada um na sua máquina, para construir mais, eles começam depois de um certo tempo a sentir a necessidade de existir algum regulamento que determine qual dos dois está produzindo mais na sua máquina: qualidade do produto, quantidade, horas de trabalho, estado da máquina depois do trabalho, como cuidaram dela... muitas coisas. Mas, se em vez de dois companheiros que competem efetivamente e para quem vamos dar um regulamento, aparece um regulamento para outros dois que só estão pensando na hora de ir para casa, neste caso, para que serve o regulamento, que função estará cumprindo?

Em muitos casos estamos trabalhando com regulamento e fazendo o molde para algo que não existe. O molde deve ter um conteúdo e o regulamento deve ser, nestes casos, aquilo que define e limita uma situação já criada. O regulamento deveria ser o resultado da emulação levada a cabo anarquicamente, se quiserem, sim, mas entusiasta, espalhando-se para todos os centros de trabalho de Cuba. Automaticamente surgirá a necessidade de regulamentar, de praticar uma emulação com regulamentos.

Assim temos cuidado de muitos problemas, temos sido formais no tratamento de muitas coisas. E quando nesta assembléia perguntei por que o secretário dos Jovens Comunistas não tinha vindo ou quantas vezes tinha vindo, soube que tinha vindo algumas vezes, pouco, e que os jovens comunistas não tinham vindo.

Mas no decorrer da assembléia, discutindo estes problemas e outros, os Jovens Comunistas, o núcleo, a Federação de Mulheres, os Comitês de Defesa e os sindicatos se encheram de entusiasmo. Pelo menos se encheram de um escrúpulo interno, de amargura, de um desejo de

melhorar, um desejo de mostrar que eram capazes de fazer aquilo que não se fez: mobilizar as pessoas. Então, de repente, todos se comprometeram a fazer com que o Ministério inteiro se emulasse em todos os níveis e discutisse o regulamento depois de estabelecer as emulações, e a voltar dentro de 15 dias e apresentar um quadro concreto.

Agora já existe mobilização. As pessoas já compreenderam e sentiram internamente — porque cada um desses companheiros é um grande companheiro — que havia algo frouxo em seu trabalho. Ficaram cheios de dignidade ferida e se propuseram a resolver. É isso que tem que ser feito. Ficar consciente de que o trabalho é o mais importante. Perdoem-me se eu insisto tantas vezes, mas é que sem trabalho não há nada. Toda a riqueza do mundo, todos os valores que a humanidade possui não são nada mais do que trabalho acumulado. Sem isso não pode existir nada. Sem o trabalho extra para criar mais excedente para novas fábricas, para novas instalações sociais, o país não avança. E por mais fortes que sejam os nossos exércitos, estaremos sempre com o ritmo de crescimento lento; temos que acabar com isso, acabar com todos os velhos erros, expô-los à luz pública, analisá-los em cada lugar e então corrigi-los.

Quero dar agora, companheiros, minha opinião, a visão de um dirigente nacional das ORI a respeito do que deve ser um jovem comunista, e verificar se estamos todos de acordo.

Penso que a primeira coisa que deve caracterizar um jovem comunista é a honra que sente por ser Jovem Comunista. Esta honra que o leva a mostrar frente a todos sua condição de jovem comunista, que não o faz cair na clandestinidade, que não o reduz a fórmulas mas que o expressa em cada momento, que lhe sai do espírito, que tem interesse em demonstrá-lo porque é seu símbolo de orgulho.

Junto a isso, um grande senso do dever para com a sociedade que estamos construindo, com nossos semelhantes enquanto seres humanos e com todos os homens do mundo.

Isso deve caracterizar o jovem comunista. Ao lado disso, uma grande sensibilidade frente a todos os problemas, uma grande sensibilidade frente à injustiça; um espírito inconformado cada vez que aparece algo de ruim vindo de quem quer que seja. Colocar tudo o que não se compreende; discutir e pedir esclarecimento daquilo que não é claro; declarar guerra ao formalismo, a todos os tipos de formalismos. Estar sempre aberto para receber novas experiências, para adequar a grande

experiência da humanidade, que leva muitos anos avançando pelo caminho do socialismo, às condições concretas do nosso país, às realidades existentes em Cuba: pensar — todos e cada um — como transformar a realidade, como melhorá-la.

O jovem comunista deve propor-se a ser sempre o primeiro em tudo, lutar para ser o primeiro e sentir-se incomodado quando ocupa outro lugar em qualquer coisa. Lutar para melhorar, para ser o primeiro. É claro que nem todos podem ser o primeiro, mas trata-se de estar entre os primeiros, no grupo de vanguarda. Ser um exemplo vivo, ser o espelho onde se refletem os companheiros que não pertencem às juventudes comunistas, ser o exemplo onde se podem reconhecer os homens e as mulheres de idade mais avançada, que perderam certo entusiasmo juvenil, que perderam a fé na vida e que diante do estímulo do exemplo sempre reagem bem. Esta é outra tarefa dos jovens comunistas.

Paralelamente, um grande espírito de sacrifício, um espírito de sacrifício não apenas para as jornadas heróicas, mas para todos os momentos. Sacrificar-se para ajudar o companheiro nas pequenas tarefas, para que assim ele possa cumprir seu trabalho, para que possa cumprir seu dever no colégio, no estudo, para que possa melhorar de qualquer maneira. Estar sempre atento a toda a massa humana que o rodeia.

Quer dizer: o que se coloca para todo jovem comunista é ser essencialmente humano, ser tão humano que se aproxime do melhor do humano. Purificar o melhor do homem através do trabalho, do estudo, da prática da solidariedade contínua com o povo e com todos os povos do mundo; desenvolver ao máximo a sensibilidade, até o ponto de sentir-se angustiado quando em algum canto do mundo um homem é assassinado e até o ponto de sentir-se entusiasmado quando em algum canto do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade.

O jovem comunista não pode estar limitado pelas fronteiras de um território: o jovem comunista deve praticar o internacionalismo proletário e senti-lo como coisa própria. Estar consciente, como nós, aspirantes a comunistas aqui em Cuba, devemos estar conscientes de que somos um exemplo real e palpável para toda a nossa América; não apenas para a nossa América, mas também para outros países do mundo que em outros continentes lutam por sua liberdade, contra o colonialismo, contra o neocolonialismo, contra o imperialismo e contra todas as formas de opressão dos sistemas injustos; conscientizar-se sempre de que somos uma tocha acesa, de que todos nós somos o mesmo espe-

lho que cada um de nós individualmente é para o povo de Cuba; somos esse espelho para que nele possam se refletir os povos da América, os povos do mundo oprimido que lutam por sua liberdade. E devemos ser dignos desse exemplo. A todo momento e a toda hora devemos ser dignos desse exemplo.

Isso é o que pensamos sobre o que deve ser um jovem comunista. Se alguém nos disser que somos quase uns românticos, que somos uns idealistas inveterados, que estamos pensando em coisas impossíveis e que não se pode conseguir da massa de um povo que ele seja quase um arquétipo humano, temos que responder uma e mil vezes que sim, que isso é possível, que estamos no caminho certo, que todo o povo pode avançar, acabar com a mesquinhez humana como está acontecendo em Cuba nestes quatro anos de revolução; aperfeiçoando-se, como nós estamos nos aperfeiçoando todos no dia-a-dia, acabando intransigentemente com todos aqueles que ficam atrás, que são incapazes de andar no ritmo da revolução cubana. Tem que ser assim, deve ser assim e assim será, companheiros. Assim será porque vocês são jovens comunistas, criadores da sociedade perfeita, seres humanos destinados a viver num mundo novo no qual terá desaparecido definitivamente todo o caduco, todo o velho, tudo aquilo que representa a sociedade cujas bases acabam de ser destruídas.

Para chegar a isso devemos trabalhar todos os dias. Trabalhar no sentido interno de aperfeiçoamento, de aumento dos conhecimentos, de aumento da compreensão do mundo que nos cerca. Inquirir, averiguar e conhecer bem o porquê das coisas e colocar-se sempre os grandes problemas da humanidade como problemas próprios. (...)

18. REFORMA UNIVERSITÁRIA E REVOLUÇÃO *

(...) É evidente que um dos grandes deveres da universidade é implantar suas práticas profissionais no seio do povo, e é evidente também que para levar estas práticas organizadamente ao seio do povo é necessária a ajuda orientadora e planificadora de algum organismo estatal, que esteja diretamente vinculado a este povo, ou inclusive de muito mais do que um organismo estatal, já que atualmente para realizar qualquer obra em qualquer lugar da república, três, quatro ou mais organismos são necessários; recentemente, está se iniciando no país a tarefa de planificar o trabalho e não dilapidar esforços.

Mas centralizando o tema no estudo, no direito de estudar e no direito de escolher uma carreira em função de uma vocação, acabamos encontrando sempre o mesmo problema: quem tem o direito de limitar a vocação de um estudante por uma ordem do Estado? Quem tem o direito de decidir que apenas podem se formar dez advogados por ano e que devem se formar cem químicos industriais? Isso é ditadura, está bem, é ditadura. Mas a ditadura das circunstâncias terá o mesmo caráter que a ditadura que existia antes sob a forma de vestibular ou de pagamento de matrículas ou de exames que iam eliminando os menos capazes? Não é nada mais do que mudar a orientação do estudo. Neste

caso o sistema permanece idêntico porque o que se fazia antes era tratar de dar aos profissionais que iam sair na luta pela vida uma formação nos diferentes ramos do saber.

Hoje pode-se mudar por qualquer método: exame de vestibular ou qualificação prévia; de qualquer modo o método é de menos. Trata-se de levá-lo até os caminhos que a revolução entende como necessários para poder continuar com nossa tarefa técnica. Penso que isso não pode provocar reações. Salta aos olhos que a integração da universidade com o governo revolucionário não deve provocar reações.

Não queremos aqui mistificar as palavras e tentar explicar que não, que isso não é perda de autonomia, que na realidade não é nada mais do que uma integração mais sólida, como o é na realidade. Mas esta integração mais sólida significa perda da autonomia, e esta perda de autonomia é necessária à nação inteira. Portanto, mais cedo ou mais tarde, se a revolução permanecer nas suas linhas gerais, encontrará as formas de conseguir todos os profissionais de que necessita. Se a universidade se trancar no interior dos seus muros e continuar na sua tarefa de formar advogados ou toda uma série de carreiras que não são tão necessárias neste momento (não vão pensar que eu tenho algo especial contra os advogados); se continuar nesta tarefa, então teremos que formar algum outro tipo de organismo técnico. Já se está pensando em Havana em criar um Instituto Técnico de Cultura Superior, que proporcione precisamente esse tipo de carreiras, que terá talvez uma organização diferente da universidade e que poderá converter-se, caso a incompreensão permaneça, num rival da universidade, ou então a universidade se transformar numa rival desta nova instituição, que se pensa criar na luta por monopolizar algo que não se pode monopolizar, porque é patrimônio do povo inteiro: a cultura.

Essas coisas que estão sendo criadas em Cuba já foram feitas em outros países do mundo e sobretudo da América. Também aconteceram estas lutas entre os membros de organismos, de escolas técnicas ou politécnicas, que possuem um grau de cultura em geral menor, e a universidade.

O que eu não sei se já foi dito ou se foi deixado bem claro é que esta luta é o reflexo da luta entre uma classe social que não quer perder seus privilégios e uma nova classe ou conjunto de classes sociais que estão tentando adquirir seus direitos à cultura. Devemos dizê-lo

* Reproduzido de GUEVARA, E. Reforma universitaria y revolución. In: *Obras*. t. 2, p. 29-33.

para alertar todos os estudantes revolucionários, para que eles possam ver que uma luta desta classe é de modo simples a expressão daquilo que tentamos fazer desaparecer em Cuba, que é a luta de classes; quem se opõe a que um grande número de estudantes de origem humilde adquira os benefícios da cultura, está tentando exercer um monopólio de classe sobre esta.

Quando aqui falávamos sobre reformas universitárias e que todo mundo estava de acordo em que a reforma universitária é algo importante e necessário para o país, a primeira coisa que os estudantes fizeram foi, de certa maneira, controlar as casas de estudantes, impor aos professores uma série de medidas e intervir na direção da universidade em maior ou menor grau. Isso será correto? É a expressão de um grupo que triunfou, triunfou e exigiu seus direitos depois do triunfo. Os professores — alguns por causa de sua idade, outros pela sua própria mentalidade — não participaram na mesma medida da luta, e os que lutaram e triunfaram adquiriram esse direito. Mas eu me pergunto se o governo revolucionário não lutou e triunfou, não lutou e triunfou com tanta ou mais garra do que qualquer setor isolado da coletividade porque foi a expressão de toda a luta do povo de Cuba por sua libertação. No entanto, o governo não interveio na universidade, não exigiu sua parte no festim, porque não considera que esse seja o modo mais lógico e honroso de fazer as coisas. Está simplesmente chamando os estudantes à realidade; chama para o raciocínio, que é tão importante em momentos revolucionários e para a discussão da qual surge necessariamente a razão.

Agora se estão discutindo programas de reforma universitária, e em seguida, estão se voltando os olhos até as reformas universitárias do século XVIII, até todos os supersábios que traíram sua ciência e seu povo depois, mas que naquele momento lutavam por uma causa nobre e necessária, como o era a reforma universitária naquele momento; não sabiam de nada, eram simples estudantes que a fizeram porque era uma necessidade. Eles só teorizaram depois e só teorizaram quando já davam um sentido malévolo àquilo que haviam feito. Por que então nós temos que ir buscar a reforma universitária dentro daquilo que foi feito em outros lugares? Por que não tomar aquilo senão como uma simples informação adicional para nossos grandes problemas, que são aqueles que temos que enfrentar acima de tudo, os problemas que existem aqui, que são os problemas de uma revolução triunfante, com um grande núme-

ro de governos muito poderosos e hostis que nos atacam, nos acossam economicamente e às vezes também militarmente; que propagandeiam pelo mundo inteiro uma série de mentiras sobre este governo, um governo que fez a Reforma Agrária como eu gostaria que fosse feita a reforma universitária, olhando para a frente e não para trás, tomando simplesmente como referência o que já havia sido feito em outras partes do mundo, mas analisando a situação do nosso próprio campesinato; que fez uma reforma fiscal e uma reforma alfandegária e que está agora empenhado na grande tarefa de industrialização do país, deste país de onde devem ser extraídos os materiais necessários para fazer a nossa reforma; de um país onde estão reunidos os trabalhadores que não conseguiram todas as reivindicações a que aspiravam e a que logicamente aspiram e que resolvem em assembleias maciças e por unanimidade entregar uma parte dos seus salários para construir economicamente o país; de um governo revolucionário que tem como bandeira de luta a Reforma Agrária, que impulsionou numa ponta a outra da linha, e que sofre constantemente porque não tem os técnicos necessários para concretizá-la; apenas a boa vontade e o trabalho não suprem totalmente esta deficiência; cada um de nós deve voltar constantemente sobre seus passos e aprender a partir do erro cometido, ou seja, aprender a partir do sacrifício da nação.

Quando tentamos procurar quem logicamente deveria nos apoiar, a universidade, para que nos dê os técnicos, para que acompanhe a grande marcha do povo até seu futuro, nos deparamos com lutas intestinas e discussões bizantinas que destroem a capacidade destes centros de estudos de cumprir com o seu dever do momento.

Por isso aproveitamos este momento para dizer nossas verdades, talvez azedas, talvez injustas em alguns aspectos, que machuquem talvez muita gente mas que transmitem o pensamento de um governo revolucionário honesto, que não tenta ocupar ou vencer uma instituição que não é sua inimiga, mas que deve ser sua aliada e sua mais íntima e eficaz colaboradora; um governo revolucionário procura precisamente os estudantes, porque nunca um estudante revolucionário poderia ser nem inimigo nem sequer adversário do governo que representamos; porque estamos tentando a cada momento que a juventude estudiosa una, ao saber que conseguiu nas aulas, o entusiasmo criador do povo inteiro da república, e se incorpore ao grande exército daqueles que fazem, deixando de lado esta pequena patrulha daqueles que somente dizem.

Por tudo isso eu vim aqui, mais do que dar uma conferência, apresentar alguns pontos polêmicos e, naturalmente, chamar para a discussão; mesmo que seja rude ou violenta, ela deverá ser sempre desejável em um regime democrático, para a explicação de cada fato, para a análise do que está acontecendo no país e para a análise do que aconteceu com aqueles que mantiveram as posições que alguns núcleos estudantis mantêm hoje.

E para finalizar, uma lembrança aos estudantes interessados nestes problemas da reforma universitária: investiguem a vida futura, futura mas já passada, desde o momento em que se iniciou a Reforma do século XVIII até agora; investiguem a vida de cada um daqueles autores da Reforma. Asseguro-lhes que é interessante. Nada mais.

VII. CARTAS

A E. SÁBATO

Havana, 12 de abril de 1960.

"Ano da Reforma Agrária"

Sr. Ernesto Sábato
Santos Lugares
Argentina

Estimado compatriota:

Faz já uns 15 anos que conheci um filho seu, que já deve estar com quase vinte anos, e sua mulher, num lugar que eu penso ser chamado "Cabalando", em Carlos Paz; depois, quando li seu livro *Uno e o universo*, que me fascinou, não pensava que seria você (possuidor daquilo que para mim é o mais sagrado do mundo, o título de escritor) quem me pediria, com o passar do tempo, uma definição, uma tarefa de reencontro, como você diz, baseada numa autoridade consagrada por alguns fatos e muitos fenômenos subjetivos.

Estava fazendo essas considerações preliminares apenas para lembrá-lo de que pertenço apesar de tudo à terra onde nasci e que ainda sou capaz de sentir profundamente todas as suas alegrias, todas as suas esperanças e também as suas decepções. Seria difícil explicar-lhe por que

* Extraídas de GUEVARA, E. *Obras*. t. 2, p. 676-80, 685, 693 e 697-8.

"aquilo" não é Revolução Libertadora *. Talvez tivesse que dizer-lhe que vi as aspas nas palavras que você denuncia nos próprios dias em que ela se realizava e identifiquei aquela palavra com aquilo que havia acontecido na Guatemala, que eu acabava de abandonar, vencido e quase decepcionado. E como eu, estavam todos aqueles que tiveram participação primeira nesta aventura estranha, e que foram aprofundando seu sentimento revolucionário em contato com as massas camponesas numa inter-relação estreita durante dois anos de lutas cruéis e de trabalhos realmente grandes.

Não podíamos ser "libertadora" porque não éramos parte de um exército plutocrático, mas éramos um novo exército popular levantado em armas para destruir o velho; e não podíamos ser "libertadora" porque nossa bandeira de combate não era uma cabeça de gado, mas no mínimo um arame de cerca latifundiária destruído por um trator, como é hoje o emblema do nosso INRA. Não podíamos ser "libertadora" porque nossa plebe chorou de alegria no dia em que Batista se foi e que entramos em Havana; e hoje continua dando testemunho de todas as manifestações e todas as conspirações ingênuas do pessoal "Country Club" que é o mesmo do "Country Club" que você conheceu lá e que foram às vezes seus companheiros de ódio contra o peronismo.

Aqui a forma de submissão da intelectualidade tomou um aspecto muito menos sutil do que na Argentina. Aqui a intelectualidade era claramente escrava, não se disfarçava de indiferente como lá e muito menos se disfarçava de inteligente. Era uma escravidão simples, colocada a serviço de uma causa de abjeção, sem complicações; vociferavam simplesmente. Mas tudo isso não é nada mais do que literatura. Entregar-lhe, como você o fez comigo, um livro sobre a ideologia cubana é adiar o prazo de um ano; hoje posso mostrar apenas, como uma tentativa de teorização desta revolução, a primeira tentativa séria, talvez mesmo que sumamente prática, como o são todas as nossas coisas de empíricos inveterados, este livro sobre a guerra de guerrilhas. É quase como uma prova pueril de que sei colocar uma palavra após a outra. Não tenho a pretensão de explicar as grandes coisas que o preocupam e talvez nem o segundo livro que eu penso publicar pudesse explicá-las; isso se as circunstâncias nacionais e internacionais não me obrigarem novamente a empunhar um fuzil (tarefa que menosprezo enquanto

* Por "Revolução Libertadora" os generais argentinos chamaram o golpe militar pelo qual derrubaram o governo de Perón em 1955. (N. do Org.)

governante mas que me entusiasma como homem que gosta de aventura). Antecipando aquilo que pode vir ou não (o livro), posso dizer, tentando sintetizar, que esta revolução é a mais genuína criação da improvisação.

Na Sierra Maestra um dirigente comunista que nos visitou, espantado com tanta improvisação e com o fato de que todas as engrenagens funcionavam por conta própria, dizia que era o caos mais perfeitamente organizado do universo. E esta revolução é assim porque caminhou muito mais rapidamente do que a sua ideologia anterior. Afinal das contas Fidel Castro era um aspirante a deputado de um partido burguês, tão burguês e tão respeitável como era o Partido Radical na Argentina, que seguia os caminhos de um líder desaparecido, Eduardo Chibás, com umas características que poderíamos achar parecidas com as do próprio Irigoyen; nós que o seguíamos éramos um grupo de homens com pouca preparação política que tinha apenas uma carga de boa vontade e uma honradez genuína. Assim vínhamos gritando: "no ano 56 seremos heróis ou mártires". Um pouco antes tínhamos gritado, ou melhor, Fidel tinha gritado: "vergonha contra dinheiro". Sintetizávamos em frases simples nossa atitude, que era também simples.

A guerra nos revolucionou. Não há experiência mais profunda para o revolucionário que o ato da guerra; não o fato isolado de matar nem o de carregar o fuzil ou de estabelecer uma luta de tal ou qual tipo, mas a totalidade do fato guerreiro, o fato de saber que um homem armado vale como unidade combatente e tem o mesmo valor que qualquer outro homem armado, podendo já não ter medo de outros homens armados. Ir explicando — nós, os dirigentes — aos camponeses indefesos como podiam utilizar um fuzil e demonstrar aos soldados que um camponês armado valia tanto quanto o melhor deles; aprender também como a força de alguém não vale nada se não está envolvida pela força de todos; e ir aprendendo além disso como os lemas revolucionários têm que responder aos anseios palpitantes do povo; e ir aprendendo a conhecer os anseios mais profundos do povo e convertê-los em bandeira de agitação política; era isso que estávamos todos fazendo e entendemos que a ânsia do camponês pela terra era o mais forte estímulo de luta que se podia encontrar em Cuba. Fidel entendeu muitas coisas mais; ele se desenvolveu como o extraordinário condutor de homens que é hoje e como o gigantesco pólo aglutinador do nosso povo. Porque Fidel acima de tudo é o pólo aglutinador por excelência, o condutor inquestionável que suprime todas as divergências com a sua desaprovação. Utilizado

muitas vezes, desafiado outras, seja por dinheiro ou ambição, ele é sempre temido pelos seus adversários. Assim nasceu esta revolução, assim foram se criando seus lemas e assim pouco a pouco foi-se teorizando sobre os fatos para criar uma ideologia na esteira dos acontecimentos. Quando lançamos nossa Lei de Reforma Agrária na Sierra Maestra, já fazia tempo que tinham se realizado divisões de terra nesse mesmo lugar. Depois de compreender na prática uma série de fatores, formulamos nossa primeira tímida lei, que não chegava ao essencial, que era a supressão dos latifundiários.

Nós não fomos demasiadamente rudes com a imprensa continental por duas razões: a primeira porque Fidel Castro é um extraordinário político que nunca revelou suas intenções além de certos limites e soube conquistar a admiração de repórteres de grandes empresas jornalísticas que simpatizavam com ele e utilizavam o caminho fácil da crônica do tipo sensacionalista; a outra razão é simplesmente porque os norte-americanos, que são os grandes fabricantes de testes e de classificações para medir tudo, aplicaram um de seus esquemas, fizeram a contagem e o classificaram. Conforme suas folhas de testes, onde dizia: "nacionalizaremos os serviços públicos", devia-se ler: "evitaremos que isso suceda se recebermos um razoável apoio"; onde dizia: "liquidaremos o latifúndio", devia-se ler: "utilizaremos o latifúndio como uma boa base para tirar dinheiro para a nossa campanha política ou para nosso próprio bolso" e assim sucessivamente. Nunca lhes passou pela cabeça que o que Fidel Castro e nosso movimento disseram de modo tão ingênuo e drástico fora apenas a verdade, o que pensávamos fazer; constituímos para eles a grande trapaça desse meio século, dizíamos a verdade quando aparentemente a distorcíamos. Eisenhower disse que traímos nossos princípios, em parte é verdade; traímos a imagem que eles fizeram de nós, como no conto do pastor mentiroso, só que ao contrário, e ainda assim tampouco acreditaram em nossas palavras. Assim estamos agora falando uma linguagem que também é nova, porque fomos caminhando muito mais rapidamente do que podíamos pensar e estruturar o nosso pensamento; estamos em movimento contínuo e a teoria vai caminhando muito lentamente, tão lentamente que, depois de escrever durante os poucos momentos este manual que lhe mando agora, achei que quase não serve para Cuba; para nosso país, em contrapartida, pode servir; só que temos que utilizá-lo com inteligência, sem pressa nem pretensão, por isso tenho medo de tentar descrever a ideologia do

movimento; quando for publicada, todo mundo pensará que esta obra foi escrita muitos anos antes.

Enquanto as situações externas se agudizam e a tensão internacional aumenta, nossa revolução, por necessidade de subsistência, deve agudizar-se; e cada vez que a revolução se agudizar, a tensão aumenta e a revolução mais uma vez deve agudizar-se; é um círculo vicioso que parece destinado a estreitar-se, estreitar-se cada vez mais até se romper; veremos então como sair do atoleiro. O que realmente posso assegurar é que esse povo é forte porque lutou e venceu e sabe o valor da vitória; conhece o sabor das balas e das bombas e também o sabor da opressão. Saberá lutar com uma abnegação total. Ao mesmo tempo asseguro-lhe que neste momento, apesar de que agora faço uma tímida tentativa neste sentido, temos teorizado muito pouco e devemos resolver os acontecimentos com a agilidade que a vida guerrilheira nos deu. Sei que neste dia sua arma de intelectual honrado disparará até onde está o inimigo, nosso inimigo, e que poderemos tê-lo presente e lutando junto conosco. Esta carta foi um pouco comprida e não está isenta de uma certa pose, quase obrigatória para gente simples como nós, que tentam demonstrar ante um pensador que somos também o que não somos: pensadores. De qualquer maneira estou à sua disposição.

Cordialmente,

Ernesto Che Guevara

A M. R. GUEVARA

Havana, 20 de fevereiro de 1964.

"Ano da Economia"

Sr.^a María Rosario Guevara
36, rua d'Annam.
(Maarif) Casablanca,
Maroc.

Companheira:

Na verdade não sei bem de que parte da Espanha é a minha família. Naturalmente faz muito tempo que meus antepassados saíram de lá com uma mão atrás e outra na frente; e se eu não as conservo assim é só pelo incômodo da posição.

Não penso que sejamos parentes muito próximos, mas se você for capaz de tremer de indignação cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros, o que é mais importante.

Uma saudação revolucionária de,

"Pátria ou Morte. Venceremos".

Comandante Ernesto Che Guevara

A SEUS PAIS

Queridos velhos:

Outra vez sinto sob os meus calcanhares o lombo de Rocinante, retomo o caminho com meu escudo no braço.

Faz quase dez anos que lhes mandei outra carta de despedida. Se me recordo bem lamentava não ser melhor soldado, nem melhor médico; o segundo já não me interessa, e como soldado não sou tão ruim assim.

Nada mudou na essência, só que sou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e depurado. Acredito na luta armada como única solução para os povos que lutam para se libertar, e sou conseqüente com as minhas convicções. Muitos dirão que sou aventureiro, eu sou de fato, só que de um tipo diferente, daqueles que entregam a pele para demonstrar suas verdades.

Pode ser que esta viagem seja a definitiva. Não procuro isso, mas está dentro do quadro lógico de probabilidades. Se for assim lá vai meu último abraço.

Gostei muito de vocês, só que não soube expressar meu carinho, sou extremamente rígido nas minhas ações e penso que às vezes não me entenderam. Por outro lado, não era fácil entender-me.

Agora, uma vontade que tenho polido com o deleite de artista sustentará umas pernas flácidas e uns pulmões cansados. Farei isso.

Lembrem-se de vez em quando deste pequeno *condotieri* do século XX. Um beijo para Celia, Roberto, Juana Martin, Patotín e Beatriz e todos. Para vocês um grande abraço do filho pródigo e recalcitrante.

Ernesto

A FIDEL CASTRO

"Ano da Agricultura"

Habana

Fidel:

Lembro-me nesta hora de muitas coisas, de quando te conheci na casa de María Antonia, de quando tu me propuseste vir, de toda a tensão dos preparativos.

Um dia vieram perguntar a quem se devia avisar em caso de morte; e a possibilidade real do fato nos golpeou a todos. Depois, soubemos que era certo, que numa revolução (verdadeira) ou se triunfa ou se morre. Muitos companheiros ficaram pelo caminho em direção à vitória.

Hoje, tudo tem um tom menos dramático, porque somos mais maduros, mas o fato se repete. Sinto que cumpro a parte do meu dever que me ligava à revolução cubana em seu território, e me despeço de ti, dos companheiros, do teu povo, que já é meu.

Faço uma renúncia formal a meus cargos na direção do Partido, da minha função de Ministro, do meu grau de Comandante, da minha condição de cubano. Nada legal me liga a Cuba, a não ser laços de outra natureza que não se cortam com as nomeações.

Rememorando minha vida passada, penso haver trabalhado com suficiente honradez e dedicação para consolidar o triunfo revolucionário.

Minha única falha de certa gravidade foi a de não ter confiado suficientemente em ti desde os primeiros momentos da Sierra Maestra e de não haver compreendido com suficiente rapidez tuas qualidades de condutor e de revolucionário. Vivi dias magníficos e senti, ao teu lado, todo o orgulho de pertencer a nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe.

Poucas vezes mais do que nesse dia, brilhou tanto um estadista; me orgulho também de haver te acompanhado sem vacilações, identificado com tua maneira de pensar, de ver e de apreciar os perigos e os princípios.

Outras terras do mundo reclamam o concurso dos meus modestos esforços. Eu posso fazer o que te é negado, por tua responsabilidade para com Cuba, e chegou a hora de nos separarmos.

Saibas que o faço com uma mistura de alegria e dor; aqui deixo o mais puro de minhas esperanças de construtor e o mais querido entre meus seres queridos... e deixo um povo que me aceitou como um filho; isso dilacera parte do meu espírito. Nos novos campos de batalha, levarei a fé que tu me inculcaste, o espírito revolucionário do meu povo, a sensação de cumprir com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja; isso me reconforta e compensa qualquer dilaceramento.

Digo mais uma vez que libero Cuba de qualquer responsabilidade, exceto a que emane do seu exemplo. E se chegar minha hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo, e especialmente para ti. Te agradeço pelo teu ensinamento e pelo teu exemplo, ao qual tratarei de ser fiel até as últimas conseqüências dos meus atos. Sempre estive de acordo com a política internacional de Cuba e continuo de acordo. Onde quer que eu vá, sentirei a responsabilidade de ser revolucionário cubano e atuarei como tal. Não deixo aos meus filhos ou à minha mulher nada de material e isso não me entristece: fico alegre que assim seja. Não peço nada para eles, já que o Estado lhes dará o suficiente para viver e educar-se.

Teria muitas outras coisas para dizer, mas sinto que não são necessárias; as palavras não podem expressar o que eu queria e não vale a pena encher folhas de papel.

Até a vitória, sempre. Pátria ou Morte!

Te abraço com todo o fervor revolucionário,

CHE

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO

açúcar, 16, 78, 101, 110, 112, 113,
129, 140, 142, 143, 149
agricultura, 143, 147
Almeida, 86, 91-3
Arbenz, Jacobo, 12, 13, 19, 21
arte, 183, 184
autogestão, 126, 130, 131, 133

balanço de pagamentos, 144, 145, 148
Batista, 9, 16, 29, 43, 58, 68, 72-6, 78,
79, 84, 92, 102, 105, 106, 206
bloqueio, 17, 148, 149, 151, 155
Bolívia, 11, 16, 18, 21, 154
Bravo, Douglas, 94, 95
burguesia(s), 13, 43, 44, 48, 49, 54, 143
burocratismo, 27, 159-65
burocratização, 33, 117

cálculo econômico, 31, 128-30
campesinato, 15, 16, 19, 44, 48, 53, 61,
67-70, 77, 88, 89
campo, 22, 23, 47, 48, 52, 58, 59, 88
camponês(es), 15, 64, 67-9, 73, 75-7,
85, 88, 89, 143
cana-de-açúcar, 142, 145-8
capitalismo, 173, 178, 186
Castillo, Carmen, 37
Castro, Raúl, 14, 16, 86
Castro Ruz, Fidel, 8, 14, 16-8, 25, 37,
42, 43, 52, 66, 72, 75, 84, 88, 92,
105-8, 111, 112, 156, 175-8, 183,
184, 188, 190, 193, 207, 208, 212
centralização, 20, 31, 33, 34, 160, 161
Cienfuegos, Camilo, 86, 87, 92, 105

comércio exterior, 113, 141-53
comunismo, 24, 25, 28, 114, 128, 131,
139, 171, 172, 180, 184, 188
condições, objetivas, 24, 47, 58
subjetivas, 47, 48, 58
consciência, 131, 132, 173, 174
aprofundamento da, 133
desenvolvimento da, 131, 182
nova, 34
revolucionária, 160
socialista, 170
e salários, 136-40
contradição(ões), 124, 132, 133
Cuba, 16, 21, 28, 36, 41-3, 47, 48, 53,
59, 62, 68, 78, 80, 100, 101, 104,
106, 107, 109, 110-3, 125, 133, 135,
140-2, 145, 146, 150-3, 157, 158,
174, 175, 188, 194, 196, 198, 199,
208, 213
cultura, 183, 184, 186, 187, 201, 202
custos de produção, 115-22

Debray, Régis, 23, 36, 37
demanda, 123, 126, 127, 148
democracia, 29, 34, 78
desemprego, 46, 47, 143, 145, 146,
148, 149
desenvolvimento, 32, 149, 150
Díaz, Vasquez, 37
dinheiro, 25, 32, 129, 139
ditadura da classe operária, 168, 182
diversificação do desenvolvimento
agropecuário, 146, 147
divisas, escassez de, 145, 148

economia e comércio exterior, 141-53
empresa(s), 31, 32, 124, 129, 135
emulação(ões), 196, 197
Engels, 8, 82, 83, 125
Escalante, Aníbal, 177
escolasticismo(s), 184, 189
Estado, 27, 135, 154-8
estímulo(s), 31, 34, 121, 130-2, 169,
170, 180, 182
exemplo, 27, 33, 35
exército rebelde, 53, 73-6, 79, 85-9,
106
projeções sociais do, 71-9
experiência cubana, 19, 64
exploração do homem pelo homem, 47,
174
exportações, 144, 145

financiamento orçamentário, 127, 130
foco, 23, 51, 52, 58, 59, 87
força(s), de trabalho, 145, 183
produtivas, 131, 162
fundo mercantil, 123, 127

Gadea, Hilda, 14
Granma, 15, 44, 71, 72, 84, 106
greve, 73, 74, 84, 86
Guatemala, 12, 13, 15, 16, 21, 101,
206
guerra, de guerrilhas, 23, 59-64
e campesinato, 67-70
guerrilha(s), 15, 18-20, 26, 48, 50, 51,
60-3, 65, 66, 84, 85, 89, 176
guerrilheiro, 60-3, 87
Guevara, Ernesto "Che", 7-38, 41, 55,
58, 64, 71, 81, 90, 94, 100, 114, 141,
154, 159, 166, 175, 192, 200, 205,
209-11, 213
Guevara Lynch, Ernesto, 9
Gutierrez, C. M., 14, 38

"homem novo", 20, 25, 181

ideologia da Revolução Cubana, 81-9,
206, 208
imperialismo, 13, 17, 22, 43, 44, 46,

47-9, 54, 88, 140, 152, 156, 161,
172, 188, 189, 213
importações, 144, 145, 150, 151
independência econômica, 100, 101, 103
indústria, 108, 141, 143, 148, 149
industrialização, 78, 143, 203
interesse(s), individuais, 25
material, 132, 133, 180
moral, 169
Inti, 94, 97, 98

jovem comunista, 192, 196-8
juventude, 187, 191, 192, 196

Karol, K. S., 38

Las Villas, 76, 77, 84, 87, 88
latifúndio(s), 16, 44-7, 49, 77, 145
Lenin, 8, 24, 81, 83, 124, 173, 179
Lowi, M., 38
Lukács, 8
luta, armada, 8, 22, 47, 50, 58, 59, 211
guerrilha, 58, 60, 63, 176
Luxemburgo, Rosa, 8

Mao Tsé-tung, 8, 19, 61, 83
Martí, José, 71, 79, 105, 107, 113
Marx, Karl, 7, 24, 28, 82-4, 114, 125,
133, 134, 152, 173, 179, 184
marxismo, 82, 83, 171, 172, 211
massas, 11, 52-4, 58, 60, 140, 177
materialismo dialético, 171, 172
Mattiez, J. J., 38
mecanicismo, 172, 186
meios de produção, 31, 115, 174, 183
mercadoria(s), 25, 30, 31, 33, 115, 117,
125, 135, 136, 179, 183, 184
Ministério de Indústrias, 160, 164, 168
modelo(s), econômico(s), 30, 128-36
soviético, 17, 33

Moncada, ataque ao quartel de, 71, 72,
175

Monje, Mario, 94, 95
monocultura, 46, 146, 147
monopólio(s), 43, 45-7, 102, 108-10,
117, 141, 144
Mora, Alberto, 123-6

Movimento 26 de Julho, 71, 72, 74,
76, 88
mulher(es), 167, 168

OLAS (Organização Latino-americana
de Solidariedade), 35
oligarquia, 11, 17

País, Frank, 73, 86, 105
Partido, 20, 187, 188, 191
 construção do, 20, 166-74
 e Estado, 154-8
Partido Unido da Revolução Socialista,
 165-7, 169-72
planificação, 32, 100, 105, 114, 122,
 136, 160
plano, 31, 123, 135
preços, açucareiros, 144
 de mercado, 115-22
 determinação dos, 32
 formação dos, 126-8
 índices de, 127
processo de produção, 117, 174

racionamento, 31, 115
realismo, 26, 29
 socialista, 186
Redondo, Ciro, 87
Reforma Agrária, 11, 12, 44, 61, 73,
 75, 77, 78, 88, 89, 107, 109, 145,
 148, 203, 208
reforma universitária, 200-4
relações, de produção, 31, 34, 115,
 127, 132, 146, 173, 185
 sociais, 17, 33, 134
renda, *per capita*, 144
 redistribuição da, 148
revolução(ões), 55, 58, 59, 71, 74, 77,
 81
 cubana, 41-3, 48, 52, 54, 58, 80,
 81-9, 209, 212
revolucionário(s), 171, 188, 189
Rodrigues, Carlos Rafael, 17
Rojo, Ricardo, 12, 14, 38

Sábato, Ernesto, 205
Sader, Eder, 37

salários, 46, 47, 136-40
Salinas Fortes, L. R., 8
Sanches Salazar, A., 37
Sauvage, L., 38
sectarismo, 76, 154, 192, 193
Serna, Celia de La, 9
Sierra Maestra, 18, 44, 52, 67-9, 72-9,
 88, 107, 207, 213
Sinclair, A., 38
"sistema orçamentário de
 financiamento", 32, 128-30
soberania política, 100-3, 107
socialismo, 41, 116, 124, 139, 153, 169,
 172, 185, 198
 construção do, 179, 181, 182
 e homem em Cuba, 175-91
Stalin, 31
subjetivismo, 136, 138, 139

tabaco, 78
Tania, 94, 96
tática(s), 50, 55
 militares, 62
terra(s), 16, 61, 73-5, 77, 78, 85, 109,
 146
trabalho, 28, 131, 133, 134, 183, 195
transição socialista, 21, 24, 30, 114
Trotski, 8
Tutino, S., 38

União de Jovens Comunistas, 192,
 193-5
União Soviética, 101, 110-3, 116, 129,
 132, 135, 150, 172, 174
Unidades de Segurança, 155-7
universidade, 200-4
Urrutia, 177

valor(es), das mercadorias, 30
 lei do, 30, 32, 116, 123, 124, 126,
 127, 135, 178, 185
 novos, 17, 26
vanguarda, 22, 173, 181, 182, 184, 188,
 190, 191
voluntarismo, 29, 34, 36